

# **Universidade Estadual de Campinas Instituto de Filosofia e Ciências Humanas**

---

## **RUÍDOS, RUMORES E VOZES DA LINGUAGEM EM FREUD E PROUST**

**Natacha Muriel López–Gallucci**

Tese apresentada ao Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação da Profa. Dra. Jeanne Marie Gagnebin de Bons, para a obtenção do título de doutor em filosofia.

**Fevereiro / 2008**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA DO IFCH – UNICAMP**

**L959r                      López-Gallucci, Natacha Muriel**  
**Ruídos, rumores e vozes da linguagem em Freud e Proust / Natacha**  
**Muriel López-Gallucci. - Campinas, SP : [s. n.], 2008.**

**Orientador: Jeanne Marie Gagnebin de Bons.**  
**Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,**  
**Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**  
**1. Sujeito. 2. Linguagem. 3. Afasia. 4. Memória.**  
**5. Filosofia. 6. Freud, Sigmund, 1856-1939. 7. Proust, Marcel, 1871-1922. I. Bons,**  
**Jeanne Marie Gagnebin de. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de**  
**Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.**

**Título em inglês: Noises, rumors and voices of the language in Freud and Proust.**

**Palavras chaves em inglês (keywords):**

**Subject (Philosophy)**  
**Language and languages**  
**Aphasia**  
**Memory**  
**Philosophy**  
**Freud, Sigmund, 1856-1939**  
**Proust, Marcel, 1871-1922**

**Área de Concentração: Filosofia**

**Titulação: Doutor em Filosofia**

**Banca examinadora:**  
**Jeanne Marie Gagnebin de Bons, Luiz Roberto Monzani, Oswaldo Giacóia**  
**Junior, Nina Virginia de Araújo Leite, Carla Milani Damião**

**Data da defesa: 27/02/2008**

**Programa de Pós-Graduação: Doutorado em Filosofia**

RESUMO

BANCA EXAMINADORA

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jeanne Marie Gagnebin de Bons (Orientadora)

Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani

Prof. Dr. Oswaldo Giacóia Junior

Prof. Dr<sup>a</sup>. Nina Virginia de Araújo Leite

Prof. Dr<sup>a</sup>. Carla Milani Damião

Prof. Dr. Phillipe Willemart (Suplentes)

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria Rita Salzano de Moraes (Suplentes)

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Graciela Deri Codina (Suplentes)

200812029

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jeanne Marie Gagnebin de Bons (Orientadora)**

---

**Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani**

---

**Prof. Dr. Oswaldo Giacóia Junior**

---

**Prof. Dr<sup>a</sup>. Nina Virginia de Araújo Leite**

---

**Prof. Dr<sup>a</sup>. Carla Milani Damião**

---

**Prof. Dr. Phillipe Willemart (Suplentes)**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria Rita Salzano de Moraes (Suplentes)**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Graciela Deri Codina (Suplentes)**

## RESUMO

Esta pesquisa analisa os conceitos de sujeito dividido, de memória e de linguagem no romance póstumo *La prisonnière* (1923), de Marcel Proust (quinto da série que compõe *À la recherche du temps perdu*), à luz da teoria da memória e da linguagem esboçada por Sigmund Freud no ensaio *A concepção das afasias* (*Zur Auffassung des Aphasien* (1891)). Neste estudo coloca-se a ficção lado a lado com a teoria. O argumento resultante desta investigação é que o romance *La prisonnière* faz um contraponto às idéias da doutrina estética proustiana explicitada no último volume da *Recherche*, expondo uma nova pergunta sobre o saber do sujeito. Partindo do deslocamento da metáfora óptica para a especulação sobre a sonoridade, *La prisonnière* ocupa-se da percepção da linguagem: dos ruídos, dos cantos, da voz e finalmente da música, configurando uma teoria da linguagem no âmbito da ficção. O estudo das afasias, de Freud, fornece um modelo de captura inicial para a relação sujeito-linguagem-mundo no qual, a partir das falhas na linguagem, são recolocados também os conceitos de representação, de memória e de objeto.

Palavras-chave: Sujeito; Linguagem; Afasia; Memória; Filosofia; Sigmund Freud; Marcel Proust.

## ABSTRACT

The present research analyses the concept of divided subject, memory and language in *La prisonnière* (1923), a posthumous novel by Marcel Proust (the fifth volume of the *À la recherche du temps perdu* series). The study is carried out in the light of the theory of memory and language by Sigmund Freud in one of his earliest papers *On Aphasia* (*Zur Auffassung des Aphasien* (1891)). In our study, fiction and theory appear side by side. The argument derived from the present investigation is that *La prisonnière* opposes Proust's aesthetic doctrine explicit in the last volume of *Recherche* thus raising a new issue regarding the knowledge of the subject. Shifting from the optical metaphor to the speculation of sonority, *La prisonnière* is concerned with language perception: of noises, songs, voice, and finally music, forming a language theory in fiction. Freud's study on aphasia provides a model for the initial apprehension of the subject-language-world relationship, in which, parting from the language flaws, the concepts of memory, representation and object are also relocated.

Keywords: Subject; Language; Aphasia; Memory; Philosophy; Sigmund Freud; Marcel Proust

## **AGRADECIMENTOS**

À CAPES – Programa CAPES/ (Argentina) – pela bolsa de quatro anos recebida para fazer meu doutorado no Brasil.

A Jeanne Marie Gagnebin, que me recebeu e orientou meu trabalho, toda a minha admiração.

Ao Professor Oswaldo Giacoia Jr., cuja arte da ironia nos lembra sempre de que há um alguém e um além do *corpus* da filosofia acadêmica.

À professora Nina V. Leite, pelo apoio e pela transmissão.

À professora Maria Rita Salzano, pela generosidade e pela recepção no seu curso.

Ao Professor Philippe Willemart, que me recebeu na Usp e cuja voz invadiu o diapasão das jornadas de escrita.

Ao Osvaldo Couso, *Gracias*.

A Carla Milani, pelo apoio, a leitura e o carinho.

Aos funcionários do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp.

A Ação Cultural do SAE, Serviço de Apoio ao Estudante da Unicamp, por cinco anos de caloroso intercâmbio cultural.

A Laurent Gagnebin, pelo envio dos valiosos artigos sobre a afasia do Adrien Proust.

A Viviane Veras, Alessandra Canapelle e Pablo Simpson pela leitura.

Ao abraço cálido e musical dos bailarinos filósofos do GT de Tango da Unicamp.

A Teresinha, que conseguiu achar entre as palavras alguns raios de sol.

Aos meus pais.

***A Lucas, com todo meu amor.***

# SUMÁRIO

## PRIMEIRA PARTE

### I. INTRODUÇÃO GERAL

<i>O SUJEITO DIVIDIDO E A LINGUAGEM</i>	15
---	----

### II. BREVE CONTEXTO HISTÓRICO: A IDADE DE OURO DA LOCALIZAÇÃO 31

<i>Intérprete de uma geração: Adrien Proust e o sintoma afásico</i>	37
---	----

<i>Sigmund Freud: percurso de formação</i>	45
--	----

### III. LINGUAGEM E MEMÓRIA: O ESTUDO CRÍTICO DAS AFASIAS

<i>A revisão freudiana das teorias sobre a afasia</i>	57
---	----

<i>Contribuição freudiana à teoria das representações</i>	77
---	----

<i>A busca de uma teoria da memória</i>	83
---	----

## SEGUNDA PARTE

### IV. PROUST E FREUD: PONTOS DE CONTATO

<i>A doença nervosa e seu círculo de interesses</i>	103
---	-----

<i>A Recherche e os achados da psicologia francesa experimental</i>	115
---	-----

<i>As teses da “influência”</i>	133
---------------------------------	-----

## TERCEIRA PARTE

### V. LA PRISONNIÈRE:

#### UMA TEORIA DA LINGUAGEM, DA MEMÓRIA E DO SUJEITO NA FICÇÃO

<i>A gênese dos temas proustianos em La Prisonnière</i>	139
---	-----

<i>A invocação dos ruídos</i>	157
-------------------------------	-----

<i>O diapasão da “minha” lembrança</i>	169
--	-----

<i>A memória e a voz</i>	185
--------------------------	-----

CONSIDERAÇÕES FINAIS	197
----------------------	-----

BIBLIOGRAFIA	205
--------------	-----



## PRIMEIRA PARTE

*“Oír es ser tocado a la distancia ...  
Oír es obedecer...  
No hay hermetismo ante lo sonoro...”*

Pascal Quignard, *El odio a la música*.

## I. INTRODUÇÃO GERAL

### *O SUJEITO DIVIDIDO E A LINGUAGEM*

---

O presente trabalho pretende retomar um tópico central tanto no universo narrativo proustiano quanto na teoria freudiana, a saber, a incidência da linguagem na constituição do sujeito, entendido como falante e dividido. O conceito de *sujeito dividido*, tematizado pela psicanálise freudiana e pela ficção proustiana, pressupõe a ausência de unidade referencial homogênea, idêntica a si, da consciência ou do espírito. Essa divisão originária do sujeito corresponde também a um descentramento, em resposta à crise da subjetividade moderna, cujas aporias se projetam até a contemporaneidade.

Considerando que no cenário acadêmico atual os domínios da “teoria” e da “ficção” têm exercido, reciprocamente, grande força de atração, pretendemos indagar sobre um território de interesse comum: esse território constitui-se de certos dispositivos e pressupostos sobre a linguagem e o sujeito que, apesar das diferenças formais entre a ficção proustiana e a psicanálise freudiana, assemelham-se sob vários aspectos<sup>1</sup>.

A psicanálise freudiana, como toda teoria, visa indagar a verdade do seu objeto. Mas essa indagação questiona a concepção de verdade universal própria

---

<sup>1</sup> Ao retomar os domínios da ficção literária proustiana e da teoria psicanalítica freudiana, encontramos-nos dentro de um campo de crescente interesse entre as pesquisas filosóficas, psicanalíticas e literárias. Esse dado concreto não minimiza as inúmeras resistências que produzem nos atuais centros acadêmicos o discurso teórico freudiano ou as idéias da ficção proustiana sobre a estrutura psíquica. Nossa leitura não procura cunhar dualidades ou jogos de oposição, mas efetuar uma abordagem crítica das interfaces produzidas por esses territórios de conhecimento.

da filosofia tradicional. A teoria freudiana sustenta que a verdade não pode ser totalmente dita e coloca sob suspeita a lógica da consciência. Em diversos momentos da construção de sua teoria<sup>2</sup>, Freud serve-se de caminhos indiretos e até de ficções heurísticas<sup>3</sup>, com o intuito de esclarecer seu objeto de estudo, a saber, a estrutura profunda do aparelho psíquico.

O romance proustiano *À la Recherche du Temps perdu*<sup>4</sup> partilha com a psicanálise freudiana esse caminho indireto na busca da verdade, que durante milhares de páginas permanece oculta para a consciência do herói. No último volume da *Recherche*, *Le temps retrouvé*<sup>5</sup>, encontram-se diversas reflexões especulativas sobre a verdade. O narrador desse romance reflete sobre o que denomina “a verdadeira realidade”, e a associa à literatura; mas esse achado só irrompe no pensamento consciente do narrador no final de sua vida. Após experimentar uma série de acasos significativos (experiências privilegiadas), Marcel descobre sua vocação de escritor! Assim, desvenda um caminho para a verdade que está intimamente ligado à literatura. Mas, de que se trata esse caminho? No sistema de idéias apresentado em *Le temps retrouvé*, essa busca

---

<sup>2</sup> A questão da verdade na teoria freudiana atravessa diversos momentos. Em primeira instância e partindo dos históricos clínicos, Freud tentou diferenciar a fantasia de sedução e a verdade no relato dos pacientes. Tempo depois, Freud reformula o problema, distinguindo a “verdade material” (objetiva) e o inalcançável da “verdade histórica”, entendida como construção. Esta última estaria, no entanto, apoiada em algum rastro de verdade objetiva apresentado de maneira desfigurada. Em 1937, Freud chega a outra distinção da verdade, diferenciando a “construção em análise” da “interpretação”. Retomaremos esses tópicos mais adiante.

<sup>3</sup> Na psicanálise freudiana, a *fantasia sexual*, a *horda primitiva* e o *Moisés* possuem valores de verdade semelhantes ao que possui o mito para a antropologia ou para a história. Podemos situar um momento de inflexão na carta que Freud escreve a Fliess, datada de 21/09/1897. Em um tom trágico, Freud relata ao amigo como se dá conta de que a sedução infantil é mais uma fantasia do que uma realidade. FREUD, Sigmund *Carta 69 a Fliess* [21/09/1897] In: *Obras Completas* Vol. I, Trad. Etcheverry, Buenos Aires: Amorrortu, p. 301-302.

<sup>4</sup> A partir deste ponto, utilizaremos *Recherche* como abreviação do título.

<sup>5</sup> PROUST, Marcel *Le temps retrouvé* In: *À la recherche du temps perdu*. Vol. IV (Édition publiée sous la direction de J-Y Tadié et la collaboration de Pierre-Edmond Robert) Paris: Gallimard, Pléiade, 1988, p. 857.

corresponde a um trabalho específico de tradução das impressões vividas e esquecidas. Em uma *Esquisse* desse romance, podemos ler:

Quand j'explique ce que c'est que la littérature: je vivais dans un monde de signes auxquels l'habitude avait fait perdre leur signification. Je lisais à contresens le livre de ma propre vie puisque dans *Guermites* je ne voyais plus les nymphéas (voir l'image) plus de souffrance (tâcher si possible de dire quelle souffrance) dans la mort d'Albertine, plus de montagnes bleues de la mer dans ce fruit sec qu'elle prenait quelquefois chez moi le soir le premiers temps, plus de prestige chez le lift, plus de désir d'église puisque dès Balbec je croyais avoir encore à moi le livre de ma vie comme quelqu'un qui aurait un livre mais à qui une congestion suivie d'aphasie verbale aurait ôté la faculté de lire les lettres. Je voulais rendre à ces lignes leur signification.<sup>6</sup>

Para acessar a verdadeira realidade, o narrador deverá urdir uma história, lendo “à contresens” as letras do livro interior. Um livro particular, cujo estado de significação é, em alguns momentos, ilegível. O narrador de *Le temps retrouvé* associa essas dificuldades de leitura a uma congestão seguida de afasia verbal. A afecção afásica tem um efeito semelhante ao do hábito, pois ambos produzem a perda de significação, a incompreensão e o esquecimento dos signos do mundo<sup>7</sup>.

Na etapa seguinte do trabalho, nosso esforço estará concentrado no exame do romance *La Prisonnière* (escrito entre 1908 e 1922<sup>8</sup>, após o primeiro e último volume da *Recherche*), que se apresenta como uma construção paradigmática dentro de *À la Recherche du Temps Perdu*: uma teoria da *linguagem em geral*<sup>9</sup>

---

<sup>6</sup> PROUST *Esquisse XXXIV. Le temps retrouvé* op.cit., p. 857.

<sup>7</sup> Assim, a busca da ficção proustiana traz a possibilidade de ler a «contresens le livre da ma propre vie», nas palavras de J. M. Quaranta “reconstruire la complexité de ce qui a été senti sans conscience dans l'existence”. QUARANTA, J. M. (2001) *Les expériences privilégiées dans À la recherche du temps perdu* (Tese de Doutorado) Paris, p.369.

<sup>8</sup> *La Prisonnière* foi publicado postumamente em 1923. PROUST, Marcel (1923) *La prisonnière* In: *À la recherche du temps perdu* Vol. III (Édition publiée sous la direction de J-Y Tadié et la collaboration de Pierre-Edmond Robert) Paris: Gallimard, Pléiade, 1988, [p. 519 a 915].

<sup>9</sup> Tomamos emprestada essa idéia de linguagem em geral (*Sprache überhaupt*) do ensaio *Über Sprache überhaupt und über die Sprache des Menschen* (1916) de Walter Benjamin. Nesse ensaio, Benjamin propõe pensar a linguagem como um “complexo” de duas faces (*Doppelte Janusköpfigkeit*) uma comunicativa e a outra poético-criativa. Temos desenvolvido aspectos

dentro da ficção. Em *La Prisonnière* produz-se uma *mise en scène* dessa “*faculté de lire les lettres*” e os signos do mundo, ideal esse associado à “verdadeira realidade” de *Le temps retrouvé*<sup>10</sup>.

Partindo de uma leitura conjunta do romance *La Prisonnière* de M. Proust (que pertence à série<sup>11</sup> que compõe a *Recherche*), e à luz das reflexões de Sigmund Freud sobre a linguagem e a memória, originadas no *Estudo crítico das Afasias*<sup>12</sup>, a hipótese inicial deste trabalho sustenta que, nas referidas obras, desenvolvem-se idéias-chaves sobre a estrutura da linguagem e do sujeito; idéias que têm gerado uma profunda intervenção no campo do saber<sup>13</sup>.

Com relação à escolha do romance *La prisonnière* como objeto privilegiado de estudo, é importante destacar algumas observações metodológicas sobre nossa leitura. Um estudo sobre a estrutura literária de uma obra observa sua forma e conteúdo; pensa nas partes do romance, no sujeito narrativo e em seu enredo.

---

dessa reflexão benjaminiana sobre o viés não-instrumental da linguagem na nossa dissertação de Mestrado In: LOPEZ GALLUCCI, Natacha Muriel (2003) *Walter Benjamin, Johann Georg Hamann: considerações sobre a origem e a essência espiritual da linguagem* (Dissertação de Mestrado), IFCH, Campinas: UNICAMP. BENJAMIN, Walter *Über Sprache überhaupt und über die Sprache des Menschen* (1916) In: *Gesammelte Schriften* II, 1 hgg. von R. Tiedemann und H. Schweppenhäuser. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1977 [p. 140-157].

<sup>10</sup> PROUST *Esquisse XXXIV. Le temps retrouvé* op.cit., p. 857.

<sup>11</sup> Essa série é formada pelos seguintes romances: *Du côté de chez Swann. À l'ombre des jeunes filles en fleurs. Le côté de Guermantes. Sodome et Gomorrhe. La Prisonnière. Albertine disparue. Le temps retrouvé*.

<sup>12</sup> FREUD, Sigmund (1891) *Zur Auffassung des Aphasien: Eine kritische Studie*, Leipzig e Viena, Franz Deutike. No mapeamento que pretendemos realizar e pela dificuldade intrínseca do discurso freudiano é necessário o apelo a diversos textos que se ocupam do problema da linguagem, da memória e do sujeito. Entre esses textos mencionamos a famosa Carta 52 de Freud a Fliess In: MASSON, Jeffrey Moussaieff *A Correspondência Completa de S. Freud para Wilhelm Fliess, 1887-1904*; Trad. de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Imago, 1986. FREUD, S. *Estudos sobre a histeria* (1893-99); FREUD, S. (1900) *A interpretação dos sonhos*; FREUD, S. (1901) *A psicopatologia da vida cotidiana*; FREUD, S. (1905) *Os chistes e sua relação com o inconsciente*; FREUD, S. (1919) *O Estranho*.

<sup>13</sup> A escolha desses textos como ponto de partida ficará evidente no decorrer da pesquisa. Mas, a princípio, é possível afirmar que eles ocupam um lugar destacado na produção de ambos os autores sobre o problema da linguagem e fornecem os conceitos de base para nossa investigação.

Mas, nosso interesse recai, em maior medida, sobre aspectos da linguagem e do sujeito, buscando compreender a lógica por meio da qual se introduzem e funcionam os diversos conceitos<sup>14</sup>. Nesse sentido, auxilia-nos o modelo de análise apresentado por Vincent Descombes no livro *Proust, philosophie du roman*<sup>15</sup>. Descombes destaca a diferença entre o Proust *théoricien* do ensaio *Contre Sainte-Beuve*<sup>16</sup> (1908) e o Proust romancista da *Recherche*. O primeiro faz uma forte crítica à inteligência e: «(...) mobilise les thèses de la philosophie de l'esprit de son temps au service du dogme qu'il défend en littérature (que l'œuvre ne saurait pas être expliquée par l'homme.)»<sup>17</sup>

Diversos estudos críticos estabelecem que as reflexões de *Temps retrouvé* têm sua origem como desenvolvimento das teses de *Contre Sainte-Beuve*; ensaio que possui diversos fragmentos literários para ilustrar suas idéias estéticas. Para Descombes, as proposições especulativas do Proust *théoricien* (suas idéias, intuições e conceitos) são pouco inteligíveis<sup>18</sup>. Em compensação, Descombes sustenta que o romance é o espaço criativo em que Proust desenvolve mais corajosamente suas idéias. Essa característica permite a abertura de um espaço de ficção propício à leitura filosófica<sup>19</sup>. Longe de estabelecer uma abordagem subordinada às leis estéticas de corte idealista, como colocadas em *Temps*

---

<sup>14</sup> LASSUS, Jean de (1923) *Marcel Proust et les psychologues du monde* Paris: Rev. Le Divan, p. 98.

<sup>15</sup> DESCOMBES, Vincent (1987) *Proust, philosophie du roman* Paris: Minuit, p. 9 e 11.

<sup>16</sup> PROUST, Marcel *Contre Sainte-Beuve*, précédé de *Pastiches et Mélanges* et suivi d'Essais et Articles. Texte établi par Pierre Clarac et Yves Sandre, Pléiade. Paris: Gallimard, 1971. PROUST, Marcel *Contre Sainte-Beuve. Notas sobre crítica e literatura*. Trad. Haroldo Ramanzini, São Paulo: Iluminuras, 1988.

<sup>17</sup> DESCOMBES *Proust, philosophie du roman* op.cit., p. 12.

<sup>18</sup> Idem, p.15.

<sup>19</sup> Idem, p.12.

*retrouvé*, nosso exercício de leitura tomará como objeto o deslocamento estético produzido no romance *La prisonnière*.

A crítica proustiana contemporânea (Piroué<sup>20</sup>, Rivière<sup>21</sup> Genette<sup>22</sup>, Tadié<sup>23</sup>, Gagnebin<sup>24</sup> Willemart<sup>25</sup>, Brun<sup>26</sup>, Nattiez<sup>27</sup>, Costil<sup>28</sup>, Yoshikawa<sup>29</sup>, Milly<sup>30</sup>, Ricoeur<sup>31</sup> e Richard<sup>32</sup>) mostra que o narrador de *La prisonnière* possui uma ampla disposição para refletir sobre aspectos da linguagem e teorizar sobre sua subjetividade. Segundo Genette<sup>33</sup>, é significativo que os personagens da *Recherche* sejam apresentados sob certas duplicidades ou possuam dificuldades no uso da língua. Não menos significativa é a minúcia com que o narrador escuta os acidentes lingüísticos e observa as mudanças nos diversos estados de sua percepção. Em *La prisonnière*, a sonoridade do mundo abre paradoxalmente

---

<sup>20</sup> PIROUÉ, Georges (1960) *Proust et la musique du devenir* Paris: Denoël.

<sup>21</sup> RIVIÈRE, Jacques (1985) *Quelque progrès dans l'étude du coeur humain* In: Cahiers Marcel Proust N° 13, Paris: Gallimard.

<sup>22</sup> GENETTE, Gérard (1969) *Proust et le langage indirect* In: *Figures II* Paris: Seuil, p. 223-294.

<sup>23</sup> TADIÉ, Jean-Yves (1971) *Proust et le roman* Paris: Gallimard.

<sup>24</sup> GAGNEBIN, Jeanne-Marie (2007) *O Tempo pela janela, o tempo pela escritura* In: PESSOA, Fernando-CANTO, Katia *Sentidos na/da arte contemporânea* Rio de Janeiro: Associação Museu Ferroviário Vale do Rio Doce [p. 94-110]. (2006) *Lembrar escrever esquecer* São Paulo: Editora 34. (2003) *O rumor das distâncias atravessadas* In: Rev. *Remate de males* N°. 22, IEL Campinas, UNICAMP, [p. 111-130]. (2004) *Entre o sonho e a vigília: quem sou eu?* (Pós-fácio) In: PROUST, Marcel *Em busca do tempo perdido*, Vol. I, *No caminho de Swann* Trad. Mario Quintana São Paulo: Globo [p. 538-558].

<sup>25</sup> WILLEMART, Phillipe (2003) *Proust, poeta e psicanalista* São Paulo: Ateliê.

<sup>26</sup> BRUN, Bernard (1986) *Du contre Saïte-Beuve au temps retrouvé. Genèse du roman proustien* (Thèse de doctorat) Paris: Sorbonne.

<sup>27</sup> NATTIEZ, Jean-Jacques (1999) *Proust Musicien* Paris: C. Bourgois.

<sup>28</sup> COSTIL, Pierre (1958-59) *La construction musicale de la Recherche du temps perdu* Bulletin de la Société des amis de M. Proust et de Combray, n°8. Paris: 1958 [p. 469-489 e 1959, p. 83-110].

<sup>29</sup> YOSHIKAWA, Kazuyoshi (1979) *Vinteuil ou la genèse du septuor* In: Cahiers Marcel Proust n° 9, Études Proustiennes III, N.R.F., Paris : Gallimard [p. 289-345].

<sup>30</sup> MILLY, Jean (1975) *La phrase de Proust – des phrases de Bergotte aux phrases de Vinteuil* Paris: Larousse.

<sup>31</sup> RICOEUR, Paul (1995) *Tempo e Narrativa II*. Campinas: Papyrus

<sup>32</sup> RICHARD, Jean Pierre (1974) *Proust et le monde sensible* Paris: Seuil.

<sup>33</sup> GENETTE, Gérard *Proust et le langage indirect* In: "Figures II" Paris: Seuil, 1969, [p.223-294]. TADIÉ, Jean-Yves *Proust et le roman. Essai sur les formes et techniques du roman dans À la Recherche du temps perdu*. Paris: Gallimard, 1971. MULLER, Marcel (1983) *Les voix narratives dans la Recherche du temps perdu*. Genève: Droz.

caminho a diversos eus, cujas vozes o narrador escuta em seu interior. O sonoro, perdido no ato de aquisição da linguagem e esquecido em prol da significação, retorna interiorizado. Segundo a leitura psicanalítica de Osvaldo Couso:

La palabra, en la medida en que organiza el campo de lo significable, deja afuera y en el “olvido” el campo de lo sonoro, y la discontinuidad que éste es capaz de generar en el cuerpo. En el momento originario, el significante es música. Y posteriormente, por la música el sujeto puede conmemorar lo originario. ¿En que consiste dicho momento? Supongamos, que para explicárnoslo, un primer momento de caos ruidoso, un tiempo que tal vez podríamos considerar intemporal, en la medida en que se trata de un continuo, de una colección indeterminada e indefinida de sonidos (o mejor de ruidos) anárquicos.<sup>34</sup>

Interessa-nos mostrar como esse processo é mostrado em *La prisonnière*, romance em que a escuta se transforma em uma verdadeira comemoração.

Graças à análise genética de Brun<sup>35</sup>, sabemos que no processo de escrita de *La prisonnière* Proust recorre a idéias antigas; algumas provenientes da abertura de *Combray*<sup>36</sup> e outras que são, inclusive, anteriores à produção da *Recherche*. Essas idéias possuem semelhanças temáticas com o ensaio crítico *Contre Sainte-Beuve*. Os estudos genéticos mostram também que, segundo seu projeto original, *La prisonnière* e o ensaio *Contre Sainte-Beuve* seriam a apresentação narrativa de uma tarde de conversa sobre estética e crítica literária, o que permitiria situar a ficção lado a lado com a teoria. Mas, como se reconhece, na versão definitiva de 1917<sup>37</sup>, o texto sofre várias mudanças. *La prisonnière* toma forma final cronologicamente depois de *Combray* e *Le Temps retrouvé* (escritos

---

<sup>34</sup> COUSO, Osvaldo *Formulaciones de lo ignorado. Estudios de psicoanálisis y arte* Buenos Aires: Lazos, p. 124-5.

<sup>35</sup> BRUN *Du contre Sainte-Beuve au Temps retrouvé* op.cit., p. 393.

<sup>36</sup> PROUST, Marcel *À la recherche du temps perdu*, Volume I, *Du côté de Swann*, Bibliothèque de la Pléiade, Édition publiée sous la direction de Jean-Yves Tadié, Paris: Gallimard, 1987.

<sup>37</sup> *La prisonnière* adquire forma definitiva em 1917 e suas correções são datadas de 1921 e 1922 In: MILLY, Jean (1985) *Proust dans le texte et l'avant-texte* Paris: Flammarion, p. 93.



entre 1905-1913); seu argumento levou os comentadores a interpretá-la como um primeiro passo para a descoberta de verdades transcendentais; essas que, no último romance, serão reveladas ao leitor<sup>38</sup>.

Uma análise do texto permitirá compreender por que *La prisonnière* não constitui apenas uma ante-sala da teoria estética apresentada no último volume, mas traz uma profunda interrogação sobre o teor da linguagem em geral. Em tom de diário íntimo<sup>39</sup>, o romance narra um período cíclico de sete dias [pp. 519, 589, 623, 863, 889, 905 e 911] do despertar do herói em convivência com Albertine. Marcel, já maduro e doente, deixa para trás a vida dos salões e isola-se no interior de seu quarto. Ele cultiva sua reclusão como material de exploração exemplar; um sujeito doente no limiar de descobertas interiores associadas ao cíclico despertar. Para Rivière:

*La Prisonnière*, qui va paraître ces jours-ci, vous montrera jusqu'à quel degré vraiment tragique cette faculté<sup>40</sup> s'était développée en lui. C'est elle qui a permis la description la plus nue, la plus nette, la plus dépouillée d'illusions, la plus profonde qu'on ait jamais donnée du cœur humain [...].<sup>41</sup>

Nessa condição nua e despojada de ilusões, o narrador deixa emergir suas dúvidas. Pela janela aberta, na solidão do quarto, diversos sons acordam suas lembranças esquecidas: os sinos da igreja, os sotaques esquisitos, os cantos das vendedoras, assim como as cruéis afirmações de Albertine<sup>42</sup>. A forma de falar de Albertine, por exemplo, com seus abruptos silêncios, produzem nele amplas suspeitas; sons e silêncios de efeito enigmático que o chamam a interpretar.

---

<sup>38</sup> Esse leitor que lê, ordenadamente, todos os romances da *Recherche*.

<sup>39</sup> ROBERT, P. *Notice* In: PROUST, Marcel *La Prisonnière*, op. cit., p. 1635.

<sup>40</sup> Rivière se refere à faculdade da suspeita (*le génie du soupçon*).

<sup>41</sup> RIVIÈRE, Jaques (1985) *Cahiers Marcel Proust* Vol. 13. Paris: Gallimard, p. 192.

<sup>42</sup> PROUST *La Prisonnière* op.cit., p. 683.

Como foi mencionado, *La prisonnière* retoma diversos temas da abertura de *Combray*: “o interior do quarto”, “a escuta do mundo exterior” e “a música”. Segundo Jean Milly:

*La Prisonnière* reprend à distance l'ouverture de “Combray” mais, d'une manière nouvelle en regroupant des thèmes déjà connus (la chambre, le monde extérieur, la musique), des thèmes très anciens mais non encore développés (les bruits de la rue)....<sup>43</sup>

Milly salienta que, nessa retomada, o narrador se ocupará especificamente da descrição dos “barulhos da rua”, tópico antigo, até então não desenvolvido com tanta profundidade. Originadas na escuta subjetiva, essas reflexões contribuem com a idéia de que em *La prisonnière* se produz um deslocamento-chave no interior da *Recherche*: da metáfora óptica<sup>44</sup> a uma especulação nitidamente lingüística e fundamentalmente acústica. Os estudos da *ouverture* de *La prisonnière* dão exemplo disso e reforçam essa tese. O problema do aspecto sonoro expressa um movimento dialético de escuta, entre o sem sentido e o sentido, entre o caráter imediato da impressão direta<sup>45</sup> produzida pelos ruídos que atravessam o corpo do herói e o distanciamento que ele estabelece por meio do trabalho associativo e de nomeação. A árdua tarefa de mediação que assume com seu próprio corpo transforma-o em uma caixa de ressonância, estabelecendo uma conexão especial entre sua corporeidade e a linguagem pela via da metáfora

---

<sup>43</sup> MILLY *Proust dans le texte et l'avant-texte* op. cit., p. 132.

<sup>44</sup> No primeiro e no último volume de *À la Recherche du temps perdu* desenvolve-se essa idéia sob a metáfora do caleidoscópio, do telescópio e do cinescópio «En réalité, chaque lecteur est quand il lit le propre lecteur de soi-même. L'ouvrage de l'écrivain n'est qu'une espèce d'instrument optique qu'il offre au lecteur afin de lui permettre de discerner ce que sans ce livre il n'eût peut-être pas vu en soi-même». PROUST, Marcel. *Le temps retrouvé*. In: *À la recherche du temps perdu*, Vol. IV (Édition publiée sous la direction de J-Y Tadié et la collaboration de Pierre-Edmond Robert) Paris: Gallimard, Pléiade, 1988, p. 490. SCHOPENHAUER, Arthur *O mundo como vontade e representação*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003, p. 431.

<sup>45</sup> PROUST *La Prisonnière*, op.cit., p. 760.

musical. Estudaremos esse mecanismo múltiplo, precário e enigmático de mediação nomeado como: “diapásão da *minha* lembrança”<sup>46</sup>. A inflexão do narrador proustiano versa sobre a condição sonora do objeto na estrutura da memória e do esquecimento.

Abordaremos os momentos da percepção sonora reconstruídos a cada manhã pelo narrador<sup>47</sup> e divididos em quatro camadas de linguagem: os ruídos, a fala, os cantos e a música. Tais camadas revelam, por sua vez, diversos estratos do sujeito (os “eus” que provêm do interior) que surgem em resposta à sonoridade. Acerca disso, localizamos no romance proustiano um problema formal ao estabelecer aquilo que chamamos de “sonoro”<sup>48</sup>. As afirmações sobre a percepção sonora dentro dessa “construção literária” provêm de uma fonte absolutamente textual<sup>49</sup> e não constituem uma realidade física “em si”. Resulta disso que só

---

<sup>46</sup> Destaque nosso. PROUST *La Prisonnière*, op. cit., p. 537; *A prisioneira*, p. 17.

<sup>47</sup> Essa reconstrução do narrador proustiano possui semelhanças com certas metáforas freudianas quando compara a práxis analítica com o trabalho de escavação arqueológica. FREUD, Sigmund. *Construcciones en el análisis* (1937) *In Obras Completas* Vol. XXIII. Buenos Aires: Amorrortu, 1989.

<sup>48</sup> Esses ruídos (que alguns definiram como “quase lingüísticos”) compõem um campo problemático que se ilumina através de uma análise crítica do sentido da linguagem na obra proustiana. Preferimos discutir esse tópico mais especificamente, deixando em aberto por ora o problema até retomar a concepção freudiana sobre a passagem do pré-lingüístico para a linguagem e sua relação com a constituição do sujeito. Tentaremos assim traçar relações entre as idéias de Freud e os conceitos sobre o sujeito e o corpo perceptual expostos em *La prisonnière*.

<sup>49</sup> Entre os estudos proustianos desenvolvidos por filósofos e musicólogos contemporâneos encontramos vários em que o autor procura as obras musicais descritas pelo narrador da *Recherche*; por exemplo, a sonata de Franck, a tetralogia de Wagner (mencionadas pelo narrador proustiano várias vezes em *La prisonnière*). Quando os críticos efetuam essa passagem da obra descrita pelo narrador da *Recherche* para a obra musical “real”, o que acontece é a fusão nos níveis de leitura: a obra descrita pelo narrador proustiano é uma obra criada dentro da ficção e não necessariamente necessitamos apelar a uma obra musical para compreender o valor estético que ela representa na *Recherche*. É possível pensar a obra musical do compositor Vinteuil (apresentada por Swann na *Recherche*) como uma obra musical dentro da obra literária. Ao apelarmos às ideias da psicanálise freudiana para tecer nossos argumentos e nossa leitura de Proust é justamente porque Fred questiona a “realidade em si” a partir de sua concepção de percepção. Segundo esse critério, podemos compreender a obra musical descrita por Swann e pelo narrador proustiano, como uma metáfora de essa realidade sonora que Proust traz, entanto que mediada pela linguagem: uma cena musical dentro de outra cena literária. Exemplos de uma

temos uma textualidade como referência da sonoridade, o que Tadié denomina “o mundo da linguagem da *Recherche*”. O sonoro do texto proustiano pode ser tomado de maneira semelhante à narração do sonho, segundo Freud, que o considera um texto cujas fontes imagéticas materiais (imagens visuais, acústicas, táteis, etc. alucinadas no sonho) pertencem a um conteúdo inacessível para o analista.

Observamos que as idéias sobre a linguagem colocadas em *La prisonnière* mantêm estreita relação com as idéias de Freud iniciadas no *Estudo crítico sobre as afasias*. Segundo Assoun, autor que dedica vários estudos aos conceitos de voz e olhar na obra freudiana, não haveria um texto que pudesse ser considerado fundador de uma teoria da linguagem em Freud; mas, seria possível pesquisar o verdadeiro alcance do “aparelho da linguagem” (introduzido no texto das afasias) através de suas figuras clínicas<sup>50</sup>. Entre essas figuras encontramos a da afasia. Tomada como patologia de referência, a afasia define um tipo de sujeito paradigmático, cuja linguagem falha: o paciente afásico possui, para Freud (assim com para o narrador proustiano<sup>51</sup>), um saber diferencial na relação fala-mundo trazido pela falha na linguagem. Esse saber, ligado à angústia, coloca em primeiro plano o problema da estrutura da memória e do esquecimento. Por esse motivo, a abordagem freudiana da afasia serve-nos, sob vários aspectos, de modelo comparativo diante do problema da linguagem colocado pelo romance proustiano.

---

outra leitura, que busca as referências concretas dentro da história da música, Vide: NATTIEZ, Jean-Jacques (1999) *Proust Musicien* Paris: C. Bourgois; MORAN, J. CESAR (2005) *Proust más allá de Proust* Buenos Aires: De La Campana.

<sup>50</sup> ASSOUN, Paul-Laurent (1997) *Lecciones psicoanalíticas sobre la mirada y la voz* Buenos Aires: Nueva Visión, p.18 e p.35.

<sup>51</sup> PROUST *Esquisse XXXIV. Le temps retrouvé* op. cit., p. 857.

O livro sobre as afasias é considerado um dos estudos mais completos de afasiologia da época; e, embora permaneça à sombra na publicação das *Obras Completas* de Freud, é mencionado já em 1950 pelos tradutores em vários anexos e notas de rodapé para referenciar o texto freudiano. Escrito meses antes de Freud iniciar seu primeiro caso de psicoterapia pelo método catártico, foi publicado em forma de livro<sup>52</sup> em 1891. Esse ensaio crítico marca o início da “obra” freudiana, não só por sua lucidez, estilo e argumentação persuasiva, mas também por introduzir uma forma radicalmente nova de encarar o viés psicológico<sup>53</sup> das patologias clínicas.

Segundo o filósofo Ernst Cassirer e o lingüista Roman Jakobson, o ensaio das afasias é, nesse sentido, um texto precursor cuja condição se evidencia na interface que alcança sua especulação entre a psicologia, a lingüística e a filosofia<sup>54</sup>. Sua influência sobre as futuras descobertas freudianas é visível no recorrente apelo, dentro da práxis psicanalítica, aos fundamentos e pressupostos ali colocados. Trata-se, em última instância, dos fundamentos da *práxis freudiana* que, segundo assinala Marthe Robert, estão associados a uma idéia de linguagem à meia-distância entre a língua expressiva da poesia e a língua quantitativa fortemente normalizada das ciências<sup>55</sup>. Segundo Robert: «À force de réflexion spéculative sur les obstacles, sur les échecs, sur les résistances rencontrées, le

---

<sup>52</sup> “A tiragem da edição foi de 850 exemplares; 257 vendidos em 9 anos. O restante foi transformado em pasta de papel. Segundo Jones, não há um só exemplar em qualquer biblioteca da Inglaterra”. RODRIGUÉ, Emilio. *Freud. O século da psicanálise 1895-1995* São Paulo: Escuta, p. 259.

<sup>53</sup> RODRIGUÉ *Freud* op. cit., p. 259-60.

<sup>54</sup> CHASSAING, (Ed.) BÉHAUD, BÉZY, CLAVEIROLE (2006) *Au-delà du principe de Wernicke: à propos, aujourd'hui de la «Contribution à la conception des aphasies» de S. Freud*. In: *Cocaïne Aphasies. Études des textes pré analytiques de Freud*. Paris: Érès [p. 45-75], p. 50.

<sup>55</sup> ROBERT, Marthe *Sur les papiers* (1967), p. 221-250, citado por STAROBINSKI, Jean (1972). *La relation critique*. Paris: Gallimard, p. 298 e ss.

savoir théorique, chez Freud, s'édifie dans la visée pragmatique d'une efficacité thérapeutique». <sup>56</sup>

Dentro desse discurso freudiano nascente, e ainda sob o influxo da medicina e da anatomia clínica, as conclusões às quais chega nesse estudo inscrevem uma subversão no próprio discurso de sua formação médica <sup>57</sup>.

É importante destacar por sua vez que *afasia*, no sentido freudiano de *parapraxis* (*Fehlleistung*) e de *lapsus*, circula de maneira recorrente na *Recherche* e na vida do autor Marcel Proust. De um lado, Adrien Proust (1834-1903), reconhecido médico francês e pai do escritor, trata vários casos de afasia e escreve um extenso artigo clínico sobre o tema <sup>58</sup>. Suas considerações críticas apontam contra a teoria da localização cerebral como única causa da doença afásica; idéias essas que serão retomadas na *Recherche* proustiana quase ao pé da letra. Essa não seria a única ferramenta teórica que o filho tomara do pai. Segundo a tese de Edward Bizub, Marcel Proust também teria amplos conhecimentos das teorias da divisão da personalidade em que trabalhou o pai, ao lado das hipóteses de psicólogos experimentais franceses como Taine, Azam, Binet e P. Janet. De outro lado, Robert (irmão do autor) menciona que, após a morte de sua mãe, em 1905, Marcel Proust teria sofrido vários períodos de afasia, e esse momento teria sido crucial para o início da escrita da *Recherche*. Além do dado biográfico, essas referências mostram um amplo círculo de interesse sobre linguagem, no qual a geração do autor estava inserida.

---

<sup>56</sup> STAROBINSKI, Jean *La relation critique* op. cit., p. 300.

<sup>57</sup> Subversão da qual ele é consciente, por estar "inventando" um novo discurso; para muitos sem garantias no sentido da patologia naturalista. Em 1891, Freud tinha 35 anos e já havia obtido fama pelos estudos e opiniões sobre hemiplegia cerebral infantil.

<sup>58</sup> PROUST, Adrien (1872) *De l'aphasie* In: *Archives Général de Médecine* Paris [Feb. 1872, p.147-166, Mars 1872, p. 303-318 e Juin, 1872 p.653-685].

Dividiremos esta exposição em três partes. Na primeira, analisaremos as teorias da localização cerebral dentro das concepções neurológicas que primavam no século XIX. Para mostrar o ponto de vista clínico das afasias, dedicaremos algumas páginas ao artigo de Adrien Proust visando suas conclusões. Abordaremos aspectos-chave da formação freudiana que nos permitam compreender o movimento de passagem que ele produz no *Ensaio crítico das afasias*<sup>59</sup>; dos estudos neurológicos para os aspectos psicológicos, introduzindo o problema da representação psíquica, da memória e da linguagem que seriam retomados na “Carta 52”<sup>60</sup> a Fliess, de 1896, no *Projeto de psicologia* e na *Interpretação dos sonhos*, entre outros. Na segunda parte, dedicaremos nossa atenção aos pontos de contato entre a teoria freudiana e a ficção proustiana. Na terceira parte, examinaremos aspectos relevantes do romance *La prisonnière* entendido como uma teoria da linguagem dentro da ficção. Na conclusão, buscaremos mostrar as semelhanças e diferenças entre os dois modelos de linguagem, memória e sujeito.

### **Nota sobre tradução:**

Salvo indicação em contrário, a tradução dos textos proustianos será a da versão em português da Editora O Globo. Para os *Esquisses* e transcrições de *Cahiers* manuscritos preferi deixá-los na língua original e não traduzi-los para o português,

---

<sup>59</sup> FREUD, Sigmund (1891) *Zur Auffassung des Aphasien: Eine kritische Studie* Leipzig, Viena: Franz Deutike.

<sup>60</sup> MASSON, Jeffrey Moussaieff (1896) *Briefe an Wilhelm Fliess* (1887-1904), Frankfurt am Main: Fischer, [p. 217 -226]. Versão em português de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Imago. Na versão da editora Fischer de 1999 em alemão, o número da carta é 112, já que foram incluídas muitas cartas que na *Standart edition* das Obras Completas, de 1950, não haviam sido contabilizadas.

já que minha língua materna é o espanhol. No caso dos textos freudianos, quando houver tradução para o português ou espanhol, procurarei utilizá-la, reservando-me o direito de eventualmente modificá-la.



## II. BREVE CONTEXTO HISTÓRICO: A IDADE DE OURO DA LOCALIZAÇÃO

---

As idéias freudianas e proustianas sobre a linguagem e o sujeito estão ligadas a um contexto histórico muito específico; um território permeado pelos discursos da medicina, da filosofia e pelo nascimento da psicologia experimental, em meados do século XIX, na Europa. Nesse clima cultural tão particular, grande parte da literatura é dificilmente separável das idéias e dos métodos da ciência<sup>61</sup>. Mais do que espelhar uma época, a teoria freudiana e a ficção proustiana estabeleceram um debate teórico e uma tomada de posição com relação à filosofia, à literatura, à psicologia experimental, ao discurso médico legado pelo século XIX<sup>62</sup>. Por esse motivo analisaremos, nesta primeira parte do trabalho, aspectos fundamentais do contexto histórico da formação de Proust e Freud. Em seguida, na segunda parte, estudaremos a literatura que se ocupa dos *pontos de contato* entre a teoria freudiana e as especulações não mais do “autor” Marcel Proust, mas do “narrador” na ficção proustiana.

\*

---

<sup>61</sup> A psicanálise freudiana inscreve-se criticamente na tradição da clínica médica do século XIX, da qual, por sua vez, também provém. A análise de Foucault mostra que a emergência do discurso clínico na psicanálise freudiana (“a análise psíquica”) servirá de modelo epistemológico e antropológico para as ciências no século XX, expondo os limites entre o registro do normal e do anormal. [In: FOUCAULT, Michel (1987) *O Nascimento da Clínica* Rio de Janeiro: Forense Universitária]. Todavia, a inscrição da psicanálise freudiana na tradição clínica pela problemática da loucura é apenas um aspecto dentro de sua especificidade epistemológica e metodológica. A clínica freudiana constitui-se sobre o campo da fala e da linguagem, o que irá possibilitar que o *exame*, tradicionalmente associado pela medicina à observação visual seja deslocado para um discurso falado que verse sobre “o particular” (enunciado do sujeito). Diversos autores (Jones, Rodrigué) ressaltam que, ao tratar o paciente, Freud tinha um surpreendente interesse pelos “fatos isolados” da clínica; ele não conseguia tirar sua atenção desses fatos até que os tivesse esclarecido. Essa busca de esclarecimento do particular manifesta-se com toda força no famoso capítulo VII da *Interpretação dos sonhos* e já estava presente no texto sobre as afasias.

<sup>62</sup> SOUPAUL, Robert (1892) *Marcel Proust du côté de la médecine. Suivi d'un choix de texte de M. Proust* Paris: Plon, 1967 e PICCOLINO Marco Un “tempo perduto” tra scienza e letteratura: il temps perdu da Hermann von Helmholtz a Marcel Proust, Consultado em 20. 04. 2006. Disponível em <<http://utenti.unife.it/marco.piccolino>>

Nas últimas décadas do século XIX (e desde a primeira metade desse século), o combate entre as idéias do positivismo e do espiritualismo na Europa tinha como foco a teoria das localizações cerebrais. Em 1810, Gall publica *Anatomie et physiologie du système nerveux en général et du cerveau en particulier*, momento em que começa efetivamente a ciência do cérebro<sup>63</sup>. Sua doutrina considera o encéfalo e, em particular, os hemisférios cerebrais, sedes de todas as faculdades intelectuais e morais. Baseado nas descobertas cerebrais, Gall funda a escola de frenologia<sup>64</sup>, que tenta tirar a hegemonia mantida durante séculos pela metafísica na reflexão sobre as faculdades superiores do homem e sua personalidade. O cérebro promete ser para o frenólogo um mapa da personalidade, possibilitando medir, por exemplo, o grau de genialidade ou a capacidade matemática. O cérebro, definido como “sistema de sistemas”, é suporte físico de todas as faculdades que, segundo Gall e seus seguidores, eram tidas por inatas. Mas, diferentemente das hipóteses da metafísica, Gall considera o inatismo fundado sobre o substrato anatômico de um órgão e não sobre uma substancialidade ontológica da alma humana<sup>65</sup>. O que chama enormemente a atenção é que as primeiras localizações cerebrais detectadas (ligadas a funções intelectuais específicas) deviam seu achado às perturbações da linguagem e da memória das palavras. Em 1860, Broca e depois Charcot confirmam aspectos da

---

<sup>63</sup> CANGUILHEM, Georges *Le cerveau et la pensée* In: *Philosophie, historien des sciences* [Actes du colloque 12/1990] Paris: Albin Michel, p. 12.

<sup>64</sup> Frenologia é a doutrina psicológica que sustenta que as faculdades psíquicas estão localizadas em zonas precisas do cérebro e em correspondência com relevos do crânio. O exame de tais características anatômicas permitiria reconhecer o caráter, aptidões da pessoa e a sua capacidade mental [Diccionario de la Real Academia Española: [www.rae.es](http://www.rae.es)].

<sup>65</sup> CHASSAING, (Ed.) BÉHAUD, BÉZY, CLAVEIROLE (2006) *Au-delà du principe de Wernicke: à propos, aujourd'hui de la «Contribution à la conception des aphasies» de S. Freud* In: *Cocaïne Aphasies. Études des textes préanalytiques de Freud* Paris: Érès, [p. 45 – 75], p.59.

anatomia de Gall, localizando a função da linguagem nos lóbulos anteriores do cérebro. Nesse mesmo ano, Gustav T. Fechner<sup>66</sup> mede a *sensação*, inaugurando a psicofísica.

Logo após a descoberta da localização das áreas da linguagem, a pesquisa sobre as funções do cérebro assume, na segunda metade do século XIX, o modelo da corrente elétrica<sup>67</sup>: a massa encefálica seria um território eletromagnético de produção e comunicação de fatos intelectuais e morais. Na *idade de ouro da localização*, a tese do paralelismo entre o moral e o magnetismo cerebral começa a ser amplamente aceita, assim como a pretensão de elevar a neurologia experimental ao status de filosofia moral<sup>68</sup>. A neurologia buscava localizar todas as faculdades intelectuais e perceptivas do homem: individualidade, configuração, percepção visual, olfativa e tátil, localização espacial, capacidade de cálculo, ordem, temporalidade, prosódia e capacidade em geral para a linguagem. Mas, paralelamente aos estudos neurológicos, surgem com força as pesquisas da psicologia experimental, na tentativa de não ficar à sombra da fisiologia. Três países contribuíram, independentemente, para o nascimento da psicologia como disciplina autônoma: Grã Bretanha, Alemanha e França:

---

<sup>66</sup> Professor de física da Universidade de Leipzig. Consagra-se em 1839 a elaborar um sistema metafísico indutivo baseado na relação essencial entre o físico e o psíquico. Enlaça a metafísica a uma psicologia experimental e estabelece as leis da psicofísica, com os quais formula a lei matemática que possibilita medir as sensações, por exemplo, a intensidade variável dos sons. A dita lei afirma que a sensação é aproximadamente proporcional ao logaritmo da intensidade do estímulo (pressão do som) que a tenha provocado.

<sup>67</sup> As funções do cérebro foram assemelhadas à corrente galvânica (primeira forma de corrente elétrica a ser utilizada em 1780 por Luigi Galvani na Itália) ou à corrente farádica descoberta em 1831.

<sup>68</sup> CANGUILHEM *Le cerveau et la pensée* op. cit., p. 13-14.

L'importance de la tradition empirique allemande pour l'établissement de la psychologie universitaire a été soulignée. Dans son approche de la psychologie, Wolff<sup>69</sup> avait consacré deux ouvrages distincts à la psychologie empirique (1732) et à la psychologie rationnelle (1734). Il fut à l'origine de l'éveil d'intérêt en Allemagne pour les travaux en psychologie empirique. La tradition wolffienne a influencé Kant et un de ses successeurs, Herbart, ne fut pas sans influence sur la génération de Wundt [...]. Bien que l'Angleterre fut le premier pays dont la psychologie ait acquis un caractère empirique, elle manquait d'une méthode scientifique<sup>70</sup>.

Para Herbart<sup>71</sup>, sucessor de Kant como professor em Königsberg, a psicologia devia se ocupar de estudar as representações e suas leis. O sujeito representante é uma substância simples chamada alma; suas representações são produzidas tanto pelas condições exteriores quanto por si mesmo e devem ser estudadas segundo um método matemático de cálculo bem definido. Com isso, Herbart leva a psicologia para o terreno da ciência exata:

La physique expérimentale ignore les forces de la nature, et cependant elle a deux moyens de découverte, l'expérimentation et le calcul. La psychologie ne peut pas expérimenter sur l'homme, et elle n'a pas d'instruments pour cela; elle doit d'autant plus s'attacher à employer le calcul [...] Si une représentation a une qualité déterminée et invariable, elle possède cependant une valeur quantitative qui est variable à savoir son degré d'intensité, de force, ou plus simplement de clarté. Herbart proposera une statique et une mécanique de l'esprit qui aura une influence considérable sur toute une génération ultérieure de psychologues allemands<sup>72</sup>.

---

<sup>69</sup> O filósofo alemão C. Wolff (1679-1754) introduz o termo *psychologia* para designar a ciência da alma. Em 1732 Wolff define a psicologia empírica como a ciência que, por meio da experiência, estabelece os princípios com os quais se esclarece aquilo que acontece na alma humana. NICOLAS S., MARCHAL A. et ISEL F. *La psychologie au XIXème siècle* In: *Revue d'histoire des sciences humaines* 2000/1, N° 2, [p. 57-103], p. 58-9.

<sup>70</sup> NICOLAS S., MARCHAL A. et ISEL F. *La psychologie au XIXème siècle* op. cit., p. 59.

<sup>71</sup> À margem do idealismo da época, o psicólogo entende por metafísica aquela metodologia que permite reduzir as contradições implícitas ao dado; a ontologia esclarece a verdadeira realidade que se encontra por traz da aparência. A psicologia é a ciência que estuda as relações entre as representações (atos de auto-conservação do eu) e está fundada na experiência, na metafísica e nas matemáticas. Essas representações agregam aquilo que as faculdades separam. A psicologia das faculdades produz, segundo Herbart, uma divisão da simplicidade.

<sup>72</sup> HERBART J.F. (1890) *Ueber die Möglichkeit und Notwendigkeit Mathematik auf Psychologie anzuwenden* Citado por NICOLAS S., MARCHAL A. et ISEL F. *La psychologie au XIXème siècle* op. cit., p. 64.

Na Grã Bretanha, John H. Jackson, já em 1875, formula um esquema descritivo do sistema nervoso, que irá influenciar Pierre Janet e Sigmund Freud.

Na França o processo não deixa de ser controvertido. Existiam duas grandes escolas de pensamento interessadas por questões psicológicas: a filosofia espiritualista acadêmica e a filosofia científica que estava representada pelos positivistas e fisiologistas, mas que perdem terreno em meados de 1870, com o surgimento dos novos psicólogos experimentais. Nesse terreno antes dominado pelo racionalismo, surge essa nova disciplina experimental que contesta as tendências metafísicas:

L'établissement d'une psychologie séparée, indépendante, servant de base à la philosophie et à la science, telle fut la révolution principale opérée dans l'enseignement par Cousin et Jouffroy. Mais la psychologie éclectique séparait les faits psychologiques des faits physiologiques, et en instituant cette séparation, elle obéissait à des idées préconçues et à des préoccupations sous-entendues et même affichées de spiritualisme dogmatique.

L'importance était de constituer la psychologie subjective, sans laquelle il ne pouvait y avoir de psychologie objective. Cette psychologie consistait à étudier le monde intérieur par la méthode de réflexion, c'est-à-dire de l'observation intellectuelle aidée de l'attention. La conscience devenait ainsi l'instrument et l'objet de la psychologie. La vie intellectuelle et morale n'est perceptible que par la conscience et échappe à l'expérimentation physique: telle est la proposition fondamentale de l'école spiritualiste qui dominera la philosophie académique française tout au long du XIXème siècle jusqu'à Bergson. Mais, l'école éclectique, du vivant même de ses fondateurs, et tout au long de son histoire rencontra de redoutables adversaires: [entre os quais estavam] A. Comte [e] H. Taine.<sup>73</sup>

Das mãos de Hippolyte Taine<sup>74</sup>(1828-1893) nasce a psicologia experimental como disciplina autônoma. Ele e Ribot, que se serve do método neuropatológico e

---

<sup>73</sup> NICOLAS, Serge, MARCHAL, Anne et ISEL, Frédéric *La psychologie au XIXème siècle* In: Revue d'histoire des sciences humaines, 2000/1, N°2, Paris p. 83 [p.57-103].

<sup>74</sup> TAINE, Hippolyte (1870) *De l'intelligence* Paris: Hachette, 1892.

das ciências médicas<sup>75</sup>, apresentam na França as idéias da escola inglesa e alemã sobre psicologia experimental. Ambos promovem uma psicologia científica entendida como ciência autônoma e criticam o espiritualismo psicológico. Taine trabalha, desde 1864, como professor de Belas Artes em Paris; sua obra psicológica será uma referência tanto para Freud (no período em que escreve o ensaio sobre as afasias) quanto para Marcel Proust<sup>76</sup>. O espírito positivista de Taine (mais amplo que o de Comte) identifica as leis da ciência natural com as da ciência moral, e desenvolve essas idéias no seu estudo do positivismo inglês<sup>77</sup> dedicado à análise do pensamento de Stuart Mill. No livro *De l'intelligence*, Taine dá crédito à teoria do paralelismo psicofísico contra a qual se posicionava a maioria dos filósofos universitários franceses (entre eles Bergson). Seguindo um método estritamente científico, Taine busca decompor os fatos morais em simples elementos para seu estudo.

Trois traits principaux distinguent le traité «*De l'intelligence*» de tous les travaux psychologiques publiés jusqu'alors en France, le rejet absolu de l'hypothèse des facultés, l'utilisation des matériaux physiologiques et de l'analyse idéologique. Il désirait que la psychologie soit une science de faits, et qu'ainsi elle représente en France les mêmes tendances que l'on trouvait chez les psychologues anglais de l'époque.<sup>78</sup>

Se na França os psicólogos ecléticos pretendem ignorar a fisiologia, Taine e Ribot, pelo contrário, consultam os textos dos anatomistas, dos fisiologistas e dos

---

<sup>75</sup> Ele afirma que os princípios da fisiologia e da patologia são aplicáveis aos fatos psicológicos (percepção, memória, vontade, sentimentos e linguagem), bem como a todos os fatos inconscientes ou subconscientes. No entanto, considera os métodos de observação e experimentação superiores aos outros. NICOLAS, MARCHAL, et ISEL, *La psychologie au XIXème siècle* op. cit., p. 87.

<sup>76</sup> PIAZZA, Marco *Proust et la multiplicité des moi* Bulletin d'Informations proustiennes N° 28, p. 117; citado por WILLEMART, Philippe (2005) *Crítica Genética e psicanálise* São Paulo: Perspectiva, p. 115.

<sup>77</sup> TAINÉ, Hippolyte (1864) *Le positivisme anglais. Étude sur J. Stuart Mill*, Paris, Baillière.

<sup>78</sup> NICOLAS, MARCHAL, et ISEL, *La psychologie au XIXème siècle* op. cit., p. 87.

médicos, dando atenção a casos raros e singulares que possam iluminar os fenômenos ordinários. Para eles, contudo, a fisiologia cerebral não é suficiente (fato que os distancia dos positivistas ortodoxos), e por esse motivo se lançam na experimentação. Um dos pioneiros dessa geração de psicólogos experimentais, assim como do tratamento moral (nome que se outorgava nesse período ao tratamento do espírito ou à atual psicologia), foi Adrien Proust, pai de Marcel Proust. Ele partilhou o espaço de pesquisa com os médicos que deram nascimento à observação experimental e analítica no círculo de Charcot.

### ***Intérprete de uma geração: Adrien Proust e o sintoma afásico***

Achille Adrien Proust<sup>79</sup>, pai de Marcel, foi um célebre médico, conhecido pelos trabalhos de higiene<sup>80</sup> e de neurologia<sup>81</sup>; participou da geração de Binet e Charcot, médicos com os quais manteve uma estreita relação. Em 1890, foi convidado por Paul Janet (tio de Pierre Janet) para apresentar suas pesquisas sobre o *eu sonambúlico* no domínio da psicologia experimental, um “caso curioso de automatismo ambulatório em um histérico”<sup>82</sup> diante da *Académie de sciences morales* (ciências do espírito)<sup>83</sup>. A. Proust doutorou-se em medicina em 1862, com uma tese sobre *pneumotórax idiopático* e foi nomeado chefe de clínica médica do hospital de *Charité*. Nesse âmbito, teve acesso a uma grande quantidade de casos clínicos. Em 1872, quando seu filho Marcel estava próximo de completar um ano de idade, publicou *De l'aphasie*, três artigos sobre o sintoma afásico que apareceram nos *Archives Générales de Médecine*.

Nosso interesse recai sobre a visão que A. Proust oferece da clínica com um grande número de pacientes com problemas de linguagem no hospital da *Charité*.

---

<sup>79</sup> O pai de Proust, Adrien Proust (1834-1903), foi famoso pelos tratados de higiene. Em 1862, defende sua tese doutoral dedicada ao *Pneumothorax idiopathique*; em 1866 aparece seu tratado *Des différentes formes de ramollissement du cerveau*; em 1872 *De l'aphasie* Paris, e *Douze conférences d'hygiène* Paris: Masson; em 1891 e *L'hygiène des diabétiques* Paris: Masson; em 1899.

<sup>80</sup> PROUST *Essai sur l'hygiène internationale, ses applications contre la peste, la fièvre jaune et le choléra asiatique* (1873) e *Traité d'hygiène publique et privée* Paris: Masson, 1877.

<sup>81</sup> “Achille Adrien Proust (1834–1903) was an eminent medical doctor, Professor at the Faculty of Medicine [...], and member of the *Académie de Médecine* (from 1889), particularly expert on infectious diseases, but also interested to pathological states of neurological relevance (such as aphasia and neurasthenia)” PICCOLINO M. A “Lost Time” Between Science and Literature: the “*Temps Perdu*” from Hermann von Helmholtz to Marcel Proust. *Audiological Medicine* 2003 1: [261–270] p. 266.

<sup>82</sup> A apresentação de Adrien Proust foi objeto de um artigo de Henri de Parville *Mouvement scientifique* 16/02/1890 [109-110], em que o autor compara o caso apresentado por Proust, “Emile X”, com um *dormeur éveillé*, citado por BIZUB, Edward *Proust et le moi divisé La recherche: creuset de la psychologie expérimental* Geneve: Droz, p.114.

<sup>83</sup> BIZUB *Proust et le moi divisé* op. cit., p. 113.



De algum modo, a observação de tal variedade de casos levou-o a desmentir algumas das hipóteses que reinavam nas teorias sobre a localização da linguagem, baseadas na anatomia patológica. Nesse sentido, A. Proust apresentou-se como o *intérprete*<sup>84</sup> de toda a sua geração, na tentativa de articular a clínica geral com as diversas teorias que estavam questionando os achados de Gall e Broca, entre outros. Entre os que se dedicaram à pesquisa das áreas da linguagem no cérebro e aos casos de amnésia intermitente ou de paralisia seguida de afasia, situava-se A. Proust, na busca de um ponto de articulação entre essas duas aproximações aos problemas da linguagem; perspectivas que não se recobriam, mas que, assim o considerava, poderiam ser complementares.

A maioria dos médicos, afirma A. Proust, dá o nome de afasia a um conjunto de problemas, quando, na verdade, só alguns deles merecem tal denominação. Ele se propõe a delimitar melhor o domínio. Observa que a mesma lesão cerebral pode produzir, simultaneamente, problemas sensoriais, intelectuais e motores, afetando também uma parte da linguagem. Já na clínica, a afasia lhe parece claramente distinguível de outras doenças (paralisia geral, paralisia lábio-glossolaringea, etc.). A dificuldade é maior para o médico, devido à arbitrariedade das definições que existem; assim como, também, ao pouco cuidado que se tem outorgado aos caracteres fisiológicos da função lesionada que originam a afasia. A. Proust sugere sua definição de afasia:

---

<sup>84</sup> PROUST, Adrien (1872) *De l'aphasie* Archive Générales de médecine Fev 1872, Paris, p.141.

L'aphasie est alors devenue la perte ou le trouble du pouvoir d'exprimer sa pensée par une série de signes appropriés, c'est-à-dire le trouble ou la perte d'une partie de cette faculté que nous appelons le langage, terme plus général que le mot parole. La parole n'est qu'un des modes du langage<sup>85</sup>.

Sua definição, embora afirme não querer entrar em dissertações metafísicas e pretender constatar fatos claros e evidentes, leva-o para o território da linguagem em geral: “a linguagem, afirma, é o pensamento exteriormente expressado, observável pela consciência e pelos sentidos”. Como representante do século XIX, adere à noção de que há uma linguagem natural de todos os seres vivos e outra artificial, no homem (convencional), que não se satisfaz apenas com a linguagem da ação (natural). As linguagens artificiais possuem signos para exprimir idéias através do aparato vocal e da mão. Entre os dois tipos de linguagem há uma dissociação; isso condiz com as observações clínicas em afásicos, evidenciando que a perda da linguagem artificial não implica a perda da linguagem natural: «Cette double indépendance de la pensée et du langage, du langage d'action et du langage artificiel, nous explique comment, dans l'aphasie, la pensée persiste, le langage d'action persiste, mais le langage artificiel est altéré ou aboli»<sup>86</sup>.

A. Proust manifesta que as linguagens estão associadas, mas, por sua vez, mantêm independência; na afasia, é impossível para o paciente expressar seu pensamento através da linguagem artificial, no entanto, continua utilizando a linguagem natural (gestos, pantomima, gritos, movimentos corporais, etc.). Assim, as provas extraídas da anatomia e da fisiologia são indiretas; ao passo que na

---

<sup>85</sup> PROUST *De l'aphasie* op. cit., p. 149.

<sup>86</sup> Ibidem.

anatomia patológica de Bouillard e de Broca, encontram-se razões mais diretas da localização da linguagem. Dessa maneira, para os médicos clínicos, a apreciação da “verdade” das teorias da localização remete a duas ordens de observação: de um lado, pode-se mostrar na clínica que a afasia não apresenta nenhuma alteração em um ponto preciso; de outro, que estando lesionado um ponto do cérebro, não se observa o sintoma afásico esperado. Portanto, certo número de afasias opõe-se às teorias de Broca, Bouillard e Dax (que localizavam a linguagem na terceira circunvolução frontal esquerda<sup>87</sup>).

Nas conferências no hospital de la *Charité*, A. Proust distinguiu o mutismo, a amnésia, a afasia e a alalia (privação da fala) de maneira semelhante a Broca, que distinguira a amnésia verbal, a afemia (afasia) e a alalia mecânica (problemas no aparelho fonador).

A verdadeira dificuldade aparece na interpretação das afasias passageiras e transitórias; motivo pelo qual A. Proust questiona até que ponto seria possível admitir como causa, para esclarecer algumas afasias que duram dias ou horas, uma obstrução temporária<sup>88</sup>. A. Proust propõe que a causa da patogenia afásica pode ser uma obstrução da artéria silviana (atualmente denominada artéria cerebral média), responsável pela nutrição do córtex; e leva adiante essa tese, sem negar o problema local, colocando-o no centro das questões da clínica com afásicos.

Seu propósito é estabelecer um diagnóstico diferencial entre a amnésia verbal e a afasia. Os amnésicos perderam a memória das palavras e não

---

<sup>87</sup> Wernicke localizava a linguagem no hemisfério direito.

<sup>88</sup> PROUST *De l'aphasie* op. cit., p. 661.

conseguem escrever; isso os aproxima dos afásicos. A amnésia é passível de cura por meio da educação; mas a afasia é incurável («*La durée de l'aphasie est longue; elle est subordonnée d'ailleurs à la durée de la maladie, cause du symptôme*»<sup>89</sup>). E cita a famosa frase de Trousseau: «Le cerveau de l'aphasique, c'est la mer où la proue du navire ne peut pas laisser sa trace»<sup>90</sup>

Mas essa abordagem não parece suficiente, e A. Proust precisa recorrer a uma definição de palavra (como também o fará Freud no seu *Estudo crítico das afasias*) para poder compreender o “estado” afásico. Para ele, a palavra compõe-se de três atos: primeiro, a idéia é concebida, logo se reveste da forma com que se deseja exteriorizá-la, e, por último, através do aparelho fonador, produz-se a ação da fala. O aparelho de fonação põe-se em movimento para traduzir o pensamento. Esses três atos têm certo grau de independência; o primeiro pode existir sem os outros, e os dois primeiros podem existir sem o último. E se, como afirma A. Proust, a passagem do primeiro ao último é um ato voluntário, isto quer dizer que as idéias cujo conceito deve ser revestido com palavras já estão presentes, no monólogo interior. As percepções, emoções e idéias estão para ele ligadas ao sentimento íntimo que leva também o nome de consciência, enquanto a palavra se corresponde com o exterior. A percepção dos fatos é direta, imediata<sup>91</sup>, com uma linguagem interior. Contudo, não há nada entre as coisas exteriores e o sentimento íntimo; portanto, para expressar o pensamento, é necessária a linguagem.

---

<sup>89</sup> PROUST *De l'aphasie* op. cit., p. 311.

<sup>90</sup> TROUSSEAU Citado por PROUST *De l'aphasie* op. cit., p. 666.

<sup>91</sup> PROUST *De l'aphasie* op. cit., p. 150.

Nesse artigo de 1872, não se questiona o funcionamento da memória nem os processos intermediários do psiquismo consciente. No entanto, a situação muda radicalmente em 1890, ano em que A. Proust é convidado a apresentar o caso Emile X... (que estudaremos ainda neste trabalho):

A partir de sa présentation, le cas d'Emile X... deviendra une référence pour tous les chercheurs travaillant dans le domaine non seulement en France et en Allemagne, mais également outre-Atlantique. Il sera, par exemple, cité par Jastrow, un chercheur canadien écrivant son livre [...] sur «subconscience» en 1906.<sup>92</sup>

As observações de A. Proust sobre a consciência e os “estados segundos” passarão a ser uma referência entre os estudos psicológicos experimentais que também chamaram a atenção de Freud. Em 1891, Freud escreve um ensaio crítico dedicado exclusivamente às afasias, promovendo uma virada em relação às concepções da fala e da memória de sua época.

---

<sup>92</sup> BIZUB *Proust et le moi divisé* op. cit., p. 114.

### ***Sigmund Freud: percurso de formação***

Sigmund Freud nasce 1856-1939 em Freiberg, Moravia (atual Pribor, Tchecoslováquia). Estuda no Liceu de Viena, onde faz seu exame final aos dezessete anos e decide optar pela medicina, carreira que traria altas despesas para sua família. Matricula-se em medicina em 1873 e estuda durante oito anos na Universidade de Viena, sem interesse pelo exercício da clínica. Entre os cursos que freqüenta encontram-se: anatomia dos vertebrados, dos moluscos, óptica, zoologia, química, laboratório de fisiologia, mas também lógica e filosofia (disciplina que havia sido obrigatória para os alunos de medicina até o ano da entrada de Freud na faculdade). A essa última disciplina assiste por iniciativa própria durante três anos sem interrupção. Trata-se das aulas de leitura sobre Aristóteles, ministradas pelo filósofo e ex-sacerdote Franz Brentano, famosas em toda a Viena. O motivo dessa escolha é a pretensão de ingressar paralelamente na Faculdade de Letras, conforme esclarece em uma carta a Silberstein: «Ce que je t'ai dit de mon intention de passer à la faculté des lettres doit être rectifié en ce sens que mon plan primitif était de m'inscrire dans deux facultés en même temps et de me présenter dans trois ou quatre ans aux deux examens de doctorat ».<sup>93</sup>

Durante esse período, os filósofos lidos por Freud eram fundamentalmente Feuerbach<sup>94</sup>(1804-1872), Brentano (1838-1917) e Nietzsche, embora abandone

---

<sup>93</sup> FREUD *Carta de Freud a Silberstein 6/8/73* In: FREUD *Lettres de jeunesse* Paris: Gallimard, 1990, p. 142.

<sup>94</sup> Freud se interessa pela crítica de Feuerbach à teologia e lê *A essência do cristianismo* e *Princípios da filosofia do futuro*.

seu estudo rapidamente<sup>95</sup>. Em 1874, Brentano publica *Psicologia do ponto de vista empírico*<sup>96</sup>, cujas concepções filosóficas tiveram grande repercussão na época:

[Brentano] introduziu na psicologia novas idéias, que o opunham radicalmente a Theodor Fechner, fundador da psicofísica, para quem as sensações eram o resultado de excitações mensuráveis e podiam, portanto, calcular-se segundo uma fórmula [fórmula de Weber]. Brentano, por sua vez, fundava a psicologia em uma divisão da vida psíquica em três sectores distintos - representações, movimentos afetivos, juízos, dos quais só o último era responsável pelo conhecimento ético e, portanto, pelo comportamento moral do indivíduo.<sup>97</sup>

As idéias de Brentano opõem-se à analogia entre psicologia e fisiologia sustentada também pela psicologia experimental de W. Wundt<sup>98</sup> (1832-1920). O psicológico não seria para Brentano um epifenômeno do fisiológico, mas a sensação estaria na base da atividade psíquica, gerando representações. Dessa maneira, na tentativa de renovar as teses da psicologia empírica de Herbart<sup>99</sup>, distingue duas categorias de atos mentais: os juízos, que permitem afirmar ou negar a existência de um objeto representado, e as atitudes de ódio ou amor, que tornam indiscerníveis o querer e o sentimento. Íntimo amigo de Breuer e Meynert, Brentano dirige o doutorado de Freud em filosofia na Universidade de Viena.

---

<sup>95</sup> Freud comenta suas leituras de Nietzsche a Lothar Bickel em 1931 "Por natureza carecendo de talento para a filosofia fiz da necessidade virtude; [exercitara-me] em converter os fatos que se revelavam a mim [de uma forma tão] indisfarçada, imparcial e desprevenida [quanto possível]. Por isso deixei de lado o estudo de Nietzsche, embora estivesse claro que eu encontraria nele percepções muito semelhantes às psicanalíticas" Freud a Bickel, 28 de junho 1931, Wivenhoe. Citado por GAY Freud op. cit., p. 58.

<sup>96</sup> BRENTANO, Franz (1874-1938) *Psychologie: vom empirischen Standpunkt* Hamburgo: Meiner.

<sup>97</sup> ROBERT, Marthe *A revolução psicanalítica* Trad. J.M. Lebre de Freitas, São Paulo: Martin Fontes, p. 52. Segundo Marthe Robert, as idéias de Brentano nomeadas psicologia "descritiva" atraíram também Franz Kafka, que freqüentava em Praga os cursos ministrados pelos discípulos do filósofo. BRENTANO, Franz *Deskriptive Psychologie* Hamburgo: Meiner, 1982.

<sup>98</sup> Wundt cria em Leipzig o primeiro laboratório de psicologia, no mesmo ano em que Charcot é obrigado a receber hísticas no seu serviço.

<sup>99</sup> Que buscava estabelecer a mecânica das representações para elevar a psicologia ao status da ciência.

Quinze anos mais tarde, Freud colocará também a representação (*Vorstellung*) como base da atividade psíquica, seguindo a linha de seu primeiro mestre<sup>100</sup>.

Voltando ao período de formação médica, Freud ganha em 1875 uma bolsa de estudos no laboratório de Claus (o grande divulgador do darwinismo em língua alemã); trabalha para Claus em Trieste, por duas temporadas, no Instituto de Zoologia, abordando o problema do hermafroditismo em enguias. A partir de 1876, efetivamente inicia seus estudos sobre histologia do sistema nervoso<sup>101</sup>, no Instituto de Fisiologia de Brücke e Dobois-Raymond. Segundo o método rigorosamente mecanicista e positivista que rege o círculo, Freud cria finalmente uma *ponte* entre suas pesquisas de animais e humanos. Realiza estudos do bulbo raquidiano, trazendo a questão de que a mielinização das fibras nervosas medulares não se produz simultaneamente; mas que há um progresso (uma evolução) na mielinização que expressa a face filogenética<sup>102</sup> do sistema nervoso. Pertenciam a esse instituto os assistentes Exner<sup>103</sup> e Fleisch; nomes aos quais se soma o de Breuer, que visita assiduamente o instituto e cumprirá um importante papel na formação da psicanálise freudiana.

---

<sup>100</sup> Brentano foi quem colocou Freud em contato T. Gomperz (editor e figura de nome entre os estudiosos do pensamento grego) para traduzir o volume XII das obras completas de S. Mill. Entre esses textos encontrava-se MILL, J.S. (1851) *The Enfranchisement of Women*, filósofo que Freud cita no *Estudo crítico das afasias*. Em 1905, Freud escreve *Os chistes e sua relação com o inconsciente* e toma de Brentano vários exemplos para pensar a relação entre chiste e adivinhação (jogo de palavra chamado por Brentano de *Füllrätshell*). FREUD *Los acertijos de Franz Brentano* (Apêndice) In: *El chiste y su relación con lo inconsciente* (1905) *Obras Completas*, Vol. VIII, op. cit. p. 224-5.

<sup>101</sup> Freud estuda o Petromyzon. Na medula desse peixe, Reissner havia encontrado uma célula gigante anômala de função desconhecida, e Freud deveria esclarecer sua estrutura fina, ou seja, saber se a fibra é granulada, se é uma coluna líquida ou apenas uma vagem. Nessa pesquisa estava envolvida a questão filogenética, ao perguntar-se se as unidades básicas do sistema nervoso (os neurônios) eram as mesmas no decorrer da evolução. In: RODRIGUE *Freud* op. cit., p. 114.

<sup>102</sup> A abordagem filogenética das fibras nervosas permeia a noção de “regressão” que Freud tomará de Hughlings Jackson ao escrever o livro das afasias. Retomaremos esse tema.

<sup>103</sup> Cujas influência foi importante em Freud pelo estabelecimento da noção de facilitação (*Bahnung*) utilizada por Freud no *Projeto de psicologia*.



Nessas observações, Freud realiza um grande avanço, mostrando a estrutura das fibras nervosas (característica essa geral para o sistema nervoso e base da teoria dos neurônios). Em 1881, obtém seu diploma de medicina e, um ano depois, Brücke recomenda que abandone a carreira teórica – dada sua situação econômica – para dedicar-se à clínica médica.

Assim, o Freud zoólogo e fisiologista deve optar pelo atendimento clínico no Hospital Geral. Começa como *Aspirant* e ascende a *Sekundarartz* em 1883, momento em que desenvolve com seu chefe, o famoso Meynert<sup>104</sup>, estudos de laboratório em cérebros de recém-nascidos. Passa no ano seguinte a ser *Sekundarartzsuperior* e obtém, em 1885, o ansiado grau de *Privatdozent*<sup>105</sup>.

Mas em março de 1885, antes de receber a indicação de *Privatdozent*, Freud ganha, graças a Brücke, uma bolsa de viagem para Paris, para lá permanecer por seis meses, e chega a seu destino em meados de outubro. Tendo assistido à modernização de Viena<sup>106</sup>, Freud caminha pelas ruas parisienses e fica fascinado com as antiguidades do Louvre (descreve as estátuas como pertencentes a um mundo de sonhos<sup>107</sup>). Sem interesse destacável na *boêmia* nem no *Jockey Club* de Paris, Freud fica gratamente feliz (assim como Marcel Proust) ao assistir às performances da atriz Sarah Bernhardt. Comparados com a cultura vienense, os

---

<sup>104</sup> Meynert abre a primeira cátedra de Psiquiatria de Viena, em 1870.

<sup>105</sup> Sob a indicação de Brücke, Meynert e Nothnagel, o *Referat* recomendava a promoção de Freud a *Privatdozent* GAY, Peter (1988) *Freud. Uma vida para nosso tempo* Trad. Denise Bottman, São Paulo: Companhia das letras, 1993 p. 54.

<sup>106</sup> BETTELHEIM, Bruno (1956) *A Viena de Freud e outros ensaios* Trad. Lia Wyler Rio de Janeiro: Campus, 1991.

<sup>107</sup> GAY *Freud* op. cit., p. 60.

franceses parecem-lhe caçadores imorais de sensações, “o povo das epidemias psicológicas e das históricas convulsões em massa.”<sup>108</sup>

A curta etapa de Freud na França significa para ele um momento de grandes conquistas. Desde seu ingresso no laboratório da Salpêtrière, Freud fica deslumbrado pelo Dr. Charcot<sup>109</sup>, que lhe abre as portas das novas pesquisas e descobertas que estavam mudando a visão clínica dos médicos da época. Trabalha ali durante seis semanas, primeiro estudando os cérebros infantis ao microscópio, como havia feito com Meynert,

[...] algumas extensas publicações sobre afasia e paralisia cerebral infantil viriam a provar que ele mantinha interesse, ainda que se reduzindo gradualmente, por pesquisas neurológicas. Mas, a presença poderosa de Charcot afastou-o do microscópio e impeliu-o a uma direção para a qual, conforme alguns sinais visíveis, já vinha se encaminhando: a psicologia.<sup>110</sup>

Ao se referir a Charcot, Freud confessa: “[ele] abala minhas idéias e intenções” [e afirma] “se a semente algum dia vai dar frutos, não sei: o que sei com certeza é que nenhum outro ser humano jamais agiu sobre mim dessa forma”.<sup>111</sup>

A arte *adâmica* de Charcot visava nomear e discriminar as doenças psíquicas dos males físicos. Nessa época, na França, era comum diagnosticar a neurastenia como um tumor cerebral. Charcot diagnostica a histeria como uma verdadeira enfermidade e, contrariando as idéias tradicionais, afirma que essa

---

<sup>108</sup> Ibidem.

<sup>109</sup> “Cuando me enteré que Charcot se proponía editar una nueva recopilación de sus lecciones, me ofrecí para traducirla a la lengua alemana, y a esta empresa debí por una parte un trato personal mas íntimo con él y por la otra la posibilidad de prolongar mi estadía más allá del lapso para el cual me alcanzaba el estipendio que tenía concedido (...el prólogo de Freud estaba fechado el 18 de julio de 1886)”. FREUD, Sigmund *Informe sobre mis estudios en París y Berlín* Obras Completas, Vol. I, Trad. José Etcheverry, Buenos Aires: Amorrortu, p. 14.

<sup>110</sup> GAY Freud op. cit., p. 60.

<sup>111</sup> Freud a Martha Bernays Citado por Gay In: GAY Freud op. cit., p. 60-1.

doença mental afeta a homens e mulheres(!). Usando a sugestão hipnótica (método popular entre os curandeiros), trata as paralisias de que sofrem as pacientes histéricas com excelentes resultados. A hipnose havia sido aceita como método entre os médicos da França; o estado hipnótico era definido como “uma condição mórbida artificialmente produzida, uma neurose”.<sup>112</sup> Charcot pensava que só podiam ser hipnotizados os paciente histéricos, mas, segundo Liébeault (que clinicava em Nancy) e seu seguidor, Bernheim, seria possível praticar a hipnose em todas as pessoas.<sup>113</sup> A hipnose era para Freud um método produtivo, embora levasse os pacientes a estabelecer uma relação às vezes erótica, às vezes filial com o médico. Para Freud, que traduz as obras de ambos os líderes dessas duas escolas rivais “o médico [...] não pode mais se manter distante do hipnotismo”<sup>114</sup> que, definitivamente, é um tratamento mais eficiente que a eletroterapia, usada habitualmente em casos de neurastenia (e que Freud abandona “com alívio” em 1890<sup>115</sup>). Uma vez conhecido, o hipnotismo irá “destruir” a crença predominante de que “o problema da hipnose ainda está cercado, como afirma Meynert, por uma aura de absurdo”.<sup>116</sup> Freud não perde de vista essa crítica de Meynert quando insiste no fato de Bernheim ter demonstrado que as manifestações hipnóticas estavam ligadas a “fenômenos familiares da vida psicológica normal e do sonho”. Um estudo sério da hipnose trará à luz “as leis

---

<sup>112</sup> GAY Freud op. cit., p. 63.

<sup>113</sup> CHARCOT, J-M (1886) *Leçons sur les maladies du système nerveux* [CHARCOT *Neue Vorlesungen über die Krankheiten des Nervensystems, insbesondere über Hysterie* Anhang S. FREUD Viena: Toeplitz & Deutike, 1888].

<sup>114</sup> BERNHEIM (1888-1889) *De la suggestion et de ses applications à la thérapeutique* [BERNHEIM (1888) *Die Suggestion und ihre Heilwirkung* Anhang FREUD, Viena: Deuticke].

<sup>115</sup> GAY Freud op. cit., p. 73.

<sup>116</sup> FREUD (1888) *Prólogo a la traducción de H. Bernheim “De la suggestion”* Obras Completas, Vol. 1. Buenos Aires: Amorrortu, 1996. [Trad. ao português D. Bottmann] In: GAY Freud op. cit., p. 63.

psicológicas” que governam a vida anímica da “maioria das pessoas saudáveis”<sup>117</sup>.

De volta a Viena, em 1886, Freud pede demissão no Hospital Geral para abrir seu próprio consultório. Continua fazendo pesquisa no laboratório de Meynert, mas esse último corta relações depois que Freud defendeu a possibilidade da histeria em homens<sup>118</sup>. Inicia-se um período (entre 1886 e 1891) em que, segundo Freud, publica “quase nada”<sup>119</sup>. Entre seus poucos textos encontramos *Histeria*, *Afasia* e *Cérebro* (1888), escritos para o dicionário de medicina de Villaret<sup>120</sup>.

Freud define a histeria nesse artigo como uma neurose, no sentido mais estrito; pois afirma que não tem sido achada para essa doença alteração anatômica alguma. A histeria é uma modificação fisiológica do sistema nervoso e das relações de excitabilidade das diversas partes do sistema; todavia, não existe uma fórmula para a compreensão dessa relação de excitabilidade. Haveria um excedente de estímulo dentro do órgão anímico que se distribui em diversas representações conscientes e inconscientes dentro do sistema nervoso. Tais

---

<sup>117</sup> Citado por GAY Freud op. cit., p. 63.

<sup>118</sup> FREUD, Sigmund *Beobachtung einer hochgradigen Hemianästhesie bei einem hysterischen Manne* In: *Gesammelte Werke im Chronologisch Geordnet Erster Band*, Frankfurt: Fisher, p. 471. Freud faz a apresentação em Viena de “*Un caso de grave hemianestesia en un hombre histérico*”, que foi bem recebido, mas a teoria de Charcot sobre a histeria sustentada por Freud foi rejeitada por Meynert, que baseava seu tratamento em situar o substrato anatômico da histeria.

<sup>119</sup> Também nesse período, Freud trata três casos de suma importância para o nascimento do método psicanalítico: Emmy von N., Elizabeth von R. e Lucy von R.; e, em compensação a essa sensação de vazio, Freud estabelece uma profunda relação com o neurologista Joseph Breuer, com quem escreve a “*Comunicação preliminar*” (1893), primeiro capítulo dos *Estudos sobre a Histeria* publicados em maio de 1895. Através de Breuer, em 1887, Freud conhece o otorrinolaringologista Wilhelm Fliess. Antes de Freud, Fliess já sustentava a idéia de que no centro de todas as neuroses encontrava-se alguma perturbação sexual.

<sup>120</sup> Freud escreve três artigos em 1888: *Cérebro*, *Afasia* e *Histeria* para o primeiro volume do A. Villaret (1888) *Handwörterbuch der gesamten Medizin* Stuttgart. Apenas o artigo *Histeria* [p 886-892] consta da edição das *Obras Completas*. A respeito dessa questão cf. SOLM, M. – SALING, Org. (1990) *A Moment of Transition: Two Neuroscientific Articles by Sigmund Freud* London: Karnac Books.

variações são em parte físicas e em parte psíquicas. Prefere, então, abordar a doença pelo conjunto dos sintomas observados na clínica.

Signos claros dessa neurose são a anestesia (a mais comum dá-se na pele) e a hiperestesia, em geral, perturbações na sensibilidade. O grau de anestesia pode ser tão profundo que o paciente não percebe os altos níveis de corrente farádica aplicada ao tronco. Pode haver uma grande perturbação sensível no campo visual na alteração das cores, por exemplo, acústica, na surdez unilateral ou na perturbação do paladar. Mas há um destacável refinamento da sensibilidade acústica e olfativa.

O tratamento direto, afirma Freud, consiste na eliminação da fonte de irritação psíquica dos sintomas histéricos apelando à hipnose por sugestão. Em Viena, Breuer já praticava esse método. Segundo as cartas citadas por Strachey, Freud estava a par do método de Breuer, antes de ir para França em 1885. Como conclusão do artigo, Freud considera possível que as causas da doença estejam em um tipo de representar inconsciente.

No outro artigo publicado por Villaret, *Cérebro*, Freud reconhece sua dívida para com H. Taine, criador da escola francesa de psicologia experimental. De maneira positiva, Freud define o cérebro como órgão que responde às excitações sensoriais convertendo-as em impulsos (motores). Segundo as leis da causalidade mecânica aceitas por Freud nesse período, o funcionamento do cérebro responde ao modelo do arco-reflexo; no entanto, afirma que a atividade cerebral não se reduz a essa função. A determinação do *psiquismo* em geral apóia-se em uma definição do cérebro como o órgão da atividade mental (*Seelenthätigkeit*). O mental e o psíquico partilham um mesmo sentido. Segundo Freud,

simultaneamente ao estado de excitação de elementos cerebrais determinados, têm lugar estados de consciência determinados<sup>121</sup>, uma vez que há uma relação entre as excitações cerebrais e os estados de consciência (estado de consciência *implica* excitação). Todavia, se um estado de consciência *implica* necessariamente a prévia excitação de elementos corticais, para Freud a excitação do elemento cortical não implica necessariamente estar em conexão com um estado de consciência (excitação cortical *não implica* estado de consciência). O que, à simples vista parece um jogo de palavras, introduz uma ruptura nas leis da mecânica. Freud assume que a aparição de um estado de consciência, cujo modelo é o do ato voluntário, pode advir sob “outras formas” como a da *percepção*, da *representação* ou da *simples sensação*, supondo assim a existência de atos ou estados não voluntários. Neste artigo, à tese da conexão psicofísica, característica do pensamento de Taine, Freud acrescenta um tipo de relação *em cadeia* entre elementos apenas psíquicos (excitações corticais sem estado de consciência); por exemplo, a relação entre diversos *estados* de consciência e idéias. Essa cadeia de elementos psíquicos mantém uma relação com a cadeia material (Freud a nomeia como a “primeira determinação do psíquico”), mas, por sua vez, elas são diferentes. O problema, segundo Freud, é justamente determinar essa relação entre o material e a composição do psíquico. Ele procura saber, em última instância, se todos os elos da cadeia psíquica passam para o limiar da consciência (*Schwelle des Bewusstseins*), ou se alguns elos psíquicos não a franqueiam.

---

<sup>121</sup> SOLM, M. – SALING, Org. (1990) *A Moment of Transition: Two Neuroscientific Articles by Sigmund Freud* London: Karnac Books, p. 62.

Surge assim uma série de perguntas: qual o destino dos elos psíquicos que não passam para a consciência? Existe uma diferença irreduzível entre o psíquico e o fisiológico? O texto sobre o cérebro não permite definir isso ainda. O ponto de vista freudiano será formalizado três anos depois, no estudo crítico das afasias, propondo outra lógica para a relação entre processos fisiológicos do sistema nervoso e os processos psicológicos<sup>122</sup>. Entretanto, a partir dessas perguntas acerca das relações entre o psíquico e o físico, Freud constrói diversos deslocamentos teóricos que irão irradiar seu influxo para uma nova concepção dos processos fisiológicos e psicológicos.

Na introdução ao livro de Bernheim, Freud afirma, justamente, que não possuímos nenhum critério estável que permita diferenciar os processos psíquicos dos processos fisiológicos, já que esses processos não são conscientes:

No poseemos ningún criterio que nos permita discernir exactamente un proceso psíquico de otro fisiológico, un acto que ocurre en la corteza cerebral de otro que tiene lugar en los centros subcorticales, pues la conciencia, sea lo que esta fuere no forma parte de todas las actividades de la corteza cerebral ni se adhiere a cualquiera de ellas siempre en igual medida; no es una cosa vinculada a ninguna localización particular en el sistema nervioso.<sup>123</sup>

Sem renunciar à topografia e adiantando um pouco nosso percurso, Freud irá estabelecer seu próprio campo de interesse longe da neurologia, naquilo que nomeia “tópica psíquica” e que nada tem a ver com a localização cerebral. Quatro anos depois da introdução a Bernheim, já em 1900, Freud introduz o conceito de “aparelho psíquico”:

---

<sup>122</sup> Examinaremos esse estudo crítico mais detalhadamente na próxima seção.

<sup>123</sup> FREUD (1888-89) *Prólogo a la traducción de H. Bernheim, De la suggestion* In: FREUD, Sigmund Obras Completas, Vol. I, Trad. Etcheverry, Buenos Aires: Amorrortu [p. 77-78].

Die Idee, die uns so zur Verfügung gestellt wird, ist die einer psychischen Lokalität. Wir wollen ganz beiseite lassen, dass der seelische Apparat, um den es sich hier handelt, uns auch als anatomisches Präparat bekannt ist, und wollen der Versuchung sorgfältig aus dem Weg gehen, die psychische Lokalität etwa anatomisch zu bestimmen.<sup>124</sup>

E, em 1915, retorna à conexão psicofísica também no texto *O inconsciente*:

Aber alle Versuche, von da aus eine Lokalisation der seelischen Vorgänge zu erraten, alle Bemühungen, die Vorstellungen in Nervenzellen aufgespeichert zu denken und die Erregungen auf Nervenfasern wandern zu lassen, sind gründlich gescheitert. [...] Unsere psychische Topik hat vorläufig nichts mit der Anatomie zu tun; sie bezieht sich auf Regionen des seelischen Apparats, wo immer sie im Körper gelegen sein mögen, und nicht auf anatomische Örtlichkeiten.<sup>125</sup>

Torna-se, então, necessário voltar para o problema cérebro-pensamento em Freud, se queremos obter uma compreensão histórica que nos permita visualizar a passagem dos conceitos no seu movimento de idéias dentro de *seus* próprios escritos; aqueles conceitos que Freud vai negar e afirmar, embora sob uma forma nova. No seguinte capítulo, estudaremos *Sobre a concepção das Afasias*, o ensaio em que se inicia a reflexão freudiana sobre a linguagem. Pretendemos aproximar-nos da textualidade freudiana para depois poder pensar alguns aspectos do romance *La prisonnière*, levando em consideração os modelos de representação, de percepção e de imagem propostos por Freud.

---

<sup>124</sup> FREUD, Sigmund *Die Traumdeutung* In: Gesammelte Werke im Chronologisch Geordnet Zweiter u. Dritter Band, Frankfurt: Fischer, p. 541. “La idea que así se pone a nuestra disposición es la de una *localidad psíquica*. Queremos dejar por completo de lado que el aparato anímico de que aquí se trata nos es conocido también como preparado anatómico, y pondremos el mayor cuidado de no caer en la tentación de determinar esa localidad psíquica como si fuera anatómica.” FREUD *La interpretación de los sueños* (Segunda Parte) In: Obras Completas, Vol. V, Trad. Etcheverry, Buenos Aires: Amorrortu, p. 529.

<sup>125</sup> FREUD, Sigmund (1915) *Das Unbewusste* In: *Gesammelte Werke* Zehnter Band (1913-1917), Frankfurt am Main: Fischer, p. 273 “Pero han fracasado de raíz todos los intentos de colegir desde ahí una localización de los procesos anímicos, todos los esfuerzos en imaginar las representaciones almacenadas en células nerviosas y la circulación de las excitaciones por los haces de los nervios [...]. Nuestra tópica psíquica *provisionalmente* nada tiene que ver con la anatomía” FREUD *Lo inconsciente* In: Obras Completas, Vol. XIV, Trad. Etcheverry, Buenos Aires: Amorrortu, p. 170.



#### ***A revisão freudiana das teorias sobre a afasia***

Os estudos freudianos do sistema nervoso e da anatomia do cérebro nos laboratórios de Brücke, Meynert e Charcot, assim como a experiência com a hipnose, abriram grandes questões que levaram Freud a procurar respostas em questões relativas à demarcação das fronteiras entre a fisiologia e a psicologia. Em 1896, Freud escreve uma carta a Fliess na qual menciona ter abordado, em um texto anterior, alguns problemas-chave para a construção teórica do conceito de “aparelho psíquico”. Trata-se do problema da representação (*Vorstellung*), da percepção (*Wahrnehmung*) e de registros [inscrição] (*Niederschrift*) relativos ao processo de constituição desse aparelho. Todavia, nessa carta Freud não menciona por extenso o título completo desse trabalho anterior, mas anota entre parêntesis: *Aphasia*.

Du weist, ich arbeite mit der Annahme, dass unser psychischer Mechanismus durch Aufeinanderichtung entstanden ist, indem von Zeit zu Zeit das vorhandene Material von Erinnerungsspuren eine Umordnung nach neuen Beziehungen, eine Umschrift erfährt. Das wesentlich Neue an meiner Theorie ist also die Behauptung, daß das Gedächtnis nicht einfach, sondern mehrfach vorhanden ist, in verschiedenen Arten von Zeichen niedergelegt. Eine ähnliche Umordnung habe ich seinerzeit (Aphasie) für die von der Peripherie kommenden Bahnen behauptet. Wie viele solcher Niederschriften es gibt, weiss ich nicht. Mindestens drei, wahrscheinlich mehr.<sup>126</sup>

---

<sup>126</sup> FREUD, Sigmund *Briefe an Wilhelm Fliess* (1887-1904) Hgg. Masson, Jeffrey M. 2. Auflage, Ficher: 1999; p. 217. “Tu sabes que trabajo con el supuesto de que nuestro mecanismo psíquico se ha generado por estratificación sucesiva, pues de tiempo en tiempo, el material preexistente de huellas mnémicas experimenta un reordenamiento según nuevos nexos, una retranscripción. Lo esencialmente nuevo en mi teoría es, entonces, la tesis de que la memoria no preexiste de manera simple, sino múltiple, está registrada en diversas variedades de signos. En su momento (afasia) he afirmado un reordenamiento semejante para las vías que llegan de la periferia [del cuerpo a la corteza cerebral]. Yo no se cuántas de estas transcripciones existen, pero por lo menos tres, probablemente más. FREUD, Sigmund (1896) *Carta 52 a Fliess*. Obras Completas, Vol. 1, op. cit., p. 274.

*Aphasie* não se refere a um texto em anais de medicina, mas ao primeiro livro de Freud: *Zur Auffassung der Aphasien*<sup>127</sup> (*Sobre a concepção das Afasias*), cujo subtítulo é *Eine kritische Studie* (*Um estudo crítico*); foi dedicado a Breuer e publicado em 1891. Os compiladores da obra freudiana (1950), Ernst Kris, Marie Bonaparte e Anna Freud, salientam que essa referência ao livro da afasia nas cartas a Fliess seria uma das raras passagens (logo veremos que não foi assim) na qual Freud teria assinalado a filiação de interesses entre esse *estudo crítico* e seus escritos posteriores.

Para L. Biswanger<sup>128</sup>, esse livro é o fechamento de um período de estudos neurológicos em que também são colocados alguns dos fundamentos do discurso nascente da psicanálise; motivo pelo qual, segundo Biswanger, sem o conhecimento desse livro, seria impossível uma plena compreensão histórica das obras de Freud. Outros autores que abordam diretamente o texto, entre eles Forrester<sup>129</sup>, Kuhn<sup>130</sup>, Nassif<sup>131</sup> e Le Gaufey<sup>132</sup> põem o acento no aspecto histórico, mas acrescentam o lado crítico; nesse ensaio, o pensamento freudiano assume uma situação de tensão interdisciplinar em direção ao passado e ao futuro. Para

---

<sup>127</sup> FREUD (1891) *Zur Auffassung der Aphasien. Eine kritische Studie* Versão em português: *A Interpretação das Afasias*, Trad. António Pinto Ribeiro, Lisboa: Edições 70, 1977. Versão em espanhol *La afasia* Trad. Ramon Alcalde, Buenos Aires: Nueva Visión, 1987.

<sup>128</sup> STENGEL *Introducción* In: FREUD *La Afasia* Trad. Ramón Alcalde. Buenos Aires: Nueva Visión, 1987, p. 11.

<sup>129</sup> FORRESTER, John (1984) *La langage aux origines de la psychanalyse* Paris: NRF-Gallimard. Citado por CHASSAING, (Ed.) BÉHAUD, BÉZY, CLAVEIROLE (2006) *Au-delà du principe de Wernicke: à propos, aujourd'hui de la « Contribution à la conception des aphasies » de S. Freud* In: *Cocaïne Aphasies. Études des textes pré analytiques de Freud* Paris: Érès, [p. 45–75], p.59 e ss.

<sup>130</sup> KUHN, Robert *Préface* In: FREUD (1891) *Contribution à la conception des aphasies. Une étude critique* Paris: PUF, 1983.

<sup>131</sup> NASSIF, Jacques (1977) *Freud. L'inconsciente* Paris: Flammarion.

<sup>132</sup> LE GAUFEY, *L'incomplétude du symbolique. De René Descartes à Jacques Lacan* Paris : E.P.E.L. 1996.

esses autores, o ensaio sobre a afasia é uma dobradiça que irradia seu potencial conceitual tanto na direção dos estudos neurológicos quanto na direção dos estudos psicológicos e lingüísticos contemporâneos. Marthe Robert sugere que o estudo das afasias é importante porque Freud tem consciência de que pretende demolir<sup>133</sup> as confortáveis teorias da localização, ficando à altura tanto das “inesgotáveis reflexões sobre a linguagem do sonho”<sup>134</sup> e das “observações sobre o tetragrama sagrado dos Hebreus”<sup>135</sup>, assim como do trabalho sobre o “*Os sentidos opostos nas palavras primitivas*”<sup>136</sup>. Para o biógrafo Peter Gay, esse estudo aponta sutilmente o crescente envolvimento de Freud com a crítica à psicologia de sua época:

De fato, *Sobre as afasias*, à sua maneira técnica, ainda que clara, é uma obra de revisão. A tentativa de Freud de “abalar uma teoria cômoda e atraente sobre os distúrbios da linguagem” resultava na introdução de um elemento psicológico no quadro clínico [...] Cercado por neurologistas, Freud estava começando a procurar causas psicológicas para efeitos psicológicos.<sup>137</sup>

Mas, o que pensava Freud sobre esse ensaio crítico? Tinha ele uma opinião formada, apesar do fracasso na venda desses volumes? Sabemos, pela correspondência de Freud a Fliess, que Freud considerava o ensaio “realmente bom”<sup>138</sup> e, sobretudo, extremamente crítico:

---

<sup>133</sup> No ensaio crítico das afasias Freud afirma: “Ich habe eine bequeme und ansprechende Theorie der Sprachstörungen zu erschüttern gesucht, und wenn mir dies gelungen ist, nur minder Anschauliches und minder Vollständiges an die erledigte Stelle bringen können“, FREUD *Zur Auffassung der Aphasien* op. cit., p. 106.

<sup>134</sup> FREUD (1900) *Die Traumdeutung* In: Gesammelte Werke im Chronologisch Geordnet Zweiter u. Dritter Band, Frankfurt: Fisher.

<sup>135</sup> FREUD (1911) *Die Bedeutung der Vokalfolge* In: FREUD Gesammelte Werke, Achte Band, Frankfurt am Main: Fischer.

<sup>136</sup> ROBERT, Marthe *A revolução psicanalítica* Trad. J.M. Lebre de Freitas, São Paulo: Martin Fontes, p. 286.

<sup>137</sup> GAY Freud op. cit., p.73. [grifos nossos].

<sup>138</sup> FREUD, Sigmund *La afasia* Trad. Ramon Alcalde, Buenos Aires: Nueva Visión, 1987, p. 11.

In wenig Wochen werde ich mir die Freude machen, Ihnen ein Heft über Aphasie zu schicken, an dem ich selbst mit größerer Wärme beteiligt bin. Ich bin darin sehr frech, messe meine Klinge mit Ihrem Freund Wernike, mit Lichtheim, Grashley und kratze selbst den hochthronenden Götzen *Meynert*.<sup>139</sup>

Um alto grau de consciência sobre a importância desse trabalho volta surgir na carta a Fliess de 21 de março 1894<sup>140</sup>:

Estou bastante sozinho, aqui, na elucidação das neuroses. Estou sendo encarado como uma espécie de monomaniaco, embora tenha a nítida sensação de haver tocado num dos grandes segredos da natureza. Há algo de curioso na incongruência entre o apreço que se dá ao próprio trabalho intelectual e o valor que os outros lhe atribuem. Veja esse livro sobre as diplegias, que arrumei às pressas, com um mínimo de interesse e esforço, quase com frivolidade. Tem alcançado um sucesso tremendo. Os críticos dizem as melhores coisas sobre ele; os franceses, em especial, elevam-no às alturas. Hoje mesmo deparei-me como um livro de Raymond, o sucessor de Charcot, que simplesmente copiou essa obra numa seção adequada, com um agradecimento respeitoso, é claro. E das coisas realmente boas como a Afasia, as “Idéias Obsessivas”, que agora ameaçam sair em texto impresso, e a futura “Etiologia e Teoria das Neuroses”, nada posso esperar além de um respeitável fracasso. Isso confunde e traz certa amargura..<sup>141</sup>

O ensaio sobre as afasias não forma parte das *Obras completas* de Freud por vontade dele. Daqui em diante, examinaremos de perto esse texto crítico.

\*

Freud aborda a afasia com elementos próprios à linguagem acadêmica do final do século XIX. No entanto, à revisão histórica das teorias neurológicas

---

<sup>139</sup> FREUD *Briefe an Fliess* op. cit., p. 14 “Dentro de poucas semanas, darei a mim mesmo o prazer de enviar-lhe um pequeno livro sobre as afasias, pelo qual eu próprio nutro um sentimento caloroso. Nele, sou muito despudorado, *terço* armas contra seu amigo Wernicke, com Lichtheim e Grashley, e chego até a arranhar o poderosíssimo ídolo Meynert”. Carta de Freud a Fliess 2/05/1891 In: FREUD, Sigmund *Brief an Wilhelm Fliess* (1887-1904) Frankfurt am Main: Fischer, 1999; Versão portuguesa MASSON, Jeffrey Moussaieff (1986) *Correspondência S. Freud-Wilhelm Fliess* Trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro, Imago, p. 28.

<sup>140</sup> No entanto, em 1939 (ano da sua morte), Freud declina a sugestão de incluir esse texto na edição cronológica de suas obras completas em alemão, já que esse texto fazia parte de seus estudos neurológicos e não psicanalíticos.

<sup>141</sup> Carta de Freud a Fliess 21/05/1894 In: MASSON op. cit., p. 74.

vigentes ele soma diversas fontes de conhecimento (a observação clínica, a filosofia e a estética) para teorizar seu objeto. A intenção de Freud no estudo crítico das afasias é “ver o que é que nos ensina a observação das perturbações da fala sobre a estrutura e a função do aparelho da linguagem”.<sup>142</sup> No primeiro capítulo, menciona que foi incitado a realizar esse estudo por um trabalho de Exner e Paneth<sup>143</sup>. Trata-se de um relato de pesquisa experimental, por meio do qual esses fisiologistas puderam demonstrar que o isolamento cirúrgico de uma área cortical em cachorros produzia o mesmo efeito que um corte. Esse estudo reunia entre suas causas uma lesão localizada (corte das fibras nervosas) e uma perturbação funcional (traumatismo), algo antagônico do ponto de vista da fisiologia. Tomando esse antagonismo como referência, Freud propõe-se revisar as premissas da neurologia sobre a patologia afásica para tentar responder às críticas que ele mesmo faz a essas teorias vigentes.

Nesse período, considerava-se que uma excitação visual, auditiva, tátil etc. passava pelas fibras nervosas, cuja função era apenas a condução entre a periferia e o córtex, deixando impressões duradouras em um local determinado do cérebro. A área de recepção e produção de linguagem, segundo os estudos da época, era restrita, e as funções nervosas correspondiam a regiões anatomicamente bem definidas. Os primeiros achados de Broca permitiram estabelecer esse tipo de restrição das áreas da linguagem e relacioná-las com

---

<sup>142</sup> “[...] was uns das Studium der Sprachstörungen für die Function dieses Apparates lehrt“. FREUD *Zur Auffassung der Aphasien* op. cit., p. 75. Embora no estudo crítico das afasias a crítica freudiana a Meynert pareça contundente, Freud dá continuidade a algumas idéias de seu antigo professor como a de “aparelho da alma” (*Seelenapparat*). Freud toma emprestada essa idéia e desenvolve o conceito de “aparelho da linguagem” (*Sprachapparat*). Segundo Stengel, o ‘aparelho da linguagem’ poderia ser pensado também como o irmão mais velho do ‘aparelho psíquico’ enunciado por Freud anos depois. FREUD *La afasia* op. cit., p. 12.

<sup>143</sup> STENGEL, *Introducción* In: FREUD *La afasia* op.cit. p 8.

diversas patologias (ele chama "afemia"<sup>144</sup> a doença que depois o fonoaudiólogo francês Troisseau, especialista em questões da fala, nomeou "afasia"). Cito Freud:

Im Jahre 1861 teilte Broca<sup>145</sup> der Société anatomique von Paris jene beiden Sectionsbefunde mit, aus denen er schliessen durfte, dass Läsion der dritten (oder ersten, wenn man von der Sylvi'schen Furche zu zählen beginnt) linken Frontalwindung völligen Verlust oder höchstgradige Einschränkung der articulirten Sprache – bei sonstiger Intactheit der Intelligenz und der anderen Sprachfunctionen – zur Folge hat<sup>146</sup>.

Mas, treze anos depois do achado de Broca, Wernicke publica um ensaio que conquista fama perdurável<sup>147</sup>, segundo Freud:

Er beschrieb in derselben eine andere Art von Sprachstörung, welche das Gegenstück zur Broca'schen Aphasie darstellt, den Verlust des Sprachverständnisses bei erhaltener Fähigkeit, sich der articulirten Sprache zu bedienen, und erklärte diesen Functionsausfall durch eine von ihm vorgefundene Läsion in der ersten linken Temporalwindung.<sup>148</sup>

Levando em consideração o problema das lesões cerebrais, Freud submete as teorias sobre a afasia a uma análise sistemática. Os estudos post-mortem

---

<sup>144</sup> Segundo Broca, afemia era a perda da linguagem articulada, sem alteração do sistema de significados CARRETER, Lázaro *Diccionario de términos filosóficos* Madrid: Gredos, p. 30-31.

<sup>145</sup> BROCA, P. (1861) *Sur le siège de la faculté du langage articulé avec deux observations d'aphemie* citado por Freud In: FREUD *Zur Auffassung der Aphasien* op. cit., p. 2. Existem informes sobre casos de afasia desde 1742 (perda de linguagem), mas o primeiro a estudar os fatos e ligá-los a uma lesão no cérebro foi o médico francês Jean B. Bouillard. Em 1825 afirmou que os lobos frontais eram as partes cerebrais relacionadas principalmente com a emissão da palavra. Para sustentar sua tese, apresentou 114 casos. Posteriormente, Andral informou sobre 14 casos que refutavam a tese de Bouillard.

<sup>146</sup> FREUD *Zur Auffassung der Aphasien* op. cit., p. 2. "En 1861, Broca presentó a la Société Anatomique de Paris los dos hallazgos postmortem que le permitieron llegar a la conclusión de que una lesión en la tercera circunvolución frontal provocaba la perdida completa o la reducción severa del lenguaje articulado, mientras que las otras funciones del lenguaje y el intelecto permanecían indemnes". FREUD *La afasia* Trad. Ramón Alcalde, Buenos Aires: Nueva Visión, 1987, p. 18. [Na versão portuguesa não consta esse trecho].

<sup>147</sup> WERNICKE (1874) *Der aphasische Symptomenkomplex* Breslau; citado por Freud In: FREUD *Zur Auffassung der Aphasien* op. cit., p. 2.

<sup>148</sup> "[...] describió otro tipo de trastorno del lenguaje que constituye el reverso de la afasia de Broca, es decir, la pérdida de la comprensión con mantenimiento de la posibilidad de usar el lenguaje articulado. Atribuyo ese trastorno a la lesión de la primera circunvolución temporal..." FREUD *La afasia* op. cit. p. 18.

iniciados por Broca e Wernicke, assim como os casos estudados por Lichtheim<sup>149</sup>, deram origem a duas grandes hipóteses: a primeira sustentava que a afasia era causada pela destruição dos centros da linguagem situados nos limites das áreas corticais do cérebro (receptivo-motor); a segunda, que a afasia era causada pela destruição das vias que conectam esses centros (“afasia de condução”). Ambas, as centrais e as de condução, supunham a íntima relação topológica entre os centros da linguagem. Esse é o estado de coisas no momento em que Freud escreve o estudo crítico das afasias. Sua crítica à teoria de Broca dirige-se especificamente contra a idéia de uma *relação de necessidade* unívoca entre o sintoma afásico e a lesão cerebral central.

Para Freud, os centros da linguagem são partes do córtex que podem sofrer ou não de patologias, mas sem nenhum significado fisiológico especial. Freud mostra assim alguns equívocos na afasia de condução de Wernicke. Na busca do processo fisiológico da linguagem, que segundo Wernicke estava regido por um movimento reflexo (*cerebraler Reflex*), ele manifesta sua expectativa de poder relacionar as diversas falências da linguagem com um número determinado de lesões cerebrais<sup>150</sup>. Freud não concorda com esse procedimento. Todavia, a multiplicidade de transtornos da linguagem que deviam ser esclarecidos levou Lichtheim a desenhar um esquema diferente, obtendo como resultado sete tipos

---

<sup>149</sup> LICHTHEIM (1884) *Über Aphasie* Deutsch Arch. f. Klin Med. Vol.36. Citado por Freud.

<sup>150</sup> Segundo Freud, ao questionar Wernicke sobre a localização das funções psíquicas, ele responde que só seria possível localizar as funções mais elementares (*“nur für die elementarsten Functionen”*)<sup>150</sup> [FREUD *Zur Auffassung der Aphasien* op. cit., p. 2]. Do ponto de vista de Freud, a localização de uma impressão (elemento único e simples), a localização de conceitos complexos, ou ainda de qualquer atividade psíquica em geral, é um grande erro. Localizar as funções psíquicas na terminação do nervo periférico significa um “erro de princípio”. FREUD *Zur Auffassung der Aphasien* op. cit., p. 56. Freud critica essa noção estanque e restrita de localização e outorga importância (em oposição a Wernicke) à “proximidade” das áreas do cérebro, possibilitando uma constante relação entre as áreas.

de afasia (dois tipos centrais, dois de condução e três mistos). Lichtheim corrobora esses tipos na clínica de um baixo número de pacientes (mas não em observações anatômicas). Por esse motivo, muitos neurologistas consideram que seu esquema tão famoso é apenas ilustrativo.

Na descrição das afasias de condução (em que o centro está intacto, mas os feixes interrompidos), Wernicke manifesta que o paciente fala muito, mas de forma defeituosa (uso confuso das palavras), porque não consegue identificar as palavras “ouvidas”. Entretanto, a linguagem espontânea e a compreensão não sofrem grande alteração. Freud manifesta que essa “dissociação” das capacidades da linguagem (repetição de palavras ouvidas/capacidade de compreensão/linguagem espontânea) não é sustentável. Pois a faculdade de repetir (tendo ouvido) uma palavra não se perde se estão intactas a fala e a compreensão; tendo em vista que a repetição do que foi ouvido e a possibilidade espontânea da fala<sup>151</sup> dependem das mesmas fibras de condução ([Nerven]*Bahn*): “Die Fähigkeit des Nachsprechens geht niemals verloren, wenn das Sprechen und das Verstehen erhalten sind, sie fehlt nur 1. wenn das Worthören gestört ist”.<sup>152</sup>

Para Freud, o uso errado das palavras<sup>153</sup> (razões que levaram Wernicke a acreditar na interrupção dos feixes) corresponde a um tipo de transtorno da linguagem que propõe nomear “parafasia” (*Paraphasie*). Esses distúrbios que haviam sido associados à destruição das fibras que conectam os centros motor e

---

<sup>151</sup> Nasce a partir daqui uma ampla reflexão sobre a importância da relação boca-ouvido na constituição do aparelho psíquico. Retomaremos esse tema.

<sup>152</sup> FREUD *Zur Auffassung der Aphasien* op.cit. p. 12. “La facultad de repetir nunca se pierde mientras permanezcan intactos el habla y la comprensión. Esta ausente sólo: 1) si falta enteramente el habla o 2) si está deteriorada la audición”. FREUD *La afasia* op. cit. p. 28.

<sup>153</sup> Em que uma palavra adequada é substituída por outra menos adequada.



sensorial do cérebro são, para Freud, distúrbios puramente funcionais do aparelho da linguagem. E Freud esclarece:

Wir behalten es einer späteren Erörterung vor, welche Bedeutung das Symptom der Paraphasie (Wortverwechslung) beanspruchen kann, und wieso Wernicke dazu gelangte, es als charakteristisch für eine Unterbrechung zwischen *a* und *b* hinzustellen. An dieser Stelle sei nur erwähnt, dass die bei Kranken beobachtete Paraphasie sich in nichts von derjenigen Wortverwechslung unterscheidet, die der Gesunde bei Ermüdung, bei geteilter Aufmerksamkeit, beim Einfluss störender Affecte an sich beobachten kann, durch die z. B. unsere Vortragenden uns so häufig das Zuhören peinlich machen.<sup>154</sup>

É legítimo admitir, segundo Freud, que o funcionamento da linguagem está submetido a leis de outra ordem, diferentes das leis fisiológicas que priorizam o órgão e a localização. O aparelho da linguagem não necessita adoecer para não funcionar bem, pois seu funcionamento “peculiar”, evidente nos erros de fala, assim como nas alterações das representações dos objetos, nem sempre se refere a uma lesão cortical, mas ao próprio processo de associação.

Para além dos argumentos da neuropatologia, Freud mostra que as perturbações da função da fala apresentam-se não apenas em pessoas com lesão cerebral, mas em pessoas sãs em estado de fadiga ou com a atenção alterada. O uso errado das palavras, acompanhado de abundantes impulsos de fala, comporta um mecanismo que em nada difere, se comparados sujeitos normais e outros cuja lesão foi comprovada. Por esse caminho, Freud introduz o aspecto psicológico em

---

<sup>154</sup> FREUD *Zur Auffassung der Aphasien* op.cit. p. 13. “Nos proponemos diferir el análisis del síntoma de parafasia (uso equivocado de las palabras), y también de las razones que llevaron a Wernicke a considerarlo característico de una interrupción entre *a* y *b*. [centro motor e sensible] En esta etapa sólo queremos mencionar que la parafasia observada en los pacientes afásicos no difiere del uso errado y de la distorsión de las palabras que las personas normales pueden observar en sí mismas en estados de fatiga o de división de la atención, o bajo el influjo de emociones perturbadoras, fenómeno semejante al que ocurre a nuestros conferencistas y que causa un penoso embarazo a los oyentes. FREUD *La Afasia* op. cit., p. 29-30.

um território dominado pelas leis da localização da linguagem. E, ao recusar a localização como efeito de uma causalidade mecânica, Freud pode deixar, também, de lado, a distinção entre “centros” e “vias de condução da linguagem”, neutralizando a noção restrita e localizacionista do patológico.

A experiência de Grashey<sup>155</sup> foi crucial, segundo Freud. Ele legou a idéia de que o transtorno da linguagem estaria também ligado a uma deterioração geral da percepção (*Schädigung der Perception*)<sup>156</sup>. Grashey comprovou que havia casos de afasia (especificamente no esquecimento de nomes) que não tinham lesão localizada e cujos sintomas podiam ser atribuídos a uma constante alteração psicológica no aparelho da linguagem (afasia de Grashey). Segundo Freud, esse trabalho foi o primeiro a investigar a interdependência das impressões da fala, da compreensão e da memória, permitindo-lhe entrever o complexo percurso das associações psíquicas. Desta forma, Freud chega a algumas conclusões. Em primeira instância, a de que há uma interdependência (atividade associada) dos centros da linguagem. Cito Freud:

Der Fall, dass die Thätigkeit eines Centrums durch die mit ihm associirte Thätigkeit eines anderen unterstützt sein muss, wenn eine Sprachleistung erfolgen soll, ist in der Pathologie der Sprachstörungen gar nicht selten beobachtet worden. Am häufigsten tritt er für das visuelle Centrum (den Ort der Buchstabenbilder) sein [ein], weshalb in solchen Fällen das Lesen unmöglich ist, wenn nicht die einzelnen Buchstaben nachgeschrieben oder in der Luft nachgezogen werden. Westphal hat zuerst eine solche Beobachtung eines Aphasischen, der nur “schreibend las”, mitgeteilt; in den von mir übersetzten neuen Vorlesungen Charcot's<sup>157</sup> findet sich die ausführliche Krankengeschichte eines anderen Wortblinden, der sich desselben

---

<sup>155</sup> GRASHEY (1885) *Über Aphasie und ihre Beziehungen zur Wahrnehmung* Arch. f. Psychiatrie XVI; citado por Freud In: FREUD *Zur Auffassung der Aphasien* op. cit., p. 39.

<sup>156</sup> FREUD *Zur Auffassung der Aphasien* op. cit., p. 38.

<sup>157</sup> CHARCOT (1886) *Neue Vorlesungen über die Krankheiten des Nervensystem* Trad. S. Freud Viena, p.137.

Kunstgriffes bediente. Die Pathologie der Sprachstörungen wiederholt hiermit einfach einen Zustand, der normalerweise während des Erlernens der Sprachfunktionen vorhanden war.<sup>158</sup>

Em segunda instância, chega à conclusão de que há um processo de aquisição da linguagem; fato que coloca em destaque as diferentes etapas atravessadas pelo sujeito humano. Quando aprendemos a falar e a escrever, estamos ligados às hierarquias<sup>159</sup> dos centros cerebrais, pois eles assumiram sua função em tempos diferentes. Freud considera o primeiro momento o sensorial-auditivo (*sensorisch-akustisch*); em seguida, o motor da fala (*motorisch*); depois o visual (*visuell*); e, por último, o motor gráfico (*graphisch*)<sup>160</sup>. Dessa maneira, na retomada da afasia amnésica de Grashey, Freud defronta-se *in extenso* com certos aspectos “estranhos” da linguagem verbal que comportam sinais de “alteração” no aparelho e que há muito tempo chamavam a atenção dos neurologistas e cientistas. Contudo, que conclusões Freud extrai dos casos em que há lesão cerebral comprovada?

Nos casos de pacientes afásicos cuja lesão afetou amplamente o córtex, Freud dá atenção ao repertório de linguagem que perdura na memória, composto, por exemplo, de restos de linguagem (*Sprachreste*)<sup>161</sup> ou fortes xingamentos e

---

<sup>158</sup> FREUD *Zur Auffassung der Aphasien* op. cit., p. 42-43. “En el estudio de los trastornos del lenguaje se ha observado a menudo que, para que se produzca el lenguaje, la actividad de un centro necesita ser ayudada por la actividad de otro asociado con ella. El centro visual (área de las imágenes de las letras) muestra esta necesidad con suma frecuencia, y en tales casos es imposible escribir a no ser que cada una de las letras sean copiadas, o trazadas en el aire. Westphal fue el primero en comunicar esta observación en un paciente afásico que podía leer sólo cuando al mismo tiempo ejecutaba los movimientos de escribir. En las *Nuevas lecciones* de Charcot, que he traducido recientemente, encontramos la historia completa de otro paciente con ceguera verbal que se valía de idéntico mecanismo. Por consiguiente, las afasias [la patología de las perturbaciones del lenguaje] no hacen otra cosa que reproducir un estado que existió en el curso del proceso normal de aprendizaje del habla” FREUD *La afasia* op. cit., p. 56-7.

<sup>159</sup> Aprende-se: i) a falar, ii) a linguagem, iii) a soletrar e vi) a escrever.

<sup>160</sup> FREUD *Zur Auffassung der Aphasien* op. cit., p. 43.

<sup>161</sup> Idem, p. 63.

blasfêmias (*kräftige Flüche*). Seguindo as considerações do psicólogo inglês Hugling Jackson<sup>162</sup>, Freud sugere que esse repertório de fonemas e frases tem um significado especial; o sentido desse repertório deve ser interpretado como uma linguagem emocional que escapa à lesão. “Die Sicherheit unseres Sprechens erscheint so überbestimmt und kann den Ausfall des einen oder des anderen der bestimmenden Momente gut vertragen”.<sup>163</sup>

A afasia amnésica e a linguagem emocional que perdura na fala do afásico levam Freud a se questionar sobre o funcionamento da memória. Para Meynert as idéias e lembranças estavam armazenadas nas células cerebrais. Ele supõe a projeção do corpo no córtex cerebral<sup>164</sup>. Ele supunha que o corpo, com seu arsenal de instrumentos sensíveis estaria representado no córtex<sup>165</sup> por analogia. Nesse território de armazenamento estariam retratadas, sem interferência, as impressões sensoriais provenientes do mundo<sup>166</sup>, constituindo imagens de memória. Freud considera essa visão um equívoco anatômico e histológico. Ele indica que as fibras nervosas, ao entrarem nos núcleos da medula, são mais numerosas que as que passam daí para o córtex. Nesse sentido, Freud estabelece uma diferença crucial entre o conceito de projeção (*Projection*) e o de representação (*Repräsentation*): “Heisse die Abbildung im Rückenmarksgrau eine Projection, so

---

<sup>162</sup> Idem, p. 57.

<sup>163</sup> Idem, p. 76. “Los resguardos que tiene nuestro lenguaje contra su interrupción aparecen, pues, sobredeterminados, y el lenguaje puede tolerar fácilmente la pérdida de uno u otro elemento.” FREUD, Sigmund *La afasia* op. cit. p. 87-8.

<sup>164</sup> FREUD *Zur Auffassung der Aphasien* op. cit., p. 51.

<sup>165</sup> Freud questiona também a doutrina de Meynert sobre a preeminência do córtex na função do cérebro. E leva em consideração caracteres da gênese do cérebro fornecidos pela teoria da evolução e aplicados à neurologia. A estrutura do cérebro, afirma Freud, descansa em dois aparelhos dos quais o córtex é o mais jovem, e os gânglios bi-encefálicos constituem a mais antiga. Para Meynert, as idéias e lembranças estavam armazenadas nas células cerebrais. NASSIF *Freud. L'inconscient* op. cit. p. 141.

<sup>166</sup> FREUD *Zur Auffassung der Aphasien* op. cit., p. 4-6. FREUD *La afasia* op. cit., p. 19.

wird es vielleicht passend sein, die Abbildung in der Grosshirnrinde eine Repräsentation zu heissen und zu sagen [...]“.<sup>167</sup>

Esse aspecto havia sido desenvolvido por Henle<sup>168</sup>, para quem havia uma “redução das fibras” através das massas cinzentas. A redução não permite aceitar a tese da continuidade entre a periferia e o cérebro no processo de armazenamento das impressões; e se, de alguma forma, a periferia do corpo estiver contida no córtex cerebral, Freud acredita que não é ponto por ponto. Define assim seu primeiro conceito de representação (*Vorstellung*) através de uma metáfora poética que se destaca do discurso médico:

Sie enthalten die Körperperipherie, wie – um ein Beispiel dem uns hier beschäftigenden Gegenstande zu entlehnen – ein Gedicht das Alphabet enthält, in einer Umordnung, die anderen Zwecken dient, in mannigfacher Verknüpfung der einzelnen topischen Elemente, wobei die einen davon mehrfach, die anderen gar nicht vertreten sein mögen.<sup>169</sup>

Essa aparente digressão estilística oferece-nos uma idéia inicial do caráter simbólico que irá adquirir a representação (*Vorstellung*) na obra de Freud; conceito *em construção* que está sendo esboçado no texto das afasias e escapa às leis óticas da projeção das imagens<sup>170</sup> utilizada por Meynert. A teoria da representação em Freud apresenta diversos graus dentro de um processo múltiplo de delegação e reenvios das impressões sensoriais e motrizes (essa idéia está presente na definição de histeria do dicionário Villaret) para “outro” domínio dentro de um

---

<sup>167</sup> FREUD *Zur Auffassung der Aphasien* op. cit., p. 52. “Si llamamos ‘proyección’ al modo como la periferia está reflejada en la médula espinal su contraparte en la corteza cerebral podría ser convenientemente llamada una “representación” FREUD *La afasia* op. cit., p. p. 66.

<sup>168</sup> FREUD *Zur Auffassung der Aphasien* op. cit., p. 52.

<sup>169</sup> FREUD *Zur Auffassung der Aphasien* op. cit., p. 55. “[los haces de fibras] contienen la periferia del cuerpo de la misma manera que [...] un poema contiene el alfabeto, es decir una disposición completamente diferente que está al servicio de otros propósitos, con múltiples asociaciones de los elementos individuales en las que algunos pueden estar representados varias veces y otros totalmente ausentes” In: FREUD *La Afasia* op. cit., p. 68.

<sup>170</sup> NASIFF *Freud. L'inconscient* op. cit., p. 143.

aparelho cuja estrutura é heterogênea. O tratamento que Freud dá ao processo de modificação encarregado de produzir as “representações” comporta também uma forma diferente de abordar a relação entre as representações e o âmbito material em que se produzem as inscrições. Pela primeira vez foi arrancada toda substancialização do conceito de representação<sup>171</sup>.

Antes de abordar a representação em sua especificidade, Freud discute mais uma hipótese forte na época, defendida também por Meynert: pensava-se que, entre os diversos centros da linguagem, existiam zonas carentes de função. Para Meynert<sup>172</sup>, nos processos fisiológicos da ocupação do córtex pelas imagens de memória intervém certo número dessas células. A receptividade da memória estaria limitada pelo número de células disponíveis no córtex, deixando algumas regiões isentas de função, ou em reserva, para serem utilizadas na aquisição de novos conhecimentos de linguagem. Freud opõe-se taxativamente a essa idéia:

Wir haben es abgelehnt, die psychischen Elemente des Sprachvorganges an bestimmte Stellen dieses Gebietes zu localisiren, haben die Vermuthung zurückgewiesen, als beständen innerhalb dieses Gebietes Regionen, welche von der gemeinen Sprachthätigkeit ausgeschlossen sind und für neue Erwerbungen an Sprachkenntnissen frei gehalten werden.<sup>173</sup>

---

<sup>171</sup> Idem, p. 144.

<sup>172</sup> “Es folgt hieraus natürlich, dass im physiologischen Gange der Occupation der Hirnrinde durch Erinnerungsbilder eine wachsende Ausbreitung der Besetzung von Rindenzellen stattfindet...” MEYNERT (1884) *Psychiatrie Erste Hälfte* p. 140, citado por Freud *Zur Auffassung der Aphasien* op. cit. 60.

<sup>173</sup> FREUD *Zur Auffassung der Aphasien* op. cit., p. 69. “Nos hemos negado a localizar los elementos psíquicos del proceso del lenguaje en áreas específicas dentro de esta región; hemos rechazado la suposición de que hubiera áreas dentro de esta región que estuvieran excluidas de la función del lenguaje en general y que se mantuvieron en reserva para la adquisición de un nuevo conocimiento del lenguaje”. FREUD *La afasia* op. cit., p.78.

O território da linguagem seria, para Freud, “uma área contínua do córtex” (*zusammenhängenden Rindengebietes*<sup>174</sup>) na qual se produzem associações e transferências. A hipótese freudiana considera essa área da linguagem uma região contínua que excede, em definitivo, toda compreensão (“...in einer dem *Verständniss nicht näher zu bringenden Complicirtheit vor sich gehen*”<sup>175</sup>). Portanto, a representação não se localiza de maneira restrita na célula nervosa, nem é independente das associações, como pensa Wernicke. Freud pensa que a relação entre o processo fisiológico do sistema nervoso e os processos mentais provavelmente não é de causa e efeito:

Die Kette der physiologischen Vorgänge im Nervensystem steht ja wahrscheinlich nicht im Verhältniss der Causalität zu den psychischen Vorgängen. Die physiologischen Vorgänge hören nicht auf, sobald die psychischen begonnen haben; vielmehr geht die physiologische Kette weiter, nur dass jedem Glied derselben (oder einzelnen Gliedern) von einem gewissen Moment an ein psychisches Phänomen entspricht. Das Psychische ist somit ein Parallelvorgang des Physiologischen (“a dependent concomitant”).<sup>176</sup>

Sem abandonar as considerações anatômicas, Freud propõe duas noções: a de fatores tópicos (*topische Momente*) e a de fatores funcionais (*functionelle Momenten*).<sup>177</sup> Nesses momentos, as cadeias de acontecimentos fisiológicos e de processos psicológicos são concomitantes, já que o estímulo sensorial produz a modificação fisiológica das fibras nervosas, das quais o aparelho depende. O mecanismo da representação (*Vorstellungsmechanik*) não se define como um

---

<sup>174</sup> FREUD *Zur Auffassung der Aphasien* op. cit., p. 68.

<sup>175</sup> Idem, p. 64.

<sup>176</sup> FREUD *Zur Auffassung der Aphasien* op. cit., p. 56-57. “La relación entre la cadena de sucesos fisiológicos que se dan en el sistema nervioso y los procesos mentales probablemente no sea de causa y efecto. Aquellos no cesan cuando éstos comienzan: tienden a continuar, pero, a partir de cierto momento, un fenómeno mental corresponde a cada parte de la cadena o a varias partes. El proceso psíquico es, por lo tanto, paralelo al fisiológico, “un concomitante dependiente” FREUD *La afasia* op. cit., p.70.

<sup>177</sup> FREUD *Zur Auffassung der Aphasien* op. cit., p. 55.

elemento da vida psíquica ou como um elemento especulativo, mas como a modificação material em uma rede que reage à passagem da medula para o córtex. E, cada vez que o mesmo estado cortical volta a ser suscitado, o acontecimento psíquico anterior emerge como lembrança (modificação funcional).

Freud é consciente de que a frase usada pelos neurologistas, “uma idéia está localizada na célula nervosa”, é uma frase elíptica (“...des *elliptischen Ausdrucks: In der Nervenzelle sei eine Vorstellung localisirt*”<sup>178</sup>), usada pela falta de conhecimento desse processo de modificação que, a seu ver, é importante investigar independentemente do seu correspondente concomitante psicológico.<sup>179</sup>

Segundo Salzano Moraes:

Freud coloca em questão a relação [...] não-dinâmica, entre as funções e localizações, e toma a noção de modificação de significação funcional, para qualificar esse trajeto (que é do campo da fisiologia) da excitação sensorial através das fibras nervosas, até a célula central. Freud está interessado em saber, de um ponto de vista não reflexivo da relação entre o fisiológico e o psicológico, o que seria, a partir dessa noção de modificação, o correspondente fisiológico da representação.<sup>180</sup>

Fica expresso que o correspondente fisiológico da representação é para Freud algo da “natureza de um processo” que traz a localização (*Dieser Vorgang verträgt die Localisation*<sup>181</sup>); esse processo de modificação é o que deixa uma lembrança (*Erinnerung*).

---

<sup>178</sup> Idem, p. 57.

<sup>179</sup> “En psicología, la idea simple es para nosotros algo elemental que podemos diferenciar claramente de su conexión con otras ideas. Esta es la razón que nos sentimos tentados a presumir que su correlato fisiológico, es decir la modificación de las células nerviosas que se origina por la estimulación de las fibras nerviosas, sea también algo simple y localizable. Tal inferencia, por supuesto, carece de todo fundamento; las cualidades de esta modificación tienen que ser establecidas en sí mismas e independientemente de sus concomitantes psicológicos”. FREUD *La Afasia* p. 70.

<sup>180</sup> SALZANO MORAES, Maria Rita *Materna / Estrangeira: o que Freud fez da Língua* (Tese de Doutorado IEL, UNICAMP), Campinas, 1999, 5-7.

<sup>181</sup> FREUD *Zur Auffassung der Aphasien* op. cit., p. 58.



Was ist nun das physiologische Correlat der einfachen oder der für sie wiederkehrenden Vorstellung? Offenbar nichts Ruhendes, sondern etwas von der Natur eines Vorganges. Dieser Vorgang verträgt die Localisation, er geht von einer besonderen Stelle der Hirnrinde aus und verbreitet sich von ihr über die ganze Hirnrinde oder längs besonderer Wege. Ist dieser Vorgang abgelaufen, so hinterlässt er in der von ihm afficirten Hirnrinde eine Modification, die Möglichkeit der Erinnerung. Es ist durchaus zweifelhaft, ob dieser Modification gleichfalls etwas Psychisches entspricht; unser Bewusstsein weist nichts dergleichen auf, was den Namen "latentes Erinnerungsbild" von der psychischen Seite rechtfertigen würde.<sup>182</sup>

Portanto, a distinção entre sensação e associação torna-se ineficiente, pois esses são nomes para designar duas perspectivas do mesmo processo de conexão (concomitante e dependente) entre a *sensação* (fisiológica) e a *associação* (psicológica): "Wir können keine Empfindung haben, ohne sie sofort zu associiren."<sup>183</sup>

Há uma relação indissociável entre a estrutura material dos centros da linguagem (que vão além das áreas estabelecidas no cérebro) e a função da linguagem; entre a localização (que se difunde pelo córtex ("*verbreitet sich von ihr*

---

<sup>182</sup> "¿Cuál es pues el correlato fisiológico de la simple idea que emerge o vuelve a emerger? Obviamente, nada estático, sino algo que tiene carácter de proceso. Este proceso no es incompatible con la localización. Comienza en un punto encefálico de la corteza y a partir de allí se difunde por toda la corteza y a lo largo de ciertas vías. Cuando éste hecho ha tenido lugar, deja tras sí una modificación, con la posibilidad de un recuerdo en la parte de la corteza afectada. Es muy dudoso que este suceso fisiológico esté asociado de algún modo con algo psíquico. Nuestra conciencia no contiene nada que, desde el punto de vista psicológico, pueda justificar el término "imagen latente del recuerdo. Sin embargo, cada vez que el mismo estado cortical vuelve a ser suscitado, el suceso psíquico anterior emerge nuevamente como recuerdo." FREUD *La afasia* op. cit., p.70-71.

<sup>183</sup> FREUD *Zur Auffassung der Aphasien* op. cit., p. 58. "No podemos tener una percepción sin asociarla inmediatamente [...] [...] La localización de los correlatos fisiológicos de la percepción y la asociaciones, por lo tanto, idéntica, y como la localización de una percepción no significa otra cosa que la localización de su correlato, nos es imposible contar con una localización separada para cada uno de ellos. Ambos surgen del mismo lugar y en ningún momento son estáticos". FREUD *La Afasia* op. cit., p. 71-2.

über die ganze Hirnrinde...”<sup>184</sup>) e a modificação que produzem rastros mnêmicos.

Freud esclarece:

Das Associationsgebiet der Sprache, in welches optische, akustische und motorische (oder kinästhetische) Elemente eingehen, breitet sich eben darum zwischen den Rindenfeldern dieser Sinnesnerven und den betreffenden [n] motorischen Rindenfeldern aus.<sup>185</sup>

As regiões da linguagem, afirma Freud, mostradas pela anatomia patológica, valem apenas para essa ciência, mas não para a fisiologia, para a qual não há um local específico em que se desenvolve o processo de associação. A questão é como conciliar, sob o requisito de dependência do sistema nervoso (composto de neurônios que condicionam as funções psicológicas), a passagem da “função” para o “processo” da representação. Nos casos de transtornos da linguagem, Freud sustenta que se houver uma interrupção nas fibras, o importante é que isso traz uma modificação funcional do aparelho.

Freud retoma as idéias de Jackson<sup>186</sup>, que era partidário da lei de concomitância entre o fisiológico e o psicológico. No exame feito em pacientes em condições patológicas, Jackson afirma que os problemas da linguagem representam instâncias da regressão funcional (des-involução) do aparato da linguagem que organiza e integra todas as funções em processos. Nesse sentido, a regressão (no caso de lesão) corresponde a estados prévios do desenvolvimento funcional do aparelho. Para Jackson, existem diversos níveis de

---

<sup>184</sup> FREUD *Zur Auffassung der Aphasien* op. cit., p. 58. “...se difunde por toda la corteza”. FREUD *La Afasia* op. cit., p. 71.

<sup>185</sup> FREUD *Zur Auffassung der Aphasien* op. cit., p. 65. “El área asociativa del lenguaje, en la cual entran los elementos visuales, auditivos y motores (o sinestésicos) se extiende por esta misma razón entre las áreas corticales de aquellos nervios sensoriales y regiones motoras vinculadas con el lenguaje” FREUD *La afasia* op. cit. p.77, (grifos nossos).

<sup>186</sup> JACKSON, Hughlings (1879-9) *Brain* I; citado por Freud, In: FREUD *Zur Auffassung der Aphasien* op. cit., p. 57.

ordenamento: aquilo que se perde mais rapidamente corresponde a um ordenamento de nível superior ao adquirido mais tardiamente; enquanto outros ordenamentos, mais simples e antigos, seriam os que perduram. Esse aspecto dinâmico esclarece um grande número de afasias<sup>187</sup>. A estruturação da função da linguagem é um modelo intrínseco também para as novas associações psíquicas no decorrer do tempo, por exemplo, no aprendizado de línguas estrangeiras. Estas utilizarão as mesmas áreas das linguagens já apreendidas, produzindo uma sobre-inscrição (*Überschrift*). Ao estudar os casos de transtornos de linguagem em políglotas, observa que o conjunto das associações sobrepostas (as mais atuais) perde-se antes do conjunto das associações cronologicamente mais antigas.

A memória lacunar do afásico, contudo, sob o aspecto de “sujeito de discurso que falha”, apresenta-se nesses diversos restos que perpetuam os rastros de experiências traumáticas. Os erros da fala, a repetição de fonemas e os esquecimentos conduzem a um momento particular na história e na verdade<sup>188</sup> do paciente. Freud pensa que esse momento chave na história do sujeito está ligado à origem da regressão gradativa do seu sistema fonológico. Dessa maneira, o modelo freudiano de interpretação da afasia confere relevância semiótica ao erro, à repetição de palavras, xingamentos e blasfêmias; são esses cacos de uma linguagem perdida cujo sentido pode, às vezes, ser restituído no trabalho de interpretação. No estudo das afasias, Freud outorga aos sintomas afásicos um “teor” semelhante (embora não idêntico) ao que atribuirá tempos depois aos sintomas neuróticos e à estrutura dos sonhos: o de um “enigma” subjetivo a ser

---

<sup>187</sup> FREUD *La afasia op. cit.*, p. 100.

<sup>188</sup> CANAPPELE, Alessandra *Qual é a angústia da afasia?* Texto preliminar para o projeto “*Estudo e acompanhamento psicanalíticos de sujeitos em estado de afasia*”. UNICAMP, 2006 (Inédito).

interpretado. A interpretação desses atos de linguagem confronta o intérprete com uma “ordem” geral dos processos psíquicos do sujeito, preparando o terreno para uma nova concepção teórica da linguagem por meio das patologias.

Nesse período, a teoria freudiana evidencia que na relação *sujeito-linguagem-mundo* as primeiras inscrições da linguagem, ligadas às imagens acústicas e visuais, são as que irão estruturar o aparelho da memória. No entanto, as representações não se encontram totalmente disponíveis para a consciência. Fica expresso na afasia (extensível ao aparelho da linguagem em geral) o conflito que acarreta no sujeito falante a dissolução da lógica das associações. Os processos da linguagem respondem à ação de forças provenientes de um âmbito separado da consciência. Os atos desarmônicos da fala dos afásicos possibilitaram a Freud pensar numa outra ordem lógica no sujeito<sup>189</sup>, expressa no estudo das afasias, cronologicamente anterior ao estabelecimento do sistema inconsciente/pré-consciente/consciente proposto na famosa *Carta 52*<sup>190</sup>. No ensaio sobre as afasias, assim como nos artigos *Histeria* e *Cérebro*, Freud se lança na teorização de certa estrutura *além da consciência* (excitações cerebrais que não atravessam o umbral da consciência), mostrando a amplidão do aparelho da linguagem e do aparelho da memória.

---

<sup>189</sup> Hoje podemos observar, *après coup*, que a afasia se torna para Freud um modelo de *parapraxis*, um ato de fala que traz os *efeitos psicológicos* do sujeito. Abre-se um caminho em direção àquilo que mais tarde seria pensado como a dimensão inconsciente do aparelho da linguagem.

<sup>190</sup> FREUD, Sigmund *Briefe an Wilhelm Fliess* (1887-1904) Hgg. Masson, Jeffrey M. 2. Auflage, Ficher: 1999; [p.217-219] FREUD *Carta 52 a Fliess* In: MASSON J. M. *A Correspondência Completa de S. Freud para Wilhelm Fliess*, (1887-1904), Trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Imago, 1986.

## Contribuição freudiana à teoria das representações

Assim como Adrien Proust no artigo *De l'aphasie*, Freud no seu ensaio crítico também parte da palavra para pensar no funcionamento da linguagem. Esse gesto o distancia ainda mais de Wernicke, que passa por alto a função da palavra e pretende esclarecer a localização cerebral das idéias, em definitivo, do pensamento. A palavra (*Wort*), afirma Freud, do ponto de vista psicológico, é sua unidade funcional (*“die Einheit der Sprachfunktion das ‘Wort’, eine complexe Vorstellung”*)<sup>191</sup>. A palavra é definida como um processo de associações fechado (suscetível de ampliação), composto por elementos aferentes de origem visual, acústicos e motores. Mas, como Freud afirma: “Das Wort erlangt aber seine Bedeutung durch die Verknüpfung mit der ‘Objectvorstellung’ [...]”<sup>192</sup>.

Para esclarecer esse processo de associação que não é regido pela lei do reflexo cerebral, Freud insere o “esquema psicológico da representação de palavra”, retomado da Lógica I, de John Stuart Mill. Nesse esquema (Fig. 1), observamos dois complexos associativos:

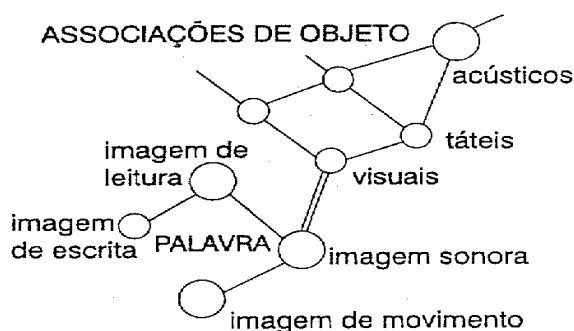


Fig. 1 Esquema psicológico da representação de palavra

<sup>191</sup> FREUD *Zur Auffassung der Aphasien* op. cit., p. 75.

<sup>192</sup> FREUD *Zur Auffassung der Aphasien* op. cit., p. 79. “Sin embargo la palabra adquiere su significado mediante su asociación con la ‘idea (concepto) del objeto’” FREUD *La afasia* op.cit., p. 90.

Ao retomar os conceitos de Mill, Freud esclarece:

Wir entnehmen der Philosophie, dass die Objectvorstellung ausserdem nichts Anderes enthält, dass der Anschein eines „Dinges“, für dessen verschiedene „Eigenschaften“ jene Sinneseindrücke sprechen, nur dadurch zu Stande kommt, die wir von einem Gegenstande erhalten haben, noch die Möglichkeiten einer grossen Reihe neuer Eindrücke in derselben Associationskette hinzu nehmen (J. S. Mill).<sup>193</sup>

O complexo associativo da representação de objeto é aberto e permite o ingresso de novos atributos e impressões na cadeia associativa, apresentada no esquema como uma rede de círculos que possibilitam a ampliação, enquanto a representação de palavra se mantém fechada<sup>194</sup>. No complexo associativo da representação de palavra, destaca-se a imagem acústica (a palavra essencialmente escutada), que se liga ao complexo associativo da representação de objeto por meio de uma linha de dupla direção, e cujo elo principal é a imagem visual.

Fica expressa a crucial importância que têm nesse processo as imagens acústicas e visuais. As associações produzidas no complexo associativo da palavra não se compõem apenas de sons articulados, mas de sons articulados dotados de sentido. Daí a importância da conformação das “imagens acústicas” (*Klangbilder*), além da materialidade sonora (*Klangvoll*), pois esse aspecto imagético do sonoro

---

<sup>193</sup> MILL, J. Stuart. *Logik I*, Cap III e *Examination of Sir William Hamilton's philosophy* citado por Freud In: FREUD *Zur Auffassung der Aphasien* op. cit., p. 80. “Según lo enseñado por la filosofía, la idea del objeto no contiene otra cosa, la apariencia de una “cosa”, cuyas “propiedades” nos son transmitidas por nuestros sentidos, se origina solamente del hecho de que al enumerar las impresiones sensoriales percibidas desde un objeto dejamos abierta la posibilidad de que se añada una larga serie de nuevas impresiones a la cadena de asociaciones” FREUD *La afasia* op. cit. p 90-1.

<sup>194</sup> Segundo Nassif, a representação de objeto cujo caráter é complexo e aberto, porque supõe que podem ser inseridas nessa cadeia novas associações, é um conceito que remete mais a Brentano que a Mill. NASSIF, Jacques *Freud. L'inconscient* Paris: Flammarion, p. 377

(*Klangbild*) auxilia no processo da fala, que significa vocalizar com um sentido, comunicar. Não por acaso, o tempo de que necessita a percepção humana para a atribuição de sentido é maior na imagem acústica do que na imagem visual.

O próprio Charcot aproxima-se da noção de “aparelho de linguagem” ao estabelecer uma afinidade entre as teorias da linguagem falada e a da imagem visual. Apoiando-se nos estudos de Ribot, Charcot considerou que a palavra possuía quatro elementos: a imagem auditiva, a imagem visual, a imagem motora de articulação e de articulação gráfica.<sup>195</sup> Com isso exige que sejam repensados os elementos constitutivos da palavra e das associações. Embora Freud retome esses elementos no seu esquema da linguagem, enuncia uma divisão (*clivage*) que gera uma oposição<sup>196</sup> entre as representações do aparelho em duas ordens: a da representação de palavra (*Wortvorstellung*) e a da representação de objeto (*Objektvorstellung*)<sup>197</sup>, um complexo fechado e um complexo não-fechado respectivamente. Essa distinção se prolonga bem adiante na obra psicanalítica freudiana. A novidade que traz a teoria freudiana nesse período do estudo das afasias reside no fato de que a representação de objeto não tem o monopólio da aferência dos elementos visuais, acústicos ou cinestésicos. O termo “aferente” em Freud indica um trânsito da palavra para o objeto em uma direção que contradiz o que em neurologia geralmente se entende por “aferência da excitação”. Nesse sentido, a contribuição freudiana, ao historiar as teorias sobre os problemas na fala, mostra que, para os neurologistas, havia sido fundamental o aspecto sonoro da

---

<sup>195</sup> RODRIGUÉ *Freud* op. cit., p. 226.

<sup>196</sup> ASSOUN *Metapsicologia freudiana* op. cit., p. 81.

<sup>197</sup> A representação-objeto (*Objektvorstellung*) será retomada e nomeada, no texto *O Inconsciente*, como representação-coisa (*Sachvorstellung*), enquanto a representação-palavra (*Wortvorstellung*) manterá a mesma denominação. FREUD *Lo Inconsciente* op. cit., p.197-98.

linguagem, pois propunha um “modelo de condução” desde o exterior do cérebro até os lobos. Os sons da linguagem falada seriam conduzidos pela via do nervo acústico até uma região situada no lobo temporal (centro sensorial da linguagem). Em seguida, os estímulos seriam transmitidos até a área de Broca (centro motor da linguagem), e esse último centro enviaria o impulso motor para a periferia, sob a forma da linguagem articulada (falada ou escrita). Um circuito semelhante seria o da percepção visual que estaria ligada à terminação cerebral do nervo ótico. No entanto, no modelo psicológico freudiano, no processo de associação que constitui a representação de palavra, opera efetivamente uma combinação de elementos e não apenas um movimento fisiológico de condução. Definitivamente, a representação de objeto será engendrada a partir da representação de palavra, pois é a palavra que está orientada para o objeto<sup>198</sup>. Cito Freud: “Die Behauptung, die wir auf Grund der Pathologie der Sprachstörungen nun aufstellen müssen, geht dahin, dass die Wortvorstellung mit ihrem sensibeln Ende (vermittelst der Klangbilder) an die Objektvorstellung geknüpft ist”.<sup>199</sup>

Na teoria freudiana, o problema da aferência de impressões sensoriais para a conformação das representações anuncia que a oposição entre o interior e o exterior (do corpo) não será tão decisiva quanto a diferença entre representação de palavra e representação de objeto. « La coupure décisive ne passe plus tant

---

<sup>198</sup> NASSIF *Freud. L'inconscient* op. cit., p. 374-5.

<sup>199</sup> FREUD *Zur Auffassung der Aphasien* op.cit., p. 80. “A la luz de las observaciones de los trastornos del lenguaje hemos formado la idea de que el concepto de la palabra (la idea de la palabra) esta conectada con su parte sensorial, en particular mediante sus impresiones sonoras con el concepto del objeto”. FREUD *La afasia* op. cit., p. 91.



entre le monde extérieur et l'appareil nerveux qu'au sein même de cet appareil entre deux systèmes de représentation, l'un clos et l'autre pas».<sup>200</sup>

Por esse motivo, a significação não está previamente nas coisas, antes da linguagem ou antes do pensamento; ela é produto da associação. As impressões exercem um papel importante nesse sentido, para poder determinar as qualidades das coisas; estas se organizam no processo de associação ao serem dotadas de significação e identidade, através das redes de associação da representação de palavra. Assim, a representação é, em Freud, um elemento relacional em primeiro grau.

Levando em consideração a divisão entre as representações, Freud busca um conceito de afasia que não esteja exposto às críticas feitas à localização, mas que esteja centrado nas condições de funcionamento do aparelho da linguagem que define. No campo patológico, sua originalidade foi correlacionar os diversos tipos de afasia às perturbações, conforme afetam as representações de objeto ou as representações de palavra, dividindo-as em três grupos. A primeira é puramente verbal (*verbale Aphasie*), entendida como perturbação que afeta algum dos elementos da representação de palavra, seja a imagem acústica ou motora, a imagem escrita ou da leitura. A segunda é a afasia simbólica (*symbolische Aphasie*), que perturba a associação entre a representação de palavra e a representação de objeto. E um terceiro tipo, as afasias agnósticas (*agnostische Aphasie – Agnosie*<sup>201</sup>), extrínsecas à linguagem e puramente funcionais, mas que

---

<sup>200</sup> LE GAUFÉY, Guy (1996) *Freud, entre les mots et les choses* In: LE GAUFÉY *L'incomplétude du symbolique* Paris, E.P.E.L., p. 128.

<sup>201</sup> FREUD *Zur Auffassung der Aphasien op.cit.*, p. 81.

produzem efeito afásico. Esse terceiro tipo sobrevém quando se produz uma perturbação no reconhecimento dos objetos, deixando-os fora do aparelho de linguagem e da produção sígnica. Freud distingue a perda da representação de palavra (afasia) da perda da representação de objeto (agnosia), conceito que considera apropriado para nomear o problema perceptivo descrito por Lissauer, em 1890, como “cegueira da alma”.<sup>202</sup>

A leitura do *Estudo crítico das afasias* tem instigado tanto os neurologistas quanto os psicanalistas freudianos. Trata-se de uma sutil mudança de nível provocada pelo distanciamento freudiano da neurologia na construção de sua teoria sobre o aparelho da linguagem, em que se outorga primazia ao acústico. Assim, a abordagem psíquica freudiana dos fenômenos lingüísticos em casos de afasia compõe um modelo para a captura de outros tipos de experiências de percepção. O conceito de associação e de representação, ambos desubstancializados, constituem, para Freud, a fonte relacional sujeito - linguagem - mundo por excelência; fonte de percepção estética e possibilidade de aquisição de novos conhecimentos. A linguagem falada não se manifestará apenas como um aspecto da linguagem entre outros, pois a fala tem uma dupla e importante função: revela-se como um efeito e, ao mesmo tempo, como o acontecimento que funda o aparelho de linguagem. Sob este ponto de vista, o acontecimento da fala opera como a *causa* do psíquico e, por conseguinte, causa do sujeito; âmbito que transcende o espaço da consciência.

---

<sup>202</sup> GUIBERT, Clément *Saussure, Freud, l'aphasie: d'un point de rencontre à la linguistique clinique* In: *Rev. Marges Linguistiques* N° 7, Mai 2004, Saint-Chamas: M.L.M.S., p. 113.

## **A busca de uma teoria da memória**

*“Eine irgendwie beachtenswerte  
psychologische Theorie muß eine  
Erklärung des “Gedächtnisses”  
liefern”.* Sigmund Freud <sup>203</sup>

O aparelho de linguagem e de memória apresentado por Freud no *Ensaio crítico das Afasias* desencadeia a abordagem dos quatro componentes da representação (*Vorstellung*), inaugurando um conceito de linguagem e de memória produto dos complexos associativos que estará sempre presente, embora não de forma explícita, nos trabalhos de Freud. A constituição desse aparelho de linguagem depende não da relação com o mundo, mas, em primeira instância, de sua relação com outro aparelho de linguagem, outro falante. Freud refere-se a isso quando afirma que a representação da palavra vem de fora, pois toda palavra é escutada, e não inventada. Todavia, se os componentes do complexo associativo da palavra dependem do exterior (outro falante, outro de discurso), no entanto, a palavra deve ser internalizada.

Nesse aparelho de linguagem, o conceito de memória não é especulativo, mas está ligado ao corpo que lhe outorga um lugar efetivo, uma ancoragem material. O rastro<sup>204</sup> de memória (*Erinnerungsspur*) é, nesse âmbito, uma alteração, uma diferença de inscrição sob vários registros (visual, acústico,

---

<sup>203</sup> FREUD, Sigmund [(1887-1902) 1975] *Entwurf einer Psychologie* In: FREUD, Sigmund *Aus den Anfängen der Psychoanalyse* Frankfurt am Main: Fischer, [p. 297-384], p. 307.

<sup>204</sup> A tradução do termo *Erinnerungsspur* por “traço de memória” parece ser uma convenção aceita pela maioria dos tradutores da obra de Freud para o português e por seus comentadores. São exemplos disso a tradução de MASSON Jeffrey Moussaieff (1986) *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess, 1887-1904*, tradução de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Imago; GARCIA-ROSA *Introdução à metapsicologia freudiana* Vol. 2. Rio de Janeiro: Zahar, entre outros. Levando em consideração que o termo *Spur* foi traduzido para o francês como “trait” (e não “trace”), e para o espanhol como “huella” (e não trazo), seria possível traduzir *Spur* por “rastro” ou, como sugere Willemart, por “vestígio”, obtendo-se em português o termo “rastro de memória” ou “vestígio de memória”.

cinestésico etc.); enquanto os novos rastros, que virão pelo aprendizado, passarão por diversos encadeamentos das associações estabelecidas entre os complexos associativos, fechados e não-fechados. Interessa-nos acompanhar o percurso que vai do *Estudo crítico das afasias* até a *Carta 52 a Fliess* (1897), na qual Freud desenha um primeiro esquema bidimensional da percepção e da memória. O movimento dessa busca freudiana, como se pode ler *après coup*, estará em maior medida direcionado para a fundamentação teórica da constituição de um “aparelho psíquico”, desprendido da localização em sentido restrito. Freud apresenta esse achado em 1900, quando publica a *Interpretação dos sonhos*, mas o formato inaugural desse aparelho, encontra-se esboçado já na *Carta 52 a Fliess*. Aliás, para compreender esse movimento de idéias nos termos apropriados, introduziremos brevemente algumas noções que pertencem ao *Projeto de psicologia*<sup>205</sup>, escrito em 1895.

No *Projeto de psicologia* esboça-se um tipo de aparelho neuronal que responde ao interesse freudiano nesse período: o de compreender os processos psíquicos dentro do paradigma das leis da mecânica. Nesse sentido, o *Projeto* visa desenvolver uma psicologia ligada às ciências naturais em que ditos processos se apresentem como estados quantitativos<sup>206</sup>. No entanto, no decorrer da escrita, Freud percebe que além do desenvolvimento de suas idéias sobre as quantidades está envolvido na tarefa de esclarecer os problemas cruciais da

---

<sup>205</sup> FREUD *Entwurf einer Psychologie* Versão em espanhol FREUD, Sigmund *Proyecto de Psicología* In: *Obras completas* Vol. I, Buenos Aires, Amorrortu, [p.323-441].

<sup>206</sup> À diferença da monografia sobre as afasias, o texto do *Projeto* foi engavetado por Freud após sua conclusão, e publicado só em 1950.

qualidade, do sonho e da memória<sup>207</sup>. Propõe, então, que os processos de excitação dos neurônios respondem a quantidades ( $Q^{208}$ ), e que essas quantidades circulam em uma rede sob o princípio da inércia neuronal<sup>209</sup>: esse princípio geral do movimento<sup>210</sup> indica que os neurônios buscam livrar-se da quantidade de excitação ( $Q_{\eta}^{211}$ ). “Kombiniert man diese Darstellung der Neuronen mit der Auffassung der Quantitätstheorie ( $Q_{\eta}$ ) so erhält man die Vorstellung eines *besetzten* Neurons (N), das mit gewisser Quantität ( $Q_{\eta}$ ) gefüllt ist, andere Male leer sein kann“. <sup>212</sup>

Uma propriedade que rege o tecido nervoso é que existem neurônios permeáveis e impermeáveis; os neurônios permeáveis, que formam o sistema  $\phi$  (Phi), são aqueles que não resistem à passagem de grandes quantidades externas de excitação; enquanto os neurônios impermeáveis, que compõem o sistema  $\psi$  (Psi), moderam a passagem de  $Q_{\eta}$ , graças à resistência das barreiras de contato (*Kontaktschranken*)<sup>213</sup> situadas entre eles. O sistema  $\psi$  (Psi) está em relação direta com os estímulos internos, e em relação indireta com os externos, sendo capaz de reter certa quantidade de excitação e modificar seu estado pela retenção de  $Q_{\eta}$ . São esses últimos neurônios que possibilitam a memória.

<sup>207</sup> FREUD, Sigmund *Carta 27 a Fliess* (16/08/1896) citada por Strachey In: *Introducción. Proyecto de psicología* op. cit., p. 327.

<sup>208</sup>  $Q$ = quantidade, em geral, aquela que tem a mesma ordem das magnitudes das quantidades do mundo exterior.

<sup>209</sup> O princípio de inércia será nomeado depois por Freud princípio de constância (atribuído a Fechner), equiparável à homeostase.

<sup>210</sup> FREUD *Entwurf einer Psychologie* op.cit., p. 304; FREUD *Proyecto de psicología* op. cit., p.339.

<sup>211</sup>  $Q_{\eta}$ = Quantidade cuja ordem de magnitude é intercelular.

<sup>212</sup> FREUD *Entwurf einer Psychologie* op.cit., p. 306; “Si uno combina este cuadro de las neuronas con la concepción de la teoria de  $Q_{\eta}$ , obtiene la representación de una neurona (N) investida, que esta llena con cierta  $Q_{\eta}$ , y otras veces puede estar vacia”. FREUD *Proyecto de psicología* op. cit., p.342.

<sup>213</sup> O termo “sinapse” foi introduzido por Foster e Sherrington dois anos depois da escrita do *Projeto*. FREUD *Proyecto de Psicología* op. cit., p. 342.

Como mencionado, os dois primeiros sistemas remetem a quantidades, mas não se encontram em sintonia com o estado de coisas; motivo pelo qual Freud adiciona um terceiro sistema,<sup>214</sup> chamado  $\omega$  (Ômega), que traz a qualidade ao aparelho, introduzindo as sensações. Ômega recebe os estímulos do mundo externo de maneira indireta, tornando-se a base da consciência (*Bewusstsein*). Alimenta-se das quantidades de excitação de  $\phi$  (Phi) e proporciona a  $\psi$  (Psi) as informações que compõem a “prova de realidade” no aparelho; isto lhe permite diferenciar as lembranças e as sensações. Portanto, quando uma percepção excita  $\omega$  (Ômega), excita a consciência de uma qualidade. Segundo Freud, o conteúdo da consciência está enlaçado sistema  $\psi$  (Psi):

Dann aber ist der Inhalt des Bewußtseins einzureihen in unsere quantitativen  $\psi$ -Vorgänge. Das Bewußtsein gibt uns, was man Qualitäten heißt, Empfindungen, die in großer Mannigfaltigkeit anders sind und deren Anders nach Beziehungen zur Außenwelt unterschieden wird. In diesem Anders gibt es Reihen, Ähnlichkeiten u. dgl., Quantitäten gibt es eigentlich darin nicht.<sup>215</sup>

Freud conclui que os neurônios portadores da memória são provavelmente os mesmos dos processos psíquicos em geral (*psychischen Vorgänge überhaupt*)<sup>216</sup>. No entanto, a alteração permanente sofrida pelas barreiras de contato no sistema  $\psi$  (Psi) torna essas barreiras menos impermeáveis e, em alguma medida, condutoras. Freud designa esse processo “grau de sulcamento” (*Grad der*

---

<sup>214</sup> FREUD *Entwurf einer Psychologie* op. cit., p. 316. FREUD *Proyecto de psicología* op. cit., p. 353.

<sup>215</sup> FREUD *Entwurf einer Psychologie* op. cit., p. 316. “Pero, por otra parte, hay que enhebrar el contenido de la consciencia dentro de nuestros procesos  $\psi$  (Psi) cuantitativos. La consciencia nos da lo que se llama cualidades, sensaciones que son algo otro dentro de una gran diversidad, y cuya alteridad es distinguida según nexos con el mundo exterior. En esta alteridad existen series semejanzas, etc.; cantidades no las hay aquí en verdad.” FREUD *Proyecto de psicología* op. cit., p. 352.

<sup>216</sup> FREUD *Entwurf einer Psychologie* op. cit., p. 308. FREUD *Proyecto de psicología* op. cit., p. 344.

*Bahnung*<sup>217</sup>). “Das Gedächtnis ist dargestellt durch die zwischen den  $\psi$ -Neuronen vorhandenen Bahnungen<sup>218</sup>; [e, ainda mais] Das Gedächtnis sei dargestellt durch die Unterschiede in den Bahnungen zwischen den  $\psi$ -Neuronen“.<sup>219</sup>

Segundo esse modelo, a memória depende de dois fatores: de um lado, da magnitude da impressão (quantidade de excitação que percorre o neurônio), sendo esse o fator eficaz; de outro, da frequência com que essa impressão se repete, abrindo caminho (*Banhung*) pela passagem da  $Q_{\eta}$  entre os neurônios:

Wir erfahren, daß das Bewußtsein, also die quantitative Besetzung von einem  $\psi$ -Neuron  $\alpha$  auf ein zweites  $\beta$  übergeht, wenn  $\alpha$  und  $\beta$  einmal gleichzeitig von  $\phi$  aus (Oder sonst woher) besetzt waren. Es ist also durch gleichzeitige Besetzung  $\alpha$ - eine Kontaktschranke gebahnt worden. Hieraus folgt in den Ausdrücken unserer Theorie, daß eine Quantität aus einem Neuron leichter übergeht in ein besetztes als in ein unbesetztes<sup>220</sup>.

É possível afirmar que os rastros de memória são a disposição especial que possuem as vias abertas preferencialmente às outras.

Observemos a economia geral desse aparelho. Um sistema primário de neurônios serve-se da  $Q_{\eta}$  adquirida e libera-a imediatamente por conexão com os mecanismos musculares; pois, como foi mencionado, o mecanismo tenta manter-se isento de estímulo (função primária). Mas, embora o regime de descarga responda à lei da inércia, o sistema está forçado a manter uma quantidade

---

<sup>217</sup> *Banhung* é utilizado para falar do ato pelo qual se abre a brecha que produz o caminho.

<sup>218</sup> FREUD *Entwurf einer Psychologie* op. cit., p. 308-9. “La memoria está constituida por la facilitación existente entre las neuronas  $\psi$  (Psi)”. FREUD *Proyecto de psicología* op. cit., p. 345.

<sup>219</sup> FREUD *Entwurf einer Psychologie* op. cit. p. 308-9. “La memoria está constituida por los distingos [as diferenças] dentro de las facilitaciones entre las neuronas  $\psi$  (Psi)”. FREUD *Proyecto de psicología* op. cit., p. 345, [grifos nossos].

<sup>220</sup> FREUD *Entwurf einer Psychologie* op. cit., p. 325-6. “...la conciencia, vale decir, la investidura cuantitativa de una neurona  $\psi$  (Psi) pasa de una de ellas,  $\alpha$ , a una segunda  $\beta$ , si  $\alpha$  e  $\beta$  estuvieron investidas simultáneamente desde  $\phi$  (Phi) (o desde cualquier otra parte). Entonces, por una investidura simultánea  $\alpha$ - $\beta$  fue facilitada una barrera de contacto. De aquí, se sigue en los términos de nuestra teoría, que una  $Q_{\eta}$  traspasa más fácilmente de una neurona a una neurona investida, que a una no investida”. FREUD *Proyecto de psicología* op. cit., p. 364.

constante de  $Q_{\eta}$ , o mais baixa possível. Trata-se aqui de uma função secundária, que, pelo contrário, acumula uma quantidade de energia e regula os mecanismos de fuga do organismo. A sensação de descarga dessa energia produz um prazer que Freud nomeia “vivência de satisfação” (*Befriedigungserlebnis*), efeito do afã de descarga de  $Q_{\eta}$ , entendido como um impulso (*Drang*) existente nos neurônios. A vivência de satisfação abre vias privilegiadas de passagem (*Bahnung*) nos neurônios investidos. São caminhos duradouros que se reativam a cada vez que uma excitação afim for investida. A importância desse processo reside no aspecto afetivo do sujeito conformado pelos restos desse processo, já que todo afeto no ser humano vai se organizando ao redor dessa vivência de satisfação.

O aparelho pode se subtrair dos grandes estímulos exteriores, mas não pode fugir dos estímulos endógenos (respiração, alimentação, sexualidade etc.). Portanto, no caso de grandes quantidades de excitação interna, para poder se aliviar, o aparelho produz uma alteração interior com descarga motora; por exemplo, a expressão das emoções através do grito, do choro ou da inervação vascular. Essa via de fuga para as excitações não chega a ser suficiente para a satisfação, uma vez que tais descargas motoras (ação secundária) não aligeiram a quantidade de estímulo endógeno (por exemplo, a da fome na criança). Os fortes estímulos endógenos continuarão se incrementando com o passar do tempo se não forem atendidos. Será necessária uma alteração no mundo exterior (por exemplo, na provisão de alimento) para que, como “ação específica” (*spezifische Aktion*<sup>221</sup>), alivie a quantidade de estímulo por um caminho bem definido. Desde o nascimento, essa ação sobrevém do auxílio alheio; trata-se de alguém que

---

<sup>221</sup> FREUD *Entwurf einer Psychologie* op. cit., p. 325.



percebe o estado da criança e brinda-a com cuidados ou alimento. Através da ação específica produz-se uma descarga duradoura que põe fim ao esforço, produto do desprazer consciente em  $\omega$  (Ômega). Nas palavras de Freud:

Der menschliche Organismus ist zunächst unfähig, die spezifische Aktion herbeizuführen. Sie erfolgt durch *fremde Hilfe*, indem durch die Abfuhr auf dem Wege der inneren Veränderung ein erfahrenes Individuum auf den Zustand des Kindes aufmerksam gemacht wird. Diese Abfuhrbahn gewinnt so die höchst wichtige Sekundärfunktion der *Verständigung* und die anfängliche Hilflosigkeit des Menschen ist die *Urquelle* aller *moralischen Motive*.<sup>222</sup>

A memória dessa vivência de satisfação comporta um aspecto fundador do aparelho psíquico, assim como certas experiências traumáticas nos primeiros anos da vida, cujo sentido Freud abordará nos anos 20 em *Para além do princípio de prazer*.

Retomando nosso percurso, observamos que no *Projeto de psicologia* os neurônios ocupam o lugar que tinha sido outorgado à representação (*Vorstellung*) no ensaio das afasias, sendo ela definida como o produto de uma modificação material em uma rede que reage à passagem de estímulos da medula para o córtex. Meses depois da escrita do *Projeto*, Freud redige uma *Carta a Fliess* datada de 06/12/1896, em que expressa suas idéias (“algo novo na sua teoria”) sobre o mecanismo psíquico e a memória. Cito uma importante passagem dessa carta.

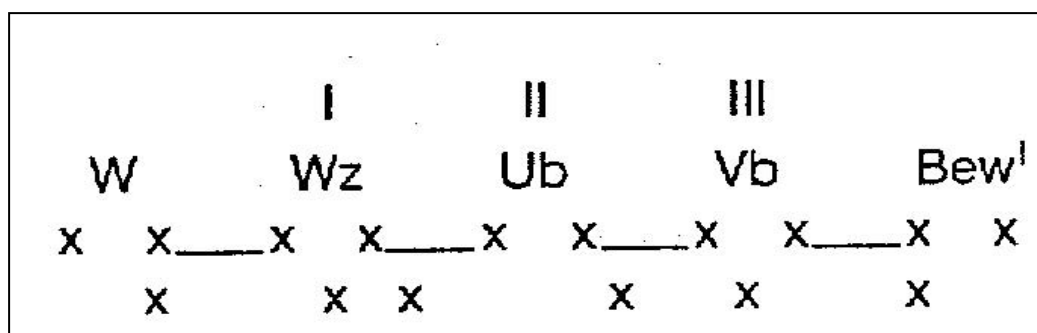
---

<sup>222</sup> FREUD *Entwurf einer Psychologie* op. cit., p. 325. “El organismo humano es al comienzo incapaz de llevar a cabo la acción específica. Esta sobreviene mediante auxilio ajeno: por la descarga sobre el camino de la alteración interior, un individuo experimentado advierte el estado del niño. Esta vía de descarga cobra así la función secundaria, importante en extremo, del entendimiento (comunicación) y, el inicial desvalimiento del ser humano es la fuente primordial de todos los motivos morales.” FREUD *Proyecto de psicología* op. cit., p. 262-3.

Du weisst, ich arbeite mit der Annahme, dass unser psychischer Mechanismus durch Aufeinandererschichtung entstanden ist, indem von Zeit zu Zeit das vorhandene Material von Erinnerungsspuren eine Umordnung nach neuen Beziehungen, eine Umschrift erfährt. Das wesentlich Neue an meiner Theorie ist also die Behauptung, dass das Gedächtnis nicht einfach, sondern mehrfach vorhanden ist, in verschiedenen Arten von Zeichen niedergelegt. Eine ähnliche Umordnung habe ich seinerzeit (Aphasie) für die von der Peripherie kommenden Bahnen behauptet. Wie viele solcher Niederschriften es gibt, weiss ich nicht. Mindestens drei, wahrscheinlich mehr. Dazu folgendes Schema, welches annimmt dass die einzelnen Niederschriften auch nach ihren Neuronträgern gesondert sind (nicht notwendig topisch). Die Annahme ist vielleicht nicht notwendig, aber doch die einfachste und vorläufig zulässige.<sup>223</sup>

<sup>223</sup> FREUD, Sigmund *Briefe an Wilhelm Fliess* (1887-1904) Hgg. Masson, Jeffrey M. 2. Auflage, Fischer: 1999; p. 217-218 [...] Tu sabes que trabajo con el supuesto de que nuestro mecanismo psíquico se ha generado por estratificación sucesiva, pues de tiempo en tiempo, el material preexistente de huellas mnémicas experimenta un reordenamiento según nuevos nexos, una retranscripción. Lo esencialmente nuevo en mi teoría es, entonces, la tesis de que la memoria no preexiste de manera simple, sino múltiple, está registrada en diversas variedades de signos. En su momento (afasia) he afirmado un reordenamiento semejante para las vías que llegan de la periferia [del cuerpo a la corteza cerebral]. Yo no se cuántas de estas transcripciones existen, pero por lo menos tres, probablemente más. He ilustrado todo esto en el siguiente esquema, en el que admito que las distintas transcripciones también están separadas en cuanto a las neuronas que son sus portadoras, aunque no por ello es necesario que estén separadas topográficamente. Esta presunción quizá sea prescindible, pero es la más simple y es provisoriamente admisible. FREUD, Sigmund (1896) *Carta 52 a Fliess*. Obras Completas, Vol. 1, op. cit., p. 274. “Como você sabe, estou trabalhando com a hipótese de que nosso mecanismo psíquico tenha se formado por um processo de estratificação: o material presente sob a forma de traços mnêmicos fica sujeito, de tempos em tempos, a um rearranjo, de acordo com as novas circunstâncias - a uma retranscrição. Assim, o que há de essencialmente novo em minha teoria é a tese de que a memória não se faz presente de uma só vez, e sim ao longo de diversas vezes, e que é registrada em vários tipos de indicações [signos] <sup>223</sup>. Postulei a existência de uma espécie semelhante de rearranjo há algum tempo atrás (Afasia), com respeito às vias que provêm da periferia [do corpo até o córtex]. Não sei quantos desses registros existem - pelo menos três, provavelmente mais. Isto pode ser visto no diagrama esquemático abaixo, que pressupõe que os diferentes registros também sejam separados (não necessariamente em termos topográficos) de acordo com os neurônios que são seus veículos. É possível que essa pressuposição não seja necessária, é a mais simples e é provisoriamente admissível” MASSON Jeffrey Moussaieff (1986) *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess, 1887-1904*, tradução de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Imago, p. 208. Uma outra tradução para o português foi sugerida por Maria Rita Salzano Moraes “...estou trabalhando com a hipótese de que nosso mecanismo psíquico tenha se formado por um processo de estratificação: o material presente sob a forma de traços mnêmicos [*Erinnerungsspuren*] fica sujeito, de tempos em tempos, a um rearranjo [*Umordnung*], de acordo com as novas circunstâncias - a uma reescritura [*Umschrift*]. Assim, o que há de essencialmente novo em minha teoria é a tese de que a memória não se faz presente de uma só vez, e sim ao longo de diversas vezes, e que é registrada em vários tipos de signos [*Zeichen*]. Postulei a existência de uma espécie semelhante de rearranjo há algum tempo atrás (Afasia), com respeito às vias que provêm da periferia do corpo até o córtex. Não sei quantos desses registros existem, pelo menos três, provavelmente mais”. In: SALZANO MORAES, Maria Rita (1999) *Materna/Estrangeira: o que Freud fez da Língua* (Tese de Doutorado) IEL, Campinas, UNICAMP, p. 28.

O enfoque que se obtém da memória assemelha-se a uma máquina em que se inscrevem diferentes signos. Nela as inscrições provêm de um processo de transcrições sucessivas do material psíquico separadas em estratos “não necessariamente em termos topográficos”. Freud desenha um esquema para exemplificar esse processo [as abreviaturas no esquema correspondem ao Manuscrito N<sup>224</sup> escrito seis meses depois: W para a “percepção”, Wz para a “consciência”, Vbw para o “pré-consciente” e Ubw para o “inconsciente”]:



Esse esquema mostra a memória como um complexo estratificado de sucessivas transcrições [Umschrift]. W [Wahrnehmungen] corresponde aos neurônios pelos quais as percepções ingressam no aparelho, mas que não retêm rastro algum do acontecido. A percepção compõe um passo amnésico dentro do esquema, cujas imagens deverão atravessar diversas transcrições [Niederschriften] até formar aquilo que Freud denomina Bew (*Bewusstsein*), a consciência. Os signos de percepção Wz [Wahrnehmungszeichen] compõem um primeiro “sistema” de transcrição (em que o signo original já não é idêntico), cujas associações se estabelecem sob a lei da simultaneidade (sincronia). Sabemos que o pressuposto de Freud no estudo das afasias havia sido o de que não

<sup>224</sup> FREUD *Manuskript N* [Beilage zu Brief 129 K] In: FREUD *Briefe an Fliess* op. cit., p. 267-269. FREUD, Sigmund *Manuscrito N* (Anexo a Carta 64), Obras Completas, Vol. 1, op. cit., 297.

podemos perceber sem “imediatamente” associar<sup>225</sup>; contudo, isso muda, pois ele descobre (no processo de escrita do *Projeto*) que há sensações que ficam fora da consciência (como associações não conscientes ou sem palavras, tal vez como algo indizível ou inexprimível). Uma segunda transcrição (II) aparece no esquema como Ub [*Unbewusstsein*], ainda inacessível à consciência; o sistema inconsciente (Ub) está disposto provavelmente de acordo a relações causais (Freud menciona que podem ser lembranças conceituais); essa relação de causalidade implica uma temporalidade entre causa e efeito (diacronia). Um terceiro sistema (III) de re-transcrição [*Umschrift*]<sup>226</sup> é o da pré-consciência Vb [*Vorbewusstsein*]<sup>227</sup>, que estabelece a ligação desses signos inconscientes com as representações de palavra; com isso o signo ingressa por associação na ordem do sentido. Cito Freud:

Aus diesem Vb werden die Besetzungen nach gewissen Regeln bewusst, und zwar ist dieses sekundäre Denkbewusstsein ein der Zeit nach nachträgliches, warhscheinlich an die halluzinatorische Belebung von Wortvorstellungen geknüpft, so dass die Bewusstseinsneurone wieder Wahrnehmungsneurone und and sich ohne Gedächtnis wären .<sup>228</sup>

---

<sup>225</sup> „Wir können keine Empfindung haben, ohne sie sofort zu associiren“. FREUD *Zur Auffassung der Aphasien* op. cit., p. 58. “No podemos tener una percepción sin asociarla inmediatamente” FREUD *La Afasia* op. cit., p. 71-2. Poderá ser observado que, no ensaio das afasias, Freud não usa o termo percepção (*Wahrnehmung*), mas o termo sensação (*Empfindung*). A sensação, no entanto, não é um material bruto, já que deve ser “imediatamente” (*sofort*) associada (trata-se do som, cheiro, imagem etc. que compõem o complexo associativo de objeto). No entanto, no contexto do *Projeto de psicologia* Freud assume que a energia que ingressa no aparelho pode estar ligada ou não, isto é, pode ingressar sem ser associada.

<sup>226</sup> Embora Freud mencione que pode haver mais.

<sup>227</sup> Segundo Strachey, essa seria a primeira oportunidade em que aparece o termo sob a forma de *Vorbewusstsein*. FREUD *Carta 52 a Fliess* op. cit., p. 275.

<sup>228</sup> FREUD *Briefe an Fliess* op. cit., p. 218. “Desde esta [Vb], las investiduras devienen conscientes de acuerdo con ciertas reglas, y por cierto que esta consciencia-pensar secundaria es de efecto posterior en el orden del tiempo, probablemente anudada a la reanimación alucinatoria de representaciones-palabra, de suerte que las neuronas-consciencia serian también neuronas-percepción y en si carecerían de memoria”. FREUD *Carta 52 a Fliess* op. cit., p. 275.

Embora possa ser pensado que a percepção e a consciência são uma instância só, aqui Freud retoma do *Projeto* a idéia de uma exclusão mútua entre a consciência e a memória. Esse processo outorga um fundamento genético à estratificação. O aparelho em que se produzem as transcrições e re-transcrições (*Umschrift*) do material pode ser considerado um texto, uma escritura ou um tipo de espaçamento dos diversos signos (*Zeichen*) segundo diferentes leis. A novidade que traz esse esquema parte de um pressuposto acerca do mecanismo psíquico em geral, concebido não só como estratificado<sup>229</sup>, mas também como organizado dinamicamente<sup>230</sup>. Sob esse ponto de vista, outorga-se máxima importância ao aspecto temporal, que possibilita o reordenamento sucessivo do material preexistente. As operações psíquicas agem sob a hipótese de que em épocas sucessivas da vida se produz uma tradução do material psíquico e, cada uma dessas transcrições inibe a anterior. O ônus de cada transcrição é um desprazer gerado pela tradução que ativa uma defesa normal no aparelho. “Die Versagugn der Übersetzung, das ist das, was klinisch ‘Verdrängung’ heisst”.<sup>231</sup>

Todavia, quando falta uma dessas traduções, as excitações ficam regidas pelas leis de um período anterior (anacronismo, por exemplo, ao retardamento da puberdade).

---

<sup>229</sup> A noção de estrato ocupa um importante lugar no nascimento da psicanálise freudiana, pois se apresenta desde os primeiros casos clínicos; ele fala de um tipo de tratamento do aparelho psíquico por exumação de estratos (*Technik der Ausgrabung*). Em 1892, Freud atende à jovem Elizabeth, cujo tratamento consiste em deixar a paciente narrar o que ela sabia (*“erzählen, was der Kranken bekannt war”*) para depois penetrar nos estratos profundos (*“tiefere Schichten”*) dessa narração até as mais profundas lembranças; Freud propõe ser guiado pelos elos que faltavam à narração da paciente (depois esse procedimento é elevado ao status de método) FREUD [(1892) 1950] *Fräulein Elizabeth v. R...* Gesammelte Werke Erster Band, op. cit., p. 201.

<sup>230</sup> FREUD, Sigmund (1896) *Carta 52 a Fliess* op.cit.

<sup>231</sup> FREUD *Briefe an Fliess* op. cit., p. 219. “La denegación de la traducción es aquello que clínicamente se llama ‘represión’. FREUD *Carta 52 a Fliess* op. cit., p. 276.

Fica expresso que a estruturação do aparelho psíquico depende da estruturação da memória, cuja teoria é pensada por Freud como uma linguagem de sucessivas inscrições e sucessivos apagamentos. Essa bateria de conceitos e idéias sobre a energia psíquica, a percepção e a memória, desenvolvidas tanto na monografia sobre as afasias e no *Projeto* quanto na *Carta 52 a Fliess*, é retomada em *A interpretação dos sonhos*, produzindo um salto conceitual. A análise freudiana dos sonhos introduz uma teoria sobre o material psíquico capaz de dar contas das relações entre o conteúdo manifesto (a lembrança do sonho) e os pensamentos latentes do sonho:

Alle anderen bisheringen Versuche, die Traumprobleme zu erledigen, knüpften direkt an den in der Erinnerung gegebenen manifesten Trauminhalt an und bemühten sich, aus diesem die Traumdeutung zu gewinnen, oder, wenn sie auf eine Deutung verzichteten, ihr Urteil über den Traum durch den Hinweis auf den Trauminhalt zu begründen.<sup>232</sup>

Freud propõe-se a investigar o sonho como um processo de transferência entre duas linguagens diferentes (*zwei verschiedenen Sprachen*<sup>233</sup>) e discernir a linguagem original e sua tradução. Esta última (conteúdo manifesto) assemelha-se mais a uma escrita hieroglífica<sup>234</sup> (*Bilderschrift*) do que à linearidade da linguagem oral (*Rede*)<sup>235</sup>. Por isso Freud considera o sonho como um texto a ser lido; seus

---

<sup>232</sup> FREUD, Sigmund (1900) *Die Traumdeutung* Gesammelte Werke, Zweiter und dritter Band, Frankfurt am Main: Ficher, 1942. p. 283. "Todos los intentos hechos hasta ahora por resolver los problemas del sueño arrancan directamente de su contenido *manifesto*, tal como lo presenta el recuerdo, y a partir de él se empeñan en obtener la interpretación del sueño o, cuando renuncian a ella, en fundamentar su juicio acerca del sueño por referencia a ese contenido". FREUD, Sigmund *La interpretación de los sueños* Obras completas, Vol. IV, op. cit., p. 285.

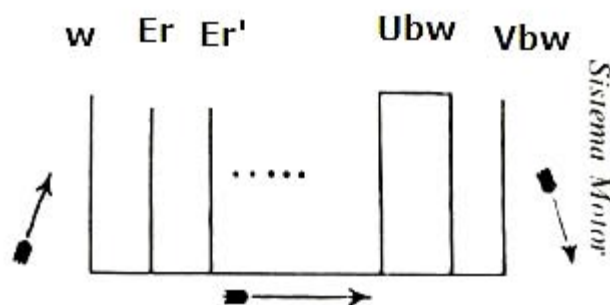
<sup>233</sup> FREUD *Die Traumdeutung* op. cit., p. 283.

<sup>234</sup> Para resolver o enigma do hieróglifo do sonho (conteúdo manifesto), Freud propõe traduzir cada um dos seus signos para a linguagem das idéias latentes, prevenindo o erro de querer ler esses signos como imagens pictográficas.

<sup>235</sup> A metáfora da escrita toma um lugar preponderante, segundo afirma Derrida. Pois, o conceito de facilitação (*Bahnung*) que pertence a um modelo natural segundo Freud (assim como colocado na "fábula neurológica" do *Projeto*) tende a se adequar cada vez mais à estrutura e ao

símbolos possuem múltiplos sentidos e sua interpretação depende – como na escrita chinesa (composta por signos, desenhos e fonemas) – de sua formação sobredeterminada (*Überdeterminierung*) e de seu contexto<sup>236</sup>. A memória que se conserva do sonho ocupa o lugar do único referente desse texto, mas essa memória (narração do sonho) é também uma tradução<sup>237</sup> (o alucinado no sonho corresponde a um texto imagético e sensorial – visual/sonoro/tátil etc. – traduzido para um discurso verbal). Todo o material que compõe o conteúdo do sonho advém de uma seleção que procede do vivenciado, do infantil, do (aparentemente) indiferente e das fontes somáticas. Portanto, sua interpretação dependerá dessas múltiplas determinações.

Dessa maneira, para estabelecer o estatuto psíquico do sonho e compreender a sua formação, Freud apela à descrição de instâncias psíquicas, trazendo alguns dos elementos chaves da carta a Fliess e do *Projeto*. No capítulo VII da *Interpretação dos sonhos* encontramos o seguinte desenho do aparelho psíquico:



funcionamento da escrita. DERRIDA, Jacques (1967) *Freud et la scène de l'écriture* In: DERRIDA, Jacques *L'écriture et la différence* Paris: Seuil, [p. 293-340], p. 306.

<sup>236</sup> Entendido como produto de múltiplas causas. FREUD *Die Traumdeutung* op. cit., p. 358-9.

<sup>237</sup> Freud esclarece que o processo onírico transforma o desejo em uma alucinação e que isso poderá ser comparado com os estados patológicos. O sonho não provém das palavras, mas das representações de objetos às quais as palavras foram reconduzidas. FREUD, Sigmund [1915 (1917)] *Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre* Gesammelte Werke, Zehn Band, op. cit., p. 420-26. *Complemento metapsicológico a la doctrina de los sueños* Obras Completas, Vol. XIV, op. cit., p. 228.

O esquema possui algumas semelhanças como o desenho da *Carta 52 a* Fliess. Freud pensa-o como um instrumento e apresenta as instâncias psíquicas em uma linha ordenada formando diferentes sistemas:

Wir stellen uns also den seelischen Apparat vor als ein zusammengesetztes Instrument, dessen Bestandteile wir Instanzen oder Anschaulichkeit zuliebe Systeme heissen wollen. Dann bilden wir die Erwartung, dass diese Systeme vielleicht eine konstante räumliche Orientierung gegeneinander haben...<sup>238</sup>

O percurso das excitações tem aqui uma direção (desde a percepção W até a pré-consciência Ubw) e uma seqüência temporal; esse endereçamento rege tanto os estímulos internos quanto os externos; nas palavras de Freud: “Der psychische Vorgang verläuft *im allgemeinen* vom Wahrnehmungsende zum Motilitätsende”.<sup>239</sup>

Ao seguirmos o esquema, observamos que o sistema da percepção (W) recebe os estímulos como um meio de transporte que não conserva registro deles, pois carece de memória. As percepções (W) só irão se diferenciar em um segundo sistema (*Er, Er', Er''* etc.), deixando rastros mnêmicos dessas excitações, rastros permanentes. As percepções (Er) enlaçam-se umas com as outras segundo um princípio de prioridade que estabelecem as vias abertas e percorridas por maior energia psíquica: “Die Tatsache der Assoziation besteht dann darin, dass infolge von Widerstandsverringerungen und Bahnungen von einem der Er-Elemente die

---

<sup>238</sup> FREUD *Die Traumdeutung* op. cit., p. 542. “Imaginamos entonces el aparato psíquico [aparato del alma] como un instrumento compuesto a cuyos elementos llamaremos *instancias* o, en beneficio de la claridad, *sistemas*. Después formulamos la expectativa de que estos sistemas han de poseer quizás una orientación espacial constante...”. FREUD, Sigmund *La interpretación de los sueños* Vol. V, op. cit., p. 530.

<sup>239</sup> FREUD *Die Traumdeutung* op. cit. p. 542-543. [grifos nossos] “El proceso psíquico transcurre, en general, desde el extremo de la percepción hacia el de la motilidad” FREUD *La interpretación de los sueños* op. cit. p. 531.



Erregung sich eher nach einem zweiten als nach einem dritten Er-Elemente fortpflanzt".<sup>240</sup>

O sistema de percepção (W), embora não tenha memória, é aquele que fornece todas as qualidades sensoriais (que no projeto eram relativas a Ômega), enquanto as lembranças propriamente ditas são inconscientes (Ubw), produtos das associações entre as percepções. O sistema pré-consciente (Vbw) mantém com a consciência uma relação mais estreita que com o sistema inconsciente (Ubw), permitindo a chegada dos processos de excitação pré-conscientes que podem alcançar a consciência.

Até esse ponto, Freud mantém-se no paradigma da sua *Carta a Fliess*, mas, quando expõe a formação do sonho, surge um novo movimento de idéias<sup>241</sup>. A diminuição na censura entre os sistemas pré-consciente (Vbw) e inconsciente (Ubw) é o ponto de partida para a formação de alguns tipos de sonho. Mas Freud percebe que no sonho de tipo alucinatório a fundamentação requer outro movimento dentro desse mesmo esquema. Ele propõe a tese da inversão do endereçamento dos processos psíquicos (que em geral vai do extremo sensível ao motor), em um refluxo que vai do extremo motor ao sensível:

Wir heissen es Regression, wenn sich im Traum die Vorstellung in das sinnliche Bild rückverwandelt, aus den sie irgendeinmal hervorgegangen ist. Auch dieser Schritt verlangt aber Rechtfertigung. Wozu der Namengebung, wenn sie uns nichts Neues lehrt? Nun ich meine, der Name „Regression“ dient uns

---

<sup>240</sup> FREUD *Die Traumdeutung* op. cit. p. 544. “El hecho de la asociación consiste entonces en lo siguiente: a consecuencia de las reducciones en la resistencia y de facilitaciones, desde uno de los elementos Mn [Er] la excitación se propaga más bien hacia un segundo elemento Mn [Er'] que hacia un tercero”. FREUD *La interpretación de los sueños* op. cit. p. 531.

<sup>241</sup> Na aula de 2/3/55, Jacques Lacan retoma o embaraço de Freud diante desse conceito de “regressão” quando tenta explicar o caráter alucinatório do sonho. Segundo Lacan, Freud não teria necessidade de sentir esse embaraço já que ele havia distinguido anteriormente o processo primário e secundário. Para aprofundar nessa leitura vide LACAN, Jaques (1991) *Seminário II El yo en la teoría de Freud y en la técnica psicoanalítica* Buenos Aires: Paidós.

insoferne, als er die uns bekannte Tatsache an das Schema des mit einer Richtung versehenen seelischen Apparat knüpft. An dieser verlohnt es sich aber zum ersten Male, ein solches Schema aufgestellt zu haben. Denn eine andere Eigentümlichkeit der Traumbildung wird uns ohne neue Überlegung allein mit Hilfe eines Schemas einsichtlich werden. Wenn wir den Traumvorgang als eine Regression innerhalb des von uns angenommenen seelischen Apparats ansehen, so erklärt sich uns ohne weiteres die empirisch festgestellte Tatsache, dass alle Denkrelationen der Traumgedanken bei der Traumarbeit verlorengehen oder nur mühseligen Ausdruck finden. Diese Denkrelationen sind nach unseren Schema nicht in die Er-Systemen, sondern in weiter nach vorn liegenden enthalten und müssen bei der Regression bis auf die Wahrnehmungsbilder ihren Ausdruck einbüßen. Das Gefüge der Traumgedanken wird bei der Regression in sein Rohmaterial aufgelöst.<sup>242</sup>

Dessa maneira, o caráter psicológico do sonho é definido como a possibilidade de uma regressão [tópica<sup>243</sup>] para as imagens sensoriais; refluxo esse cuja força desconsidera as relações que tenham se estabelecido antes nos diversos sistemas de inscrição: na regressão, as relações lógicas entre os “pensamentos oníricos” se perdem. Freud aponta que durante o dia há uma corrente contínua no sistema  $\Psi$  (Phi) que vai das percepções até o extremo motor; o sonho se efetiva através da regressão dessa corrente (a excitação retrógrada,

---

<sup>242</sup> FREUD *Die Traumdeutung* op. cit. p. 548-9; “...llamamos “regresión” al hecho de que en el sueño la representación vuelve a mudarse en la imagen sensorial de la que alguna vez partió. Pero este paso exige justificación. ¿Para qué poner un nombre si ello no nos enseña nada nuevo? Es que a mi juicio el nombre de “regresión” nos sirve en la medida en que anuda ese hecho por nosotros conocido al esquema del aparato anímico provisto de una dirección. Ahora bien, en este punto obtenemos la primera recompensa por haber establecido ese esquema. En efecto, otra peculiaridad de la formación del sueño se nos hará inteligible sin nueva meditación y únicamente con el auxilio del esquema. Si consideramos al proceso del sueño como una regresión en el interior de ese aparato anímico que hemos supuesto, se nos explica sin más el hecho, comprobado empíricamente, de que a raíz del trabajo del sueño todas las relaciones lógicas entre los pensamientos oníricos se pierden o sólo hallan expresión trabajosa. De acuerdo con nuestro esquema, esas relaciones entre pensamientos no están contenidas en los primeros sistemas Mn [Er] sino en otros, situados mucho mas adelante, y por eso en la regresión tienen que quedar despojados de todo medio de expresarse, excepto el de las imágenes perceptivas. La ensambladura de los pensamientos oníricos es resuelta, por la regresión, en su material bruto”, FREUD *La interpretación de los sueños* op. cit., p. 537.

<sup>243</sup> FREUD, Sigmund [1915 (1917)] *Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre* Gesammelte Werke, Zehn Band, op. cit., p. 420-26. *Complemento metapsicología a la doctrina de los sueños* Obras Completas, Vol. XIV, op. cit., p. 226.

da memória até o sensível). No sonho, regride-se a um grupo inexprimível de “material bruto”<sup>244</sup>. Essa regressão é a característica psicológica do processo onírico, mas também ocorrem regressões para além do sonho, que são produzidas nos estados patológicos da vigília ou nas alucinações, e até em pessoas normais.<sup>245</sup>

Na segunda parte deste trabalho, abordaremos o problema da doença nervosa como um âmbito de interesse que liga Proust e Freud. Consideramos que essa relação é mais produtiva que fazer uma análise selvagem do narrador proustiano! O autor Marcel Proust e o médico Sigmund Freud pertenceram a um momento histórico que, prévio às vanguardas artísticas européias, revelou a sabedoria da doença nervosa que mostrou aspectos da linguagem, da memória e do sujeito de uma maneira absolutamente diferenciada da ciência anatomo-patológica.

---

<sup>244</sup> O rastro ou vestígio mnêmico está sempre em relação com outros rastros segundo as associações (por simultaneidade, causalidade etc.), mas não possuem qualidade sensorial alguma.

<sup>245</sup> FREUD *Die Traumdeutung* op. cit. p. 549; FREUD *La interpretación de los sueños* op. cit., p. 537.

## **SEGUNDA PARTE**

#### IV. PROUST E FREUD: *PONTOS DE CONTATO*

---

##### ***A doença nervosa e seu círculo de interesses***

Marcel Proust escreve o romance *À la recherche du temps perdu* entre 1908 e 1922, ano de sua morte. Trata-se de um extenso romance publicado em sete volumes, dos quais os últimos três foram lançados *post mortem*: *La prisonnière*, em 1925, *Albertine disparue* e *Le temps retrouvé*, em 1927. A obra de Proust constitui atualmente uma referência de primeira ordem para compreender o problema da redefinição da memória e do sujeito em um diálogo instigante como seu contexto histórico. Nesse momento tão particular da Europa, na virada do século, em que o homem, segundo afirma Foucault, estabelece com a doença nervosa uma relação de clara enunciação; podendo abordar as relações do conflito humano como algo exclusivamente psicológico, por fora do discurso da anatomia patológica que rege o século XIX.<sup>246</sup> Nesse sentido, um atravessamento chave se produz na *Recherche*, a retomada das idéias da psicologia francesa experimental e a aproximação da teoria psicanalítica freudiana (sem que isso deva significar o domínio de um discurso sobre outro). A doença nervosa, fundamentalmente os casos de sugestão hipnótica espontânea, comporta, assim, um círculo de interesse ao qual dedicaremos nossa atenção neste ponto do trabalho.

Uma imensidão de temas é abordada pelo narrador proustiano nas quase três mil páginas da *Recherche*. Desde as relações afetivas e as transformações

---

<sup>246</sup> FOUCAULT, Michel (1963) *O nascimento da clínica* Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

sociais até a estética e a psicologia. Por esse motivo, a literatura sobre o tema é extensa e assustadora. São inúmeras as relações que se têm estabelecido entre as idéias proustianas e as idéias de medicina, da filosofia e da psicologia. Contudo, a ficção proustiana, como a literatura em geral, responde a um discurso plural que contém muitos outros discursos (e, como afirma Freud, às vezes os antecipa). Nessa ampla literatura crítica, existe uma parte que se ocupa em estabelecer comparações e analogias entre os temas proustianos e a psicanálise freudiana, enquanto outra tenta mostrar um círculo de interesse maior, ligando as idéias da *Recherche* às descobertas da psicologia experimental na Europa. São essas respectivamente as duas hipóteses principais sobre o tema. A segunda hipótese, bem mais atual que a primeira, agrega, em um diálogo sobre a doença mental, os achados proustianos, os da escola de psicologia francesa experimental e os da psicanálise freudiana. Nesta parte do trabalho, nossos esforços estão voltados para a análise de alguns aspectos dessa literatura crítica que põe em destaque a doença nervosa como referência das idéias proustianas da *Recherche*.

Como afirmado, a pluralidade do discurso literário é capaz de transportar para o interior de um texto ficcional questões científicas, sociais, psicológicas, filosóficas etc. Torna-se possível, então, realizar uma inversão no processo de abordagem da *Recherche* e dos tópicos em questão. Em *Proust, poeta e psicanalista*, Willemart propõe, como bom leitor de Freud e Lacan, uma inversão semelhante<sup>247</sup>. Não pretendemos tentar comparar aspectos da obra proustiana utilizando as ferramentas da psicologia experimental ou da psicanálise freudiana

---

<sup>247</sup> WILLEMART, Philippe (2000) *Proust, poeta e psicanalista* São Paulo: Ateliê, p. 18-19.

(sem conhecer o verdadeiro sentido da subversão à qual são submetidos os conceitos de memória e de linguagem nessas teorias; pois esse procedimento apenas comparativo pode esvaziar de sentido os componentes teóricos ao perder de vista seu próprio campo de estudo); mas procuramos sublinhar algumas contribuições proustianas (desde a especificidade formal do romance) à teoria contemporânea do sujeito que parte, em grande medida, das descobertas da psicologia experimental e da descoberta, no sentido psicanalítico, do inconsciente freudiano.

Para compreender as múltiplas relações que os críticos estabeleceram entre as idéias da teoria freudiana e as da ficção proustiana e tomar uma distância crítica, foi necessário também considerar o meio cultural e científico com o qual suas obras dialogam. É importante identificar também qual o sentido de *inconsciente*<sup>248</sup> em ambos os autores, para os quais o conceito, sob uma suposta semelhança, guarda inúmeras diferenças; assim como o sentido da *divisão do sujeito* e da *memória*. Freud, como foi expresso na primeira parte deste trabalho, desenvolveu uma ampla pesquisa em neurologia, em Viena e Trieste, mas após sua viagem a Paris, envolveu-se cada vez mais com a psicologia. O meio ao qual se integrou durante sua estada na França, liderado por Charcot (que, segundo Freud, abalou todas as suas teorias), era freqüentado também pelos médicos e psicólogos da escola experimental à qual estava ligado o pai de Marcel Proust<sup>249</sup>. Podemos afirmar, a partir dessas constatações, que o Dr. Proust conhecia os

---

<sup>248</sup> A diferença entre o conceito de inconsciente na literatura proustiana e na teoria freudiana é um tópico que, pela sua magnitude, levaria-nos a realizar um estudo aparte. Vide fundamentalmente PROUST, Marcel (1982) *Matinée chez la Princesse de Guermantes. Cahiers du Temps Retrouvé* Paris: Gallimard.

<sup>249</sup> Segundo Tadié, Marcel Proust teria dialogado amplamente com as idéias de seu pai em *À la recherche du temps perdu* TADIÉ, Jean-Yves (1971) *Proust et le roman* Paris: Gallimard, p. 55.

trabalhos de Sigmund Freud publicados nos arquivos de neurologia de Charcot a partir 1893? Provavelmente não nos anos 90, quando foi convidado por Paul Janet a falar sobre um *Cas curieux d'automatisme ambulatoire chez un hystérique*<sup>250</sup>, que estudaremos mais adiante.

Marcel Proust, após a morte do pai, em 1903, e até 1906, ano da morte da sua mãe<sup>251</sup>, mergulhou na leitura sobre doenças nervosas e sobre teorias que promoviam novos métodos de cura por isolamento. Sabemos de um vasto material ao qual Proust teve acesso. Mas, estaria Proust, por esse motivo, a par das idéias psicanalíticas de Freud? A resposta é negativa. Especificaremos um pouco mais adiante.

Nosso intuito, ao retomar os conceitos freudianos de percepção, memória e linguagem, foi mostrar o lugar que esses conceitos ocupavam nos seus primeiros textos, fundamentais para a postulação efetiva do aparelho psíquico e do inconsciente dentro de sua teoria psicanalítica. O *Ensaio crítico das afasias*, a “Carta 52” a Fliess e o *Projeto de psicologia* compõem um corpus que remete a uma experiência absolutamente nova de análise psíquica; mesmo em relação à descendência direta de Charcot na França. Nos textos analisados, Freud expõe suas idéias sobre a estratificação da memória, criando diversos modelos que não se recobrem (e que se desdobrarão ainda mais em textos posteriores), abordando o problema da palavra e das coisas, da energia psíquica, das falhas na linguagem

---

<sup>250</sup> Todavia, ao retornar a Viena, graças a um caso de histeria masculina, Freud foi rejeitado por vários médicos, dentre eles o poderoso Meynert.

<sup>251</sup> Nesse ano Proust escreve o Prefácio de *Contre Saint-Beuve*, cujas páginas estão dedicadas à crítica literária. PROUST, Marcel *Contre Sainte-Beuve précédé de Pastiches et Mélanges et suivi de Essais et Articles* Texte établi par Pierre Clarac et Yves Sandre, Paris: Gallimard, 1971.



e dos rastros de memória, sobre os quais se ergue o andaime de sua teoria do inconsciente.

Na *Recherche* proustiana encontramos inúmeras vezes a palavra inconsciente (motivo de muitas confusões), assim como a idéia de que o narrador persegue um objeto perdido<sup>252</sup>. Mas, se há um verdadeiro interesse comum entre a psicologia experimental, as idéias da *Recherche* e a teoria freudiana, esse interesse remete a um saber trazido pelos estudos da doença, que indicam também uma forte crítica à inteligência e à preeminência do sonho como modelo do funcionamento psíquico. As múltiplas recorrências temáticas levaram os críticos a estabelecer analogias e influências, às vezes de forma desmedida. Somam-se a estas considerações mais um problema trazido pelo enredo da *Recherche*, cujo fim é a descoberta da vocação; isto que, como desejo, corresponde à busca da verdade<sup>253</sup> dentro de uma *doutrina estética*<sup>254</sup>. O que não é evidente na recorrência e na analogia dos termos utilizados pelo narrador são o sentido especulativo e o tratamento estético que se outorga a esses conceitos na ficção.

Marcel Proust, o autor, foi objeto de múltiplas análises psicológicas, protótipos do que, na sua obra, havia criticado: tentar compreender a obra através dos dados da vida do autor. Esse aspecto é fortemente criticado por Tadié, Czoniczer e Rivière<sup>255</sup>, entre outros. Aliás, esses mesmos críticos não deixam de

---

<sup>252</sup> BIZUB, Edward (2006) *Proust et le moi divisé* Paris: Droz p. 85

<sup>253</sup> DESCOMBES, Vincent (1987) *Proust, philosophie du roman* Paris: Minuit, p. 12.

<sup>254</sup> MILLY, Jean (1970) *Proust et le style* Paris: Minard, p. 68.

<sup>255</sup> TADIÉ Marcel Proust op. cit., p. 45; RIVIÈRE, Jacques (1926) *Freud et Proust Quelque progrès dans l'étude du cœur humain* In: "Cahiers Marcel Proust" N° 13, Paris: Gallimard, 1985. CZONICZER, Elizabeth (1957) *Quelques antécédents de À la recherche du temps perdu. Tendances qui peuvent avoir contribué à la cristallisation du roman proustien* Paris: Minard.

observar que, Proust e Freud, por exemplo (em que há nas suas obras, uma teórica e a outra ficcional, um amplo círculo de interesses comuns), são, do ponto de vista histórico, contemporâneos. Eles também manifestaram durante a juventude interesse pela filosofia e pelas letras, como muitos dos psicólogos experimentais franceses, entre os quais podemos citar Hippolite Taine e Pierre Janet, de duas gerações diferentes. A medicina e a literatura também têm pontos comuns.

O que talvez não seja uma evidência, todavia, é a forte crítica que o narrador da *Recherche*, os psicólogos experimentais e a teoria freudiana fizeram do conceito de linguagem entendido como representação direta da realidade. Essa crítica se sustenta no redimensionamento da fala nos processos psíquicos e na relevância do aspecto sonoro na configuração das representações. O alcance dessa crítica não está explicitado na teoria estética que o narrador proustiano expõe em *Le temps retrouvé*, mas no tratamento que o narrador de *La Prisonnière* outorga à memória e à linguagem.

Pretendemos observar aspectos da linguagem que foram pouco salientados e que, segundo nossa hipótese, é possível introduzir nesse círculo de interesses da doença nervosa. A afasia e a histeria foram colocadas lado a lado por Freud, leitor atento de Binet e Charcot, no momento em que fundamentou a especificidade psíquica das paralisias histéricas. A teorização sobre essas duas doenças precisou de toda uma reformulação do conceito de memória; mostraremos também o importante lugar que esse problema ocupou nas pesquisas da psicologia francesa experimental.

Para situar Marcel Proust no contexto, diremos brevemente que ele pertenceu a uma geração posterior à de Freud; nasceu em 10 de julho de 1871 em Auteuil (limite ocidental de Paris com o bosque de Bologna)<sup>256</sup>. Sua mãe Jeanne Weil, de família judia, possuía uma excelente formação literária e um apurado sentido de humor. Seu pai, de família católica, foi reconhecido como médico e sanitarista em toda a França, por seus trabalhos sobre clínica médica e pela criação do cordão preventivo do cólera<sup>257</sup>. Em 1873, nasceu o seu irmão Robert Proust, que também se tornou médico, e obteve fama por seu trabalho sobre cirurgia nos órgãos femininos. Ele testemunhou o primeiro episódio de asma de Marcel, em 1880, quando tinha aproximadamente nove anos. Essa doença respiratória e diversas crises de afasia o assolariam pelo resto da vida, até a pneumonia que lhe trouxe a morte.

Proust viveu, portanto, a chamada *Belle Époque* na França, que para os historiadores estendeu-se até a Primeira Guerra Mundial. Ingressou no Liceu Condorcet, onde conheceu Daniel Halévy e Jacques Bizet (diretores do periódico escolar que redigiam à mão). Em 1888, esses colegas apresentaram-no, com dezessete anos, aos Salões parisienses de suas respectivas famílias<sup>258</sup>. Nesse mesmo ano começou a estudar filosofia sob a direção do professor de metafísica Marie Alphonse Darlu que, segundo escreve no Prólogo de *Les plaisirs et les*

---

<sup>256</sup> A maioria dos biógrafos salienta seu estado de debilidade ao nascer, fato que teria feito seus pais acreditarem que não sobreviveria, o que, em compensação, permitiu-lhe obter os cuidados da sua mãe durante toda a vida.

<sup>257</sup> PROUST, Adrien *La Défense de l'Europe contre la peste*; citado por TADIÉ *Marcel Proust* op. cit., p. 55.

<sup>258</sup> SAMSON, William (1973) *Vidas literárias. Proust* Trad. I. de Prado, Rio de Janeiro: Zahar, p. 41.

*jours*, foi justamente quem o ensinou a pensar. Com dezoito anos conheceu também Anatole France (1844-1924)<sup>259</sup>.

Em 1889, Marcel Proust alistou-se voluntariamente na infantaria de Orleans, e um ano depois matriculou-se na Faculdade de Direito da Sorbonne, na *École libre des sciences politiques*<sup>260</sup> (fundada em 1870 conforme as idéias de Taine<sup>261</sup>), que lhe dava a possibilidade de escolher entre advocacia e serviço diplomático. Decidiu-se pela sessão diplomática de dois anos, dirigida por Albert Sorel. Segundo Painter, assistiu a conferências de historiadores e filósofos como Paul Desjardins e Henri Bergson (casado com uma sobrinha de Mme. Proust, mãe de Marcel). Sobre esse ponto, Tadié discorda, pois não encontrou o nome desses professores na grade durante esse período.<sup>262</sup>

Em 1892, Proust conhece efetivamente Bergson, cuja filosofia foi comparada com as idéias da ficção proustiana em inúmeras oportunidades; no entanto, na correspondência, assim como em seus escritos, Proust não indica, nem uma vez, qualquer influência do filósofo. Em 1896, Bergson publicou *Matière e Mémoire*<sup>263</sup>, em que estuda os problemas da percepção, da memória e do tempo<sup>264</sup>; mas, em obras anteriores, ele já havia desenvolvido o problema da memória e do cérebro e, significativamente, o problema das afasias. Nesse sentido, Samson se questiona se será efetivamente coincidência o fato de, mais tarde, Proust ter se tornado um

---

<sup>259</sup> Ganhador do Nobel em 1921, France seria o primeiro a apoiar o *J'accuse* de Zola, solicitando a revisão do caso Dreyfus (acusado de traição em 1894), em que se envolve também Proust, e que revolucionaria o Direito na França.

<sup>260</sup> A escola tinha por objetivo formar os quadros políticos e diplomáticos franceses para os grandes corpos do estado In: TADIÉ *Marcel Proust* op. cit., p. 138.

<sup>261</sup> TADIÉ *Marcel Proust* op. cit., p. 138.

<sup>262</sup> Idem, p. 140.

<sup>263</sup> BERGSON, Henri (1959) *Œuvres* Paris: PUF, 2001.

<sup>264</sup> No mesmo ano da publicação de *Matière e Mémoire* aparece *Les plaisirs et les jours* de Proust.

afásico intermitente<sup>265</sup>. Mas, a verdadeira questão é: não foi esse um período em que os problemas da linguagem, da percepção, da memória, e também do cérebro foram recolocados, refreando o ímpeto localizacionista? Abria-se então um campo interdisciplinar que chamou a atenção dos médicos, dos filósofos e até do próprio pai de Proust. Taine, Charcot, Adrien Proust, Freud e Bergson são exemplos da heterogeneidade de interesses que se cruzam na abordagem de doenças como a afasia.

Em 1890, Proust trabalha ativamente na redação da revista impressa *Le Mensuel*; e em 1896 lança *Les plaisirs et les jours* (prologado por Anatole France), inaugurando a primeira grande etapa<sup>266</sup> do que será a elaboração de *À la recherche du temps perdu*. Em 1899, escreve o romance *Jean Santeuil*, que só será publicado em 1952 (aos trinta anos da sua morte), prefigurando muitas das temáticas da *Recherche*.

*À la recherche du temps perdu* é um romance que, segundo a interpretação de Marcel Proust, trata de um “*monsieur que dit: je*”<sup>267</sup>. O romance, salvo o capítulo *Un amour de Swann*, foi escrito em primeira pessoa (“*Longtemps, je me suis couché de bonne heure*”<sup>268</sup>), num jogo de vozes narrativas.<sup>269</sup> É importante destacar que o sujeito narrativo proustiano não se identifica apenas com uma voz

---

<sup>265</sup> SAMSON, William *Proust op.cit.*, p. 41.

<sup>266</sup> GENETE, Gérard (1980) *Recherche de Proust. La question de l'écriture* Paris: Seuil.

<sup>267</sup> FRAISSE, Luc (1993) *Lire du côté de chez Swann* Paris: Dunod. p.93.

<sup>268</sup> PROUST, Marcel *Du Côté de chez Swann* In: PROUST, Marcel *À la recherche du temps perdu* Paris: Gallimard: p. 3.

<sup>269</sup> Pela magnitude do problema, abordar as “vozes narrativas” da *Recherche* justificaria outro trabalho de pesquisa.

*narrativa*<sup>270</sup> ou com um *eu* que escuta, associa, lembra ou interpreta. Os estudos proustianos assumem que o sujeito na *Recherche* reveste várias vozes, relativas à tensão<sup>271</sup> gerada fundamentalmente entre a voz do narrador e a voz do herói Marcel.

Os volumes que compõem a *Recherche* são semi-independentes, produtos de diversas retomadas e processos de escrita que caracterizam o fazer proustiano, e que se estendem de fins de 1907 até 1922. Esse dado nos permite pensar que as idéias de sujeito, de memória e de linguagem, provindas de um compêndio de mais de três mil páginas, não permanecem idênticas, mas sofrem modificações; assim o mostra a crítica genética, ao estudar os manuscritos.

Em *Combray*, o primeiro romance da série, o narrador-herói afirma: “*Je m’endors*”<sup>272</sup>, abrindo assim uma ampla seqüência de presenças/ausências. O quinto romance da série, *La prisonnière* (romance que analisaremos em detalhe na terceira parte deste trabalho) foi escrito também em primeira pessoa, e oferece um contraponto a esse tema chave da elipse narrativa constituída pelo primeiro e último volumes da *Recherche*, *Le temps retrouvé*. Uma leitura atenta do romance *La Prisonnière* (que em relação aos outros dois é um romance tardio) permite-nos observar a mudança no tratamento da linguagem, da memória e do sujeito, em um movimento de supressão dos ideais estéticos, mas também de conservação e elevação desse problema, no sentido hegeliano do termo *Aufhebung*. Portanto, se

---

<sup>270</sup> DELEUZE, G. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987, p. 128; LANDY, Joshua *Proust, his narrator, and the importance of the distinction* In: *Philosophy as fiction: Self, Deception and Knowledge in Proust* Oxford: University Press, 2004.

<sup>271</sup> GENETTE, G. *Proust et le langage indirect* In: *Figures II* Paris: Seuil, 1969, [p.223-294]. TADIÉ, J.-Y. (1971) *Proust et le roman. Essai sur les formes et techniques du roman dans À la Recherche du temps perdu* Paris: Gallimard. MULLER, M. *Les voix narratives dans la Recherche du temps perdu* Genève: Droz, 1983.

<sup>272</sup> PROUST *Du Côté de chez Swann* op. cit., p. 3.

o narrador doutrinal<sup>273</sup> faz referência a dois *côtés*, duas memórias, dois tempos e dois sujeitos (como meios para alcançar a verdadeira realidade), esses tópicos se desdobram em *La Prisonnière*; nesse romance mostra-se um novo alvo que minora o idealismo originário desse projeto proustiano. Assim sendo, os conceitos não só diferem do sentido que adquirem na teoria freudiana; como diferem também, e se modificam, no interior da *Recherche*.

---

<sup>273</sup> Referimo-nos ao narrador do primeiro e do último volume da *Recherche*.

## ***A Recherche e os achados da psicologia francesa experimental***

Talvez pelas afirmações de seu pai sobre sua doença asmática (*“l’asthme de Marcel était imaginaire”*<sup>274</sup>) e a pedido de sua mãe, Marcel Proust começa a se interessar pela leitura de obras de médicos franceses especializados em doenças nervosas. Foi assim que ele conheceu os novos métodos de isolamento promovidos para a cura. Esse interesse coloca-o em contato principalmente com as terapias pré-freudianas que começavam a se espalhar pela Europa e América. No final de 1904, Proust consagra-se à leitura das obras de Brugleman, de Dubois<sup>275</sup>, Sollier<sup>276</sup> e, sobretudo, de Camus e Pagniez<sup>277</sup>. Em todos esses textos a cura está intimamente ligada à descoberta do subconsciente revelado pela psicologia experimental da geração precedente, à qual pertence seu próprio pai<sup>278</sup>.

Painter comenta que em uma *soirée* Proust se encontrou com um médico e lhe fez uma espécie de consulta improvisada. Por acaso, o médico era um grande especialista em psicologia experimental, Nicolas Vaschide<sup>279</sup>, e indicou que Proust era propenso ou receptivo ao fenômeno da divisão da consciência. Em outra consulta, esta oficial, ao Dr. Merklein, Proust ouviu a confirmação de que a asma

---

<sup>274</sup> SOUPAULT, Robert (1892) *Marcel Proust du côté de la médecine* Paris: Plon, 1967, p. 131.

<sup>275</sup> DUBOIS, Pierre (1904) *Les Psychonévroses et leur traitement* Paris: Mason.

<sup>276</sup> SOLLIER, Paul (1892) *Les Troubles de la mémoire* Paris: Rueff; SOLLIER, Paul (1901) *L’Hystérie et son traitement* Paris: Alcan; SOLLIER, Paul (1903) *Les phénomènes de l’autoscopie* Paris: Alcan.

<sup>277</sup> CAMUS, Jean – PAGNIEZ, Phillippe (1904) *Isolement et Psychothérapie. Traitement de l’hystérie et de la neurasthénie* Paris: Alcan.

<sup>278</sup> BIZUB *Proust et le moi divisé* op. cit., p.160.

<sup>279</sup> Vaschide era chefe do Laboratório de psicologia experimental da *École des Hautes-Études*; PAINTER, (1965) *Marcel Proust* Paris: Mercure de France, p. 34. citado por BIZUB *Proust et le moi divisé* op. cit., p. 154.



era um hábito nervoso<sup>280</sup>. Daí em diante, interessou-se por todas as teorias que falavam do “subconsciente”<sup>281</sup> como causa das doenças que, até esse momento, eram tidas como meramente orgânicas<sup>282</sup>. Antes da morte de sua mãe ele havia lhe prometido, durante uma viagem a Evian, que visitaria, seguindo caminho até Berna, o doutor Paul Dubois, um dos especialistas mais conhecidos em tratamentos psicoterapêuticos. De fato, ele já conhecia a obra de Dubois sobre as psiconeuroses, que o médico apelidava “doenças da alma”. Dubois argumentava que o isolamento era o preâmbulo da cura; era apenas um meio de colocar na prática o que nesses dias era conhecido como o tratamento moral. O método em si era, no entanto, a psicoterapia<sup>283</sup>. Alguns autores duvidam se realmente Proust visitou Dubois (Tadié afirma que sim), devido a um ataque de uremia sofrido pela mãe, e que precipitou a volta de ambos a Paris.

O detalhado estudo realizado por Bizub, sobre esse período da vida do autor, pretende mostrar, entre outras questões, as conseqüências da crise que Proust teve após a morte de sua mãe. Esse é um tema recorrente na literatura proustiana, já que nesse período começaram a circular efetivamente as idéias que constituiriam a *Recherche*. Fundamentalmente, porque essa crise levou-o a sentir-se doente e vazio no plano espiritual, assim como a ocupar toda sua energia na tradução de uma segunda obra de Ruskin. A dedicação à tradução e à literatura

---

<sup>280</sup> PAINTER, (1965) Marcel Proust Paris: Mercure de France, p. 34.

<sup>281</sup> Esse termo foi aceito por Charcot e Freud; utilizado no *Estudo comparativo das paralisias histéricas*, como “associação subconsciente” de uma lembrança traumática. Freud utilizou esse termo até a *Interpretação dos sonhos*, quando rejeitou essa designação porque a considerou incorreta.

<sup>282</sup> PAINTER, George D (1959) *Marcel Proust. Biografia*. Vol.II (1904-1922), Trad. A. Bosch, Barcelona: Lumen, p. 89.

<sup>283</sup> CAMUS et PAGNIEZ (1904) *Isolement et psychothérapie. Traitement de l'hystérie et de la neurasthénie* Paris: Alcan; citado por BIZUB *Proust et le moi divisé* op. cit., p. 157.

tornou-se exclusiva. Nesse período, foram inúmeras as consultas que realizou a médicos e neurologistas franceses, enquanto decidia com quem começava seu tratamento moral. Na verdade, ele não concebia entrar em tal isolamento, que o levaria a deitar em um quarto fechado, sem poder ler nem escrever, quando suas crises habituais de asma só lhe permitiam dormir quando amanhecia.

Foi assim que só em dezembro de 1905, depois de dois anos de leituras intensas de textos de medicina e psicologia, ingressou na casa de saúde Paul Sollier<sup>284</sup>, estando a par do tipo de tratamento ao qual iria se submeter, “*un traitement psychothérapique*”.<sup>285</sup> A cura promovida por Sollier seguia certas regras que Proust conhecia. Primeiro, devia se afastar do mundo, descansar sozinho dentro de um quarto de isolamento; logo, devia seguir um regime de comida estrito (pelo que diz Paignez, laticínios) e, por último, entregar-se totalmente ao médico que conduziria o procedimento para a cura. O método de Sollier propõe uma série de interrogações que, feitas ao paciente, possibilitariam, através de uma espécie de conversa, a reeducação do espírito e da vontade.

Contudo, seis semanas depois, em janeiro de 1906, Proust abandona, por decisão própria, a casa de saúde de Sollier. Nada se sabe de seu diagnóstico; apenas que saiu de lá com a opinião de que esse tratamento deixara-o mais doente ainda, aparentemente porque fracassou; no entanto, continua sustentando que a asma é signo de outra coisa em seu interior que busca se expressar. Nesse sentido, Bizub faz sua própria interpretação, quando afirma que as leituras da obra de Camus e Paignez e de casos de divisão da consciência, bem puderam dar a

---

<sup>284</sup> BIZUB *Proust et le moi divisé* op. cit., p. 151.

<sup>285</sup> PROUST, Marcel *Correspondance générale III, 1930-1936*, Paris: Plon, 1970-1993, p. 107; citado por BIZUB *Proust et le moi divisé* op. cit., p. 152.

Proust a idéia de que sua doença nervosa impedia seu eu interior de se exprimir.<sup>286</sup>

O que extraímos dessa relação, para além da questão biográfica, é a implicação de Proust com o círculo de idéias em que se encontrava Sollier. Junto a Déjerine, Sollier foi um dos fiéis discípulos de Charcot, pertenceu a uma geração que buscava, no isolamento e nas conversas sobre a doença, um resultado semelhante ao que buscavam, com a sugestão hipnótica, os psicólogos experimentais. Com o tempo, Sollier se transformou em um acérrimo oponente das idéias de Freud.

A cura de Sollier baseia-se em um isolamento total, com regras claras e abertas, método que antigamente só era aplicável aos alienados, como foi teorizado por Esquirol<sup>287</sup>. Sollier pretende manter o sujeito sem influência externa para obter um estado de suspensão semelhante ao estado dos sujeitos de consciência dividida, que haviam chegado a ser famosos, antes da virada do século, como *dormentes-acordados*<sup>288</sup>. Paul Sollier é, nesse sentido, descendência direta daqueles primeiros médicos que, nas últimas três décadas do século XIX, assim como Adrien Proust (que escreve, em 1897, *L'Hygiène du neurasthénique*), buscavam respostas psicológicas para as novas patologias psicológicas que surgiam no panorama francês.

Mas, por que colocar o paciente nesse estado? Quem eram esses *dormeurs éveillés* que ocuparam os médicos teóricos da neurastenia e da histeria? Esse era

---

<sup>286</sup> BIZUB *Proust et le moi divisé* op. cit., p. 152.

<sup>287</sup> FOUCAULT, Michel (1972) *História da loucura na idade clássica* São Paulo: Perspectiva, 1978, 508-510.

<sup>288</sup> «*Dormeurs éveillés*» BALLEST, Gilbert et PROUST, Adrien (1897) *L'Hygiène du neurasthénique* Paris: Masson, p. 185.

um tipo específico de patologia que causou grande ebulição e chamou profundamente a atenção de Azam, Ribot <sup>289</sup>, Pierre Janet, Binet<sup>290</sup> e A. Proust, entre outros médicos. Tratava-se de um tipo de paciente que quebrava o esquema nosográfico tradicional e tampouco se enquadrava nas observações de Charcot na sala da Salpêtrière. Esses pacientes, sem hipnose ou sugestão clínica, perambulavam em um estado de semi-acordado, em pleno dia. Esse estado, passado um tempo de observações, foi chamado de estado segundo de consciência, e caracterizado pela alternância com um estado normal e, em alguns casos, a alternância durava toda a vida. Foi por esse motivo que também foram chamados de *sonâmbulos*.

Em 1890, Adrien Proust<sup>291</sup> foi convidado pelo Dr. Pierre Janet para apresentar, diante da *Academia de Ciências Morais*, os resultados de uma de suas pesquisas, que logo publicara sob o nome de *Cas curieux d'automatisme ambulatoire chez un hystérique*, Emile X.<sup>292</sup> Em um artigo do mesmo ano, a apresentação desse caso já era objeto de debate<sup>293</sup>. Observemos a apresentação de caso que faz o Dr. Proust: «Emile X... trente-trois ans; fils d'un père original et

---

<sup>289</sup> Primeiro a ocupar a cadeira de “Psicologia experimental e comparada” no Collège de France, criada em 1888. RIBOT, Théodule (1897) *Les maladies de la personnalité* Paris: Alcan. Citado por BIZUB *Proust et le moi divisé* op. cit., p. 20.

<sup>290</sup> BINET, Alfred (1887) Les altérations de la personnalité Paris: *Revue philosophique*, [05/1887]. Versão integral digital Elibron Classics.

<sup>291</sup> PROUST, Adrien *Cas curieux d'automatisme ambulatoire chez un hystérique* In: *La tribune médicale* N<sup>o</sup>13 Março de 1890 [p.202-3] Citado por BINET *Les altérations de la personnalité* Paris: Alcan 1892, p. 29-31 e por BIZUB *Proust et le moi divisé* op. cit. p. 113-149.

<sup>292</sup> A observação de Emile X... « est totalement ignorée par les proustiens d'aujourd'hui. Aucune mention de ce cas n'est pas faite dans le *Dictionnaire Marcel Proust* [...] paru en 2004». BIZUB *Proust et le moi divisé* op. cit., p. 113.

<sup>293</sup> Henri Parvielle foi quem comparou Emile X com um *dormeur éveillé* PARVIELLE, Henri *Mouvement scientifique* In: *Les annales politiques et littéraires* (16/02/1890), p. 109-110. BIZUB *Proust et le moi divisé* op. cit., p. 114.

buveur; mère nerveuse, un frère cadet rentrant dans la catégorie des arriérés. Lui, au contraire, est d'une intelligence assez vive»<sup>294</sup>

Emile X é um jovem de 33 anos, de grande inteligência. Tendo se formado em estudos clássicos, não teve sucesso nos concursos acadêmicos. Estuda medicina durante alguns meses, mas logo opta por seguir os estudos de Direito, chegando a ser membro da ordem dos advogados de Paris. O Dr. Proust menciona que Emile X é muito sensível às impressões, pois quando recebe uma forte impressão isso faz acordar nele o *moi somnambulique*. Ele se transforma espontaneamente em outra pessoa, passa a esquecer totalmente as situações de sua vida quotidiana e adota uma postura literalmente errante. Ao retornar a si, não se lembra de nada. É para Proust um caso de automatismo ambulatório.

Em *Les altérations de la personnalité*, Binet retoma esse caso e salienta que, quando Emile X entra nesse estado, esquece tanto suas lembranças mais antigas quanto as mais recentes; e que, esse *estado segundo*<sup>295</sup>, pode prolongar-se por dias. Para A. Proust, o que verdadeiramente acontece a Emile X é que ingressa em um estado em que *apercebe* (como diz Leibniz) o que se passa ao seu redor. Essa é a explicação de A. Proust, que Binet apóia, do processo vivenciado pelo paciente em estado segundo. O diagnóstico do Dr. Proust é o seguinte: «Emile X... a présenté les signes les plus manifestes de la grande hystérie (attaques de sensibilité, de motilité etc.)».<sup>296</sup>

---

<sup>294</sup> PROUST, Adrien (1890) *Cas curieux d'automatisme ambulatoire chez un hystérique* In: *La Tribune Médicale*, nº13. Bulletin hebdomadaire, (03/1890) p. 202.

<sup>295</sup> BINET *Les altérations de la personnalité* op. cit., p. 29.

<sup>296</sup> PROUST *Cas curieux d'automatisme ambulatoire chez un hystérique* op. cit., p. 203; citado por BIZUB, op.cit., p. 116.

Detenhamo-nos um pouco nos dois episódios narrados pelo paciente, segundo A. Proust. O primeiro, de setembro de 1888, em que tem uma briga com seu pai que o altera muito e que deixa nele uma viva lembrança até o presente. No entanto, afirma ter esquecido os acontecimentos das três semanas posteriores a essa briga. Terminando esse período, ele se encontra em Villars-Saint-Marcelin (na comuna de Haute-Marne), longe de Paris, mas não sabe como chegou até ali. O segundo episódio data de maio de 1889, em que toma o café da manhã no Quartier Latin de Paris e, dois dias depois, encontra-se em outro lugar (ocupando um leito no hospital em *Troyes*). Quando acorda, só sabe que tem sua carteira e duzentos e vinte cinco francos<sup>297</sup>.

Se em estado normal Emile X não sabe de nada, ao ser hipnotizado ele narra ao Dr. Proust inúmeros detalhes. Acerca do segundo episódio, afirma que ao sair do restaurante toma um carro, pede que o levem à *gare de l'Est*; embarca à 1 hora e 25 minutos e chega a Troyes às 5 e 27. Fica no hotel do comércio, no quarto nº 5. No dia seguinte, passa a tarde com um conhecido e, em certo momento, começa a se sentir mal; chama um guarda e pede-lhe que o conduza até a delegacia de polícia, e daí ao hospital em Troyes, onde acorda. Proust prossegue:

Ainsi, Emile X..., dans son état normal, ignore ce qu'il a fait pendant les périodes d'automatisme ambulatoire, mais il suffit, en le plongeant dans le sommeil hypnotique, de le replacer en condition seconde pour qu'aussitôt il se rappelle les moindres détails de ses pérégrinations.<sup>298</sup>

Emile X haveria sido chamado pelo tribunal da cidade em que perambulava acusado de roubo, mas após o informe sobre sua condição sonâmbula, essas

---

<sup>297</sup> PROUST *Cas curieux d'automatisme ambulatoire chez un hystérique* op. cit., p. 202-203; citado por BINET *Les altérations de la personnalité* op. cit., p. 30.

<sup>298</sup> PROUST *Cas curieux d'automatisme ambulatoire chez un hystérique* op. cit., p. 203. Citado por BINET *Les altérations de la personnalité* op. cit., p. 31.

queixas foram retiradas. A partir da apresentação de Emile X, o caso se torna referência para os pesquisadores que desenvolvem trabalhos no domínio da divisão da consciência. O aspecto que nos parece relevante é que o estado de errante foi relacionado com o estado hipnótico. E o Dr. Proust comenta: «Il est presque instantanément hypnotisable. [...] Il suffit qu'il fixe un point dans l'espace, qu'il entende un bruit un peu fort, qu'il éprouve une *impression vive et subite* pour que, aussitôt, il tombe dans le sommeil hypnotique».<sup>299</sup>

Para cair no sono hipnótico bastava uma forte impressão que produzia a passagem de um estado ao outro. Essas impressões eram originadas nas percepções. Dessa maneira, o paciente narra outra situação: «Il était, un jour, au café, place de la Bourse. Il se regarde à la glace. Immédiatement il s'endort. Etonnées et effrayées les personnes avec lesquelles il se trouvait le conduisirent à l'hôpital de la Charité où on le réveilla».<sup>300</sup>

O Dr. Proust estima que a causa da passagem a esse outro estado, nessa ocasião é também uma forte impressão: a impressão de seu olhar no espelho. Emile X parece haver-se hipnotizado a si mesmo ao se olhar fixamente no espelho<sup>301</sup>. Esse olhar fixo refletido fá-lo entrar em estado segundo. Ao ser indagado, Emile X faz referência a outro olhar; ele se lembra de um olhar fixo e penetrante que lhe profere o juiz no palácio da justiça; esse olhar produz nele uma paralisia, uma espécie de adormecimento provocado pela impressão. As impressões sensoriais que originam a passagem levam o Dr. Proust a concluir que

---

<sup>299</sup> PROUST *Cas curieux d'automatisme ambulatoire chez un hystérique* op. cit., p. 202. Citado por BIZUB Proust et le moi divisé op. cit., p. 117.

<sup>300</sup> Idem.

<sup>301</sup> Binet não menciona o episódio do espelho.

há uma ruptura na continuidade dos fenômenos da consciência. Mas, nesse estado segundo, ele age como na vida quotidiana. O Dr. Proust pensa que se há uma descontinuidade entre os dois fenômenos da consciência, o paciente manifesta uma continuidade entre os fenômenos de consciência da condição segunda. O que Proust descobre é uma organização particular da consciência no estado sonambúlico. Essa conclusão confirma a tese de Binet e da psicologia experimental, que sustenta a continuidade da consciência em cada um dos estados.

Segundo a descrição de A. Proust<sup>302</sup>, seu paciente possuía as mesmas características do famoso caso Félida<sup>303</sup>, freqüentemente mencionado na literatura da Salpêtrière e prefaciado por Charcot. Félida começou a ser tratada em 1858 pelo Dr. Azam, que a atendeu durante vinte e cinco anos, e cujas conclusões, assinala Pierre Janet, forneceram uma experiência clínica vital para a criação da disciplina de psicologia no *College de France*<sup>304</sup>. A partir desse caso, o Dr. Azam criou em 1887 o termo *dédoublement de la personnalité*, abrindo um novo campo teórico e clínico. Félida era uma jovem operária que trabalhava na área de costura. Certo dia, aos quatorze anos, sentiu uma dor e logo caiu em um profundo sono. Ao acordar, não reconhecia mais seu antigo eu, e começou uma nova vida. A medicina da época não conhecia as causas da doença e o próprio Dr. Azam admitiu sua perplexidade diante desse fenômeno fisiológico de essência desconhecida. Félida, ao ser tomada por alguma emoção forte, passava a um

---

<sup>302</sup> PROUST *Cas curieux d'automatisme ambulatoire chez un hystérique* op. cit., p. 203. Citado por BIZUB *Proust et le moi divisé* op. cit., p. 113.

<sup>303</sup> AZAM, Émile *Hypnotisme, double consciente et altérations de la personnalité*, Préface de Charcot, Paris: l'Harmattan, 2004.

<sup>304</sup> Citado por BIZUB op.cit., p. 31.



estado de transição (que em princípio durava dez minutos, mas com o tempo esse estado chegou a durar mais de duas horas); em seguida, passava ao estado que Azam chamou de estado de finalização, em que caía adormecida. Isso produzia uma espécie de marcha inversa; desse estado de sono, ela acordava voltando para seu estado ordinário. A partir do primeiro incidente, Férida viveu em uma sucessão de estados alternados<sup>305</sup>. Essas personalidades eram mutuamente amnésicas e também antinômicas, contraditórias, uma negava a outra. Se, de um lado, Férida era triste e silenciosa; de outro, ela era audaz e até rude, revelando abertamente sua sexualidade.

Depois de muitos anos de observações, a psicologia experimental postulou que a causa dessas patologias era um desdobramento da personalidade, uma *divisão da consciência*. A noção de uma consciência múltipla alcança notoriedade graças ao estudo de relatos clínicos de pacientes que manifestam, alternadamente, tais personalidades diferentes. Os pacientes cindidos em estado segundo pronunciavam “quase-frases”, murmuravam algo que parecia vir de outro “eu”, sem deixar rastros na memória quando voltavam para seu estado normal. Assim, a memória dividida é tida como o fator de identificação da personalidade em cada um dos estados.

No prefácio ao livro de Azam escrito por Charcot, ele homenageia a perseverança na área da divisão da consciência e também do hipnotismo (que Azam foi o primeiro a enlaçar), pois isso abriu o campo tanto dos estudos praticados na Salpêtrière pelo próprio Charcot, quanto os da escola de Nancy, aos

---

<sup>305</sup> AZAM, E. *Hypnotisme, double consciente et altérations de la personnalité* op. cit., p. 64, citado por: BIZUB Proust et le moi divisé op. cit. p. 32.

cuidados de Bernheim. Havia nascido assim a cultura do sonambulismo, a divisão da personalidade e o subconsciente.

O Dr. Proust assiste a uma das últimas aulas de Charcot, em dois de dezembro de 1890<sup>306</sup>, na qual apresenta o caso de Marie H. que, seguindo a tradição tanto de Azam como do próprio A. Proust, coloca Marie H. dentro da categoria dos *dormeurs éveillés*. O caso Férida inaugura um paradigma do desdobramento da personalidade fundado na divisão da consciência; abria-se assim um novo caminho de pesquisa, uma nova questão para a geração de médicos, psicólogos e filósofos que até então manifestavam sua crença na unidade do eu. Esses seres divididos não poderiam ser objetos de estudo da filosofia tradicional, fundada sobre a visão da unidade do espírito e a univocidade do sujeito e da alma. Para Nassif<sup>307</sup>, esse caso teve profunda influência nas teorias articuladas por Binet e P. Janet. Eles foram responsáveis, no ambiente francês, por associar às hipóteses sobre a memória uma forte hipótese sobre a divisão da consciência, abrindo um campo de interesse que ultrapassa o terreno da medicina. Segundo Carroy: «Binet porte témoignage de la montée de ce modèle qui, dans des registres et des genres différents, Bergson, Freud et Proust développeront après lui».<sup>308</sup>

P. Janet e Binet sustentaram uma tese decisiva, com a qual dialogam as idéias freudianas. Eles acreditavam que os pacientes *histéricos* eram mais

---

<sup>306</sup> BIZUB *Proust et le moi divisé* op. cit., p.160.

<sup>307</sup> NASSIF Freud. *L'inconscient* op. cit., p. 195.

<sup>308</sup> CARROY J. *Le rappel des personnalités anciennes par suggestion* Rev. Champ psychosomatique 2001/1, N°21, p. 9-24.

propensos a essa *divisão da consciência*. É no livro de Binet<sup>309</sup> que Freud descobre a idéia de *alteração da consciência*, de *condição segunda* e a idéia de *ausências* constituindo uma referencia primordial para a escrita dos estudos da histeria. Freud<sup>310</sup> refere-se à retomada de Binet (lotada de comentários filosóficos) dos grandes casos clássicos de divisão da personalidade (Félida; le sergent Bazeilles, Lucie e Emile X, tratado pelo Dr. Proust), em que Binet esclarece os benefícios da sugestão na busca da primeira irrupção do sintoma histérico. Daí a famosa frase “*der Hysterische leide grösstenteils an Reminiszenzen*”<sup>311</sup>. No estudo de casos de histerias colocava-se em primeiro plano a questão da percepção de fortes impressões, da propriocepção ou da sinestesia, como ponto de partida da divisão da personalidade e da memória. A sensação, ou melhor, a lembrança da sensação, podia ser a chave que o paciente traz do estado segundo ao estado primeiro, possibilitando ao médico encontrar uma cura. Contudo, onde se situava esse material psíquico esquecido?

Em 1894, Freud expressa algumas dúvidas sobre a origem da divisão da consciência em *As neuropsicoses de defesa*, ensaio teórico em que toma distância dessa tese:

Dass der Symptomkomplex der Hysterie, soweit er bis jetzt ein Verständnis zulässt, die Annahme einer Spaltung des Bewusstseins mit Bildung separater psychischer Gruppen rechtfertigt, dürfte seit den schönen Arbeiten von P. Janet, J. Breuer u.a. bereits zur allgemeinen Anerkennung gelangt sein. Weniger geklärt sind die Meinungen über die Herkunft dieser

---

<sup>309</sup> BINET, Alfred (1887) *Les altérations de la personnalité* Paris: Revue philosophique, [05/1887].

<sup>310</sup> FREUD, Sigmund (1893) *Der psychische Mechanismus hysterischer Phänomene* Gesammelte Schriften Erster Band, Frankfurt am Main: Fischer, p. 85-86.

<sup>311</sup> “O histérico sofre de reminiscências uma maior parte das vezes”. FREUD *Der psychische Mechanismus hysterischer Phänomene* op. cit. p. 86.

Bewusstseinsspaltung und über die Rolle, welche dieser Charakter im Gefüge der hysterischen Neurose spielt.<sup>312</sup>

Freud se distancia, justamente nesse ponto, da divisão da consciência (*Spaltung des Bewusstseins*), pois adere à idéia de que a patologia histérica (*hysterische Neurose*) não é um produto, mas a origem desses estados oníricos ou hipnóides:

Im Gegensatz zur Anschauung Janets, welche mir die mannigfaltigsten Einwände zuzulassen scheint, steht jene, die J. Breuer, in unserer gemeinsamen Mitteilung<sup>313</sup> vertreten hat. Nach Breuer, ist „Grundlage und Bedingung“ der Hysterie das Vorkommen von eigentümlichen traumartigen Bewusstseinszuständen mit eingeschränkter Assoziationsfähigkeit, für welche er den Namen „hypnoide Zustände“ vorschlägt.<sup>314</sup>

Se a histeria não é causa dos estados hipnóticos, qual a vinculação entre esses dois fenômenos? Freud praticou durante um tempo o tratamento que induzia nos pacientes a hipnose. Sob esse estado de sugestão, buscava chegar até aos acontecimentos patogênicos na gênese dos sintomas, acessando um *conhecimento* que escapava aos pacientes no estado normal de consciência. Mas, ao observar que não conseguia bons resultados e às vezes não conseguia

---

<sup>312</sup> FREUD, Sigmund *Die Abwehr-Neuropsychosen. Versuch einer psychologischen Theorie der adquirierten Hysterie, vieler Phobien und Zwangsvorstellungen und gewisser halluzinatorische Psychosen* In: *Gesammelte Werke Chron. Geordnet*, Erster Band (1892-1899), Frankfurt am Main: Fischer, [p. 59-74], p. 60. “...el complejo sintomático de la histeria, hasta donde conseguimos entenderlo hoy, justifica el supuesto de una escisión de la conciencia con formación de grupos psíquicos separados, es cosa que debería ser universalmente aceptada tras los brillantes trabajos de P. Janet<sup>312</sup>, J. Breuer y otros. Menos claras están las opiniones sobre el origen de esa escisión de la conciencia y sobre el papel que ese carácter desempeña en la ensambladura de la neurosis histérica,” FREUD, Sigmund (1894) *Las neuropsicosis de defensa* In: *Obras Completas Vol. III*, Buenos Aires: Amorrortu, 2002, p. 47-8.

<sup>313</sup> FREUD, Sigmund – BREUER, Joseph (1893) *Über den psychischen Mechanismus hysterischer Phänomene* In: *Gesammelte Werke I* (1892-1899), Frankfurt am Main: Fischer, [p. 81-98].

<sup>314</sup> FREUD *Die Abwehr-Neuropsychosen* op.cit., p. 60. “En oposición al punto de vista de Janet, que me parece expuesto a muchísimas objeciones, se sitúa el sustentado por Breuer en nuestra *Comunicación*. Según Breuer, “base y condición” de la histeria es el advenimiento de unos *estados de conciencia peculiarmente oníricos*, con una aptitud limitada para la asociación, la que propone denominar “estados hipnóides”. FREUD *Las neuropsicosis de defensa* op.cit., p. 48.

sequer hipnotizar os pacientes, decidiu abandonar aquele método. Freud utiliza a hipnose<sup>315</sup> para a análise psíquica com o objetivo de ampliar a consciência e chegar até um grupo psíquico dissociado; isso, no entanto, não evitou a emergência de uma idéia crucial que rebateria a noção de “consciência dissociada”, na qual a hipnose se apoiava. As representações patológicas dissociadas e esquecidas pela consciência, segundo Freud, não se perdem, pois “permanecem existindo no âmbito do aparelho psíquico”. Sabemos, pelo *Ensaio crítico das afasias*, que ele escreve nesse período, que o aparelho psíquico é para ele um aparelho de memória, e que existem nele representações (que são as sensações imediatamente associadas). Também sabemos, pela “Carta 52” a Fliess, que Freud irá opor a percepção à consciência, propiciando uma série de inscrições no aparelho que não chegam ao âmbito da memória consciente. Levando em consideração esses textos, fica mais claro, então, que Freud sustenta que essas representações nos pacientes cindidos não se perdem, mas persistem fora da consciência, sob forma recalçada:

Wenn bei einer disponierten Person die Eignung zur Konversion nicht vorhanden ist und doch zur Abwehr einer unerträglichen Vorstellung die Trennung derselben von ihrem Affekt vorgenommen wird, dann muss dieser Affekt auf psychischem Gebiet verbleiben. Die nun geschwächte Vorstellung bleibt abseits von aller Assoziation im Bewusstsein übrig, ihr frei gewordener Affekt aber hängt sich an andere, an sich nicht unverträgliche Vorstellungen an, die durch diese „falsche Verknüpfung“ zu Zwangsvorstellungen werden.<sup>316</sup>

---

<sup>315</sup> Esse método, no entanto, já supunha a dissociação da consciência, a carga das funções psíquicas e as barreiras alçadas pela vontade. No caso da dissociação, porém, Freud não considerava esse um componente ‘primário’ (rastros de uma debilidade congênita que, segundo Janet, produzia um estreitamento do campo da consciência), mas uma dissociação secundária, referente a um ‘momento traumático’ (histórico) que constituiria um dos principais elos no estudo da origem dos processos psicofísicos da histeria de conversão. FREUD *Die abwehr-neuropsychosen op. cit.*

<sup>316</sup> FREUD, S. *Die abwehr-neuropsychosen* (grifos de Freud), p. 65-6. “Si en una persona predispuesta [a la neurosis] no está presente la capacidad convertidora y, no obstante, para

Na *História do movimento psicanalítico*<sup>317</sup>, além de anunciar sua dívida para com o método da hipnose, Freud afirma que, após abandoná-lo, optou por estimular os pacientes por meio da *comunicação oral*, na descarga da hesitação<sup>318</sup>. Essa descarga supõe que a liberação do afeto esteja ligada à lembrança de um trauma, possibilitando a anulação dos efeitos patogênicos<sup>319</sup>. Freud sublinha assim a importância de que o ato catártico possa ser substituído pela fala. Mas, à diferença de Sollier, Dubois, Paigetz etc., Freud não pretende reeducar o paciente nem sua vontade. Para ele, a descarga do afeto se produz no retorno de um material psíquico que foi recalcado, formando parte de uma experiência dolorosa; esse material (representação) não é apenas lembrado, mas de alguma forma revivido, trazendo a descarga do afeto.

Nessa passagem, Freud situa o ponto de partida da psicanálise no abandono do método catártico e na ênfase da cura através da palavra falada. Assim, levando em conta sua idéia sobre as lembranças esquecidas pelo sujeito, Freud assume um novo tipo de relação com os enfermos. As lembranças recalçadas não se perdem, uma vez que fazem parte de um processo que guarda

---

defenderse de una representación inconciliable se emprende el divorcio entre ella y su afecto, es fuerza que ese afecto permanezca en el ámbito psíquico. La representación ahora debilitada queda segregada de toda asociación dentro de la consciencia, pero su afecto, liberado, se adhiere a otras representaciones, en sí no inconciliables, que en virtud de este “enlace falso” devienen representaciones obsesivas” FREUD *Las neuropsicosis de defensa op. cit.*, p. 53.

<sup>317</sup> FREUD, Sigmund (1914) *Zum geschichte der Psychanalytischen Bewegung* Gesammelte Schriften X [p. 44-46]. FREUD, S. *Historia del movimiento psicoanalítico* In: FREUD, Sigmund *Obras Completas* Vol. XIV, Buenos Aires: Amorrortu, 1985.

<sup>318</sup> BREUER, J. – FREUD, S. (1895) *Über den psychischen Mechanismus hysterischer Phänomene* Gesammelte Schriften Erster Band, p. 68-9 BREUER – FREUD *Sobre el mecanismo psíquico de fenómenos histéricos. Comunicación preliminar. Estudios sobre la histeria* (1895) *Obras Completas* Vol. II, Buenos Aires: Amorrortu, 2001.

<sup>319</sup> Binet tinha observado que a terapia sugestiva era bem mais efetiva quando a atenção do sujeito estava dirigida para a primeira ocorrência do sintoma; mas foi Breuer quem relacionou esse retrocesso associativo chamada por Freud ab-reação.

rastros dos laços (*Verknüpfung*) originais entre as representações. Esses rastros de memória estão carregados de afetos. Do trabalho psicanalítico dependerá a possibilidade de trazer à atualidade essas lembranças esquecidas, fontes da patologia. Freud dispõe para isso do método de associação. Através da associação livre, pretende-se que as lembranças não esquecidas possam entrar em relação com outras lembranças que, pelo seu conteúdo traumático, ficaram recalçadas.

No entanto, a clínica mostra a Freud que uma força indeterminada no sujeito impede-o de atingir esse objetivo; força essa que mantém as lembranças em estado inconsciente, fazendo com que o paciente persista no estado patológico. Esse estado é pura expressão de uma *resistência*. A tarefa terapêutica consiste em suprimir a resistência e associar à consciência as forças que, no momento traumático, haviam produzido o esquecimento. Freud denomina esse mecanismo de esquecimento: *recalque*. É através do conceito de *recalque* que conseguimos pensar o sujeito dividido em Freud. No sujeito, origina-se um conflito, uma luta interior que expulsa da consciência certas idéias por serem incompatíveis com a consciência. Essas idéias são representações provenientes de um desejo do qual a consciência se protege. O recalque é o resultado de uma força contrária às experiências intoleráveis, éticas, estéticas ou relativas às crenças.

A diferença entre a concepção freudiana nesse período e a de P. Janet está no fato de que este deriva o *desdobramento psíquico* de uma insuficiência inata, assim como Charcot atribuía à herança a verdadeira causa da histeria; enquanto Freud o explica, dinamicamente, pelo conflito de forças encontradas no aparelho psíquico (no sentido freudiano). Nesse momento de sua construção teórica, Freud

considera que a consciência se defende de lembranças penosas sem que, geralmente, se produza o desdobramento psíquico. A análise freudiana, nesse período, assume a tarefa de reintegrar os desejos intoleráveis e recalçados no inconsciente à atividade anímica consciente, pois, segundo Freud, o mais valioso resultado das observações de Breuer foi a descoberta da *conexão* entre os *sintomas* (conscientes) e os *processos patológicos* ou traumas (inconscientes). Esses estados de consciência múltiplos constituem o motor das investigações de Freud: “Wir müssen also bereit sein, nicht nur ein zweites Bewusstsein in uns anzunehmen, sondern auch ein drittes, viertes, vielleicht eine unabschliessbare Reihe von Bewusstseinszuständen, die sämtlich uns und miteinander unbekannt sind.”<sup>320</sup>

---

<sup>320</sup> FREUD, Sigmund (1915) *Das Unbewusste* In: *Gesammelte Werke*-I (1892-1899), Frankfurt am Main: Fischer p. 269. “Debemos estar preparados, por consiguiente, a admitir en nosotros, no sólo una conciencia segunda, sino una tercera, una cuarta, y quizás una serie inacabable de estados de conciencia desconocidos para nosotros todos ellos y que se ignoran entre sí. FREUD, S (1915) *Lo Inconsciente* Obras Completas Vol. XIV, Buenos Aires: Amorrortu, p. 166.



## **As teses da “influência”**

Em *Une parenthèse: Freud et la psychanalyse en France avant 1914*, Elizabeth Czoniczner<sup>321</sup> aponta os meios pelos quais Marcel Proust *poderia* ter tido acesso às idéias de Freud antes da Primeira Guerra Mundial. Em 1913, um ano antes do começo da guerra, Proust publica os dois primeiros volumes de *Du côté de chez Swann* (*Combray* e *Un amour de Swann*). Mas, como era a situação da psicanálise freudiana na França antes de 1914? Teria Proust, por acaso, chegado até o nome de Freud em suas leituras sobre doenças nervosas?

Czoniczner anota, em ordem de aparição, as vezes em que surge o nome de Freud em publicações francesas. Em 1893, aparece efetivamente em dois artigos. Um: *Les diplégies cérébrales infantiles*, publicado pela *Revue neurologique* de Brissaud e Marie<sup>322</sup>, era um informe cujo foco estava colocado na doença orgânica infantil. O outro, *Quelques considérations pour une étude comparative des paralysies motrices organiques et hystériques*, aparece publicado nos *Archives de neurologie* de Charcot<sup>323</sup>. Escrito no período em que Freud volta da França (segundo Strachey, Charcot adia sete anos sua publicação), este último artigo é um informe sobre a terapia hipnótica em que se descreve o procedimento que Freud e Breuer utilizam para reativar as lembranças patogênicas recalçadas em pacientes histéricos. Apresentam-se, assim, as primeiras diferenças, embora

---

<sup>321</sup> CZONICZER, Elizabeth (1957) *Quelques antécédents de À la recherche du temps perdu. Tendances qui peuvent avoir contribué à la cristallisation du roman proustien* Paris: Minard.

<sup>322</sup> FREUD, Sigmund (1893) *Les diplégies cérébrales infantiles* In: *Revue neurologique* I, Paris [p. 177-183] Citado por Czoniczner, op. cit.

<sup>323</sup> FREUD, Sigmund (1893) *Quelques considérations pour une étude comparative des paralysies motrices organiques et hystériques* In: *Arch. de neurologie* XXVI, Paris. [p. 29-43]. Citado por Czoniczner op. cit.

cruciais, entre a teoria de Freud e a do próprio Charcot. Esse artigo apresenta algumas conclusões: «La conclusion pratique (que les auteurs formulent comme une méthode psychothérapique) est qu'il est possible de réveiller le souvenir du traumatisme psychique pour en modifier l'influence persistante, par la suggestion».<sup>324</sup>

Observamos apenas que, nesse artigo em que Freud tenta distinguir a especificidade das paralisias histéricas, ele compara várias vezes seu método de dedução e de análise com o utilizado no *Estudo crítico das afasias*. Se a anatomia cerebral é uma só, afirma Freud, nas paralisias histéricas, assim como em algumas afasias em que não há lesão orgânica, a doença se comporta como se a anatomia não existisse, quebrando sua lógica. As paralisias histéricas são, então, alterações puramente funcionais, como propõe que sejam pensadas algumas afasias. Mas Freud estava já em condições de dizer que essas alterações funcionais remetem-se a uma associação subconsciente, não com o trauma em si, mas com sua lembrança<sup>325</sup>. Isto coloca o problema da memória em primeiro plano, memória de um primeiro acontecimento que o trabalho psíquico deverá tentar acessar.

Logo, outro artigo aparece na França, *Obsessions et Phobies. Leur mécanisme psychique*<sup>326</sup> (1895). Freud sustenta que a obsessão e a fobia são causadas originalmente por uma impressão penosa da vida sexual do indivíduo. Dessa maneira, a obsessão e a fobia obtêm, então, causas semelhantes à da

---

<sup>324</sup> BREUER, Joseph et FREUD, Sigmund *Analyses. Sur le mécanisme psychique des phénomènes hystériques* In: *Neurol. Centralbl.*, N° 1-2 p. 36. Citado por Czoniczer, op. cit.

<sup>325</sup> Trazemos esses textos freudianos apenas com a expectativa de mostrar os tópicos aparecidos na França, um estudo aprofundado dessa relação deverá incluir outros estudos.

<sup>326</sup> FREUD, Sigmund (1895) *Obsessions et Phobies. Leur mécanisme psychique* In: *Revue neurologique* Paris, [p. 177-183] Citado por Czoniczer, op. cit. p. 39.

histeria. Destacando que, à diferença das lembranças traumáticas da histeria (cujo estado pode ser modificado pela sugestão), na fobia não haveria uma descarga da tensão geratriz da doença. Produz-se, assim, a acumulação angustiosa de tensão psíquica ou a substituição da idéia penosa por alguma idéia conciliável.

Um ano depois, Freud publica *L'Hérédité et l'Étiologie des névroses*, em que menciona, pela primeira vez, o termo francês *psycho-analyse*, entendido como um método:

Je dois mes résultats, dit Freud, à l'emploi d'une nouvelle méthode de psycho-analyse, au procédé explorateur de J. Breuer, un peu subtil, mais qu'on ne saurait remplacer, tant il s'est montré fertile pour éclaircir les voies obscures de l'idéation inconsciente.<sup>327</sup>

Nesse artigo (cujo manuscrito original foi escrito em francês), Freud dirige-se aos discípulos de Charcot, e assume sua nova posição sobre a histeria (a chamada *grande neurose*). Mas, por um bom tempo (1896-1902), o nome de Freud só se lê na França de maneira esporádica. Em 1902, é mencionado no manual de Pitres e Régis<sup>328</sup>, e em um volume sobre as obsessões de P. Janet<sup>329</sup>. Hartenbeg também escreve um artigo que estuda a neurose de angústia<sup>330</sup>, baseado nos conceitos freudianos.

Talvez seja fora da França que se lhe dedica maior atenção durante esse período. Em Genebra, aparece o *Essai d'interprétation de quelques rêves*<sup>331</sup>, de Maeder. A esse ensaio remete-se P. Janet<sup>332</sup>, quando apresenta no Congresso

---

<sup>327</sup> FREUD, Sigmund (1896) *L'Hérédité et l'Étiologie des névroses* Paris. Citado por Czoniczer, op. cit., p. 40.

<sup>328</sup> PITRES et RÉGIS (1902) *Les obsessions et les Impulsions* Paris: Doin.

<sup>329</sup> JANET, Pierre (1907) *Les obsessions et la Psychasthénie* Vol. 1, Paris: Alcan.

<sup>330</sup> HARTENBERG, Paul (1907) *La névrose d'angoisse* In: *La Presse médicale*, Paris [3-11-1907].

<sup>331</sup> MAEDER, Alphonse (1907) *Essai d'interprétation de quelques rêves* Archives de Psychol., Vol. VI, N° 24, April. Genève. Citado por Czoniczer, op. cit., p. 42

<sup>332</sup> JANET, Paul (1914) *La psycho-analyse* In: *Journal de Psychologie Normale et Pathologique*, 11, 1-36 ; 97-130.

internacional de medicina, em Londres, seu artigo sobre a psicanálise freudiana. P. Janet critica a suposta novidade da teoria psicanalítica freudiana e afirma que foi Maeder, o discípulo de Freud, quem conseguiu aperfeiçoar a técnica de interpretação dos sonhos, pois conseguiu mostrar o significado de algumas imagens que aparecem habitualmente nos sonhos. Com P. Janet, temos um exemplo concreto do estado da recepção das idéias freudianas na França antes da guerra. Soma-se a P. Janet o médico que trata Proust, Paul Sollier, que também se pronuncia negativamente:

[Les interprétations de Freud] arrivent à un degré d'extravagance vraiment surprenant et plus encore choquant. Car elles tendent à tout ramener à la fonction et l'émotion sexuelles. On traiterait de sadique (sic) et de pornographe, en France, le médecin qui oserait donner de phénomènes hystériques aussi simples que des accès de toux, par exemple, les interprétations érotiques que l'école de Freud ose fournir à des malades qui sont surtout des jeunes filles femmes, car pour guérir, la malade doit comprendre, d'une façon claire et consciente les moindres phénomènes qu'elle présente, en saisir le sens symbolique caché. Or, rien que pour comprendre les interprétations de leurs rêves il faudrait qu'elle connût ou ait pratiqué toutes les formes normales et surtout anormales de l'acte sexuel. Est-il vraiment utile et salubre de révéler à des jeunes filles ce qu'elles feraient mieux de toujours ignorer en fait de perversion sexuelle?<sup>333</sup>

A origem sexual das neuroses foi habitualmente tomada como um modo pornográfico de compreender as fontes da doença psíquica, distorcendo o sentido da obra freudiana. Coincidentemente, encontramos em Proust um dos primeiros romancistas que ousou<sup>334</sup> colocar a questão do gênero e do desejo homossexual em um primeiro plano, fazendo o narrador levar em conta, na explicação dos caracteres dos personagens, a questão sexual (correndo risco igual ao de Freud).

---

<sup>333</sup> SOLLIER, Paul (1914) *L'Hystérie et son traitement* Paris: Alcan, p. 149.

<sup>334</sup> RIVIÈRE, J. (1985) *Cahiers Marcel Proust* Vol. 13 Paris: Gallimard, p.192

O narrador da *Recherche* se interroga constantemente sobre as orientações amorosas dos personagens como parte de sua condição psicológica.

Se essas foram as primeiras aparições de Freud em textos médicos, a situação muda, e, em 1914, a metade dos textos aparecidos no *Jornal de psychologie* são consagrados ao freudismo. É interessante perceber como essas comparações estiveram regidas pelo incipiente estado da recepção das idéias freudianas na França. E, à medida que a obra de Freud começa a ser traduzida e transmitida, como acontece com a chegada a Paris, em 1921, de Mme Sokolnika, cresce a literatura que compara os dois autores<sup>335</sup>.

No entanto, em uma conferência datada de 1926 (ano da criação da *Sociedade psicanalítica de Paris*), Rivière ocupa-se desse problema e afirma que Proust só tem notícias de Freud pouco tempo antes da sua morte<sup>336</sup>. Segundo Jacques Rivière:

...je sais que Proust ne connaissait de Freud que le nom et peut-être le sens général de sa doctrine. Mais il n'avait été informé de l'un comme de l'autre que tout récemment, et je peux affirmer qu'aucune influence n'en était résultée sur son œuvre.<sup>337</sup>

Rivière não concorda com essa idéia da influência, mas existe outro tipo de literatura na França, extensível a outros âmbitos, que traz diversas comparações entre Proust e Freud, ao ponto de assumir que há uma relação de efetivo parentesco temático, insistindo em afirmar a tese da influência. Talvez o primeiro nessa linha seja o artigo *Marcel Proust et l'esthétique de l'inconscient*.<sup>338</sup>,

---

<sup>335</sup> PICHON, Edouard (1934) *Eugénie Sokolnicka* In: *Revue française de psychanalyse* nº4, 1934 ; citado por Czoniczer, op. cit, p. 47.

<sup>336</sup> RIVIÈRE *Quelque progrès dans l'étude du cœur humain* op. cit, p. 34.

<sup>337</sup> Idem, p. 23.

<sup>338</sup> ROUSSEAU, R. *Marcel Proust et l'esthétique de l'inconscient* In: *Mercure de France*, 15/01/1922, [p. 361-386]. Citado por Czoniczer, op. cit, p. 33.

publicado em 1922 no *Mercure de France*, assinado por Rousseaux, quando Proust ainda estava vivo. Dezessete anos depois um psicanalista americano, Gregory Zilborg, publica *The discovery of the Oedipus Complex*<sup>339</sup>. O autor tenta mostrar que Proust havia descoberto o complexo de Édipo na descrição que o narrador da *Recherche* faz dos sentimentos parricidas, por exemplo, na famosa cena do beijo noturno, em *Combray*.

Vislumbra-se que, ao querer estabelecer relações, muitos autores estavam, na verdade, criando essas analogias e pressupondo que as idéias da ficção proustiana já se encontravam articuladas na obra de Freud, pressupondo que as idéias da psicanálise estariam disponíveis para esclarecer os pontos obscuros do romance. Esse uso equivocado da teoria freudiana possibilitou que temas como o “sonho”, o “desejo”, a “memória inconsciente”, a “identidade de percepção” ou a “atenção flutuante”<sup>340</sup>, fossem objeto de *analogias e influências*.

Entretanto, houve autores que pensaram em certas relações de maneira menos ousada; como acontece nos casos de Blondel<sup>341</sup> e Rivière<sup>342</sup>. Em Blondel, o eixo da vinculação e o argumento dos encontros *temáticos* entre Proust e Freud visam ao aspecto espacial do aparelho psíquico. Segundo o autor, na descrição do aparelho psíquico, a obra proustiana caracteriza-se por manifestar uma complexa divisão interna, entre um estado *consciente* e outro *inconsciente*. Divisão esta que se apresenta em Freud e em Proust através de imagens

---

<sup>339</sup> ZILBORG, Gregory *The discovery of the Oedipus Complex* In: *The psychoanalytic Quarterly* (1939), [p. 279-302]. Citado por Czoniczer, op. cit, p. 33.

<sup>340</sup> (Gleich)schwebende Aufmerksamkeit.

<sup>341</sup> BLONDEL (1932) *La psychographie de Marcel Proust* Paris: Librairie philosophique J. Vrin. Citado por Czoniczer, op. cit, p. 33.

<sup>342</sup> RIVIÈRE, Jacques (1926) *Freud et Proust Quelque progrès dans l'étude du cœur humain* In: “*Cahiers Marcel Proust*” N° 13, Paris: Gallimard, 1985.

espaciais muito semelhantes. O aparelho psíquico freudiano comportaria, segundo a interpretação de Blondel, uma espécie de *sala* separada por *portas*, em suma, um tipo de *apartamento*: “Freud, quelque part, compare en gros la conscience à une salle, qu’une porte, elle-même gardée par la censure, sépare d’une autre salle, qu’est celle de l’inconscient [...]»<sup>343</sup>.

E, logo, Blondel extrai de *Sodoma e Gomorra* as reflexões sobre o sonho do narrador: “J’entrais dans le sommeil, lequel est comme un second appartement que nous aurions, et où, délaissant le nôtre, nous serions allés dormir”.<sup>344</sup>

Mesmo que, à primeira vista, a idéia de Blondel sobre as metáforas espaciais possa aproximar Proust e Freud, uma leitura mais atenta da divisão do aparelho psíquico em Freud, assim como do conceito de censura ou dos processos de recalcamiento das representações que compõem o material inconsciente, leva-nos a assumir uma posição diferente. Apesar da ênfase que Blondel dá à *espacialidade* na divisão do aparelho psíquico, sua exposição deixa na escuridão justamente o funcionamento dessa estrutura psíquica. Blondel salienta esse aspecto espacial porque supõe nele o fundamento da estrutura subjetiva cindida, em ambos os autores; mas Tadié parece responder a essas questões: «L’inconscient auquel ils renvoient n’a rien de freudien, c’est le résidu invisible du temps, quand le héros oublie son histoire, comme une araignée oublierait le fil qu’elle secrète».<sup>345</sup>

---

<sup>343</sup> BLONDEL op. cit., p.167-8 (grifos nossos).

<sup>344</sup> BLONDEL op. cit., p.167-8 (grifos nossos). “é como um segundo apartamento que possuíssemos e, onde, abandonado o nosso, tivéssemos ido dormir” PROUST, Marcel *Sodoma e Gomorra* In: *Em Busca do tempo perdido* Trad. Fernando Py Rio de Janeiro: Globo, p. 300.

<sup>345</sup> TADIÉ, Jean-Yves (1971) *Proust et le roman* Paris: Gallimard. p.114

Justamente nesse ponto é que podemos visualizar a diferença mais significativa entre Freud e Proust, pois não há neste uma tematização do recalçamento, eixo da teoria freudiana e função originária do inconsciente. Para o narrador proustiano da *Recherche*, as múltiplas menções ao inconsciente remetem a um tempo perdido pelo sujeito, àquilo que foi esquecido; isso que parece adquirir certo nível de formalização na sua teoria estética do último volume, em que o inconsciente é o tempo do esquecimento.

Segundo Freud, a “doutrina” do recalque é o pilar fundamental sobre o qual se eleva o edifício da psicanálise<sup>346</sup>. Na teoria freudiana, o recalque é uma operação fundamental; denominada, em alguns momentos de sua obra, o “modelo de defesa do eu”. A divisão do sujeito é produto do “recalque” (*Verdrängung*<sup>347</sup>) das representações psíquicas (conceito esse, segundo Freud, cuja fixação *fez possível a psicanálise*). Essa teoria estava bem estruturada em 1915, quando também aparece *O Inconsciente (Das Unbewusste)*. Freud definia já o recalque como essencial no processo que se efetua sobre as representações, sendo uma “fronteira” entre a consciência e o inconsciente.

In positiver Darstellung sagen wir nun als Ergebnis der Psychoanalyse aus, dass ein psychischer Akt im allgemeinen zwei Zustandsphasen durchläuft, zwischen welchen eine Art Prüfung (*Zensur*) eingeschaltet ist. In der ersten Phase ist er unbewusst und gehört dem System *Ubw* an; wird er bei der Prüfung von der *Zensur* abgewiesen, so ist ihm der Übergang in die zweite Phase versagt; er heisst dann „verdrängt“ und muss unbewusst bleiben.<sup>348</sup>

<sup>346</sup> FREUD, Sigmund (1914) *Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico* Obras Completas Vol. XIV, Buenos Aires: Amorrortu, p. 15. FREUD, Sigmund *Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung* In *Gesammelte Werke*, Zehnter, Band Frankfurt am Main: Fischer: p. 53.

<sup>347</sup> FREUD, Sigmund (1915) *La represión* Obras Completas Vol. XIV, Buenos Aires: Amorrortu, p. 137-151. FREUD, Sigmund *Die verdrängung* In: *Gesammelte Werke* Zehnter Band, Frankfurt am Main: Fischer, p. 248-261.

<sup>348</sup> FREUD, S. (1915) *Das Unbewusste* In: *Gesammelte Werke* Zehnter Band, Frankfurt am Main: Fischer, p.271-2. “Dentro de una exposición positiva enunciamos ahora, como resultado del



Esse processo de seleção efetuado pela censura, que atravessa os atos psíquicos, constitui a estrutura profunda da subjetivação humana.

Na ficção proustiana os esforços que o narrador realiza ao pensar os estados de consciência e os diversos eus apontam, ainda mais, como estudaremos em *La Prisonnière*, os mecanismos de captura da experiência de percepção diferencial.

A relação entre Proust e Freud pode ser produtiva em um sentido diferente, se conseguimos deslocar nosso olhar da tese da influência. Em uma entrevista, Lefèvre pergunta a Rivière se Proust conheceu efetivamente Freud; e Rivière lhe responde:

[Rivière]:- De nom seulement; je crois pouvoir affirmer qu'il [Proust] n'avait jamais lu une ligne de ses ouvrages.

[Lefèvre]:- Voyez-vous cependant des points de contact entre les deux œuvres?

[Rivière]:- Certainement, très nombreux et très importants. D'abord, Proust a instinctivement appliqué la méthode que Freud a définie : pour reprendre un mot de Stendhal, que Henri Pourrat me remettait récemment en mémoire, Proust a eu «le génie du soupçon». *La Prisonnière*, qui va paraître ces jours-ci, vous montrera jusqu'à quel degré vraiment tragique cette faculté s'était développée en lui. C'est elle qui a permis la description la plus nue, la plus nette, la plus dépouillée d'illusions, la plus profonde qu'on ait jamais donnée du cœur humain [...].<sup>349</sup>

Para *Rivière* é impossível sustentar a tese da influência de Freud sobre Proust. Aquilo que se destaca, tanto na obra de Freud quanto na de Proust, é a capacidade de estabelecer uma forte “suspeita”, ao ponto de ser entendida como um método de aproximação ao aparelho psíquico. Suspeita-se dos mecanismos

---

psicoanálisis: un acto psíquico en general atraviesa por dos fases de estado, entre las cuales opera como selector una suerte de examen (censura). En la primera fase él es inconsciente y pertenece al sistema lcs.; si a raíz del examen es rechazado por la censura, se le deniega el paso a la segunda fase; entonces se llama “reprimido” y tiene que permanecer inconsciente”, FREUD, S. (1915) *Lo Inconsciente* Obras Completas Vol. XIV, Buenos Aires: Amorrortu, p. 169.

<sup>349</sup> RIVIÈRE *Quelque progrès dans l'étude du cœur humain* op. cit., p. 23.

inconscientes que operam no sujeito, produtos de uma divisão originária. Na *Recherche* proustiana essa suspeita é revelada cabalmente e por extenso no romance *La Prisonnière*. Seu narrador expõe de maneira ficcional a crise de um sujeito que espreita a relação entre seus diversos eus. A crise de todas as garantias exteriores, das razões, dos valores sociais e do gênero leva-o, de modo trágico, até o limite de si. A cultivar, mas também a duvidar de si: pois ele descobre que sua memória muda e que novas certezas surgem dentre as trevas das lembranças.

O narrador assume, no limiar do eu, uma experiência que, por momentos, parece reduzi-lo a um ser de percepção de estados externos e internos. Sobre este ponto nos deteremos especificamente na última parte deste trabalho. Pretendemos visualizar as diferenças que trazem consigo os conceitos proustianos, para compreender a relação que se estabelece, em Proust, entre a percepção, a linguagem e as múltiplas camadas de sujeito. Por enquanto, salientamos que Rivière foi um dos poucos contemporâneos de Proust que, conhecendo a teoria freudiana, situou a possibilidade de pensar ambos os autores a partir do romance *La Prisonnière*. Isto estabelece um ponto de partida diferencial entre seus argumentos e os do resto dos críticos, que tomam a obra de Proust como um todo homogêneo. Contudo, segundo Rivière, a ficção proustiana inaugura uma concepção radicalmente diferenciada do psíquico e marca, como aponta Henry, nesse mesmo sentido, uma “*révolution romanesque*”<sup>350</sup>. Em *La Prisonnière*, o eu transcende a curiosidade moderada e eleva-se até uma

---

<sup>350</sup> HENRY, Anne (2000) *La tentation de Marcel Proust* Paris: PUF, p. 3.

desesperadora suspeita; o herói ocioso<sup>351</sup> transforma-se em escritor e, acrescentamos, em produtor de saber. Há uma psicologia na ficção proustiana; psicologia que é a maneira como o narrador dota de sentido os atos, as conversas, os ruídos e a música. Uma psicologia funciona como fundamento das relações que no interior do romance se estabelecem: assim como são analisados os personagens em relação aos seus atos, o narrador de *La Prisonnière* também se pensa. Ele se coloca para ser pensado à luz do presente e do passado e, nesse pensar-se, ele desconfia: «...[a] psychologie [proustiana] est fondée sur la défiance envers le moi [...]». <sup>352</sup>

---

<sup>351</sup> Idem, p. 17-18.

<sup>352</sup> RIVIÈRE, Jacques (1985) *Cahiers Marcel Proust* Vol. 13, Paris: Gallimard, p.192.

## **TERCEIRA PARTE**

## V. LA PRISONNIÈRE:

### UMA TEORIA DA LINGUAGEM, DA MEMÓRIA E DO SUJEITO NA FICÇÃO

---

#### *A gênese dos temas proustianos em La Prisonnière*

A observação da gênese dos temas proustianos apresentados em *La Prisonnière*<sup>353</sup> ajuda-nos a compreender a subversão que produz esse romance na série que compõe *À la recherche du temps perdu*. Segundo nossa hipótese inicial de trabalho, o processo de ampliação e o trabalho de reescrita apresentado em *La Prisonnière*<sup>354</sup> correspondem a uma profunda reflexão teórica sobre a linguagem em geral, sob a forma de um discurso ficcional. Essa reflexão não se manifesta isoladamente, mas através de uma recolocação do conceito de percepção e de memória condizentes com uma idéia de sujeito dividido por excelência.

O romance obtém seu título tardiamente, em 1922<sup>355</sup>. Da distinção anunciada em sua correspondência entre *Sodome et Gomorrhe* III e *Sodome et Gomorrhe* IV, Proust projeta intitulá-los, respectivamente, *La Prisonnière* e *La Fugitive*<sup>356</sup>, como os conhecemos atualmente. *La Prisonnière* se compõe de numerosos esboços que Proust não conseguiu terminar de corrigir em vida, embora sua estrutura

---

<sup>353</sup> PROUST *La Prisonnière. À la recherche du temps perdu* (sous la direction de J-Y Tadié et la collaboration de Pierre-Edmond Robert) Paris, Gallimard, Pléiade, 1988. [p.519-520].

<sup>354</sup> BRUN, Bernard (1986) *Du contre Sainte-Beuve au Temps retrouvé. Genèse du roman proustien* (Thèse de doctorat) Paris: Sorbone.

<sup>355</sup> PROUST, Marcel *Lettres à la N.R.F.* p. 136 et 225, 01/1921 – 06/1922 citadas por ROBERT, Pierre *Notice. Sodome et Gomorrhe* In: *À la recherche du temps perdu* Vol III (sous la direction de J-Y Tadié et la collaboration d' Antoine Compagnon et de Pierre-Edmond Robert) Paris: Gallimard, 1988, p. 1233 e ss.

<sup>356</sup> MILLY, Jean *L'ouverture de La Prisonnière d'après le manuscrit «définitif» et les dactylographies* In: MILLY, Jean (1985) *Proust dans le texte et l'avant-texte* Paris: Flammarion, 1985; e PROUST, Marcel *Notice. Sodome et Gomorrhe* op. cit., p. 1233 e ss.

estivesse definida em 1915, a partir de três *Cahiers* [53, 73 e 55(1915)] que considera unidades de trabalho semi-independentes<sup>357</sup>. Essa tríade forma um enredo e uma estrutura lógica<sup>358</sup>: o retorno de Balbec do narrador com Albertine e sua vida em comum, a *Soirée* Verdurin e, finalmente, a partida de Albertine. No entanto, para compreender a enigmática temporalidade e o estranhamento que produzem a sucessão dos dias que sobrevêm à trama, torna-se necessário apelar também à *matinée* do *Cahier 50*<sup>359</sup>, esboço de um dia ideal, “*synthétique et intemporel*”<sup>360</sup>, modelo dos dias que são descritos pelo narrador no texto definitivo.

O enredo decorre em um tempo ficcional de, pelo menos, seis meses<sup>361</sup>, em que o narrador descreve os acontecimentos de sete jornadas vividas quase integralmente por detrás da janela do quarto. Sua reclusão, em contraste com o exterior, é o ponto de partida para a retomada do problema da percepção, da memória e dos “eus” que, de maneira muito mais especulativa, haviam sido elaborados em *Le Temps retrouvé*. Nesse último romance, a forma constante da sensibilidade, a concepção psicológica do eu dividido e, finalmente, uma dimensão mítica da estética constituem<sup>362</sup> aqueles três tópicos da estética (que podemos chamar) “explícita” dentro da *Recherche*, e que serão retomados em *La prisonnière*. No entanto, a repetição e recolocação desses temas, assim como a

---

<sup>357</sup> ROBERT Notice. *La prisonnière* op. cit., p. 1278.

<sup>358</sup> WILLEMART, Phillipe *À la découverte des sensations dans La Prisonnière* Paris: L'Harmattan, p.12.

<sup>359</sup> De finais de 1910. No *Cahier 50* encontram-se esboçadas as idéias que anunciam o texto publicado. WILLEMART *À la découverte des sensations dans La Prisonnière* op. cit., p. 30.

<sup>360</sup> O apagamento do tempo cronológico e seu constante pseudo-apelo dão origem às teses que afirmam que as jornadas de *La Prisonnière* podem ser lidas como “movimentos” musicais. Essa comparação realça a independência dos termos dentro da estrutura narrativa, comparáveis aos movimentos da forma musical da Sonata, já que essa forma apresenta três momentos contrastantes em diferentes tonalidades, mas que o ouvinte deverá preservar como unidade na memória.

<sup>361</sup> ROBERT Notice. *La prisonnière* op. cit., p. 1278-80.

<sup>362</sup> MILLY *L'Ouverture de La prisonnière* op. cit., p.104.

mudança de direção nas especulações do narrador de *La prisonnière* expressam, sobretudo, uma subversão no ideal estético de estilo platonizante do último volume da *Recherche*.

Todavia, o fio condutor entre *Le temps retrouvé* e *La prisonnière* remete, segundo Brun<sup>363</sup> e Milly<sup>364</sup>, ao fato de que ambos reutilizam e retomam as primeiras idéias sobre crítica literária dos papéis de *Sainte-Beuve*<sup>365</sup>, datadas de 1908. Sob o ponto de vista do processo de criação, os achados da crítica genética outorgam um caráter especial à *Recherche*, que pode ser considerada corolário de uma *reviravolta interna* dentro do processo criativo da escrita proustiana. Essa idéia faz pleno sentido se associada à precaução de não cair no mito da criação contínua<sup>366</sup>, pois a reciclagem de temas, conforme o método proustiano, é feita das renúncias e das interrupções próprias de toda releitura e de todo trabalho de escrita criativa. Contando com os elementos de crítica literária ensaiados em *Contre Saint-Beuve*, um verdadeiro salto especulativo terá lugar na ficção da *Recherche*:

L'origine d'*À la recherche du temps perdu* est bien connue depuis les travaux de Bernard Brun et Claudine Quémard sur le projet «Sainte-Beuve»<sup>367</sup>. Ces chercheurs ont établi qu'à l'automne 1908, Proust traverse une crise profonde que peut résumer cette

---

<sup>363</sup> BRUN *Du contre Sainte-Beuve au Temps retrouvé* op. cit.

<sup>364</sup> Segundo Jean Milly, os motivos que achamos em *La prisonnière*, sob a forma que se conhece em 1914, provêm de *Contre Sainte-Beuve* In: MILLY *L'ouverture de La Prisonnière* op. cit., p. 91.

<sup>365</sup> PROUST, Marcel (1908) *Contre Saint-Beuve* Paris: Gallimard, 1954. Versão portuguesa: *Contra Sainte-Beuve. Notas sobre crítica e literatura* Trad. Haroldo Ramanzini, São Paulo: Iluminuras, 1988.

<sup>366</sup> BRUN, Bernard (1979) *L'Édition d'un brouillon et son interprétation, le problème du Contre Sainte-Beuve. Essais de critique génétique* coll. "Textes et manuscrits", Paris: Flammarion, [p. 151-192.], p. 157.

<sup>367</sup> BRUN *L'Édition d'un brouillon et son interprétation* op. cit. e Claudine, Quémard (1976) *Autour de trois avant-textes de « l'Ouverture » de La Recherche: nouvelles approches du Contre Sainte-Beuve*, Bulletin de Informations Proustiennes, N° 3.

interrogation pathétique du Carnet 1: Faut-il faire un roman, une étude philosophique, suis-je romancier?<sup>368</sup>

A esse período de profunda crise especulativa pertencem os esboços retomados em *La Prisonnière*, aos quais se somam fragmentos da introdução narrativa de *Contre Sainte-Beuve* e de *Combray* (o primeiro capítulo de *Du côté de chez Swann*), datado de 1910<sup>369</sup>. E, mesmo que aconteça uma grande metamorfose, a ponto de Milly chamar *La prisonnière* “um novo *Combray*”, o núcleo temático de referência é o sonho e o despertar do herói:

*La Prisonnière* [est] de ce point de vue, un nouveau «*Combray*». Un *Combray*, toutefois, aux réveils multiples, puisqu'on y compte sept matinées [...] Nous trouvons donc, à la base de cette partie [l'ouverture] du roman, la reprise des thèmes fondamentaux du *Sainte-Beuve-Récit*: ceux d'une certaine présence au monde d'un personnage que s'éveille...<sup>370</sup>

A personagem de Albertine que aparece nas primeiras páginas do texto definitivo<sup>371</sup> só se torna visível em 1915, no *Cahier 53* (12 rº até 20 rº), dentro da vasta quantidade de manuscritos<sup>372</sup>, *Esquisse*<sup>373</sup> e *Notices, notes et variantes*<sup>374</sup>.

---

<sup>368</sup> KOLB, Philip *Le Carnet de 1908* N° 8 In: *Cahiers Marcel Proust* Paris, Gallimard, 1976. [f° 11v° ; p. 61] Citado por QUARANTA, Jean-Marc (2001) *Un acte fondateur de la «Recherche»* In: QUARANTA, Jean Marc (2001) *Les expériences privilégiées dans A la Recherche du Temps perdu et ses avant-textes: éléments de la genèse d'une esthétique* (Thèse inédite) Université de Marne-la-Vallée. Faculté des Lettres, Arts et Sciences Humaines. p.150.

<sup>369</sup> MILLY L'Ouverture de *La prisonnière* op. cit., p. 91.

<sup>370</sup> Idem, p. 92.

<sup>371</sup> Ibidem.

<sup>372</sup> Proust deixou 75 *Cahiers de brouillons*, além de 20 *Cahiers manuscrit* e 4 *Carnet*, entre outros documentos. Vide: *Les cahiers Marcel Proust conservés à la Bibliothèque nationale: inventaire matériel et descriptif* In: BRUN *Du Contre Sainte-Beuve au Temps retrouvé* op. cit., p. 51-56; RIVIÈRE, Jacques *Freud et Proust Quelque progrès dans l'étude du cœur humain* (1926) In: *Cahiers Marcel Proust* Nouvelle Série, N°13, Paris: Gallimard, 1985; CAVALCANTI, Carla Transcription du *Cahier 53* de Marcel Proust, FFLCH, USP (Doutorado em andamento), São Paulo, 2005.

<sup>373</sup> PROUST *La prisonnière Esquisse I* op. cit., p. 1096.

<sup>374</sup> PROUST *Notices, notes et variantes* In: *À la recherche du temps perdu* Volume III, Édition publiée sous la direction de Jean-Yves Tadié, Paris: Gallimard, Pléiade, 1987-8.



Levando em consideração a conexão temática que reúne os acontecimentos do primeiro e do último volume da *Recherche* em uma elipse narrativa (o tempo perdido de *Combray*, e a consciência do sentido revelador da vocação do herói no último volume, *Le temps retrouvé*<sup>375</sup>); essa construção elíptica permite ao leitor visualizar as idéias sobre a forma da obra de arte e o sentido que essa descoberta tem para o narrador no reconhecimento do seu próprio desejo. O desejo (esquecido e negligenciado) emerge das profundezas como produto da revelação na cena da biblioteca dos Guermantes, coroada (ou transvertida) por uma revelação maior que lhe indica o teor da Literatura. Trata-se do desejo de escrever uma série de romances do inconsciente (*“écrire une suite de Romans de L’inconscient”*<sup>376</sup>) através dos quais possa traduzir os mistérios da atividade da alma e ler seus próprios caracteres inconscientes. Em *Le temps retrouvé* estabelecem-se os delineamentos de um projeto dogmático bem definido em que a literatura ocupa o lugar de uma realidade superior na qual o vivido adquire sua plenitude e seu sentido: «La vraie vie, la vie enfin découverte et éclaircie, la seule vie par conséquent pleinement vécue, c’est la littérature»<sup>377</sup>

Nesse circuito (tempo perdido/tempo reencontrado), observamos que o ideal de livro é também um ideal de esclarecimento de si, baseado em uma forma de conhecimento estético que se faz explícita<sup>378</sup> na *Recherche*. Esse livro verdadeiro

---

<sup>375</sup> Ambos os textos escritos no mesmo período. O primeiro volume foi publicado em 1913.

<sup>376</sup> PROUST, Marcel *Swann expliqué par Proust. Interview de JE. Bois Le Temps 13/11/1913* In: *Contre Sainte-Beuve*, précédé de *Pastiches et Mélanges* et suivi de *Essais et Articles*. Paris: Gallimard, 1971, p. 558.

<sup>377</sup> PROUST *Le Temps Retrouvé* In: *À la recherche du temps perdu* Vol. IV; Édition publiée sous la direction de Jean-Yves Tadié, Paris: Gallimard, 1989, p. 476.

<sup>378</sup> BONNET, Henri (1966) *L’eudémonisme esthétique de Proust* In: CATTALUI – KOLB (Org.) *Entretiens sur Marcel Proust* Paris: Mouton.

é escrito por outro eu<sup>379</sup>, cuja tarefa não comporta apenas achar, mas urdir uma história com as impressões e rastros:

...toute impression causée à tout moment de notre vie signifie quelque chose qu'elle ne définit pas; c'est quelque chose qui peut se résoudre en une idée mais qui ne nous est donnée que d'une façon obscure par exemple s'il s'agit d'impression donnée par une personne, par un regard de notre interlocuteur, un son de sa voix, une certaine pensée qu'il dit...<sup>380</sup>

No *Temps retrouvé*, a descrição do mundo sensível conduz-se *in crescendo*, das simples sensações e associações da memória até um conceito específico de saber especulativo (por exemplo, o *tempo fora do tempo*, a *memória involuntária*, a *verdadeira vida*, etc.). Compõem-se assim, à maneira de uma doutrina, os princípios da estética proustiana em que a recriação da sensação do passado é apresentada em prol de uma verdade mais ampla. Todavia, ao fazer uma leitura de *La Prisonnière* é possível observar como certos temas tinham ficado em suspense para o narrador de *Temps retrouvé*: fundamentalmente o das percepções; talvez porque neste último romance, devido à tendência idealista que vislumbra o pensamento do herói-narrador, o problema das percepções ainda não encontra um lugar no discurso especulativo proustiano, por fora do outorgado pela estética da memória involuntária.

Apesar desse tom especulativo e doutrinal em *Temps retrouvé*, o narrador não tem a intenção de escrever um tratado de psicologia ou de filosofia “sobre” as percepções e o inconsciente; mas partir de rastros inconscientes e de percepções, entendidas como objetos-causa, e dotá-los de sentido artístico:

---

<sup>379</sup> PROUST *Contre Sainte-Beuve* op.cit., p. 225.

<sup>380</sup> PROUST *Esquisse XXXIV. Le Temps Retrouvé* op. cit., p. 856.

Quant au livre intérieur de signes inconnus (de signes en relief, semblait-il, que mon attention, explorant mon inconscient, allait chercher, heurtait, contournait, comme un plongeur qui sonde), pour la lecture desquels personne ne pouvait m'aider d'aucune règle, cette lecture consistait en un acte de création où nul ne peut nous suppléer ni même collaborer avec nous.<sup>381</sup>

Não será esse um romance sobre a memória ou a sensação, mas a reconstrução de uma complexidade, a leitura das impressões inconscientes trazidas por momentos privilegiados: desses rastros que têm sido sentidos sem consciência no decorrer da existência (*“reconstruire la complexité de ce qui a été senti sans conscience dans l’existence”*<sup>382</sup>). Dessa maneira, o “verdadeiro livro” depende da percepção da “verdadeira realidade” por um salto qualitativo que constitui o sujeito como produtor, intérprete e tradutor de si. «Un vrai livre serait celui où chaque inflexion de voix, regard, parole, rayon de soleil serait reprise, et ce qu’il y a d’obscur sous elle éclairci». <sup>383</sup>

Essa sentença tem chamado a atenção constante dos críticos literários e dos filósofos; o verdadeiro livro, afirma o narrador, será aquele que retomar cada inflexão de voz, cada olhar, cada palavra e cada raio de sol – série esta (voz / olhar / palavra / raio de sol) que não indica nenhuma pretensão especulativa. No entanto, o último aspecto, o raio de sol, traz consigo uma diferença: comporta um elo heterogêneo, único rastro que não pertence a nenhuma linguagem, nem à linguagem convencional (voz, palavra) nem à natural da pantomima<sup>384</sup> (como o olhar), mas provém de um mundo material; extrínseco às produções do inconsciente quanto aos diversos “eus” (fontes do “verdadeiro livro”). Nessa

---

<sup>381</sup> PROUST *Le temps retrouvé* op. cit., p. 458.

<sup>382</sup> QUARANTA *Les expériences privilégiées dans À la recherche du Temps perdu* op.cit. p.337.

<sup>383</sup> PROUST *Esquisse XXXIV. Le Temps Retrouvé* op. cit., p. 856.

<sup>384</sup> PROUST, Adrien *De l’aphasie Archives Générales de médecine* Paris, Fev 1872, p.149.

heterogeneidade constitutiva reside a interrogação que se incorpora às cenas romanescas de *La Prisonnière*.

Assim, a revelação da literatura sob a heterogeneidade da linguagem dispõe o narrador para um exercício propedêutico espiritual com o fim de resgatar essas experiências singulares. Até esse ponto chega o narrador de *Le temps retrouvé*.

Daqui em diante, nosso interesse recairá diretamente sobre o contraponto que traz o problema da percepção e da memória em *La Prisonnière*, fazendo parte de uma nova indagação que atenua o projeto dogmático anunciado em *Le temps retrouvé*. Consideramos *La Prisonnière* uma *mise en scène* desse projeto ficcional em que as *matinées* simbolizam o chamado da verdadeira vida. Como afirma Milly, a abertura de *La Prisonnière* faz esperar pela revelação de *Temps retrouvé* («...permet d'attendre la révélation du Temps retrouvé... »).<sup>385</sup>

Le motif des bruits de la rue propose une métaphore de cette nouvelle définition de la littérature. Le principe n'en est plus le réel (lieu visité, personne connue) mais la sensation dans ce qu'elle a de plus ténu. [...] L'individualité du génie qui s'affirme dans les textes de cette période est liée à une nouvelle définition de la littérature. En même temps que Marcel Proust se dégage de l'emprise schopenhauerienne qui entravait le développement de l'écriture, il met à distance les deux expériences littéraires majeures du siècle qui précède, le réalisme et le romantisme. Le travail de l'année 1908 marque donc une double autonomie, à l'égard de la philosophie, mais aussi à l'égard des conceptions littéraires du XIX siècle.<sup>386</sup>

E, de acordo com Brun, certas passagens de *La Prisonnière* adquirem, nesse sentido, o teor de um manifesto estético<sup>387</sup>. Analisaremos em primeira instância a

---

<sup>385</sup> MILLY L'Ouverture de *La Prisonnière* op. cit., p. 337.

<sup>386</sup> QUARANTA *Les expériences privilégiées dans A la Recherche du Temps perdu* op. cit., p. 325-6.

<sup>387</sup> BRUN, Bernard (1987) *Étude génétique de l'"Ouverture" de La Prisonnière*. Études proustiennes VI, Cahiers Marcel Proust, n° 14, p. 286.

abertura de *La prisonnière* cujo dispositivo inicial é a célula narrativa<sup>388</sup> composta pela descrição dos ruídos da rua.

---

<sup>388</sup> MILLY *L'Ouverture de La prisonnière* op. cit., p.156.

## **A invocação dos ruídos**

A primeira jornada descrita em l'ouverture de *La prisonnière* inicia a série de reflexões do narrador sobre a percepção e a memória. Assim como em um poema sinfônico, essa célula narrativa nos situa dentro da paisagem sonora, e acompanha o movimento de percepções matinais do herói:

Dès le matin, la tête encore tournée contre le mur, et avant d'avoir vu, au-dessus des grands rideaux de la fenêtre, de quelle nuance était la raie du jour, je savais déjà le temps qu'il faisait. Les premiers bruits de la rue me l'avaient appris, selon qu'ils me parvenaient amortis et déviés par l'humidité ou vibrants comme des flèches dans l'aire résonnante et vide d'un matin spacieux, glacial et pur; dès le roulement du premier tramway, j'avais entendu s'il était morfondu dans la pluie ou en partance pour l'azur. Et peut-être ces bruits avaient-ils été devancés eux-mêmes par quelque émanation plus rapide et plus pénétrante qui, glissée au travers de mon sommeil, y répandait une tristesse annonciatrice de la neige, ou y faisait entonner, à certain petit personnage intermittent, de si nombreux cantiques à la gloire du soleil que ceux-ci finissaient par amener pour moi, qui encore endormi commençait à sourire et dont les paupières closes se préparaient à être éblouies, un étourdissant réveil en musique.<sup>389</sup>

Nessa descrição, há dois pólos separados pela janela: a materialidade sonora do mundo, que vem de fora; e o interior do quarto, em que se encontra, deitado na penumbra, o narrador. Essa distinção tão fixa entre o sujeito e os

---

<sup>389</sup> PROUST, M. *La Prisonnière* In: *À la recherche du temps perdu* Vol. III; Édition publiée sous la direction de Jean-Yves Tadié, Paris: Gallimard, 1988, p. 519. “Logo de manhã, com a cabeça ainda voltada para a parede, e antes de ver, acima das grandes cortinas da janela, que matiz tinha a raia de luz, já eu sabia como estava o tempo. Os primeiros rumores da rua mo haviam informado, segundo me chegavam amortecidos e desviados pela umidade ou vibrantes como flechas na área ressonante e vazia de uma manhã espaçosa, glacial e pura; desde o rodar do primeiro bonde, percebera se o tempo estava enregelado na chuva ou de partida para o azul. E talvez esses ruídos também tivessem sido precedidos por alguma emanação rápida e mais penetrante, que insinuada através do meu sono, difundisse nele, uma tristeza anunciadora da neve, ou fizesse entoar a certa personagenzinha intermitente tão numerosos cânticos à glória do sol que estes acabavam por me trazer para mim, que ainda adormecido começava a sorrir, e cujas pálpebras cerradas se preparavam para a sensação de deslumbramento, um atordoante despertar em plena música”. PROUST, M. *A prisoneira* In: PROUST, Marcel *Em busca do tempo perdido* Vol. 5, Trad. Manuel Bandeira e Lourdes Sousa de Alencar, P. Alegre- Rio de Janeiro: Globo, 1981, p. 1.

objetos funciona como uma armadilha na qual não devemos cair se queremos compreender o múltiplo processo de percepção ao qual nos introduz l'ouverture do romance *La Prisonnière*.

Os estudos genéticos mostram que l'ouverture é um fragmento produzido por múltiplas retomadas e reescritas<sup>390</sup> e que, apesar do re-trabalho e da distância temporal dos esboços, ela compõe uma verdadeira unidade de redação<sup>391</sup> (*"unité rédactionnelle"*). O leitor pode reconhecê-la nos *Cahiers* preparatórios e nas *Esquisse* do romance, pela forma, pela articulação das frases e pela sua inserção no contexto.

Antes de ter visto a luz do dia, o narrador já sabe o tempo que faz lá fora<sup>392</sup>; as impressões sonoras e olfativas trazem-lhe um saber contundente. A imagem visual do dia está ainda oculta, mas outro tipo de imagem, a imagem *acústica*, leva-o a inferir o estado de coisas. Nessa primeira jornada, ele descreve ruídos muito específicos que chegam pela janela aberta. Entretanto, uma descrição assim só parece factível para quem tenha isolado certos elementos do atordoante material que compõe a estrutura sonora do mundo. O trabalho de percepção do narrador foca-se em certas diferenças: entre os ruídos amortecidos pela umidade, os ruídos vibrantes no dia de sol e que foram alterados pela chuva. Pois são as diferenças, e não apenas os ruídos, que ativam seu aparelho de percepção e proporcionam-lhe esse saber meteorológico. Pelas lembranças de *Combray*,

---

<sup>390</sup> BRUN, Bernard *Étude génétique de l'Ouverture" de La Prisonnière* Études proustiennes VI, *Cahiers Marcel Proust*, n° 14, 1987, p. 235.

<sup>391</sup> WILLEMART, Philippe *À la découverte des sensations dans La Prisonnière* Paris: L'Harmattan, p. 21.

<sup>392</sup> Na *Esquisse* 1, 2, o narrador deixa mais claro ainda que não necessita ter visto a cor do dia para saber o tempo que faz «Et je n'avais même pas besoin de voir la couleur du jour en haut des rideaux pour savoir le temps qu'il faisait. Les premiers bruits de la rue m'apportaient l'atmosphère où ils avaient retenti [...] PROUST *La prisonnière Esquisse* I.2 op.cit., p. 1094.

temos notícia de uma inclinação semelhante no pai do narrador, que costumava examinar toda noite o barômetro antes de dormir, pois era amante da meteorologia. Isso acontecia enquanto a mãe evitava fazer qualquer barulho que pudesse incomodá-lo<sup>393</sup>. O narrador de *La Prisonnière* (que Jean Milly considera um novo *Combray*) mostra seus próprios instrumentos de medição meteorológica como gesto inaugural de l'ouverture e logo se apresenta, fechando assim a célula narrativa: «...ce fut du reste surtout de ma chambre que *je perçus* la vie extérieure pendant cette période». <sup>394</sup>

Deixemos, por ora, o problema da “vida exterior” e investiguemos primeiro esse *je perçus* que surge para fechar a cena introdutória. Essa frase-resumo, segundo a hipótese de Willemart, aparece tardiamente na série de manuscritos preparatórios<sup>395</sup>. Dessa maneira, dispõe-se no romance o problema da relação sujeito-linguagem-mundo sob um traço diferencial e *poiético*<sup>396</sup>. Na frase-resumo (que parte do característico “*du reste*” proustiano), o *je* da percepção é o *je* de um recluso cuja atividade principal é efetuar a tradução de certos barulhos, uma atividade nada passiva. *Je perçus* é um território móvel e múltiplo em que se enlaçam os rastros de percepção do exterior, mas, também, do interior.

---

<sup>393</sup> «Mon père haussait les épaules et il examinait le baromètre, car il aimait la météorologie, pendant que ma mère, évitant de faire du bruit pour ne pas le troubler... ». PROUST *Du côté de chez Swann* op. cit., p. 11. “Meu pai dava de ombros e examinava o barômetro, pois gostava de meteorologia, enquanto minha mãe, evitando fazer ruído para não perturbá-lo...”. PROUST *No caminho de Swann* op. cit., p. 17.

<sup>394</sup> PROUST *La Prisonnière* op. cit., p. 519. “Aliás, foi, sobretudo do meu quarto que percebi a vida exterior durante essa época”. PROUST *A prisioneira* op. cit., p. 1.

<sup>395</sup> WILLEMART *À la découverte des sensations dans La Prisonnière* op. cit., p. 20-21.

<sup>396</sup> Em *La prisonnière* há um jogo explícito entre o *je* da percepção e nome do herói, que é mencionado, pela primeira vez, na *Recherche*: “*Mon chéri Marcel*”, diz Albertine no meio de um sonho In: PROUST *La Prisonnière* op. cit., p. 583; e “*Quel Marcel!*” In: PROUST *La Prisonnière* op. cit., p. 663. Todavia, o narrador esclarece “*Je ne suis pas romancier*”. PROUST *La Prisonnière* op. cit., p. 881.



Segundo as *Esquisse* de l'ouverture, os barulhos produzem nele “*un sentiment tout différent*” que lhe faz “*battre le cœur ainse qu'à une jeune fille*”.<sup>397</sup> As sensações abrem-lhe o caminho do desejo e do gozo. Mas não se trata de um gozo ou de um desejo qualquer; em *La Prisonnière*, o desejo de saber de si constitui um tópico central. Nesse sentido, a adição tardia da frase-resumo não comporta um dado menor. Os estudos genéticos de l'ouverture, baseados na relação com a *Matinée* do *Cahier 50*, mostram claramente que o tipo de reclusão que prende o narrador no quarto, em uma espécie de imobilidade, é causada pela doença: «Ma santé chaque jour plus mauvaise m'obligeait mainte [nant] à passer de longs mois au lit sans me lever». <sup>398</sup>

A reclusão e a doença, sem aparente destaque na versão definitiva, é a condição latente que molda todo o romance desde seus pré-textos. E, segundo podemos inferir pela ouverture, a enfermidade indica uma mudança crucial nos estados da percepção do herói. No começo e no final de *Combray* foi concebida essa fórmula. Nesse romance, o narrador se descreve no interior do quarto no meio da noite:

J'appuyais tendrement mes joues contre les belles joues de l'oreiller qui, pleines et fraîches, sont comme les joues de notre enfance. Je frottais une allumette pour regarder ma montre. Bientôt minuit. C'est l'instant où le malade qui a été obligé de partir en voyage et a dû coucher dans un hôtel inconnu, réveillé par une crise, se réjouit en apercevant sous la porte une raie de jour. Quel bonheur, c'est déjà le matin! Dans un moment les domestiques seront levés, il pourra sonner, on viendra lui porter secours. L'espérance d'être soulagé lui donne du courage pour souffrir. Justement il a cru entendre des pas; les pas se rapprochent, puis s'éloignent. Et la raie de jour qui était sous sa porte a disparu. C'est

---

<sup>397</sup> PROUST *La prisonnière. Esquisse* l.4 op. cit., p. 1095.

<sup>398</sup> PROUST *Cahier 50*, [f 42 v<sup>o</sup>] In: BRUN *Étude génétique de l'ouverture de la Prisonnière* op. cit., p. 431.

minuit; on vient d'éteindre le gaz; le dernier domestique est parti et il faudra rester toute la nuit à souffrir sans remède.<sup>399</sup>

O quarto escuro, a doença e a angústia da solidão durante a noite compõem a cena de *Combray*. O narrador em l'ouverture não está tentando dormir, mas despertar; tampouco está de viagem, mas recluso no interior do quarto. Ele se descreve deitado, com as pálpebras fechadas e a cabeça contra a parede, em uma posição bastante desconfortável (em *Combray*, a sensação das bochechas nas faces do travesseiro dão origem às associações).

Na cena de *Combray*, o herói acreditava, no meio da noite, já ser o dia, tão só por ter visto “um raio de luz” por baixo da porta (“*Quel bonheur, c'est déjà le matin !*”<sup>400</sup>). Em l'ouverture dissipa-se essa posição de observador, e emerge a de pleno ouvinte e farejador. Tomado pelos ruídos, e antes de ver o raiar do dia, o narrador assume, a cada despertar, o trabalho de tradução auditiva desse aspecto material do mundo. Há nessa cena um jogo com os efeitos da doença, um entrosamento participativo<sup>401</sup> perante essa condição. Esse aspecto lúdico

---

<sup>399</sup> PROUST *Du côté de chez Swann* op.cit., p. 4. “Apoiava brandamente minhas faces contra as belas faces do travesseiro que, cheia e frescas, são tal como as faces da nossa infância. Riscava um fósforo para olhar o relógio. Em breve seria meia noite. É esse o instante em que o enfermo obrigado a partir e que teve de pousar num hotel desconhecido, desperto por uma crise, alegrasse ao perceber de baixo da porta uma raia de luz. Que ventura! já é dia! Dentro em pouco os criados se levantarão, poderá chamar, virão presta-lhe socorro. A esperança de ser aliviado lhe dá ânimo para sofrer. Agora mesmo julgou ouvir passos; os passos se aproximam, depois se afastam. E a raia de luz que estava sob a porta desapareceu. É meia noite; acabam de apagar o gás; o último criado partiu, e será preciso ficar toda noite a sofrer sem remédio”. PROUST *No caminho de Swann* op.cit., p. 11-12.

<sup>400</sup> PROUST *Du côté de chez Swann* op.cit., p. 4. “*Que ventura! Já é o dia!*”. PROUST *No caminho de Swann* op. cit., p. 11-12.

<sup>401</sup> No *Cahier 4* de 1909, um esboço de *l'Ouverture* dá evidências disso: « [...] ainsi tout en me quittant pas ma chambre [...] Qu'importait que je fusse couché, rideaux fermés *Chaque heure qui passait*. Je me sentais participer à la réalité de l'heure, je goûtais vivement par le désir des plaisirs particuliers qu'elle apporte <la forme d'activité à laquelle se lie> *nada qu'à la façon nada qu'à voir les zones de parfums immobile*» PROUST, Marcel *Cahier 4* [grifos da transcrição] In: WILLEMART *À la découverte des sensations dans La Prisonnière* op. cit., p. 23.

possibilita um gesto filosófico relevante que suspende as leis estéticas de *Combray*:

...c'est seulement parce que la vie se tait maintenant davantage autour de moi que je les entends de nouveau, comme ces cloches de couvents que couvrent si bien les bruits de la ville pendant le jour qu'on les croirait arrêtés mais qui se remettent à sonner dans le silence du soir.<sup>402</sup>

Nesse trecho, o narrador descreve os “sons” dos sinos situados *por trás* da cortina de “ruídos” que produz a cidade. Graças ao *fade out* ao redor do *moi*, da vida e da cidade pela noite, corre-se a cortina de ruídos que não lhe deixam ver outra cena. Uma cena menos estável e menos lógica aos olhos do menino nervoso daquela época: trata-se dos soluços que sempre devia conter diante do pai e que só rebentavam quando se encontrava a sós com sua mãe. O tempo que traz a declinação dos *ruídos* e que lhe permite escutar o *som* dos sinos é também o tempo de outorgar sentido a esses soluços; a repressão dessa manifestação sonora frente a seu pai mantinha o enigma também por trás de uma espécie de cortina. A lembrança dos soluços sobrevém depois de muito tempo, trazida por uma associação dentro do plano acústico. Antecipando o jogo de percepção disposto em *La prisonnière*, o narrador de *Combray* coloca os princípios de um novo mecanismo, ainda que velado. Esse é um princípio estético que irá desestimar a pretensão prototípica da harmonia clássica e reafirmar o fato de que, a lembrança, em si mesma, guarda componentes não evidentes.

No silêncio da noite em que cai o véu das resistências, os desarmônicos ruídos da cidade, negligenciados em prol da sonoridade dos sinos, permitem uma

---

<sup>402</sup> PROUST *Du côté de chez Swann* op. cit., p. 36-37. “...é somente porque a vida vai agora mais e mais emudecendo em redor de mim é que os escuto de novo, como os sinos de convento, tão bem velado durante o dia pelos ruídos da cidade, que parece que pararam, mas que se põem a tanger no silêncio da noite”. PROUST *No caminho de Swann* op. cit., p. 39.

associação banal: o descuido acústico dos barulhos da cidade funciona como suave anzol que traz das profundezas o sentido dos soluços. São esses os primeiros passos para compreender o deslocamento que detectamos em *La prisonnière*; levando sempre em consideração a elipse narrativa do primeiro e do último volume da *Recherche*<sup>403</sup> a que o romance faz contraponto. No primeiro e no último volume da *Recherche*, o narrador adere à dicotomia clássica ruídos-som, barulhos-música, voz-rumor<sup>404</sup>. Oposições sobre as quais se estabelece um fino trabalho de reescrita. Nesse sentido, também se privilegiava a imagem visual, os instrumentos ópticos e o ideal de “quadro”. Estamos agora em condições de perceber outro degrau dentro do trabalho de associação colocado em l’ouverture. O narrador não pressupõe que devam ser corridas as cortinas, pelo contrário; também não estima que se devam consultar os barômetros para poder ver e, portanto, acessar esse saber meteorológico. Antes de ter visto o raiar do dia, ele já sabe (“*avant d’avoir vu, au-dessus des grands rideaux de la fenêtre [...] je savais*”).

O chamado de certos rastros sonoros em *La prisonnière* produz um novo exame do aspecto material da percepção, esse aspecto insere-se na problemática da linguagem em geral, evidenciando a condição constituinte da memória e da possibilidade de associação.

---

<sup>403</sup> Proust comenta a Paul Souday que o último capítulo foi escrito em seguida ao primeiro. Em 1913, mesmo antes da publicação do primeiro livro, os tópicos sobre a arte e a vocação já haviam sido esboçados. PROUST, Marcel *Correspondance*, III, Paris: Gallimard, p. 72, citada por TADIÉ *Proust et le roman* op. cit., p. 32.

<sup>404</sup> Segundo Assoun, o “objeto sonoro” caracteriza-se pelo timbre (cor e harmônicos) pela “altura” que pode medir-se em Hertz e pela “intensidade” que, como os ruídos, medem-se em decibéis. A intensidade seria um traço medial entre o ruído e o som. ASSOUN, Paul-Laurent *Lecciones psicoanalíticas sobre la mirada y la voz* Buenos Aires: Nueva Visión, 2004, p. 47.

A escuta verdadeira em *Combray*, que traz a compreensão, o prazer e o sentido, só surge quando todos os ruídos da rua são apagados pelo tempo. Os ruídos ganham nessa cena o *status* de encobridores do gozo acústico, tanto quanto havia sido inibida a emissão dos soluços e o gozo que esse som proibido produzia.

O tom evocativo desse último trecho de *Combray* prepara, na verdade, a cena da *petite madeleine*, em que os ruídos emergirão, mais uma vez, como resistências contra a memória. Na famosa cena da *petite madeleine*, o narrador busca recuperar um estado de felicidade perdido apelando ao esforço do pensamento. Após sentir uma imensa felicidade trazida pelo sabor de um pequeno bolinho molhado no chá, tenta por vários meios compreender a causa dessa grande excitação:

Et je recommence à me demander quel pouvait être cet état inconnu, qui n'apportait aucune preuve logique, mais l'évidence, de sa félicité, de sa réalité devant laquelle les autres s'évanouissaient. Je veux essayer de le faire réapparaître. Je rétrograde par la pensée au moment où je pris la première cuillerée de thé. Je retrouve le même état, sans une clarté nouvelle. Je demande à mon esprit un effort de plus, de ramener encore une fois la sensation qui s'enfuit. Et, pour que rien ne brise l'élan dont il va tâcher de la ressaisir, j'écarte tout obstacle, toute idée étrangère, j'abrite mes oreilles et mon attention contre les bruits de la chambre voisine. Mais sentant mon esprit qui se fatigue sans réussir, je le force au contraire à prendre cette distraction que je lui refusais, à penser à autre chose, à se refaire avant une tentative suprême. Puis une deuxième fois, je fais le vide devant lui, je remets en face de lui la saveur encore récente de cette première gorgée et je sens tressaillir en moi quelque chose qui se déplace, voudrait s'élever, quelque chose qu'on aurait désancré, à une grande profondeur ; je ne sais ce que c'est, mais cela monte lentement ; j'éprouve la résistance et j'entends la rumeur des distances traversées.<sup>405</sup>

---

<sup>405</sup> PROUST *Du côté de chez Swann* op. cit., p. 45-46 (grifos nossos). “E recomeço a me perguntar qual poderia ser esse estado desconhecido, que não trazia nenhuma prova lógica, mas a evidência da sua felicidade, da sua realidade entre a qual as outras se desvaneciam. Quero

O método utilizado para a recuperação da memória é o retrocesso “pelo pensamento” (“*rétrograde par la pensée*”). Os ruídos o distraem, são idéias estrangeiras, obstáculos dos quais tenta se distanciar; enfim, signos específicos de resistência diante do esforço do pensamento e da inteligência. Dessa materialidade sonora não há ainda uma verdadeira tradução, todavia, o enigma da memória advém, em última instância, trazido pelo caráter sonoro de um rumor.

Ao acaso e à memória involuntária (na cena da *petite madeleine* em *Combray*), opõe-se o jogo sonoro em *La Prisonnière*. O que seriam resistências, a doença, e a reclusão estão a serviço da felicidade do narrador; o caráter material daquilo que atravessa a janela traz uma novidade iminente. Para o narrador que acorda em plena música, os ruídos visam a um caminho específico de percepção das modificações internas («*modifications internes*»<sup>406</sup>) produzida pelas diferentes modulações («*modulation différente*»<sup>407</sup>) e alturas. Trata-se da atenção flutuante, musical, climatológica ou barométrica cuja linguagem, sem significado fixo, concede ao despertar um caráter revelador. Sob a ficção de unidade do corpo sensível, sobrevém o *je perçus* que compara, urde e traduz a linguagem material para um saber estético que pouco a pouco se constrói em *La prisonnière*. O saber,

---

tentar fazê-lo reaparecer. Retrocedo pelo pensamento ao instante em que tomei a primeira colherada de chá. Encontro o mesmo estado, sem nenhuma luz nova. Peço a meu espírito um esforço mais, o impulso com que ele vai procurar captá-la, afasto todo obstáculo, toda idéia estranha, abrigo meus ouvidos e minha atenção contra os rumores da peça vizinha. Mas sentindo que meu espírito se fatiga sem resultado, forço-o, pelo contrário, a aceitar essa distração que eu lhe recusava, a pensar em outra coisa, a refazer-se antes de uma tentativa suprema. Depois, por segunda vez, faço o vácuo diante dele, torno a apresentar-lhe o sabor ainda recente daquele primeiro gole e sinto estremecer em mim qualquer coisa que se desloca que desejaria elevar-se, qualquer coisa que teriam desancorado, a uma grande profundidade; não sei o que seja, mas aquilo sobe lentamente; sinto a resistência e ouço o rumor das distâncias atravessadas”. PROUST *No caminho de Swann* op. cit., p.46.

<sup>406</sup> PROUST *La Prisonnière* op. cit. p. 534-5.

<sup>407</sup> Idem, p. 624.

afirma Willemart, parte das sensações (dos cheiros e, fundamentalmente, da audição) e não de razoamentos ou verdades feitas<sup>408</sup>: surge assim a possibilidade de uma verdade subjetiva<sup>409</sup>.

As qualidades desses ruídos (amortecidos, desviados ou vibrantes) não formam um véu fosco<sup>410</sup>, entrave para a percepção. Acessamos uma área partilhada tanto pela escuta do narrador quanto pela fonte sonora. Nas palavras de Benjamin<sup>411</sup>, um *medium* de linguagem, em que se entrelaçam o comunicante e o comunicado. Trata-se de um *medium* em que os ruídos, elevados a “objetos acústicos” ecoam porque seu poder invocativo convida à interpretação.

As diferenças sonoras não revelam apenas qual é efetivamente o estado geral da atmosfera; elas trazem também a tristeza, a alegria e o canto. A percepção direta e sonora revela o aspecto psíquico indireto e mudo. Essa linguagem comunicante de ruídos não compõe um sistema semântico tradicional; no entanto, constitui uma linguagem articulada não verbal, na qual o narrador constrói relações de afeto. Nas *Esquisse* do romance, a indiferenciação entre o exterior e o interior permite associar cada sonoridade a um caráter anímico: os ruídos trazem a nostalgia [«*chaque jour particulier qui à lui seul est une saison et un climat donne la nostalgie*»<sup>412</sup>] ou conseguem tirar do coração todo o desejo [«*...les premiers bruits de la rue m’ont apporté avec eux leur atmosphère, l’ennui*

---

<sup>408</sup> WILLEMART *À la découverte des sensations dans La Prisonnière* op. cit., p. 24.

<sup>409</sup> « [...] aujourd’hui j’en connais clairement la vérité subjective ». PROUST *La Prisonnière* op. cit., p. 850.

<sup>410</sup> PROUST *Du côté de chez Swann* op. cit., p. 36-37.

<sup>411</sup> BENJAMIN, Walter (1916) *Über Sprache überhaupt und über die Sprache des Menschen* In: *Gesammelte Schriften* II, 1 hgg. von R. Tiedemann und H. Schweppenhäuser. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1977, p. 150-7.

<sup>412</sup> PROUST *La prisonnière. Esquisse* I.2, op.cit., p. 1094.

de la pluie où ils se morfondent et qui ôte à mon cœur tout désir...»<sup>413</sup>] ; até o primeiro *tramway*, se chover, vai com “resignação”: «...la sonorité du premier tramway que s’approche et de son timbre d’appel, je peux dire s’il roule avec résignation dans la pluie ou s’il est en partance pour l’azur».<sup>414</sup>

A aquisição dessa linguagem dá-se aos poucos, a cada diferença de percepção<sup>415</sup>. Dos rastros percebidos até se associar, formando imagens acústicas; estas que constituem significantes, unidades articuladas na diferença, e que não têm, em si, nenhum significado. Nesse sentido, o limite entre ruídos e som depende do reconhecimento e da referencialidade intra-acústica (seguindo o conceito de intra-musical em Jakobson<sup>416</sup>), após uma quantidade definida de escutas. Em *La prisonnière* essa seqüência é dada pela repetição da cena do despertar. Talvez, por isso, l’ouverture obtém pleno sentido para o leitor, quando no decorrer dos dias descritos percebe-se o gesto da repetição. Essa atenção antecipatória, logo de manhã, mesmo antes de ter “visto”, produz um extremo

---

<sup>413</sup> PROUST *La prisonnière. Esquisse* I.3, op.cit., p. 1094.

<sup>414</sup> PROUST *La Prisonnière Esquisse* I.4 op.cit., p. 1095.

<sup>415</sup> No *Esquisse* I, 4 do romance, destaca-se o papel desse chamado pela multiplicidade de estados de espírito que lhe provocam: «Car non seulement chaque saison mais chaque sorte de temps lui offre son atmosphère comme un instrument particulier sur lequel il exécutera l’air toujours pareil de son roulement et de son timbre; et ce même air non seulement nous arrivera différent s’il bondit et rayonne dans l’air vide et sonore d’un jour d’hiver, lumineux et glacé, au lieu de cheminer entre les parfums dans l’air déjà mélangé de chaleur d’un matin d’été qui s’apprête à la solidification de midi, mas prendra une couleur, une signification, et exprimera un sentiment tout différent, s’il s’assourdit comme un tambour de brouillard, se fluidifie et chante comme un violon dans l’atmosphère immense et léger, où le vent tout prêt alors à recevoir cette orchestration colorée et légère, fait courir ses ruisseaux ou s’il perce avec la vrille d’un fifre la glace bleue d’un temps ensoleillé et froid, les premiers bruits de la rue m’apportent l’ennui de la pluie où ils se morfondent, la lumière de l’air glacé où ils vibrent, l’abattement du brouillard que les éteint, la douceur et les bouffées d’un jour tempétueux et tiède, où l’ondée légère ne les mouille qu’à peine, vite essuyée d’un souffle ou séchée d’un rayon. Ces jours-là, surtout, si le vent fait entendre dans la cheminée un irrésistible appel que me fait plus battre le cœur qu’à une jeune fille le roulement des voitures allant au bal où elle n’est pas invitée, le bruit de l’orchestre arrivant par la fenêtre ouverte[...]». PROUST *La prisonnière. Esquisse* I.4 op. cit., p. 1095.

<sup>416</sup> NATTIEZ, Jean-Jacques (1987) *Music and Discourse. Toward a semiology of music* Trad. Carolyne Abbate, New Jersey: Princeton U. Press, 1990, p.116.



júbilo («*Ah! Enfin, il fait beau*»<sup>417</sup>); pois, não se trata de “supor” ou de “estimar”, mas de “saber” interpretar isso que é a realidade. A imagem acústica tem uma função representacional, ou seja, funciona como uma alucinação.

Esse trabalho de percepção vai *in crescendo*, no decorrer ficcional dos dias que compõem o romance. Da interpretação dos ruídos, o jogo do narrador transpõe para os cantos a fala e, finalmente, para a música, em um gesto que consideramos uma espiral hermenêutica, até a construção de um novo sentido da doença, da reclusão e finalmente da verdadeira vida. Diremos, por ora, que o narrador de *La Prisonnière* encarna, seguindo seu próprio método de associação, um puro aparelho produtor. Esse é um deslocamento crucial: da teoria da “memória involuntária”, eixo da estética idealista explícita no último volume da *Recherche*, para uma nova concepção da linguagem em geral.

---

<sup>417</sup> PROUST *La Prisonnière* op.cit., p. 519.

### ***O diapasão da “minha” lembrança***

As leis estéticas que orientam o herói na descoberta da verdadeira realidade na *Recherche* foram enunciadas em *Le temps retrouvé*. À maneira de uma sentença clássica, o narrador resume todo o seu pensamento: a sensibilidade fornece a matéria para a qual a inteligência leva a luz (“*La sensibilité fournit la matière où l’intelligence porte la lumière*”<sup>418</sup>). Matéria e inteligência formam uma bela dicotomia, que abrange todas as leis estéticas desse romance. Detalhemos um pouco melhor essas leis, para poder finalmente compreender qual é a novidade que *La prisonnière* traz ao circuito da *Recherche*.

Em *Le temps retrouvé* o narrador descobre sua vocação de escritor e define o livro por vir. Essa obra literária será produto de um tipo de inteligência que consegue associar-se a certas impressões, pois o trabalho do escritor é re-encontrar aspectos do mundo e do tempo que antes passaram despercebidos ao eu corriqueiro e superficial. Esse livro estará composto de uma série de impressões inconscientes e será escrito por outro eu. Para o narrador, o eu corriqueiro vive em um mundo de signos que perderam sua verdadeira significação; seja pelo hábito, seja por uma congestão forte seguida de afasia<sup>419</sup>. Ambos produzem o esquecimento, portanto, será outro eu quem conseguirá ler as letras e signos dessas impressões *apercebidas*, dotando-as de sentido e significação que constituirão a obra.

---

<sup>418</sup> PROUST *Le temps retrouvé. Esquisse XXIX* op. cit. p. 844.

<sup>419</sup> Idem, p. 857.

Em *Le temps retrouvé*, o narrador ilumina o aspecto material com essa inteligência associativa que o ajuda a interpretar as “experiências privilegiadas” da *Recherche*. Essas experiências de memória involuntária produzem, antes de tudo, um forte estranhamento<sup>420</sup>, conforme o modelo da *madeleine* molhada no chá (*Combray*) e da pequena frase musical (*Um amor de Swann*). Em *Le temps retrouvé*, o som da colher e o desnível no pavimento produzem em seu narrador uma sensação idêntica à do passado. Mas, essa memória involuntária, segundo assinalou Gagnebin, não obtém seu pleno sentido se a definimos apenas como “[...] reencontros felizes entre sensação presente e sensação passada”.<sup>421</sup> Tal simplicidade em torno da sensação não acrescenta nada nem fornece chave à problemática da escrita e da gênese dos temas proustianos. Esses raios *semelhantes e diferentes* voltam em *Le Temps retrouvé* como a resolução de um enigma adiado por milhares de páginas<sup>422</sup>.

Esse modelo, que será a fonte do trabalho artístico, reúne o aspecto material e a inteligência (caracterizada por ser *associativa* e não especulativa) na projeção futura da obra literária. Pois a verdadeira vida, a vida plenamente vivida é, para o narrador de *Le temps retrouvé*, a literatura<sup>423</sup>. O que significam esses momentos

---

<sup>420</sup> Momentos que Beckett chamou de *fetiches*; pois ele viu, antes que muitos outros, como se apresentava na obra de Proust o jogo entre a *parte* e o *todo*. BONNET, Henri *Le progrès spirituel dans l'œuvre de Marcel Proust* Vol. I-II, Paris: Varin, p.108, citado. QUARANTA, Jean Marc (2001) *Les expériences privilégiées dans A la Recherche du Temps perdu et ses avant-textes: éléments de la genèse d'une esthétique* (Thèse inédite) Université de Marne-la-Vallée. Faculté des Lettres, Arts et Sciences Humaines. p.5.

<sup>421</sup> GAGNEBIN, Jeanne Marie (2003) *O rumor das distâncias atravessadas* In: N.º. 22, IEL Campinas, UNICAMP, p. 111.

<sup>422</sup> Segundo Ricoeur, no último volume renuncia-se necessariamente a reviver o passado para que o tempo perdido tenha a forma de ‘redescoberto’. RICOEUR, Paul *Tempo e Narrativa II*. Campinas, Papyrus, 1995, p. 241.

<sup>423</sup> PROUST *Le Temps retrouvé*, op. cit., p. 476.

privilegiados? Não se trata na *Recherche* de acessar *belas idéias*<sup>424</sup>. Contrariamente, esses momentos privilegiados são experiências atípicas, escuras e fantasmáticas. Tampouco é na *madeleine*, nem na colher que a experiência se produz, pois o coração dos objetos está, na *Recherche*, irremediavelmente vazio. Trata-se, antes, de uma poderosa sensação que o confronta com o sem sentido. Esses momentos privilegiados inspiraram em Richard o seguinte comentário:

Les objets ainsi perçus provoquent une vive exaltation, tout en se présentant comme douloureusement incomplets, inaccomplis voire déficitaires. L'euphorie qui les accompagne ne se sépare pas du sentiment d'un manque. [...] objets d'une impression qui ne saurait s'achever qu'en un acte second : celui d'une interprétation.<sup>425</sup>

Jean-Pierre Richard indica que os episódios em que emergem as experiências privilegiadas constituem uma série sempre aberta a novos elementos.<sup>426</sup> Essa série aberta que, como Freud mostrou no estudo das afasias, pertence originariamente às associações de objeto e é constitutiva do aparelho da linguagem. O complexo associativo de objeto, afirma Freud, obtém seu significado na associação com a palavra. O problema colocado pelo narrador é, justamente, o problema do reconhecimento do objeto. O mecanismo produzido pelo objeto dessas experiências privilegiadas da *Recherche* é o do reconhecimento: uma sensação atual traz uma sensação de imensa felicidade, produzindo a experiência privilegiada. O narrador não sabe de onde provém semelhante felicidade e percebe sua impossibilidade de reconhecer o objeto, pois ele é bem diferente dos objetos materiais, e também da sensação que produz. Ele sofre uma breve crise,

---

<sup>424</sup> Idem, 457.

<sup>425</sup> RICHARD, Jean Pierre (1974) *Proust et le monde sensible*, Paris: Seuil, p. 171.

<sup>426</sup> Idem, p. 72 .

nas palavras de Freud, de afasia agnósica, em uma busca incessante do objeto. Nas mais de três mil páginas que compõem o texto publicado da *Recherche*, Roger Shattuck<sup>427</sup> encontra pelo menos quinze desses momentos que se desdobram nas *Esquisses* e se incrementam em diversas descrições.

As experiências privilegiadas possuem um status ambivalente; elas se situam nos dois extremos do romance: como literatura e como o material para a sua definição. No entanto, o discurso sobre a obra de arte, que é, nesse sentido, uma “lição de idealismo”<sup>428</sup>, longe de esclarecer as experiências privilegiadas, é confuso (Descombes) e difícil de compreender. Elizabeth Jackson, no final de seu estudo sobre a evolução da memória na *Recherche*, manifesta que nesse último volume há um “caos filosófico” e que seria impossível querer colocá-lo em ordem. Mas a ficção proustiana toma justamente esse grande tópico da filosofia para colocar os pressupostos do leitor em funcionamento; a ficção não vem defender a especulação. Pelo contrário, a estética mostra certos limites, isso já o dissera Kant na terceira crítica<sup>429</sup>, já que a estética se serve do juízo reflexivo e está nos limites da teoria do conhecimento: não podemos esperar dela uma doutrina, como acontece, por exemplo, com a doutrina do Direito<sup>430</sup>. Esses limites da percepção

---

<sup>427</sup> SHATTUCK, Roger (1963) *Proust's Binoculars. A Study of Memory, Time and Recognition in À la recherche du temps perdu* New-York: Random House, p. 47-48; citado por QUARANTA op. cit.

<sup>428</sup> PROUST *Le Temps retrouvé*, op. cit., p. 489.

<sup>429</sup> KANT, Immanuel *Kritik der Urteilskraft* In: *Werke* Akademie Textausgabe, Band V, Berlin: Gruyter & Co. 1968.

<sup>430</sup> A investigação filosófica, segundo Kant, sustenta-se em um conceito específico de experiência entendido como ‘determinação’. Nesse âmbito, os fenômenos fazem sentido, sob as leis do sistema da natureza. Assim, Kant consegue estabelecer uma *Doutrina* no território da Razão pura e também do direito, mas não no território da arte. Em sua *Crítica da faculdade de julgar* afirma que o Belo não responde nem ao ‘a priori’ nem ao ‘empírico’, mas a um terceiro termo chamado ‘a priori não determinado conceitualmente’. Esse terceiro termo torna possível uma fundamentação transcendental do juízo estético [KANT *Kritik der Urteilskraft*, Einleitung §1, XIII p. 172.]. Segundo Kant, isso impede a determinação de uma *Doutrina* da Arte. A conclusão kantiana deriva da idéia de que toda *Doutrina* é aquela teoria que leva em consideração ‘objetos’

estética ocuparam os primeiros românticos alemães<sup>431</sup> e o jovem Benjamin<sup>432</sup>, todos eles à procura da ampliação do conceito de experiência enunciado por Kant.

Em *La Prisonnière*, a linguagem da sensibilidade está sendo colocada em questão. Do caos, do ruído, nasce um saber. O elemento acústico retomado em l'ouverture torna possível uma experiência diferencial e exaustiva (via escrita) de percepção do mundo; a ponto de deixar em evidência os critérios da estética tradicional na qual se ancoram as leis gerais apresentadas em *Le temps retrouvé*. O narrador de *La Prisonnière* confronta-se com o problema da dialética das percepções que compõem as representações; l'ouverture deixa claras evidências disso. A oposição entre as percepções visual e auditiva<sup>433</sup> coloca-se aqui em maior destaque. A diferença de registro dessas percepções possibilita que, sem ter visto o raiar do dia, ele saiba o estado geral da atmosfera. A atenção dada aos ruídos é o primeiro passo para mostrar um caminho diferente do ideal estético da visão do último volume.

---

determinados, ou seja, que se nutre de objetos 'conhecíveis', dotados de um significado de acordo com a sua definição de experiência. No sistema kantiano é impossível delinear chaves *a priori* para a criação, por exemplo, nas Belas Artes. [KANT, Immanuel *Kritik der Urteilskraft* In: *Werke* Akademie Textausgabe, Band V, Berlin: Gruyter & Co. 1968, [§16, 49] p. 229 e [§9, 33] p. 219. A 'faculdade de julgamento' em geral (juízo reflexivo) é, segundo Kant, aquela faculdade de pensar o particular sob o universal. Mas, o juízo reflexivo se diferencia do juízo determinativo (que rege a experiência e o conhecimento) ponto de apoio de toda *Doutrina*. O juízo reflexivo é a 'consciência da relação' entre as 'representações dadas' e as diferentes 'fontes do conhecimento', mas não é condição de conhecimento, já que não atinge a relação entre a 'representação' e seu 'objeto'.

<sup>431</sup> Para aprofundar na relação experiência-linguagem-origem, que ocupou a Herder, a Hamann, aos primeiros românticos alemães e a Walter Benjamin pode ser consultado o nosso trabalho de mestrado In: LÓPEZ-GALLUCCI, Natacha (2003) *Walter Benjamin, Johan Georg Hamann Sobre a origem espiritual da linguagem* (Dissertação de Mestrado), IFCH, Campinas: Unicamp. LÓPEZ-GALLUCCI, Natacha *Lecturas del joven Benjamin* In: Revista *Nadja* nº3 "La huella y el pensamiento judío", Rosario: De Las 47.

<sup>432</sup> BENJAMIN, Walter (1918) *Über das Programm der kommenden Philosophie* Gesammelte Schriften, Band II, 1, 1 Hgg. von Rolf Tiedemann und Hermann Schweppenhäuser. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1977, p. 168. comentado em

<sup>433</sup> Essa oposição não é ideal, mas faz parte, como Freud mostrou no estudo das afasias, do processo conforma às representações, ao complexo associativo de objeto e ao complexo associativo da palavra.

A escuta do narrador de *La Prisonnière* vai oferecer um contraponto à escuta do personagem de Swann, que estava tomado pela sonoridade de uma pequena frase musical. A primeira audição musical de Swann insere-se dentro de uma cena na casa dos Verdurin. M. Verdurin solicitou ao jovem artista convidado que tocasse no piano o arranjo em fá de uma sonata. Essa primeira audição do arranjo põe em funcionamento o aparelho de memória e traz lembranças de uma execução arquetípica<sup>434</sup> dessa peça (trazida pela lembrança). Após ter escutado o arranjo, Swann se lembra de que no ano anterior ouvira uma obra para piano e violino cujas qualidades sonoras foram a única coisa que lhe agradou. Isto pelo menos no começo, já que logo um grande prazer o invadiu quando, por baixo da linha do violino, ergueu-se a massa do piano. Nessa experiência privilegiada, Swann admite que a audição foi confusa:

Peut-être est-ce parce qu'il ne savait pas la musique qu'il avait pu éprouver une impression aussi confuse, une de ces impressions qui sont peut-être pourtant les seules purement musicales, inétendues, entièrement originales, irréductibles à tout autre ordre d'impressions. Une impression de ce genre, pendant un instant, est pour ainsi dire *sine materia*.<sup>435</sup>

Sem preâmbulos, Swann nos apresenta a concepção estética inicial que rege a elipse narrativa do primeiro e do último volume da *Recherche*. A velocidade em que uma nota se segue à outra, a fluência e a simultaneidade da escuta direta da materialidade sonora, informe, confusa, não permitem que se formem nele claras sensações (imagens acústicas). Essas impressões irreduzíveis a uma

---

<sup>434</sup> NATTIEZ, Jean-Jacques (1999) *Proust Musicien* Paris: C. Bourgois, p. 91.

<sup>435</sup> PROUST *Du côté de chez Swann* op. cit., p. 203 "Talvez fosse porque não sabia música que viera a experimentar uma impressão tão confusa, uma dessas impressões que no entanto são talvez as únicas puramente musicais, inextensas, inteiramente originais, irreduzíveis a qualquer outra ordem de impressões. Uma impressão desse gênero é, por assim dizer, *sine matéria*". PROUST, Marcel *No caminho de Swann*, op. cit., p. 178.

representação que abrem sua alma são indícios de algo que emerge e desaparece, deixando apenas um vestígio de prazer impossível de descrever, de nomear e, por momentos, de lembrar. Nesse ponto a sensibilidade vai da materialidade sonora para o imaterial. O narrador esclarece:

Et cette impression continuerait à envelopper de sa liquidité et de son "Fondu" les motifs qui par instants en émergent, à peine discernables, pour plonger aussitôt et disparaître, connus seulement par le plaisir particulier qu'ils donnent, impossibles à décrire, à se rappeler, à nommer, ineffables – si la mémoire, comme un ouvrier qui travaille à établir des fondations durables au milieu des flots, en fabriquant pour nous des fac-similés de ces phrases fugitives, ne nous permettait de les comparer à celles qui leur succèdent et de les différencier. Ainsi, à peine la sensation délicate que Swann avait ressentie était elle expirée, que sa mémoire lui en avait fourni séance tenante une transcription sommaire et provisoire, mais sur laquelle il avait jeté les yeux tandis que le morceau continuait, si bien que, quand la même impression était tout d'un coup revenue, elle n'était déjà plus insaisissable.<sup>436</sup>

Nessa cena, duas escutas se sobrepõem: a arquetípica, que acorda como lembrança; e a atual. O fascínio de Swann é o encantamento prazeroso da indeterminação dessa primeira escuta.

Quando Swann ouvia aquela frase, conseguia visualizar diversas silhuetas definidas no espaço. Ele considerava, segundo a arquitetura mental à qual apelava para lembrá-la, que o violino era uma linha e que o piano era o fundo; ele via contornos, superfícies, variedades de arabescos transpondo sua escuta para o

---

<sup>436</sup> PROUST *Du cote de chez Swann* op. cit., p. 203 “E essa imprecisão continuaria a envolver com a sua liquidez e o seu ‘fundo’ os motivos que por instantes emergem apenas discerníveis, para em seguida mergulhar e desaparecer, somente percebidos pelo prazer particular que dão, impossíveis de perceber, de lembrar, de nomear, inefáveis, se a memória como um obreiro que procura assentar alicerces duráveis no meio das ondas, fabricando-nos fac-símiles dessas frases fugitivas não nos permitissem compará-las à que se lhes sucedem e diferenciá-las. Assim, mal expirara a deliciosa sensação de Swann, logo a sua memória lhe fornecera uma transcrição sumária e provisória, mas em que tivera presos os olhos enquanto a música continuava, de modo que quando aquela impressão retornou já não era inapreensível”. PROUST *No caminho de Swann* op. cit., p. 179.



paradigma do quadro, da imagem, figura–fundo. Para compreendê-la, devia atravessar o escuro som dessa cortina sonora. Também fazia parte desse registro imaginário o perfume que a envolvia. Swann persegue dados e referências com o fim de compreender o sentido dessa frase; e ao ser informado sobre o nome daquela peça e do compositor (uma sonata para piano e violino composta por Vinteuil), acredita que possui a chave para desvendar sua linguagem:

Mais maintenant il pouvait demander le nom de son inconnue (on lui dit que c'était l'andante de la sonate pour piano et violon de Vinteuil), il la tenait, il pourrait l'avoir chez lui aussi souvent qu'il voudrait, essayer d'apprendre son langage et son secret<sup>437</sup>.

No entanto, algo na sonata de Vinteuil lhe produzia uma impressão tão forte que, arrebatando todo o seu corpo, transformava-o em uma imensa orelha<sup>438</sup>. A intenção de Swann era seguir o caminho traçado pela pequena frase para, em repetidas escutas, decifrar o segredo de semelhante gozo<sup>439</sup>:

Et souvent, quand c'était l'intelligence positive qui régnait seule en Swann, il voulait cesser de sacrifier tant d'intérêts intellectuels et sociaux à ce plaisir imaginaire. [...] Une jouissance: qui elle non plus ne correspondait à aucun objet extérieur et qui pourtant, au lieu d'être purement individuelle comme celle de l'amour, s'imposait à Swann comme une réalité supérieure aux choses concrètes.<sup>440</sup>

O magma sonoro indeterminado da escuta arquetípica, após as repetidas escutas começa a fazer sentido para Swann, e aquela que era uma frase ambivalente adquire, segundo o narrador, uma significação fixa: «Et même,

---

<sup>437</sup> “Mas agora podia perguntar o nome de sua desconhecida (disseram-lhe que era o andante da sonata para piano e violino de Vinteuil), tinha-a segura, poderia tê-la consigo quantas vezes quisesse e tentar apreender a sua linguagem e seu segredo” PROUST *No caminho de Swann* op. cit., p. 180.

<sup>438</sup> WILLEMART, Phillipe *Proust, poeta e psicanalista* São Paulo: Ateliê, p. 79.

<sup>439</sup> PROUST *Du côté de chez Swann* p. 203-5; PROUST *No caminho de Swann*, p. 181.

<sup>440</sup> PROUST *Du côté de chez Swann* p. 233; “E muitas vezes, quando lhe predominava no espírito a inteligência positiva, desejava ele não mais sacrificar tantos interesses intelectuais e sociais àquele prazer imaginário. [...] um prazer [gozo] que tampouco respondia a nenhum objeto exterior e que no entanto, em vez de ser puramente individual, impunha-se a Swann como uma realidade superior às coisas concretas”. PROUST *No caminho de Swann*, p. 201.

souffrant de songer, au moment où elle passait si proche et pourtant à l'infini, que tandis qu'elle s'adressait à eux, elle ne les connaissait pas, il regrettait presque qu'elle eût une signification, une beauté intrinsèque et fixe...»<sup>441</sup>

No ponto em que é fixado o significado da frase musical (pois Swann a associa ao seu amor por Odette), ele afirma que declina seu gozo pela materialidade sonora; nesse ponto podemos pensar que emerge a escuta do narrador de *La Prisonnière*. A retomada da percepção sonora vai significar a busca de verdades transcendentais, mas fora do status de conhecimento e de juízo intelectualizado. As experiências privilegiadas em *La Prisonnière* são apresentadas como um compêndio de “pontos estratégicos”<sup>442</sup>, verdadeiros contrapontos do ideal doutrinal. O quarto escuro do *dormeur éveillé* ilustra uma teoria mais completa e original; parecendo ser abandonado o tema da memória involuntária, são explorados novos aspectos da vida psíquica.<sup>443</sup>

Em l'ouverture de *La prisonnière*, a sensação visual é apagada, e a escuta toma um lugar preponderante, que não necessita das muletas do visual. Se Swann tinha diante de si uma transcrição provisória<sup>444</sup>, os ruídos da rua são em *La Prisonnière* uma verdadeira tradução. O narrador, em seu leito, evoca os ruídos de sua segunda estada em Balbec, período em que conhece Albertine<sup>445</sup>:

---

<sup>441</sup> PROUST *Du côté de chez Swann* p. 203-4; “E sofrendo ao pensar, quando a frase passava tão próximo e ao mesmo tempo no infinito, que, enquanto se dirigia a eles [Swann e Odette] contudo não os conhecia, Swann quase lamentava que ela tivesse um significado, uma beleza intrínseca e fixa [...]” PROUST *No caminho de Swann*, p. 186.

<sup>442</sup> SIMON *Proust ou le réel retrouvé* op.cit., p. 174.

<sup>443</sup> QUARANTA *Les expériences privilégiées dans A la Recherche du Temps perdu* op. cit., p. 295.

<sup>444</sup> PROUST *Du côté de chez Swann* p. 203; PROUST *No caminho de Swann*, p. 179.

<sup>445</sup> Por trás dessa lembrança surgem outras que abrem a suspeita pela sexualidade de Albertine: os modos esquisitos que tinha Albertine (os modos de Gomorra); ela estava com uma amiga,

...Il y avait des jours où le bruit d'une cloche qui sonnait l'heure portait sur la sphère de sa sonorité une plaque si fraîche, si puissamment étalée de mouillé ou de lumière, que c'était comme une traduction pour aveugles, ou, si l'on veut, comme une traduction musicale du charme de la pluie ou du charme du soleil. Si bien qu'à ce moment-là, les yeux fermés, dans mon lit, je me disais que tout peut se transposer et qu'un univers seulement audible pourrait être aussi varié que l'autre.<sup>446</sup>

Os objetos que o interessam, o *charme* da chuva ou do sol, são objetos invisíveis, são impressões desses objetos, qualidades específicas de um momento particular de percepção. Para o narrador, esses objetos poderiam pertencer a um universo unicamente audível, em que tudo é susceptível de transposição. A sonoridade da evocação não é materialidade bruta; ela compõe o núcleo de uma lembrança acústica. O narrador coloca assim as bases de uma teoria estética das intensidades da sensação. Essa teoria assenta-se, segundo as afirmações do narrador, em uma teoria da tradução e da repetição. Com esse «*Il y avait des jours*», o narrador insere efetivamente o problema da repetição e, por conseguinte, a redefinição de uma idéia de memória que irá prevalecer nesse romance. A repetição funciona aqui como uma via régia. Dela se serve o narrador para mostrar a forma como se produz a captura da identidade do objeto, entre seu presente, caracterizado pela percepção direta dos barulhos da rua que lhe trazem

---

talvez tomadas pela cintura e olhando para outras mulheres. PROUST *La Prisonnière* op. cit., p. 592. PROUST *A prisioneira* op. cit., p. 67.

<sup>446</sup> PROUST *La Prisonnière* op. cit., p. 591-2. “Havia dias em que o ruído de um sino que batia a hora trazia sobre a esfera de sua sonoridade uma placa tão fresca, tão fortemente estampada de unidade ou de luz, que era como uma tradução para cegos, ou, se quiserem, como uma tradução musical do encanto da chuva ou do encanto do sol. Tanto assim que naquele momento eu, de olhos fechados, em minha cama, pensava que tudo é susceptível de transposição e que um universo unicamente audível poderia ser tão variado quanto o outro”. PROUST *A prisioneira*, op. cit., p. 66.

o desejo de viajar, e o passado, na efetiva viagem a Balbec. Estabelece-se uma conexão, um elo entre duas sensações<sup>447</sup>.

A repetição, no entanto, tem sido abordada de diversas maneiras. Brun<sup>448</sup> e Quaranta, assim como Genette, salientam que a repetição funciona aqui como matriz poética. *La prisonnière* impõe uma ordem formal oposta à do romance tradicional. Nesse sentido, Anne Henry visualiza um elo entre a repetição, como aspecto formal da *Recherche*, e as idéias sobre a poesia no romantismo. A decifração das impressões coloca '*la poésie d'avant les mots*' assim como o faziam os românticos que, aliás, conferiam ao corpo um papel principal. Em *La prisonnière* acompanhamos um processo de hipersensibilidade: «Hyperesthésie de l'ivresse, de l'euphorie érotique, effacement de l'habitude, réveil, santé, maladie sont présentés dans ce sens et font l'objet de variations placées à des endroits stratégiques du récit»<sup>449</sup>.

De alguma forma, essa vinculação ao romantismo, em que há uma auto-referencialidade constante para o problema das percepções corporais, condiz com uma recolocação da dimensão material como motor da criação artística e da captura de objeto. Em *La prisonnière*, o herói responde ao chamado material com uma interpretação que passa primeiro pelo corpo. Não se trata, porém, de que esses ruídos estejam sempre lá fora (pois de fato, a cada manhã, eles estão ali), mas da condição *invocante*<sup>450</sup> que eles adquirem durante a doença. Um chamado

---

<sup>447</sup> Seu enorme júbilo é produto da comparação entre aquele momento da emergência do desejo por Albertine e sua efetiva convivência.

<sup>448</sup> BRUN *Etude génétique de l'ouverture de La Prisonnière* op. cit., p. 456.

<sup>449</sup> HENRY, Anne (2000) *La tentation de Marcel Proust* Paris : PUF, p. 177.

<sup>450</sup> *Invocare*, em latim, reenvia ao chamado. Os ruídos produzem um chamado ao gozo climatológico; produzem um movimento que leva ao herói-narrador a se dispor também para ouvir

incondicional e uma promessa de gozo, para além da doença e da morte. Os barulhos da rua assumem o *status* de acontecimento, produzindo uma forte impressão que permite a emergência do desejo.

A repetição<sup>451</sup> comporta no romance um jogo dialético entre o viés conservador (de uma situação de tensão) e a possibilidade de que surjam os efeitos de sujeito; reintroduzindo a mesma cena de percepção para que tais efeitos adquiram voz e sejam comunicáveis. A comunicabilidade da percepção conserva rastros daquele ideal anunciado no último volume da *Recherche*, cuja intenção é urdir um verdadeiro “quadro do real”. Todavia, as sensações do herói ao acordar em plena música, fora do paradigma do quadro, são sua resposta simbólica, um ato de representar:

Aussi, si sortant de mon lit, j'allais écarter un instant le rideau de ma fenêtre, ce n'était pas seulement comme un musicien ouvre un instant son piano et pour certifier si sur le balcon et dans la rue la lumière du soleil était exactement au même diapason que dans mon souvenir, c'était aussi pour apercevoir quelque blanchisseuse portant son panier à linge, une boulangère [...] une image enfin que les différences de lignes peut-être quantitativement insignifiantes suffisaient à faire aussi différente de toute autre que pour une phrase musicale la différence de deux notes...<sup>452</sup>

---

outras vozes dentro de si. Essas vozes que só ele escuta, e que provêm de outros eus que cantam em seu interior, além da doença, do sofrimento. Para esse tema: VIVES, Jean Michel (1989) *Pulsion invocante et destins de la voix*. In: VIVES, Jean-Michel *La voix*. Paris: Navarrain.

<sup>451</sup> Para Costil e para Nattiez (que pretende dar continuidade ao estudo de Costil sobre os aspectos musicais da *Recherche*), o modelo de repetição se baseia nas idéias de Wagner sobre a obra de arte total. Nesse paradigma é possível integrar os diversos momentos individuais em uma unidade maior. À luz dos escritos de Wagner, Nattiez pretende mostrar a importância que tem a repetição na sua música, assim como na gênese da *Recherche* proustiana; e em *La prisonnière* a referência às obras de Wagner lhe parecem cruciais. COSTIL, Pierre (1958/9) *La construction musicale de la recherche du temps perdu*. Paris Bulletin Société Amies Marcel Proust N°8 [p. 469-489] e N°9 [p. 83- 110]. NATTIEZ, Jean-Jacques (1999) *Proust musicien*. Paris: Bourgois, p. 62.

<sup>452</sup> PROUST *La Prisonnière* op. cit., p. 537. “Se, saindo da cama, ia descerrar um instante a cortina da minha janela, não era apenas como um músico abre um instante o piano, e para verificar se, no balcão e na rua, a luz do sol estava exatamente no mesmo diapason que na minha lembrança, era também para avistar alguma lavadeira carregando o seu cesto de roupa, uma padeira [...] uma imagem enfim que as diferenças de linhas, talvez quantitativamente insignificantes, bastavam para fazer tão diferente de qualquer outra como numa frase musical a diferença de duas notas...” PROUST *A Prisoneira*, op. cit. p.17.

Participando do princípio instigante de repetição, o corpo do herói reaparece (já não é uma orelha que toma conta de tudo); transforma-se em um instrumento ou caixa de ressonância em que ecoam inúmeros ruídos, barulhos, estados climáticos e de luminosidade. No movimento matutino, a percepção de uma diferença qualitativa insignificante entre duas linhas dispõe todo o seu organismo em harmonia com a jornada (*'mettait mon organisme en harmonie avec la journée'*)<sup>453</sup>. O corpo que percebe funciona como um diapasão, que emitindo sua vibração organiza os registros de percepção na memória. Esse mecanismo é elucidado, tomando a metáfora do corpo com um violino interior.

Certains beaux jours, il faisait si froid, on était en si large communication avec la rue qu'il semblait qu'on eût disjoint les murs de la maison et, chaque fois que passait le tramway, son timbre résonnait comme eût fait un couteau d'argent frappant une maison de verre. Mais c'était surtout en moi que j'entendais avec ivresse un son nouveau rendu par le violon intérieur. Ses cordes sont serrées ou détendues par de simples différences de la température, de la lumière extérieures. En notre être, instrument que l'uniformité de l'habitude a rendu silencieux, le chant naît de ces écarts, de ces variations, source de toute musique: le temps qu'il fait certains jours nous fait aussitôt passer d'une note à une autre. Nous retrouvons l'air oublié dont nous aurions pu deviner la nécessité mathématique et que pendant les premiers instants nous chantons sans le connaître. Seules ces modifications internes, bien que venues du dehors, renouvelaient pour moi le monde extérieur. Des portes de communication, depuis longtemps condamnées, se rouvraient dans mon cerveau<sup>454</sup>.

---

<sup>453</sup> PROUST, Marcel *Cahier 53* In: BRUN, Bernard *Etude génétique de l'ouverture de La Prisonnière* op. cit., p. 276.

<sup>454</sup> PROUST *La Prisonnière* op. cit., p. 535. "Em certos dias bonitos, fazia tanto frio, estávamos em tão ampla comunicação com a rua, que parecia tivessem desunido as paredes da casa, e cada vez que passava o bonde, o seu timbre como o faria uma faca de prata batendo numa casa de vidro. Mas era sobretudo em mim que eu ouvia, inebriado, um som novo emitido pelo violino interior. Suas cordas são retesadas ou relaxadas por simples diferenças da temperatura, da luz exteriores. E nosso ser, instrumento que a uniformidade do hábito tornou silencioso, o canto nasce desses desvios, dessas variações, fontes de toda música: o tempo que faz em certos dias nos leva logo a passar de uma nota a outra. Volta-nos à memória a ária cuja necessidade matemática poderíamos ter adivinhado, e que durante os primeiros instantes cantamos sem a reconhecer. Só essas modificações internas, embora vindas de fora, renovavam para mim o

Mesmo que para o herói seu acordar seja atordoante, ele afirma que teria sacrificado sua vida sem brilho de outrora, apagada pela borracha do hábito, por esse estado tão particular<sup>455</sup>. A alteração nos estados de percepção permite que aflore outra memória, sem censura, e acorde o eu criador. O paradigma criativo da composição musical volta a aparecer como modelo de transposição total das diferenças mais sutis e impronunciáveis da linguagem.

Quand la vision de l'univers se modifie, s'épure, devient plus adéquate au souvenir de la patrie intérieure, il est bien naturel que cela se traduise par une altération générale des sonorités chez le musicien, comme de la couleur chez le peintre. Au reste, le public le plus intelligent ne s'y trompe pas puisque l'on déclara plus tard les dernières œuvres de Vinteuil les plus profondes. Or aucun programme, aucun sujet n'apportait un élément intellectuel de jugement. On devinait donc qu'il s'agissait d'une transposition, dans l'ordre sonore, de la profondeur.<sup>456</sup>

Nesse sentido, a experiência de vigília hipnótica do narrador é causada pelo elemento acústico. Ele se serve da ampliação da percepção para acessar uma realidade totalmente transposta para outro registro<sup>457</sup>, e um desses registros sonoros é o da alucinação da voz. A voz alucinada descrita pelo narrador proustiano constitui problema limiar em que a criação literária e a teoria

---

mundo exterior. Portas de comunicação há muito condenadas, reabriam-se em meu cérebro” PROUST *A prisioneira* p. 15 e 16.

<sup>455</sup> PROUST *La Prisonnière* op. cit., p. 535. PROUST *La Prisioneira*, op. cit., p. 15-16.

<sup>456</sup> PROUST *La Prisonnière* op. cit., p. 761. “Quando a visão do universo se modifica, se depura, se torna mais adequado à lembrança da pátria interior, é muito natural que isso se traduza da alteração geral da sonoridade no músico, como das cores no pintor. De resto o público mais inteligente não se engana nesse ponto, pois mais tarde as últimas obras de Vinteuil foram consideradas como as mais profundas. Ora, nenhum programa, nenhum assunto fornecia qualquer dado intelectual de julgamento. Adivinhava-se, por tanto, tratar-se de uma transposição na ordem sonora da profundidade. PROUST *La Prisioneira* op. cit. p. 217.

<sup>457</sup> «Ceux de ses anciens meubles qui avaient été remplacés ici, en un même arrangement parfois conservé, et que moi-même je retrouvais de la Raspelière, intégraient dans le salon actuel des parties de l'ancien qui, par moments, l'évoquaient jusqu'à l'hallucination et ensuite semblaient presque irréelles d'évoquer, au sein de la réalité ambiante, des fragments d'un monde détruit qu'on croyait voir ailleurs. Canapé surgi du rêve entre les fauteuils nouveaux et bien». PROUST *La Prisonnière* op. cit., p. 591-2.

psicanalítica se defrontam com amplos questionamentos. O narrador não fala da voz da consciência, a da alma, mas da voz de um dos seus eus. Esse tema havia sido colocado, mas não desenvolvido, em *Le temps retrouvé*, em que a busca estava guiada por verdades que:

...ne reconstituent plus le réel dans sa plénitude, jusqu'à l'hallucination. Elles se contentent de pratiquer sur lui des sections qui ne mettent à nu que des rapports généraux, laissant échapper ce particulier que n'est que dans l'inconscient.<sup>458</sup>

O mecanismo do diapasão da lembrança é um modelo de tradução que nos permite compreender o sentido dos barulhos da rua; eles são flechas que atravessam o espaço sonoro e cujo alvo é o corpo perceptual que integra as representações do sujeito narrador. O que essas flechas sonoras produzem é uma cisão espontânea no corpo simbólico do sujeito, abrindo passo à escuta de uma multiplicidade de eus e de memórias. A fenda produzida pela sonoridade permite ao sujeito sair da reclusão da sua mônada (*monade*<sup>459</sup>) e descobrir um território de alteridade dentro de si. É assim que a materialidade sonora se *incorpora* fazendo audível outro eu que canta em seu interior. No momento em que o narrador está atento aos elementos que trazem uma antecipação sonora do mundo, e está, portanto, desatento a si próprio, nesse momento se abre caminho a uma voz que chega desde seu interior: os estados climáticos acordam nele uma perzonagenzinha intermitente e cantora. As diferenças climáticas são registros

---

<sup>458</sup> PROUST, Marcel (1982) *Matinée chez la Princesse de Guermantes. Cahiers du Temps Retrouvé* Paris: Gallimard, p. 355.

<sup>459</sup> SIMON, Anne (2000) *Proust ou le réel retrouvé* Paris: PUF. p. 6



escutados que lhe permitem entrever (*apercevoir*) faces de seu interior<sup>460</sup>.

Observermos algumas relações relevantes entre a memória e a voz.

---

<sup>460</sup> PROUST *La prisonnière. Esquisse* l.4 op. cit., p.1096.

## A memória e a voz

«Un clinicien n'a même pas besoin que le malade en observation soulève sa chemise ni d'écouter sa respiration, la voix suffit»<sup>461</sup>  
Marcel Proust

No primeiro volume da *Recherche*, o modelo da memória involuntária não deve ser pensado apenas como “[...] reencontros felizes entre sensação presente e sensação passada”.<sup>462</sup> Segundo Gagnebin, tal simplicidade em torno da sensação não fornece a chave para a problemática da busca da verdade, núcleo do romance. A ‘verdadeira realidade’, ligada à arte e à literatura, torna-se possível através da experiência de nomeação do sujeito: nomear a dessimetria originária entre o objeto e a linguagem que o disponibiliza. Já em *Combray* existe essa suspeita de que o objeto de verdadeira realidade (por exemplo, a *madeleine*) não é exterior. Essa busca desencadeada em *Le Temps retrouvé* é atravessada por raios da memória que trazem um saber sobre a sensação, obtido pela sobreposição entre o presente e o passado; o narrador compõe assim uma resolução para o enigma adiado por milhares de páginas<sup>463</sup>. A memória à qual recorre o narrador no final da *Recherche* é a garantia de desvendamento do enigma colocado pelo herói, no final de *Combray*: “Arrivera-t-il jusqu’à la surface de ma claire conscience, ce souvenir, l’instant ancien que l’attraction d’un instant identique est venue de si loin solliciter, émouvoir, soulever tout au fond de moi? Je ne sais”.<sup>464</sup>

<sup>461</sup> PROUST *Sodome et Gomerrhe* In: *À la recherche du temps perdu* Volume III op. cit. p. 63.

<sup>462</sup> GAGNEBIN, Jeanne-Marie (2002) *O rumor das distâncias atravessadas* In: Revista “Remate de Males” nº 22, Campinas: IEL, p.111.

<sup>463</sup> Para esse tema vide: RICOEUR, Paul (1995) *Tempo e Narrativa II*. Campinas: Papirus, p. 241.

<sup>464</sup> PROUST *Du côté de chez Swann* op. cit., p. 46. “Chegará até a superfície de minha clara consciência essa recordação, esse instante antigo que a atração de um instante idêntico veio de

A resposta a essa pergunta não é imediata, e adverte-nos sobre a descontinuidade no campo perceptual que propõe a ficção proustiana. Da mesma maneira que em Freud, em Proust a percepção se opõe à consciência. Um eu que não sabe, em diálogo com objetos sem importância, assumirá uma longa tarefa de nomeação desses rastros de percepção que não chegam à consciência, na busca de uma tradução interior. É assim que se constitui o processo de escrita nesse nível da *Recherche*. Mas outro caminho, avesso ao primeiro, percorre a montagem dos *brouillons* posteriores a essa seqüência constituída pelo jogo perdido-reencontrado do primeiro e do último volume. Em *La prisonnière* também se diferencia o presente do passado, mas o romance abre um novo espaço para a reflexão sobre os vestígios mnêmicos; esses que darão apoio à descoberta do narrador. Consideremos, então, dentro da ficção proustiana, esse outro modelo de memória que apresenta o narrador de *La prisonnière*:

Aussi il ne faut pas redouter dans l'amour, comme dans la vie habituelle, que l'avenir, mais même le passé, qui ne se réalise pour nous souvent qu'après l'avenir, et nous ne parlons pas seulement du passé que nous apprenons après coup, mais de celui que nous avons conservé depuis longtemps en nous et que tout à coup nous apprenons à lire.<sup>465</sup>

Partindo de uma reflexão sobre o tempo, o narrador introduz aqui um novo modelo de memória que não remete mais a uma experiência privilegiada que o toma de surpresa; nesse romance, a memória é um conjunto interiorizado de

---

tão longe solicitar, remover, levantar no mais profundo de mim mesmo? Não sei." PROUST *No caminho de Swann* p.46.

<sup>465</sup> PROUST *La Prisonnière* op. cit., p. 595 "Por isso não se deve temer no amor, como na vida habitual, tão somente o futuro, mas o passado, o qual não se realiza para nós muitas vezes senão no futuro, e não falamos apenas do passado que só se nos revela mais tarde, mas daquele que conservamos há muito tempo em nós e que de repente aprendemos a ler". PROUST *La Prisonnière*, op. cit., p. 69.

vestígios que, compondo um texto, desafia a capacidade de ler e associar que possui o herói. Esse modelo não destitui o da memória involuntária, mas apresenta, como também acontece em Freud, outro momento, outra perspectiva do narrador sobre o papel latente que as representações cumprem no sujeito. Assim como se expõe na teoria freudiana, é possível na ficção proustiana pensar em um grande número de lembranças disponíveis (para Freud isso seria no pré-consciente) que irão atravessar, em certo momento, o limiar da consciência; o narrador de *La Prisonnière* esclarece que uma lembrança pode estar disponível durante muito tempo e só vir a obter seu significado quando se aprende a lê-la, quando se a dota de um novo sentido, quando se a simboliza. A memória forma um texto que aprendemos a ler com o tempo; ela não apenas se modifica, mas também há uma seqüência de leitura, um trabalho subjetivo cujo motor é o desejo de saber de si. Esse desejo acorda pelo chamado da materialidade sonora, compondo um tecido já não fosco como em *Combray*, mas que permite entrever outros aspectos da lembrança.

A interpretação diferencial da memória nesse romance segue o modelo de escuta musical apresentada, sem sabê-lo, por Swann. Nesse modelo, as múltiplas evocações fazem sentido, por estarem inseridas dentro de uma cadeia de associações (*chaîne d'associations*<sup>466</sup>). Essa série produz uma seqüência de releituras às quais o narrador de *La prisonnière* está dedicado à repetição do despertar. A repetição da percepção e a seqüência de escutas fazem possível a captura do objeto (um objeto vazio de significado, semelhante à diferença entre as

---

<sup>466</sup> MILLY *Proust et le style* op. cit., p. 125.

duas notas que compõem a frase musical de Vinteuil); esse mecanismo assume o papel das experiências privilegiadas no percurso de aprendizado do herói.

Em Freud e em Proust, a memória não está definida como mera propriedade do aparelho psíquico ou como rastros mnêmicos imutáveis e idênticos a si mesmos. Para Freud, o conjunto de rastros mnêmicos sofre, de tempos em tempos, reordenações. Assim também, para o narrador proustiano em *La prisonnière*, nossa lembrança se modifica<sup>467</sup> e as associações continuam a emergir, embora nada aconteça de especial no decorrer dos dias.<sup>468</sup> No ensaio freudiano sobre as afasias, assim como na “Carta 52” a Fliess, as formações da memória advêm de uma escrita, segundo processos associativos não conscientes. E Freud explicita que a memória se comporta como uma escrita, cuja ordem não tem vínculo pleno com a consciência do sujeito. Como na psicanálise freudiana, na ficção proustiana é necessário que as lembranças estejam ligadas a um primeiro registro: esse registro não é uma unidade homogênea simples, mas um complexo associativo (da palavra e do objeto, segundo Freud), que serve de parâmetro justamente porque inscreve diferenças.

Temos na ficção proustiana um *je perçus* atento aos acontecimentos de linguagem; a descrição da falha na linguagem dos personagens descritos pelo narrador é apenas um degrau na construção do saber de si. Segundo expressa

---

<sup>467</sup> PROUST *La prisonnière* op. cit., p. 548. PROUST *A prisioneira* op. cit., p. 27.

<sup>468</sup> «On a beau vivre sous l'équivalent d'une cloche pneumatique, les associations d'idées, les souvenirs continuant à jouer. Mais ces heurts internes ne se produisaient pas tout de suite; à peine Albertine était-elle partie pour sa promenade que j'étais vivifié, fût-ce pour quelques instants, par les exaltantes vertus de la solitude. » PROUST *La Prisonnière* op. cit. p. 534- 5. “Por mais que se viva sob o equivalente de uma campânula pneumática, as associações de idéias, as lembranças continuam a funcionar. Mas esses choques internos não se produziam logo; mal Albertina saía para o seu passeio, eu me sentia vivificado, ainda que por alguns instantes, pelas exaltantes virtudes da solidão.” PROUST *A prisioneira* op. cit., p. 12.

Tadié, a técnica do romancista não começa nos personagens (que possuem cada um seu sotaque, sua dicção, seu vocabulário e seu estilo), mas nas palavras, na melodia interior à qual o narrador se submete<sup>469</sup> para achar as inclinações incertas e secretas. Portanto, a concepção da memória involuntária em Proust, e do aparelho da linguagem e da memória em Freud, não apontam apenas para uma psicologia dos personagens da *Recherche* ou dos erros de linguagem nos afásicos. Temos, em ambos os autores, uma teorização lingüística. O estudo freudiano das afasias recorre a um método que pode ser considerado *in nuce*, psicanalítico. Freud já leva em conta os lapsos e a substituição de palavras na linguagem espontânea da fala. Assim como o sonho, a fala do afásico, longe de ser o mero reflexo de uma lesão cerebral, é um texto que pode ser interpretado, modelo do método psicanalítico freudiano.

Segundo Tadié, a linguagem proustiana se apóia em uma distinção de níveis: atos e fala, e a análise dessa distinção abre o caminho para a crítica literária na indagação teórica sobre a memória involuntária. Acreditamos que essa distinção serve também para pensar a repetição e a busca da sensação em *La prisonnière*: a escuta é um ato. Mas o narrador também nos apresenta um processo de aquisição de linguagem, entendido como um acontecimento de linguagem que é o achado de objeto: um objeto invisível e inaudível (nas palavras de Benjamin, inexprimível) que põe em cheque o aparelho perceptual, segundo o apresenta a filosofia tradicional, por exemplo, a sustentada por Kant. O narrador encontra justamente aquele objeto diferencial que foge da percepção e volta como voz que provém de seu interior, mas é emitida por outro eu.

---

<sup>469</sup> TADIÉ *Proust et le roman* op. cit., p. 179.

Servindo-nos dessa suspeita, interrogamos: qual é o lugar da percepção acústica em *La prisonnière*? E que relação podemos estabelecer entre esses tópicos a linguagem e a memória inconsciente abordada por Freud? Se, para Freud, a atividade associativa do elemento acústico é o ponto central da função da linguagem, para o narrador proustiano, o elemento acústico e a modulação da voz possuem as qualidades necessárias para captar e acarretar os diversos movimentos subterrâneos da memória inconsciente até a superfície. A repetição do despertar e das audições matinais – circunstâncias em que se privilegia a sonoridade – produz um efeito alucinatório que diminui as resistências, permitindo a emergência de outras vozes. Mas que vozes são essas? Não estamos falando aqui da distinção entre as vozes narrativas (a diferença entre o narrador e o herói) ou da atenção gerada pelas conversas, pelos sons e pelos cantos, problema esse que, atualmente, constitui uma reflexão lingüística de primeira ordem entre os estudos proustianos, apoiada na distorção das palavras e no conflito fonético. O problema que traz *La prisonnière* evidencia um vínculo mais que instigante com a psicanálise freudiana: é justamente o aspecto da voz ou vozes ouvidas pelo narrador, mas sem som (em que não há emissão do som), tema que abre um caminho desde Proust para pensar outras vozes e outro conceito de voz. Esse aspecto é expresso pelas vozes que confrontam o sujeito com o exílio de sua própria voz, entendida como estrangeira<sup>470</sup>, conforme acontece com as vozes que o narrador percebe em seu interior. Para o narrador, tais vozes pertencem a uma personagzinha intermitente, pertencem a diversos eus que nascem, cantam e morrem.

---

<sup>470</sup> RABINOVITCH, Solal (1999) *Les voix* Paris: Eres, 13-16.

Aussi, pour commencer la matinée, je ne la faisais pas tout de suite appeler, surtout s'il faisait beau. Pendant quelques instants, et sachant qu'il me rendait plus heureux qu'Albertine, je restais en tête à tête avec le petit personnage intérieur, salueur chantant du soleil et dont j'ai déjà parlé. De ceux qui composent notre individu, ce ne sont pas les plus apparents qui nous sont le plus essentiels. En moi, quand la maladie aura fini de les jeter l'un après l'autre par terre, il en restera encore deux ou trois qui auront la vie plus dure que les autres, notamment un certain philosophe qui n'est heureux que quand il a découvert, entre deux œuvres, entre deux sensations, une partie commune.<sup>471</sup>

Eus que nascem, cantam ao sol e morrem como anjos e se caracterizam por estarem sujeitos à dor da existência, à “agonia e a morte”<sup>472</sup>.

Mais le dernier de tous, je me suis quelquefois demandé si ce ne serait pas le petit bonhomme fort semblable à un autre que l'opticien de Combray avait placé derrière sa vitrine pour indiquer le temps qu'il faisait et qui, ôtant son capuchon dès qu'il y avait du soleil, le remettait s'il allait pleuvoir. Ce petit bonhomme-là, je connais son égoïsme: je peux souffrir d'une crise d'étouffements que la venue seule de la pluie calmerait, lui ne s'en soucie pas, et aux premières gouttes si impatiemment attendues, perdant sa gaieté, il rabat son capuchon avec mauvaise humeur. En revanche, je crois bien qu'à mon agonie, quand tous mes autres « moi » seront morts, s'il vient à briller un rayon de soleil tandis que je pousserai mes derniers soupirs, le petit personnage barométrique se sentira bien aise, et ôtera son capuchon pour chanter: «Ah! enfin, il fait beau.»<sup>473</sup>

---

<sup>471</sup> PROUST *La Prisonnière* op. cit., p. 522. “Por isso, para começar o dia não a mandava chamar logo, [Albertine] sobretudo se a manhã estava bonita. Durante alguns momentos, e certo de que ele, mais do que Albertina me fazia feliz, deixava-me ficar a sós com a personagenzinha interior, de que já falei, saudadora canora do sol. De todas as que compõem o nosso indivíduo, não são as mais aparentes que nos são as mais essenciais. Em mim, quando a doença as tiver jogado por terra uma por uma, sobrarão duas ou três que terão vida mais dura que as outras, especialmente certo filósofo que só se sente feliz quando descobre entre duas obras, duas sensações, uma parte comum” PROUST *La prisioneira* op. cit., p. 4.

<sup>472</sup> PROUST *La Prisonnière* op. cit., p. 522 e 902-5.

<sup>473</sup> PROUST *La Prisonnière* op. cit., p. 522. “Mas a última de todas, perguntei algumas vezes a mim mesmo se não seria o homenzinho parecidíssimo que o dono da casa de ótica de Combray colocara na vitrine para indicar o tempo que fazia, o qual tirando o capuz assim que havia sol, tornava a pô-lo se ameaçava chuva... Conheço o egoísmo desse homenzinho; posso ter uma crise de sufocação que a chuva por si só acalmaria, mas a ele pouco se lhe dá e às primeiras gotas tão pacientemente esperadas, perdendo a alegria, baixa o capuz com mau humor. Em compensação, acredito que na minha agonia, quando todos os outros “eus” estiverem mortos, se vier a brilhar um raio de sol quando eu estiver a dar meus últimos suspiros, a personagenzinha barométrica sentir-se-á bem contente e tirará o capuz para cantar: “ Ah! até que enfim, um dia bonito “. PROUST *La prisioneira* op. cit., p. 4



As vozes que escuta esse paradigmático sujeito no seu interior emergem como produto de uma cisão espontânea, deixando à vista os múltiplos eus que o habitam. Observemos algumas diferenças na concepção que ambos os autores têm da voz e da divisão do sujeito.

Desde o leito, o herói Marcel é ativado por um jogo de busca-achado de percepção que o coloca em movimento. As camadas sonoras de linguagem eclodem, abrindo a narrativa para o campo da interpretação originada pela escuta desses sons que chegam de ‘dentro’ (dos diferentes eus e da memória) ou de ‘fora’ (o mundo representado). Essas diversas camadas sonoras remetem a diversas camadas de sujeito, o eu social, o eu criador, o eu verdadeiro ou vegetativo.

Diante dessas linguagens, o narrador em *La prisonnière* reflete sobre a indiferença que sente diante da palavra humana ao ouvir o septeto, última peça do compositor Vinteuil:

J'étais vraiment comme un ange qui, déchu des ivresses du Paradis, tombe dans la plus insignifiante réalité. Et de même que certains êtres sont les derniers témoins d'une forme de vie que la nature a abandonnée, je me demandais si la musique n'était pas l'exemple unique de ce qu'aurait pu être – s'il n'y avait pas eu l'invention du langage, la formation des mots, l'analyse des idées – la communication des âmes. Elle est comme une possibilité qui n'a pas eu de suites; l'humanité s'est engagée en d'autres voies, celle du langage parlé et écrit. Mais ce retour à l'analysé était si enivrant, qu'au sortir de ce paradis, le contact des êtres plus ou moins intelligents me semblait d'une insignifiance extraordinaire.<sup>474</sup>

---

<sup>474</sup> PROUST *La prisonnière* op. cit., p. 762-763. “Sentia-me realmente como um anjo que, expulso das delícias do Paraíso, cai na mais insignificante realidade. E assim como certos seres são os últimos testemunhos de uma forma de vida que natureza abandonou, eu pensava comigo se a música não era o exemplo único do que poderia ter sido - se não tivesse havido a invenção da linguagem, a formação das palavras, a análise das idéias - a comunicação das almas. É ela como uma possibilidade que não teve prosseguimento; os homens enveredaram por outros caminhos, o da linguagem falada e escrita. Mas esta volta ao inanalizado era tão embriagadora, que ao sair desse paraíso, o contato com seres mais o menos inteligentes me parecia de uma insignificância extraordinária” PROUST *La prisioneira* op. cit., 218-129.

Segundo a teoria da comunicação expressa pelo narrador, o aspecto não-analisado e embriagador de uma linguagem originária produz nele a exacerbação da sensação sonora. Na audição do septeto, a frase invisível transmite-lhe uma idéia do que seria a comunicação entre as almas, inundando-o de uma felicidade comparável à de Swann; a música, nesse sentido, apresenta-lhe uma imagem prototípica de comunicação, anterior à fala e à escrita. Essa linguagem que podemos inferir também não precisa da emissão da voz e, sob vários aspectos, lembra-nos da linguagem angélica elaborada por Benjamin. A reflexão proustiana sobre as linguagens da arte está baseada justamente na doação que o artista faz com sua obra à percepção do narrador; a obra de arte doa à percepção universos que nunca chegariam a ser sentidos nem percebidos sem a sua intervenção (« *...univers jusqu'auxquels notre perception n'atteint pas, dont nous n'aurons jamais une idée...* »).

Em *La prisonnière* especificamente há um salto que vai dos ruídos da rua, dos cantos de Albertine e das vendedoras, para outro tipo de canto que só ele pode ouvir, os cantos dos diversos eus dentro de si. Antes de se confrontar com o problema das pronúncias esquisitas (de Françoise, de Charlus etc.), o narrador festeja a sonoridade dos cantos e da música que orquestram o ar matinal (« *...légèrement l'air matinal, en une «ouverture pour un jour de fête»* »); pois o ouvido é um sentido delicioso (« *L'ouïe, ce sens délicieux, nous apporte la compagnie de la rue [...]* »).<sup>475</sup>) que lhe permite acessar um objeto que escapa à percepção direta

---

<sup>475</sup> PROUST *La prisonnière* op. cit., p. 623. “orquestravam levemente o ar matinal, numa ‘protofonia para um dia de festa’. O ouvido, esse sentido delicioso, traz-nos a companhia da rua...”. PROUST *A prisioneira* op. cit., p. 96.

e que só pode ser apreendido por meio de um recurso ao modelo da lembrança: por associação e por diferença.

Nesse sentido, também a psicanálise, com a hipótese do inconsciente, produz a redistribuição dos problemas clássicos ligados à linguagem sob o princípio da divisão não da consciência, mas do sujeito. A teoria freudiana considera nos modelos apresentados anteriormente, da “Carta 52” a Fliess e da *Interpretação dos sonhos*, que o aparelho psíquico encontra-se dividido em percepção, inconsciente, pré-consciente e consciente. Sob o ponto de vista da percepção sonora e da emissão da fala, o percurso freudiano não está guiado por uma prioridade essencialista da voz, como entendia tradicionalmente a filosofia desde Platão. A prioridade conferida por Freud à linguagem falada na sua teoria da representação constitui uma crítica recorrente entre aqueles que pressupõem que se estaria repetindo a alusão da metafísica clássica, quando esta antepõe a fala à escrita<sup>476</sup>. No percurso que vai do estudo das afasias à interpretação dos

---

<sup>476</sup> A tradição filosófica clássica, desde Platão, sustentou uma relação seletiva e estratificada em relação à linguagem. Nos diálogos platônicos encontramos uma reivindicação da fala sobre a escrita [DERRIDA, Jacques (1972) *A farmácia de Platão* Trad. Rogério Costa São Paulo: Iluminuras, 1997, p. 22-29]. Segundo Platão, a verdade do *logos* está ancorada apenas na palavra falada; entretanto, a escritura constitui apenas um “suplemento”. A fala está associada também ao conceito de bem, ao capital e à *função do pai* [PLATÃO *República* In: *Diálogos* Vol. IV, Trad. A. del Pozo Ortiz. Madrid: Gredos, §508]. Entretanto, a escritura é uma encenação, um ente (*on*) não necessário ao *logos*, cuja essência secundária constitui um produto desvirtuado, caracterizado pela ausência do pai-lei. Segundo Derrida, para Platão a escrita põe em risco constante o “sentido”, pervertendo-o; motivo pelo qual deve sempre ser vigiada. A dialética fala-escrita em Freud foge desse paradigma porque inscreve-se dentro dos processos inconscientes, sobre os quais o sujeito não tem controle. Dentro do paradigma clássico, também para Aristóteles a fala é uma forma de linguagem ligada ao *logos*, favorecendo o acesso ao movimento ascendente na busca da Verdade. A voz diferencia o homem dos animais e o introduz no campo da *polis*. Esse conceito clássico aristotélico faz pleno sentido a partir do momento em que se define a política [ARISTÓTELES (1996) *La Politique* Paris: Hermann, p. 4] como a única estrutura que pode articular o ser vivente e o *logos*. No livro *Vox populi, vox dei*, Michel Poizat analisa as posições clássicas de Aristóteles e Platão em torno da linguagem, da fala e da voz, observando a necessidade intrínseca de ampliar a definição de “voz”. [POIZAT, Michel (2003) *Vox populi, vox dei Voz y poder* Trad. Horacio Pons, Bs. As.: Nueva Visión.] Além do conjunto de sons produzidos pelas cordas vocais (seu viés fenomênico ou motor), considera

sonhos, o salto que produz a descoberta do inconsciente não deixa de priorizar a fala; mas essa prioridade remete a uma teoria que define o aparelho psíquico como reinterpretação dos vestígios mnêmicos, dentro de um processo de escrita inconsciente.

O problema da unidade da voz mostra as peripécias que o sujeito deve atravessar para fazer, através dela, laço social. A voz representa um sujeito e um corpo que deve manter-se coeso apesar do recalque e das inúmeras resistências, segundo o expõe a teoria freudiana; ou do tédio, da doença e do esquecimento, conforme salienta a ficção proustiana. O corpo localiza a experiência da voz e da escuta, manifestando o que Poizat denomina o fantasma do corpo unificado<sup>477</sup>. Trata-se do registro da corporalidade do sujeito dividido em sua relação com a voz. No caso específico do narrador proustiano, a diferença entre o interior e o exterior do corpo está afetada pela doença. Essas vozes que explodem de júbilo quando sai o sol, e que colocam o problema da continuidade interior - exterior do corpo, mostram o papel dinâmico que cumpre o sujeito da percepção na busca do que Freud nomeia a prova de realidade. Mas, Freud só aborda esse problema em 1925, em um texto que conhecemos como *A negação*<sup>478</sup>. Se algo existe no eu como imagem, afirma Freud, é necessário que isso possa voltar a ser encontrado na percepção; pois o irreal, o simplesmente imaginado só existe no interior,

---

que se deve pensar também em um conceito de voz no sentido de chamado, ligado, por exemplo, aos chamados da produção artística, da lei, da loucura ou da memória; vozes que produzem significantes na estrutura simbólica do sujeito. Esse aspecto simbólico, afirma Poizat, não significa uma desconexão entre o sujeito e seu corpo próprio. Pelo contrário, segundo esse autor, é necessário considerar que tais vozes aparecem quando uma parte do corpo é colocada em jogo [POIZAT *Vox populi, vox dei Voz y poder* op. cit., p. 18].

<sup>477</sup> POIZAT *Vox populi, vox dei Voz y poder* op. cit., p. 30.

<sup>478</sup> FREUD, Sigmund (1925) *Die Verneinung* Gesammelte Schriften Band 5, Frankfurt am Main: Fische [p. 466-479]; FREUD, Sigmund *La negación* Obras Completas Vol.19, Buenos Aires: Amorrortu.p. 254.

enquanto o outro, o objeto em si, existe fora. Mas esse fora só existe por uma primeira expulsão (*Austossung*). Para Freud, uma vez que se incorpora o que gera prazer e se expulsa aquilo que gera desprazer, a realidade se torna separada do sujeito e se constitui como realidade exterior. Da expulsão primordial gera-se o mundo, e essa idéia põe Freud na trilha do narrador proustiano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Partimos, neste trabalho, da concepção de sujeito dividido na ficção proustiana e na teoria freudiana, observando o conceito de verdade que ambos os autores perseguem; essa verdade que não depende da lógica da consciência e que é possível acessar apenas por vias indiretas. Segundo a teoria psicanalítica freudiana, trata-se da verdade ligada a um desejo inconsciente do sujeito humano, acessível através do trabalho de análise psíquica e de interpretação; na *Recherche* proustiana, essa verdade visa à Literatura. O herói descobre sua vocação de escritor e o livro a vir estará constituído apenas de rastros de experiências verdadeiramente vividas, modelos da verdadeira realidade. A busca da verdade para o narrador proustiano demanda uma leitura de si, mas essa leitura deverá ser *à contre sens*; uma tradução das impressões inconscientes (em sentido proustiano) constituídas de vestígios de memória esquecidos e que compõem um texto ao avesso, um conjunto de letras a serem lidas, um material latente. Dentro da série de romances que compõem *À la Recherche du temps perdu*, o narrador de *La Prisonnière* assume mais plenamente essa tarefa.

Na primeira parte de nosso percurso, mostramos o contexto histórico em que se originam, nesse sentido, as idéias da teoria freudiana e da ficção proustiana; esse momento remete ao discurso médico e filosófico de finais do século XIX na Europa; período em que se estabelecem as hipóteses mais importantes da psicologia experimental sobre a memória e a linguagem, e que irão fazer uma forte crítica das idéias de localização cerebral. As patologias da linguagem haviam sido

o motor de muitas descobertas em relação às áreas do cérebro e, em meados do século XIX, uma grande parte da comunidade científica, fundamentalmente os neurologistas e patologistas, ligaram-nas às funções do pensamento.

O pai de Marcel Proust, o médico Adrien Proust, critica em seu artigo sobre as afasias as teorias da localização e tenta esclarecer o sintoma afásico levando em consideração a clínica médica, e não apenas os esquemas patológicos de lesão cerebral; a idéia de uma afasia provocada apenas pela falta de nutrição cerebral, por congestão ou por um choque forte na vida do paciente, é uma idéia recorrente na *Recherche*. O Dr. Proust dedica-se também a teorizar sobre a divisão da personalidade em pacientes histéricos; salienta a hipersensibilidade que mostram esses pacientes e como um choque na sensibilidade pode ser a entrada em outro estado de consciência semelhante ao estado de sugestão por hipnose. Seus estudos são bem acolhidos no âmbito da psicologia experimental. Desse âmbito teórico, encabeçado pelas pesquisas de Charcot, nutre-se também Freud.

Ao estudar aspectos relevantes da formação de Freud, salientamos seus estudos de filosofia com Brentano e o interesse no pensamento de Herbart, Mill e Taine, paralelamente à sua formação em medicina. Nos artigos *Cérebro* e *Histeria*, como no estudo crítico das afasias, Freud apela a seus conhecimentos do sistema nervoso, mas também às idéias da psicofísica e da percepção de Taine (pai da psicologia francesa experimental), produzindo um salto dentro da abordagem da patologia afásica que existia na medicina da época. Freud critica, entre outras, as teorias de Broca, Wernike e Meynert; observa que a causa de algumas afasias não está ligada à lesão cerebral. Esse primeiro esboço do aparelho da linguagem

(*Sprachapparat*) é produto da crítica à noção restrita de localização cerebral. Freud introduz o aspecto psicológico na definição da afasia retomando o conceito de palavra como ponto de partida, e divide as afasias em três grupos: verbal, simbólica e agnóstica. Nesse modelo, propõe uma divisão crucial entre as representações de palavra e de objeto, mostrando a complexidade desse processo de percepção humano e de doação de sentido em que as representações estão originariamente divididas. A imagem acústica cumpre entre as representações um papel medial e fundador do aparelho de linguagem-memória. A análise das perturbações da fala permite a Freud desenvolver sua teoria da memória como instância constitutiva do aparelho da linguagem. A palavra escutada, em relação com outro falante, seria origem do aparelho de linguagem-memória. Quatro anos depois, no *Projeto de psicologia*, Freud esboça um aparelho neuronal e pretende explicar os processos de percepção, de memória e de pensamento apelando ao modelo da física. Esse texto permite-lhe desenvolver a idéia de energia psíquica, de qualidades da percepção e de memória, que serão depois reorientados para além desse modelo, na instauração do aparelho psíquico.

Na “Carta 52” de Freud a Fliess, também desse período, surge o primeiro desenho da memória composta por diversos estratos. A percepção conforma o primeiro passo dentro de uma seqüência de transcrições; os signos de percepção [*Wahrnehmungszeichen*] constituem um sistema que leva em consideração uma primeira transcrição do material sensível, uma modificação; a segunda transcrição compõe o sistema inconsciente [*Unbewusstsein*], e a terceira re-transcrição [*Umschrift*] o sistema da pré-consciência [*Vorbewusstsein*]. Nessa carta, articulam-



se as conclusões dos estudos da afasia com as tentativas do *Projeto de psicologia*. Será efetivamente na *Interpretação dos sonhos*, ao querer esclarecer o mecanismo do sonho, que Freud apresenta um esquema do “aparelho psíquico”. Ao descrever o sonho propõe que, se durante o dia há uma corrente contínua que vai da percepção para a consciência; no sonho, o que se produz é uma inversão desse movimento, possibilitando uma regressão tópica para as imagens sensoriais. Esse movimento retrógrado é característico do processo onírico; a regressão, assim como a perda das relações lógicas entre os pensamentos do sonho, pode acontecer em outros estados como, por exemplo, nas alucinações. O conceito de alucinação, sonora, visual, tátil, em que se suspendem as leis da percepção, está presente na obra de Marcel Proust, e aproxima ambos os autores.

Em *À la Recherche du temps perdu*, encontramos um diálogo ficcional com diversas teorias psicológicas, da memória, da percepção e da doença nervosa. Sabemos que o romance proustiano foi escrito durante mais de catorze anos e, que, portanto, não há uma idéia idêntica de memória e de linguagem que percorra toda a obra. No circuito tempo perdido - tempo reencontrado, denotado pelo primeiro e pelo último volume, a memória involuntária mostra uma divisão do sujeito que aproxima a *Recherche* das idéias da psicologia experimental francesa; algumas dessas idéias que serão concorrentes da teoria freudiana. A leitura de *La prisonnière* mostra que nesse romance o autor nos confronta com a metáfora da leitura de si: o narrador se ocupa de ler os signos que chegam do interior e do exterior do mundo em uma situação paradigmática de percepção. Suas considerações sobre a memória partem da análise da linguagem da sensação criada através da seqüência de escutas dos objetos sonoros e cujo poder

invocativo transforma a percepção em uma experiência de associação e interpretação. O narrador assemelha-se ao aparelho de percepção–consciência de múltiplos estratos desenhado por Freud na “Carta 52”; busca tornar acessíveis certos rastros de percepção sonora, que, como elemento medial, permitem o rencontro de um objeto perdido ligado à materialidade acústica. A reflexão do narrador em *La prisonnière* desencadeia um novo modelo de memória e de saber que não depende da memória involuntária, mas de uma inclinação do sujeito para realizar retomadas, releituras e associações em redor de sua lembrança. O rastro sonoro permite cercar uma primeira experiência de satisfação, arquetípica como a primeira escuta da frase musical, segundo a personagem de Swann, e reveladora de um sistema de comunicação perdido, uma língua de anjos. Em *La prisonnière* encontramos também uma forte crítica da inteligência e uma reivindicação da linguagem sensível. A hipersensibilidade do narrador doente e sua propensão às impressões acústicas permitem realizar a releitura de suas próprias lembranças. Seu diapasão emite uma sonoridade como resposta corporal às sensações meteorológicas; esse mecanismo condiz com a busca de uma medida (*metron*) que permita a tradução da lembrança. Com isso o narrador propõe um trabalho da memória e não apenas um lembrar passivo. A metáfora dos ruídos da rua ativa um estado de suspensão (semelhante à sugestão por hipnose) e expõe a idéia de uma memória inconsciente. Esse mecanismo, tópico recorrente dentro da psicologia experimental aproxima-o também do método psicanalítico freudiano (que Marcel Proust desconhece).

Por fora do jogo do olhar, próprios dos Salões descritos na *Recherche*, o isolamento funciona no narrador como uma porta de entrada para um campo

simbólico; a representação que ele faz dos barulhos é indício dessa instância em que não há uma mera projeção, mas uma escuta que compõe a montagem dos diversos eus que emergem em seu interior. Esse processo de percepção de vozes interiores chega de outros eus e, como as vozes alucinadas da psicose, abrem a indagação proustiana para o campo daquilo que a psicanálise, após Freud, irá tematizar como o Real<sup>479</sup>. No entanto, assim como o conceito de inconsciente tem um sentido diferente para Proust, há um conceito de realidade e de Real específico e diferenciado na *Recherche*. Em Proust, esse real é um vestígio que não se situa nem no exterior (no mundo representado) nem no interior (do sujeito). É um registro ou rastro que permanece após o trabalho da memória e da associação das experiências (tema esse que fica aqui em aberto para futuras indagações).

O narrador proustiano dispõe todo seu corpo numa propedêutica do sensível, conseguindo ser capaz de reparar, no sentido de observar e captar as semelhanças entre duas percepções acústicas que emergem e desaparecem. O narrador compara esse trabalho com um aprendizado de linguagem e de leitura que deve ser feito após um estado de afasia, em que todos os vestígios foram apagados. O texto sonoro é um texto sem significação, que produz um rodeio e ativa a máquina desejante que responde ao apelo da linguagem sem palavras. Assim, o modelo de retomada do sonoro em *La Prisonnière* não possui uma direção única para a musicalidade ou para o aspecto material da fala. Pelo

---

<sup>479</sup> O problema psicanalítico do Real, Simbólico e Imaginário foi tematizado por Jaques Lacan e abre um campo de investigação que partilha dos conceitos colocados pelo narrador de *La Prisonnière* sob vários aspectos. O problema da voz alucinada compõe um tópico central nas pesquisas psicanalíticas contemporâneas.

contrário. Nesse romance há um retorno da musicalidade para a origem das representações subjetivas, um material arcaico acessível apenas à percepção, mas não à consciência do herói.

## BIBLIOGRAFIA

---

### **FREUD, Sigmund (1856-1939)**

(1871-1881) *Lettres de jeunesse* Paris: Gallimard, 1990.

(1887-1904) *Briefe an Wilhelm Fliess* Hgg. MASSON, Jeffrey Moussaieff Masson, Frankfurt am Main: Fischer, 1999.

(1891) *Zur Auffassung des Aphasien: Eine kritische Studie* Leipzig, Viena: Franz Deutike.

(1891) *La afasia* Trad. Ramon Alcalde, Buenos Aires: Nueva Visión, 1987.

(1891) *A interpretação das afasias* Trad. A.P. Ribeiro, Lisboa: Ed. 70, 1979.

(1895) *Entwurf ein Psychologie* In: [(1887-1902) 1975] *Aus den Anfängen der Psychoanalyse* Frankfurt am Main: Fischer, [p. 297-384].

(1892-1899) *Gesammelte Werke* Chronologisch Geordnet., Hgg. Anna Freud, Frankfurt am Main: Fischer, 1942.

(1978-1995) *Obras completas* 24 Vol. Trad. José Luis Etchevery, Buenos Aires: Amorrortu.

### **PROUST, Marcel (1871-1922)**

*À la recherche du temps perdu* 4 Tomes (Édition publiée sous la direction de J-Y Tadié et la collaboration de Pierre-Edmond Robert) Paris: Gallimard, 1987-89.

*Em busca do tempo perdido* 7 Vol., Traduções de Mário Quintana (Vol. 1, 2, 3 e 4), M. Bandeira e L. Sousa de Alencar (Vol. 5), C. Drummond de Andrade (Vol. 6) e L. M. Pereira (Vol. 7). Rio de Janeiro: Globo, 1983-1989.

*Contre Sainte-Beuve* Précédé de *Pastiches et Mélanges* et suivi de *Essais et Articles*. Texte établi par Pierre Clarac et Ives Sandre, Paris: Gallimard, 1971.

*Contre Sainte-Beuve. Notas sobre crítica e literatura* Trad. Haroldo Ramanzini, São Paulo: Iluminuras, 1988.

*Matinée chez la princesse de Guermantes* (Cahiers du Temps retrouvé) Édition critique établie par Henri Bonnet en collaboration avec Bernard Brun Paris: Gallimard, 1982.

*Sobre a leitura* Tradução Carlos Vogt. Campinas: Pontes, 1989.

\_\_\_\_\_. - Rivière, Jacques *Correspondance* (1914-1922) Présentée et annotée par Philippe Kolb, Paris: Plon, 1955.

## Literatura

AMIGO, Silvia (2003) *Paradojas clínicas de la vida y la muerte. Ensayo sobre el concepto de originario en el psicoanálisis* Rosario: Homo Sapiens.

ARRIVÉ, Michel (1994) *Linguagem e psicanálise, lingüística e inconsciente. Freud, Saussure, Pichon, Lacan* Trad. Lucy Magalhães, Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

ASSOUN, Paul-Laurent (2004) *Lecciones psicoanalíticas sobre la mirada y la voz* Buenos Aires: Nueva Visión.

\_\_\_\_\_. (2002) *Le vocabulaire de Freud* Paris: Ellipses.

\_\_\_\_\_. (1976) *Freud, la philosophie et les philosophes* Paris, PUF.

\_\_\_\_\_. (1996) *Metapsicologia freudiana, uma introdução* Trad. Dulce Duque Estrada, Rio de Janeiro: Zahar.

AUSTIN, J. L. (1962) *Quand dire, c'est faire* (How to do things with words) Trad. Gilles Lane, Paris: Seuil, 1970.

BEAUFILS, Marcel - Marcel Brion, René Dumesil, y otros (1964) *Wagner*, Buenos Aires : Companhia Fabril.

BECKETT, Samuel (1960) *Proust* Trad. A. Nestrovski, São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

BENJAMIN, Walter (1916) *Über Sprache überhaupt und über die Sprache des Menschen* In: *Gesammelte Schriften II*, 1 hgg. von R. Tiedemann und H. Schweppenhäuser. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1977 [p. 140-157].

\_\_\_\_\_. (1924) *A imagem de Proust*. In: *Obras Escolhidas*, Volume I. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet e Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BENVENISTE, Émile (1966) *Problemas de lingüística geral* Vol. 1, Trad. Novak e Néri, São Paulo: Edusp.

BERGSON, Herri (1959) *Oeuvres* Paris: PUF, 2001.

\_\_\_\_\_. *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito* São Paulo: Martins Fontes (1999).

- BIZUB, Edward (2006) *Proust et le moi divisé. La Recherche: creuset de la psychoogic expérimentale* (1874-1914) Geneve: DROZ.
- BLANCHOT, Maurice (1959) *Le livre à venir* Paris: Gallimard.
- BONNET, Henri (1959) *Marcel Proust de 1907 a 1914 Essai de biographie critique* Paris: Nizet.
- \_\_\_\_\_. (1966) *L'eudémonisme esthétique de Proust* In: CATTAUI – KOLB (Org.) *Entretiens sur Marcel Proust* Paris : Mouton.
- BOULES, Pierre (1984) *Puntos de referencia* Barcelona, Gedisa, 1984.
- BRUN, Bernard (1986) *Du contre Saite-Beuve au Temps retrouvé. Gênes du roman proustien* (Thèse de doctorat) Paris: Sorbone.
- CAMUS, Jean – PAGNIEZ, Phillippe (1904) *Isolement et Psychothérapie. Traitement de l'hystérie et de la neurasthénie* Paris: Alcan.
- CANAPPELE, Alessandra (2003) *Para uma teoria da angustia: corpo, percepção e perigo em esboço da psicanálise de Freud* (Tese de Doutorado) IFCH, Campinas: Unicamp.
- \_\_\_\_\_. (2006) *Qual é a angústia da afasia?* Texto preliminar para o projeto “Estudo e acompanhamento psicanalíticos de sujeitos em estado de afasia”. (Inédito), UNICAMP.
- CANGUILHEM, Georges *Le cerveau et la pensée* In: *Philosophie, historien des sciences* [Actes du colloque 12/1990] Paris: Albin Michel.
- CARRETER, Lázaro (1985) *Diccionario de términos filosóficos* Madrid: Gredos.
- CASTORIADES-AULAGNIER, Piera (2004) *La violencia de la interpretación* Buenos Aires, Amorrortu.
- CATAN, G. – KOLB, P. (1966) *Entretiens sur Marcel Proust* Paris: Mouton.
- CAVALCANTE ALBANO, Eleonora (2002) *A pulsão sob a letra: pela quebra de silencio histórico no estudo do som de fala* In: *Cadernos de estudos lingüísticos* Nº42, Campinas: Unicamp. [p.7-19].
- CESAROTTO, Oscar Angel (1996) *No olho do Outro* São Paulo: Iluminuras.
- CHASSAING, (Ed.) BÉHAUD, BÉZY, CLAVEIROLE (2006) *Au-delà du principe de Wernicke: à propos, aujourd'hui de la « Contribution à la conception des aphasies » de S. Freud* In: *Cocaïne Aphasies. Études des textes préanalytiques de Freud* Paris: Érès, [p. 45 – 75].

COMPAGNON, Antoine (1987) *Fauré, Proust, et l'unité retrouvée* Romanic Review V. 78, January, [p. 115-120].

\_\_\_\_\_. (1989) *Proust entre deux siècles* Paris: Seuil.

COSTIL, Pierre (1958-59) *La construction musicale de la Recherche du temps perdu* Bulletin de la Société des amis de M. Proust et de Combray N°8 Paris, 1958 [p. 469-489] e 1959 [p. 83-110.]

COUSO, Osvaldo M. (2001) *Formulaciones de lo ignorado*. Estudios de psicoanálisis y arte Buenos Aires: Lazos.

\_\_\_\_\_. (2002) *Un abuso de lenguaje* Coloquio de Verano de la Escuela Freudiana de Buenos Aires: EFBS.

DAMIÃO, Carla Milani (2003) *Filosofia e narrativas autobiográficas a partir de um projeto de Walter Benjamin* (Tese de doutorado), IFCH, Campinas, Unicamp.

DE LEMOS, Cláudia Theresa Guimarães *Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação* In: Cadernos de estudos lingüísticos N° 42, Campinas: Unicamp. [p. 41-69]

DE MAN, Paul (1996) *Alegorias da leitura. Linguagem figurativa em Rousseau, Nietzsche, Rilke e Proust* Trad. Lenita R. Esteves. Rio de Janeiro: Imago.

DERI DE CODINA, Graciela (2005) *As aporias do eu na Recherche de Proust: desilusão e sentido* (Tese de doutorado), IFCH, Campinas: Unicamp.

DERRIDA, Jacques (1967) *Freud et la scène de l'écriture* In: *L'écriture et la différence* Paris: Éditions du Seuil.

\_\_\_\_\_. (1989) *Freud y la escena de la escritura* In: *La escritura y la diferencia* Barcelona: Anthropos, p. 271-317].

\_\_\_\_\_. (1967) *A voz e o fenômeno. Introdução ao problema do signo na fenomenologia de Husserl* Trad. Lucy Magalhães Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_. (1972) *A farmácia de Platão* Trad. Rogério Costa, São Paulo: Iluminuras, 1997.

\_\_\_\_\_. (1995) *Mal de arquivo. Uma impressão freudiana* Trad. Cláudia Moraes Rego, Rio de Janeiro: Relume Dumará.

\_\_\_\_\_. (1996) *O monolingüismo do outro ou a prótese da origem* Trad. Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2001.



- DESCOMBES, Vincent (1987) *Proust. Philosophie du roman* Paris: Les Éditions de Minuit.
- DIDIER-WEILL, Alain (1997) *Los tres tiempos de la ley* Rosario: Homo Sapiens.
- \_\_\_\_\_. (1998) *Invocaciones: Dionisios, Moisés, San Pablo, Freud* Buenos Aires: Nueva Visión.
- DIESBACH, Ghislain (1991) *Proust* Paris: Perrin.
- DOR, Jöel (1993) *A a-cientificidade da psicanálise* Tomo I: “A alienação da psicanálise” Trad. Patrícia Chittoni Ramos, Porto Alegre: Artes Médicas.
- DUCROT, Oswald (1987) *O dizer e o dito* Campinas, São Paulo: Pontes.
- FERRATER MORA, J. (1994) *Diccionario de filosofía* Barcelona: Ariel.
- FINN, Michael (1997) *Neurasthenia, hysteria, Androgyny: The Goncourts and Marcel Proust* French Studies n°51, [p. 293 – 304].
- \_\_\_\_\_. (1999) *Proust, the Body and Literary Form* Cambridge: University Press.
- FLEIG, Mario (2005) *A fala e sua função em psicanálise* III Colóquio de Filosofia da linguagem UNISINOS [[http://www.iphi.com.br/III\\_coloquio.htm](http://www.iphi.com.br/III_coloquio.htm)]
- FOGEL, Gilvan; RUIN, Hans; SCHUBACK, Márcia Sá Cavalcanti (1996) *Por uma Fenomenologia do Silêncio* Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ – Livraria Sette Letras Ltda.
- FÓNAGY, Ivan (1983) *La vive voix. Essais de psycho-phonétique* Paris: Payot.
- FOUCAULT, Michel (1963) *O nascimento da clínica* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- \_\_\_\_\_. (1972) *História da Loucura na Idade Clássica* São Paulo: Perspectiva, Trad. José Teixeira Coelho.
- FRAISSE, Luc (1988) *Le processus de la création ches Marcel Proust. Le fragment expérimental* Paris: Corti.
- GADAMER, Hans-Georg (1985) *A Atualidade do Belo: a Arte como Jogo, Símbolo e Festa* Tradução de Celeste Aída Galvão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

- GAGNEBIN, Jeanne Marie (2007) *O Tempo pela janela, o tempo pela escritura* In: PESSOA, Fernando-CANTO, Katia *Sentidos na/da arte contemporânea* Rio de Janeiro: Associação Museu Ferroviário Vale do Rio Doce [p. 94-110].
- \_\_\_\_\_. (2006) *Lembrar escrever esquecer* São Paulo: Editora 34.
- \_\_\_\_\_. (2003) *O rumor das distâncias atravessadas* In: Rev. *Remate de males* Nº. 22, IEL Campinas, UNICAMP, [p. 111-130],
- \_\_\_\_\_. (2004) *Entre o sonho e a vigília: quem sou eu?* (Pós-fácio) In: PROUST, Marcel *Em busca do tempo perdido*, Vol. I, *No caminho de Swann* Trad. Mario Quintana São Paulo: Globo [p. 538-558].
- \_\_\_\_\_. (1997) *Sete aulas sobre memória e história* Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. (1994) *História e narração em W. Benjamin* São Paulo: Perspectiva.
- GALLUCCI, Natacha Muriel (2003) *Walter Benjamin, Johann Georg Hamann: considerações sobre a origem e a essência espiritual da linguagem* (Dissertação de Mestrado), IFCH, Campinas: UNICAMP.
- GARCIA-ROSA, Luiz A. (1991-1993) *Introdução à Metapsicologia freudiana* Vol.1“Sobre as afasias” e “O projeto de 1895”, e Vol. 2 (2002): “A interpretação do sonho”, Rio de Janeiro, Zahar.
- GARROFE, Pablo (Comp)- SLIMOBICH (2000) *El leer en el habla* Buenos Aires: Altamira.
- GAUBERT, Serge (1980) *Le jeu de l’alphabet* In: GENETTE, Gérard *Recherche de Proust* Paris: Seuil.
- GAY, Peter (1988) *Freud. Uma vida para nosso tempo* Trad. Denise Bottman, São Paulo: Companhia das letras, 1993.
- GENETTE, Gérard (1966) *Figuras I* Paris: Seuil.
- \_\_\_\_\_. (1969) *Proust et le langage indirect* In: “Figures II” Paris: Seuil, [p.223-294].
- \_\_\_\_\_. (1972) *Figuras III* Paris: Seuil.
- \_\_\_\_\_. (1980) *Recherche de Proust. La question de la écriture* Paris: Seuil.
- GIACOIA Jr., O. (1997) *Os labirintos da alma* Campinas: Editora da Unicamp.
- \_\_\_\_\_. (2004) *Nietzsche como psicólogo* São Paulo: Editora Unisinos.

- GÓMEZ, Ana Maria (1999) *La voz, ese instrumento* Barcelona: Gedisa.
- GRAMONT, Elizabeth de (1948) *La prisonnière. Albertine ou la vie et la mort des passions* In: *Marcel Proust* Paris: Flammarion.
- GRUBRICH-SIMITIS, Ilse (1997) *Freud: retour aux manuscrits. Faire parler des documents muets* Paris: PUF.
- GUIBERT, Clement *Saussure, Freud, l'aphasie: d'un point de rencontre à la linguistique clinique* In: *Rev. Marges Linguistiques* Nº 7, Mai 2004, Saint-Chamas: MLMS.
- HADLER COUDRY, Maria I. (2002) *Linguagem e afasia: uma abordagem discursiva da neurolingüística* In: *Cadernos de estudos lingüísticos* Nº 42, Campinas: Unicamp. [p. 99-129].
- HARARI, Roberto (1996) *Las disipaciones del inconciente* Buenos Aires: Nueva Visión.
- HEIDEGGER, Martin (2003) *A Caminho da Linguagem* Tradução de Márcia Sá Cavalcanti Schuback. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_. (1952) *El origen de la obra de arte* In: "Arte y poesía" Trad. Samuel Ramos F.C.E.1982.
- HENRY, Anne (2000) *La tentation de Marcel Proust* Paris: PUF .
- HOUAISS, Antônio (2001) *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* Versão 1.0. Editora Objetiva Ltda, CD-ROM.
- JAKOBSON, Roman (1968) *Child language aphasia and phonological universals* Mouton: The Hague, 1972.
- \_\_\_\_\_. *La forma sonora de la lengua* Trad. Mónica Mansour, México: FEC, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Lingüística e comunicação* Trad. Isidro Blikstein e José Paulo Paes, São Paulo: Cultrix, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Lingüística. Poética e Cinema*. Roman Jakobson no Brasil (Vários tradutores) São Paulo: Perspectiva, 1970.
- \_\_\_\_\_. - POMORSKA, K. *Diálogos* Trad. E. A. Kossovitch São Paulo: Cultrix, 1985.
- JOHNSON, Barbara (1980) *The frames of reference: Poe, Lacan, Derrida*, In: *The Critical Defference* Baltimore: Johns Hopkins U. P.

- KANT, Emmanuel *Kritik der Urteilskraft* In: *Werke Akademie Textausgabe*, Band V, Berlin: Gruyter & Co. 1968.
- KLEIN, M. (1932) *La psychanalyse des enfants* Paris: PUF.
- \_\_\_\_\_. (1968) *L'importance de la formation du symbole dans le développement du moi* In : *Essais de psychanalyse* Paris: PUF.
- KRISTEVA, Julia (1996) *A sensação é uma linguagem?* In: *Revista IDE*, julho, Nº28, São Paulo: Casa do psicólogo.
- \_\_\_\_\_. (1994) *Le temps sensible* Paris: Gallimard.
- LACAN, Jacques (1960-7) *Escritos I e II* Buenos Aires: Seculo XXI.
- \_\_\_\_\_. (1991) *Seminario II El yo en la teoria de Freud y en la técnica psicoanalítica* Buenos Aires: Paidós.
- \_\_\_\_\_. (1975) *Seminario XVII. El reverso del psicoanálisis*. Trad. E. Berenguer e M. Bassols, Buenos Aires: Paidós, 1992.
- LANDY, Joshua (2004) *Philosophy as Fiction Self, Deception, and Knowledge in Proust* Oxford UP.
- LANG, Paul Henry (1963) *La música en la civilización occidental* Buenos Aires, Eudeba.
- LAPLANCHE, Jean & PONTALIS, J.B. (1983) *Vocabulário da Psicanálise* Trad. Pedro Tamen, São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. PONTALIS (1967) *Vocabulaire de la psychanalyse* Paris: PUF.
- LAROUSSE (1971) *Dictionnaire encyclopédique en couleurs* Paris: Librairie Larousse.
- LASSUS, Jean (1923) *Marcel Proust et les psychologues du monde*. Rev. Le Divan. Paris.
- LAUGEL, Auguste (1867) *La voix, l'oreille et la musique* [Doc. électronique] Num. BNF de l'éd. Paris : G. Baillière, Bibliothèque de philosophie contemporaine. 1995
- \_\_\_\_\_. *Sujet(s) Perception de la musique Voix Notice n° : FRBNF37271923*

LE BIDOIS, R. (1939) *Le langage parlé des personnages de Proust* Paris : Le français moderne [p.3-7].

LE GAUFEY, Guy (1996) *L'incomplétude du symbolique. De René Descartes à Jacques Lacan* Paris : E.P.E.L.

LEITE, Nina Virgínia de Araújo (1993) *O acontecimento na estrutura - O real da língua na teorização sobre o discurso: a hipótese do inconsciente. (Tese de Doutorado)* IEL, Campinas: Unicamp.

\_\_\_\_\_, (org.). (2006) *Corpolinguagem: angústia: o afeto que não engana* Campinas: Mercado de Letras.

LEIBOWITZ, Rene (1957) *La evolución de la música de Bach a Schoenberg* Buenos Aires, Nueva visión.

LEOPOLDO E SILVA, Franklin (1994) *Bergson, Proust: tensões do tempo* In: Tempo e História. São Paulo: Companhia das Letras.

LERICH, Françoise (1987) *La musique et le Système des arts dans la genèse de la Recherche* In: Bulletin d'informations proustiennes nº 18, Paris: Presses l'École Normal Supérieur, [p. 67-77].

MANNONI, Octave (1975) *Freud. El descubrimiento del inconsciente* Trad. Jorge Jikis e Mario Levin, Buenos Aires Nueva Visión.

MASSON, Jeffrey Moussaieff (1986) *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess, 1887-1904*, tradução de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Imago.

MEZAN, Renato (1986) *Freud, pensador da cultura* São Paulo: Brasiliense.

\_\_\_\_\_. (1991) *Freud: a trama dos conceitos* São Paulo: Perspectiva.

\_\_\_\_\_. (2002) *Interfaces da psicanálise* São Paulo: Companhia das Letras.

MILLY, Jean (1975) *La phrase de Proust – des phrases de bergotte aux phrases de Vinteuil*. Paris: Larousse.

\_\_\_\_\_. (1985) *Proust dans le texte et l'avant-texte* Paris: Flammarion.

MILNER, Jean-Claude (1996) *La obra clara. Lacan, la ciência, la filosofia* Trad. Diana Rabinovich, Buenos Aires: Manantial.

- MORAN, Julio C. (1996) *La música como develadora del sentido del arte en Marcel Proust* LA PLATA: U.N.L.P.
- MOTTA, Leda Tenório (1995) *Catedral em obras. Ensaio de literatura* São Paulo: Iluminuras.
- MOUGA, Jacqueline (1970) *Couleur et ses effets chez Marcel Proust d'après du côté de chez swann* Dissertação (Mestrado) USP/FFLCH.
- MULLER, Marcel (1983) *Les voix narratives dans la Recherche du temps perdu* Genève: Droz.
- NASIO, J. David (1980) *La voz y la interpretación* Buenos Aires: Nueva Visión.
- NASSIF, Jacques (1977) *Freud. L' inconscient* Paris: Flammarion.
- NATTIEZ, Jean-Jacques (1987) *Music and Discourse. Toward a semiology of music* Trad. Carolyne Abbate, New Jersey: Princeton U. Press., 1990.
- \_\_\_\_\_. (1983) *Proust Musicien* Paris: Christian Bourgois, 1999.
- NICOLAS, Serge, MARCHAL, Anne et ISEL, Frédéric *La psychologie au XIXème siècle* In: *Revue d'histoire des sciences humaines* 2000/1, Nº2, Paris [p.57-103].
- PAINTER, George D. (1959) *Marcel Proust* Biografia Vol. I e II Trad. Andrés Bosch Barcelona: Lumen, 1967.
- PAZ, Octavio (1892) *O Arco e a Lira* Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- PÉCHENAR, Christian (1992) *Proust et son père* Paris: Quai Voltaire.
- PIAZZA, Marco (1997) *Proust et la multiplicité des moi* *Bulletin d'Informations proustiennes* Nº 28. Paris, Presses de l'École Normale Supérieure.
- PICCOLINO MARCO *Un "tempo perduto" tra scienza e letteratura: il temps perdu da Hermann von Helmholtz a Marcel Proust*, Disponível em <[http://utenti.unife.it/marco.piccolino/historical\\_articles/ITAL\\_Tempo%20perduto.pdf](http://utenti.unife.it/marco.piccolino/historical_articles/ITAL_Tempo%20perduto.pdf)> Acesso em 4/2007.
- PICON, Gaëtan (1963) *Lecture de Proust* Paris: Mercure de France.
- PIERRE-QUINT, Léon (1925) *Marcel Proust* Paris: Sagittaire.
- PIROUÉ, Georges (1955) *Par les chemins de Marcel Proust. Essai de critique descriptive* Neuchâtel: A la baconnière.

- \_\_\_\_\_. (1960) *Proust et la musique du devenir* Paris: Denöel.
- PLATÃO (2000) *A República* Trad. E. Corvisieri, Os Pensadores, São Paulo: Nova Cultural.
- \_\_\_\_\_. (1972) *O Banquete* Trad. J. Cavalcante de Souza. In: Diálogos. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural.
- POIZAT, Michel (2001) *Vox populi, vox dei* Trad. Horacio Pons, Buenos Aires, Nueva Visión, 2003.
- \_\_\_\_\_. (1986) *L'Opéra ou le cri de l'Ange*. Paris: Métailié.
- POMMIER, Gérard (1993) *Nacimiento y renacimiento de la escritura* Trad. Irene Agoff, Buenos Aires: Nueva Visión.
- PORTER, R. (1992) *História do corpo* In: BURKE, P. *A escrita da história: novas perspectivas* São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- PROUST, Adrien (1872) *De l'aphasie* In: *Archives Général de Médecine*, Paris [Feb. 1872, p.147-166 ; Mars 1872, p. 303-318 e Juin; 1872 p.653-685].
- QUARANTA, Jean Marc (2001) *Les expériences privilégiées dans A la Recherche du Temps perdu et ses avant-textes: éléments de la genèse d'une esthétique* (Thèse inédite) Université de Marne-la-Vallée. Faculté des Lettres, Arts et Sciences Humaines.
- RABINOVITCH, Solal (1999) *Les voix* Paris: Erès.
- REIK, Theodor (1995) *El Ritual* Buenos Aires: Acme-Agalma.
- RIBEIRO FERNANDES, Lia (2000) *O olhar do engano* São Paulo: Escuta.
- RICOEUR, Paul (1970) *Freud: una interpretación de la cultura* Trad: Armando Suarez Barcelona: Siglo XXI, 1987.
- \_\_\_\_\_. (1991) *L'identité narrative* Revue des Sciences Humaines, T. LXXXXV, nº 221, Jan/Mar.
- \_\_\_\_\_. (1994/5/7) *Tempo e Narrativa* I-II Trad. Marina Appenzeller, Campinas: Papirus.
- RITVO, Juan baustita. (2001) *La huella de Freud, la huella en Freud* In: Rev. Nadjá Nº3 "La huella y el pensamiento judío", Rosario: De las 47.

- RIVIÈRE, Jacques (1985) *Quelque progrès dans l'étude du coeur humain* In: Cahiers Marcel Proust N° 13, Paris: Gallimard.
- ROBERT, Marthe (1991) *A revolução psicanalítica* Trad. J.M. Lebre de Freitas, São Paulo: Martin Fontes.
- ROBERTSON - D. Stevens (1972-Org.). *Historia General de la música* Madrid: Istmo.
- RODRIGUÉ, Emilio (1995) *Sigmund Freud. O século da psicanálise* (1895-1995) V.1-3, São Paulo: Escuta.
- ROGER, Alain (1985) *Proust, les plaisirs et les noms* Paris: Denoël.
- ROUDINESCO, Elisabeth. (1982-6) *Histoire de la psychanalyse en France* Vol. 1-2, Paris: Le Seuil. Trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor.
- \_\_\_\_\_. (1975) *A ação de uma metáfora* Ver. "Lugar" N°16, Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_\_. (1999) *Pourquoi la psychanalyse?* Paris: Fayard.
- ROUSTANG, F. (1976) *Un destin si funeste* Paris: Minuit.
- SALZANO MORAES, Maria Rita (1999) *Materna/Estrangeira: o que Freud fez da Língua* (Tese de Doutorado) IEL, Campinas: Unicamp.
- SAMSON, William (1973) *Vidas literárias. Proust* Trad. I. de Prado, Rio de Janeiro: Zahar.
- SAUSSURE, Ferdinand (1969) *Curso de lingüística geral* Trad de A. Chelini, José P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix.
- SCHOLES, Percy (1964) *Diccionario Oxford de la música* Buenos Aires: Sudamericana.
- SILVA, Guilherme Ignácio da (2000) *Projeto A arte do fragmento - processos de criação em um cahier de À la recherche du temps perdu de Marcel Proust* (Dissertação de Mestrado) USP/FFLCH.
- \_\_\_\_\_. (2003) *Marcel Proust escreve Em busca do tempo perdido ou a arte de erguer catedrais de sorvete* (Tese de Doutorado) São Paulo: USP/FFLCH.
- SIMON, Anne (2000) *Proust ou le réel retrouvé* Paris: PUF.
- SOLER, Colette (1989) *Papéis do Simpósio* Trad. M Marinho, F. Fontanelle e L. Rosa, Belo Horizonte: SEPPSI.



- \_\_\_\_\_. (1983) *Wagner et la France*, Biblioteca Nacional de Paris - Teatro Nacional de la Opera de Paris, Paris.
- SOLLIER, Paul (1892) *Les Troubles de la mémoire* Paris: Rueff.
- \_\_\_\_\_. (1901) *L'Hystérie et son traitement* Paris: Alcan. (1903) *Les phénomènes de l'autoscopie* Paris: Alcan.
- SOLM, M. – SALING, Org. (1990) *A Moment of Transition: Two Neuroscientific Articles by Sigmund Freud* London: Karnac Books.
- SOUPAULT, Robert (1892) *Marcel Proust du côté de la médecine* Paris: Plon, 1967.
- SOUSA, Sybil de (1939) *La philosophie de Marcel Proust* Paris: Rieder.
- \_\_\_\_\_. (1973) *Why Vinteuil "Septet"?* In: BUCKNALL, Barbara Critical Essays on Marcel Proust Boston: G.K. & Co., 1987. [p.109-118].
- STAROBINSKI, Jean (1972) *La relation critique* Paris: Gallimard.
- STEINER, George (1982) *Lenguaje y silencio* Barcelona: Gedisa.
- TADIÉ, Jean-Yves (1971) *Proust et le roman* Paris: Gallimard.
- \_\_\_\_\_. (1996) *Marcel Proust* Paris: Gallimard.
- TAINE, Hippolyte (1870) *De l'intelligence* Paris: Hachette, 1892.
- \_\_\_\_\_. (1864) *Le positivisme anglais. Étude sur J. Stuart Mill*, Paris, Baillière.
- TODOROV, Tzvetan (1977) *Teorias do símbolo* Trad. Enid. Abreu Dobranszky Campinas: Papirus, 1996.
- VENDRYÈS, J. (1940) *Proust et les noms propres* Paris: M. Huguet, Boivin.
- VEGH, Isidoro (2003) *Las letras del análisis* Seminário anual de la Escuela Freudiana de Buenos Aires (Transcrição).
- \_\_\_\_\_. (2001) *El prójimo* Buenos Aires: Paidós.
- VIEIRA CANCEILIER DE OLIVO, Cristina (2005) *Uma história do "fazer" em Proust silencio: homem criando* Dissertação (Mestrado). FFLCH-USP.
- WILLEMART, Philippe (1999) *Proust poeta e psicanalista* São Paulo: Ateliê.

- \_\_\_\_\_. (2002) *A educação sentimental em Proust: leitura de O caminho de Guermantes* São Paulo: Ateliê.
- \_\_\_\_\_. (2005) *Crítica Genética e Psicanálise* São Paulo: Perspectiva.
- \_\_\_\_\_. (2007) *À la découverte des sensations dans La Prisonnière* Paris: L'Harmattan.
- WISNIK, José Miguel (1998) *O Recado do Nome* Belo Horizonte: Revista Scripta, v. 2, nº 3, [p. 160-170].
- \_\_\_\_\_. *O Som e o Sentido: Uma Outra História das Músicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- YOSHIKAWA, Kazuyoshi (1979) *Vinteuil ou la genèse du septuor* In: Cahiers Marcel Proust nº 9, Études Proustiennes III, N.R.F., Paris : Gallimard [p. 289-345].
- ZIZEK, Slavoj (1994) *How did Marx invent the symptom?* In: ZIZEK, Slavoj (Org.) "Mapping Ideology" Londres: Verso.
- ZUBERMAN, José *La plegaria* Trabajo en las Actas de la 2ª Jornada d Carteles de la E.F.B.A.